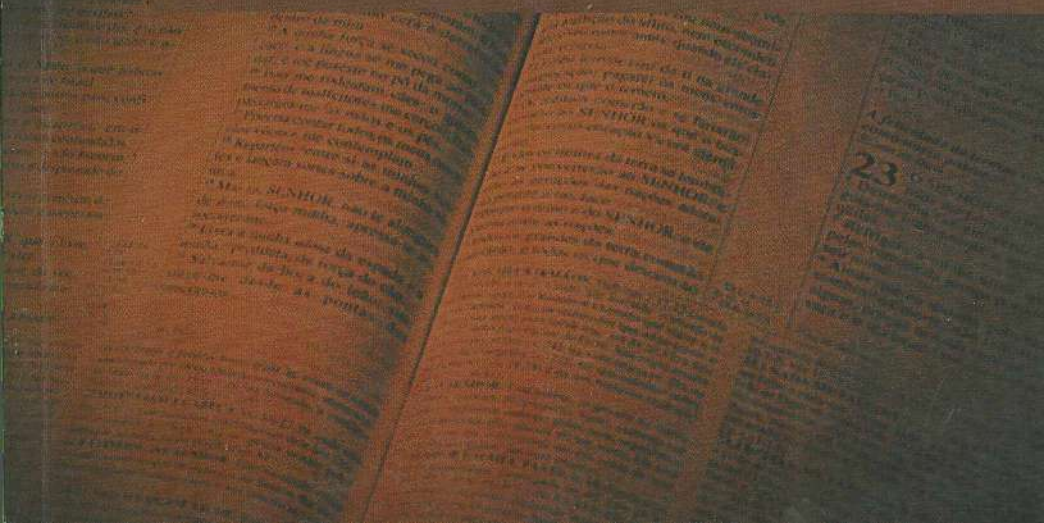
ELINALDO RENOVATO DE LIMA

# ÉTICA CRISTÃ

## CONFRONTANDO AS QUESTÕES MORAIS DO NOSSO TEMPO



# ÉTICA CRISTÃ



REIS BOOK DIGITAL

Elinaldo Renovato de Lima

# Ética Cristã

## Confrontando as Questões Morais do nosso Tempo



Todos os direitos reservados. Copyright © 2002 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Kleber Cruz
Revisão: Luciana Alves
Capa e projeto gráfico: Rafael Paixão
Editoração: Oséas Felicio Maciel

CDD: 170 - Ética
ISBN: 85-263-0432-1

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1ª edição/2002

3ª Edição 2006

# Agradecimentos

Antes de tudo, e de todos, agradeço ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo, que, nas páginas dos evangelhos, ensinou a verdadeira ética cristã, trazendo a mais gloriosa e completa mensagem para o comportamento humano. Agradeço-Lhe pela graça de poder realizar mais uma tarefa em prol da sua amada Igreja; pela saúde e energia que me deu, em meio às lides pastorais, diante da igreja local, que me confiou como seu servo. A Ele toda a glória.

A minha esposa querida, Íris, que, em oração e com muito amor, tem me estimulado a fazer o melhor para Deus. Nas horas de alegria e nos momentos difíceis tem sido uma grande ajudadora, amiga, companheira idônea e fiel. Está sempre ao meu lado, contribuindo para que eu cumpra a missão que Deus me confiou.

A Kennedy, meu genro, a Ilana, minha filha, e a Rebeca e Bia, minhas netas; a Joel, meu genro, e a Ilene, minha filha; a Elieber, meu filho, a Talita, minha nora, e a Tâmisa, a neta mais nova; e a Raquel, a filha mais nova; todos estes, como família, muito me inspiram a buscar o melhor, como referencial para suas vidas, com base na Palavra de Deus.

À igreja Assembléia de Deus, em Parnamirim, RN, que me tem considerado em Cristo, como seu pastor, ajudando-me em oração; estimulando-me a servir ao rebanho do Senhor com alegria e dedicação.

À CPAD, na pessoa do Dr. Ronaldo Rodrigues, seu Diretor-Executivo, e do pastor Claudionor de Andrade, Gerente de Publicações; os quais têm contribuído para que autores nacionais sejam valorizados, estimulando-os a produzir a boa literatura cristã. Para mim, esses irmãos, bem como os demais que fazem parte desta abençoada editora, são instrumentos de Deus para a difusão da sã doutrina.

# Apresentação

Tenho a satisfação de apresentar o livro *Ética Cristã* de autoria do pastor Elinaldo Renovato de Lima, que integra o ministério da Assembléia de Deus no Rio Grande do Norte.

Trata-se de um trabalho que vem ao encontro dos anseios dos crentes em Cristo, que integram as diversas igrejas locais, numa época de difícil entendimento quanto ao que é certo, e o que é errado. A sociedade está passando por uma transição muito rápida, em que os valores morais e éticos são deixados de lado, principalmente quando estes tomam por base a Palavra de Deus, a Bíblia Sagrada.

Enquanto para nós, cristãos, a Bíblia é a nossa regra de fé e prática, para as pessoas descrentes ela não passa de um conjunto de textos, que expressam o pensamento arcaico de homens do passado. E tal pensamento só tem contribuído para que os homens se encontrem num pântano moral e espiritual, sem qualquer firmeza para suas vidas. O que era certo há poucos anos, é considerado errado hoje; o que era errado, sob o ponto de vista moral, hoje é considerado como certo, ainda que traga grandes prejuízos para as pessoas em geral.

No livro *Ética Cristã*, o autor teve a felicidade de indicar posicionamentos éticos, com base na Palavra de Deus. É possível que nem todos os que lerem esta obra concordem com todos os pontos de vista do autor. Mas sua decisão em escrever sobre assuntos dos quais muitos fogem, com receio de assumir uma posição cristã, merece o nosso respeito e admiração.

Que o Senhor Jesus, o supremo guia da Igreja, abençoe o pastor Elinaldo Renovato, em sua missão de estudioso e comentador de temas tão desafiadores. Que os leitores façam bom uso deste livro, buscando o

entendimento adequado para cada um dos seus temas, polêmicos e inquiridores de um posicionamento cristão.

Natal-RN, 5 de abril de 2002

*Pastor Raimundo João de Santana*
Presidente da IEADERN

# Prefácio

Pouco antes de me pôr a escrever este prefácio, assisti a uma cena que me fez corar de vergonha. O presidente da República, deixando-se pressionar por uma minoria barulhenta e atrevida, acabou por desfraldar, em pleno palácio do governo, a bandeira dos homossexuais. Afrontado por aquele gesto inoportuno, não pude evitar a pergunta: "Será que vale a pena ser politicamente correto em detrimento de valores inegociáveis?". Diante de tal situação, o presidente americano Abraham Lincoln não hesitaria em afirmar: "Nada pode ser considerado politicamente correto quando é moralmente indefensável".

Chega a ser abissal a diferença entre os governantes brasileiros e os americanos. Nos Estados Unidos, ainda que um presidente venha a prevaricar, sabe que terá de se explicar diante de uma nação piedosamente irada, e que tem, na Bíblia, o seu maior patrimônio. Lá, a ética antes da política; aqui, a política antes da ética. O resultado de ambas as posturas, temo-las bem diante de nós.

Os brasileiros não colocamos apenas a política antes da ética; também antepomos o carisma ao caráter. Se no Estado isto é uma tragédia, na Igreja é uma catástrofe. Nem sempre o homem de Deus será reconhecido pelo carisma; entretanto, tem a obrigação de se distinguir pelo caráter. Infelizmente, nossos púlpitos vêm sendo ocupados por muitos pregadores que, conquanto eloqüentes e carismáticos, nenhum caráter possuem. Eles não pregam: apresentam uma peça de marketing; não ensinam: buscam satisfazer seus clientes, falando o que o povo quer ouvir, e não o que a Igreja e o mundo precisam aprender. Eles não zelam pela sã doutrina; esforçam-se por transformar os adoradores de Deus em consumistas compulsivos.

Quando concluía este texto, o mundo evangélico brasileiro era surpreendido por um escândalo envolvendo um expressivo líder neopentecostal. Como sempre, o maldito binômio: dinheiro e poder. Desgraçadamente, são homens como este que ditam a liturgia de muitas de nossas igrejas. Desenvoltos na mídia e ostentando uma piedade que jamais possuíram, zombam dos santos. E embora se apresentem como a alternativa para a Igreja de Cristo, não passam de obreiros de Satanás e marqueteiros das trevas. São apóstolos, sim; mas enviados pelo maioral dos demônios. Se não se arrependerem de seus pecados, serão lançados no lago de fogo juntamente com o Diabo e seus anjos.

Esses delinqüentes da fé; esses falsificadores da Palavra de Deus; esses mercenários a serviço do Anticristo; esses dilapidadores do dinheiro dos fiéis; esses blasfemos e amaldiçoados propagandistas do inferno; esses hipócritas e devassos vêm nos arrebatando as ovelhas ante os nossos próprios olhos. Às vezes, com a nossa permissão. Chegou o momento de os pastores nos munirmos das armas de Davi, e expulsar esses indivíduos de nossos arraiais. O lobo pode ser feroz, mas sempre haverá de temer o cajado do pastorzinho de Belém.

Em meio ao relativismo moral que inunda nossas igrejas, os homens de Deus não podemos tergiversar nem ter vergonha de sermos radicais. Não estou defendendo o fanatismo; este é tão danoso quanto o mundanismo. Todavia, devemos ser radicais, porque o mundo é radical e ainda mais radical é o Diabo. Ser radical é ter aprofundadas raízes em Cristo. Conscientizemo-nos de uma vez por todas: a Igreja de Deus, por sua própria natureza e origem, sempre será vista como contracultura; jamais se conformará com este mundo.

Se não estivermos radicalizados na Palavra de Deus, corremos o risco de fazer as mais descabidas concessões no terreno da ética e dos bons costumes. Por isso, temos de fechar todas as questões concernentes à moralidade e à santidade da vida. Nessa área, nenhuma condescendência é possível; a Bíblia lida com valores absolutos e nenhuma espécie de relativismo admite.

O aborto é pecado? Não é só pecado; é homicídio. E a eutanásia? Não pode ser vista como ato humanitário nem como suicídio assistido; é assassinato. E a união civil de homossexuais? Não se trata de contrato social; é abominação diante de Deus e opróbrio diante dos homens. E o uso de drogas? Os médicos chamam de dependência; a Bíblia trata-o como vício e feitiçaria. E o sexo livre? Tem-no o mundo como liberação; a Bíblia, como fornicação, adultério e impureza. E a violência? Que jamais seja tolerada como resposta à violência; a violência só produz a violência. E a mentira? Se o pai da mentira é o Diabo, por que iríamos nós entrar nessa árvore genealógica?

Neste livro, o pastor Elinaldo Renovato mostra por que, em tais questões, não podemos fugir ao que proclama a Palavra de Deus. Com firmeza, coerência e lógica, mas sempre fundamentado nas Sagradas Escrituras, deixa ele bem claro como deve o crente posicionar-se diante desses litígios. Acostumado a lidar com semelhantes temas, Renovato não se limita a dizer: certo ou errado. Ele apresenta as razões pelas quais adotamos a Bíblia Sagrada como a nossa única regra de fé e prática. É exatamente de obras como esta que estamos carecendo.

Que Deus abençoe o pastor Elinaldo que, corajosa e audaciosamente, soube como buscar a resposta bíblica às grandes questões morais e éticas de nosso tempo. Que, nessa guerra, sigamos o exemplo do estadista inglês Winston Churchill que, diante de uma aflitiva situação, optou pela moral bíblica: "O estandarte da ética cristã á ainda o nosso mais importante guia". Quanto aos que preferem o politicamente correto ao eticamente certo, fica esta advertência: O inferno está repleto de gente que, embora tenha sido politicamente correta, jamais primou pela ética.

*Pastor Claudionor de Andrade*

# Sumário

*Agradecimentos* ..... *V*
*Apresentação* ..... *VII*
*Prefácio* ..... *IX*

Introdução ..... 01

1. Certo ou Errado? Depende ..... 05
2. Princípios da Ética Cristã ..... 15
3. A Ética Cristã e os Dez Mandamentos ..... 31
4. O Cristão e o Aborto ..... 41
5. Ter ou não Ter muitos Filhos ..... 55
6. O Cristão e a Sexualidade ..... 73
7. O Cristão e o Divórcio ..... 103
8. O Cristão e a Pena de Morte ..... 121
9. O Cristão, a Eutanásia e o Suicídio ..... 131
10. O Cristão, os Transplantes e a Doação de Órgãos ..... 147
11. O Cristão e as Finanças ..... 159
12. O Cristão, os Vícios e os Jogos ..... 177
13. O Cristão e a Política ..... 193
14. O Cristão e a Clonagem de Seres Humanos ..... 213
15. O Cristão e o Cuidado com os Outros ..... 233

*Bibliografia* ..... *255*

# Introdução

Escrever sobre a ética cristã é um desafio enorme, neste tempo em que o relativismo tem dominado a mente de muitos cristãos. Os temas abordados neste livro são todos polêmicos pela própria natureza de cada um deles. Assumir um posicionamento ético sobre aborto, eutanásia, planejamento familiar, sexo, doação de órgãos, clonagem de seres humanos, dentre outros, provoca um certo receio de se estar pisando em terreno pouco firme, ou, em alguns casos, sem firmeza nenhuma.

Entretanto, senti-me incentivado a escrever sobre esses assuntos, não com o intuito de apresentar a última palavra sobre os mesmos, mas, tão-somente, com o objetivo de dar uma contribuição à discussão e ao debate de temas que estão inquietando a maioria dos servos de Deus, que não encontram facilmente respostas para os questionamentos éticos deste início de século. De igual modo, esta obra pode servir de subsídios aos professores e alunos da Escola Bíblica Dominical, como também a todo aquele que quer fazer um estudo mais aprofundado sobre os temas aqui abordados.

Procurando, em oração, com santo temor e humildade, discernir os mais diferentes aspectos da abordagem sobre cada tema, buscamos na fonte cristalina da Palavra de Deus as respostas mais apropriadas para que os leitores possam obter um entendimento mais abrangente sobre as inquietantes indagações que trazem estes tempos de mudanças rápidas, que não respeitam nem mesmo os mais elementares princípios da boa convivência humana. Para esses, a Bíblia tem severa condenação: "Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem, mal! Que fazem da escuridade luz, e da luz, escuridade, e fazem do amargo doce, e do doce, amargo!" (Is 5.20).

Um versículo bíblico que me inspirou a escrever sobre ética cristã foi o 105 do Salmo 119, que diz: "Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e luz, para o meu caminho". Sob a luz da Palavra de Deus, tivemos o ânimo de comentar esses temas tão desafiadores, buscando sempre o bom senso e a verdade bíblica.

Não se trata de um livro para teólogos, ou eruditos nas Escrituras. Não teríamos tal pretensão. É um trabalho que se volta para o cristão comum. Para o crente que, não tendo acesso às fontes de informações bibliográficas mais profundas, está sempre perguntando se o cristão pode autorizar a doação de seus órgãos, sem que isso tenha implicações com sua fé; é para o crente que não sabe se o planejamento familiar é ou não correto para um casal cristão; é para o membro de igreja local, que fica confuso ante a onda avassaladora de erotismo e libertinagem, apresentados pela mídia, numa ação maligna que ultrapassa o comportamento dos moradores de Sodoma e Gomorra; é para o cristão que pergunta o que é, afinal, clonagem, e se o ser humano pode ter sua cópia em laboratório; tudo isso numa linguagem que, a nosso ver, está ao alcance do homem simples, que tem sua fé desafiada pelos tremendos choques das mudanças que ocorrem no mundo atual.

Esperamos que o leitor, evangélico ou não, seja beneficiado pela abordagem dos assuntos enfocados. Na hipótese de discordar dos pontos de vista apresentados, que não se deixe levar pela tentação da crítica fácil e da censura simplista. Isso não seria ético, e muito menos cristão. Na hipótese de aceitar o posicionamento tomado, nas páginas deste livro, que agradeça a Deus pelo intento aqui esposado, sem a pretensão de esgotar os assuntos comentados. Que o Senhor Jesus, que é o Mestre por excelência, o detentor da sabedoria perfeita e divina, nos ilumine mais e mais, dando-nos a ciência e o discernimento indispensável, diante de tantas questões sem respostas. Sabemos que muitas das perguntas que se fazem, em termos éticos e morais, só

terão respostas precisas na eternidade. Toda honra e toda glória sejam dadas ao Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

Parnamirim-RN, 04 de abril de 2002

*Pastor Elinaldo Renovato de Lima*

Capítulo 1

# Certo ou Errado? Depende

Um adolescente perguntou ao outro, na escola: "Quem é seu pai?", o que fez o colega enrubescer e ter dificuldade para responder. É que o rapazinho vive em companhia de sua mãe, que é lésbica, e esta, por sua vez, mora com uma mulher. Ao rapaz é ensinado que a união de pessoas do mesmo sexo é algo muito natural, normal, e há quem diga que é a forma de amor mais elevada que existe no mundo! Mas, na prática, esse tipo de relação é ridicularizado por muitas pessoas, o que fez o rapazinho ficar envergonhado. Em torno dessa e de outras questões aflora o conflito entre o que é certo e o que é errado.

"Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal! Que fazem da escuridade luz, e da luz, escuridade, e fazem do amargo doce, e do doce, amargo!"
*(Is 5.20)*

Neste começo do século XXI, a humanidade está vivenciando uma era de relativismo exacerbado. O certo e o errado são conceitos que não fazem muito sentido para o homem da era pós-moderna. Tudo depende da pessoa, do tempo e do lugar. E mais que isso, o indivíduo é induzido a decidir sobre o que é certo ou errado, a seu critério, de modo individualista e subjetivo a todo momento. Os programas de TV, por exemplo, "Você Decide", estão na moda, com grande audiência por parte do público telespectador. Se a questão é posta diante de um ateu, de um dito

agnóstico, ou de um religioso não-cristão, talvez ele se posicione ao lado dos que acham que tudo deve ser visto de modo natural, sem preconceitos, etc.

Uma revista de circulação nacional apresentou extensa reportagem, enfocando duplas de homossexuais, masculinos e femininos, em companhia de crianças por eles adotadas, de modo irregular, pois no país ainda não é legal a adoção e registro de crianças por pessoas do mesmo sexo. Vê-se sem muito esforço que a finalidade da matéria é passar para os leitores a idéia de que o homossexualismo é algo normal, e que é perfeitamente natural que, não tendo filhos biológicos, passem a buscar filhos adotivos, como já acontece am alguns países do chamado primeiro mundo. Percebe-se que não existe a preocupação séria quanto à formação de uma criança, que é educada numa casa em que não existe a diferenciação entre sexos, faltando, assim, a figura do pai ou da mãe, tão importantes na formação da identidade de uma pessoa. A revista enfatiza que a opinião contrária é preconceito que não deve ser reforçado.

Esse é apenas um dos muitos fenômenos sociais que levam a sociedade a refletir sobre a ética, a moral, os bons ou maus costumes. Outros desafios éticos continuam a se acentuar, tais como o aborto, a eutanásia, a pena de morte, a clonagem de seres humanos e outros que estão surgindo e haverão de surgir. Contudo, como a ética da sociedade é extremamente relativista, em termos de moral e costumes, o terreno é como um pântano, lodoso e escorregadio, do qual não se sabe onde estão os limites a serem observados. Cumpre-se o versículo bíblico em que Deus condena os relativistas do tempo do profeta Isaías, que diziam que o amargo era doce, e que o doce era amargo; que o escuro era claro, e que o claro era escuro (cf. Is 5.20).

O cristão, como sal da terra e luz do mundo, tem dificuldade em se movimentar num mundo em que os valores morais estão invertidos. Entretanto, tem a vantagem de não adotar como referencial ético a so-

ciedade sem Deus. Enquanto os referenciais do mundo são movediços, instáveis e mutantes, ao sabor do tempo e do lugar, o guia infalível do crente em Jesus é a Palavra de Deus, que é lâmpada para os pés e luz para o caminho (Sl 119.105). Assim, um crente fiel não só deve fazer diferença, mas seu comportamento deve ser um exemplo para a sociedade. É grande a responsabilidade, perante Deus, a igreja e o mundo. Para o crente em Jesus a Palavra de Deus é lâmpada e luz para o seu viver. Iniciaremos, com a graça de Deus, este estudo, mostrando uma visão geral do tema. Depois, esperamos contribuir para o entendimento do assunto, tecendo considerações sobre alguns problemas, típicos das questões éticas. Como o assunto é filosófico, procuramos buscar a opinião de estudiosos do tema, citando algumas fontes bibliográficas, além da principal fonte, que é a Palavra de Deus. Temos de empreender um grande esforço para não cair na linguagem acadêmica ou técnica, em prejuízo de uma linguagem complexa, que seja alcançada pela maioria dos nossos leitores.

## CONCEITUAÇÕES IMPORTANTES

### Parte da Filosofia

A Ética integra os seis sistemas tradicionais da Filosofia, ao lado da Política, da Lógica, da Gnosiologia, da Estética e da Metafísica. A palavra ética vem do grego, *ethos*, que significa costume, disposição, hábito. No latim, vem de *mos* (mores), com o sentido de vontade, costume, uso, regra. De acordo com Champlin e Bentes, ética é "A teoria da natureza do bem e como ele pode ser alcançado"; "A ética é a conduta ideal do indivíduo" (*Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, p. 554). Para Claudionor de Andrade, é o "Estudo sistemático dos deveres e obrigações do indivíduo, da sociedade e do governo. Seu objetivo: estabelecer o que é certo e o que é errado" (*Dicionário Teológico*, p. 121).

## Ética Cristã

Para o cristão, a ética pode ser entendida como um conjunto de regras de conduta, aceitas pelos cristãos, tendo por fundamento a Palavra de Deus. Para os que crêem em Jesus Cristo como Salvador e Senhor de suas vidas, o certo ou o errado devem ter como base a Bíblia Sagrada, considerada como "regra de fé e prática", conforme bem a definiram Lutero e outros reformadores. A ética cristã pode valer-se de argumentos filosóficos, de modo complementar, mas prescinde deles nas definições do que é certo ou errado. Segundo Gardner, "a tarefa da ética cristã seria bem mais fácil se, por um lado, o cristão pudesse aceitar as conclusões da razão natural, pura e simplesmente, portanto, sem crítica, acrescentando-as ao que é do seu conhecimento pela fé, ou, por outro lado, se as pudesse repudiar sumariamente. Estes dois processos de relacionar a ética cristã com o pensamento ético secular são, no entanto, insatisfatórios..." (*Fé Bíblica e Ética Social*, p. 33).

Os padrões da ética humana mudam conforme as tendências dos valores morais da sociedade. De país para país, verifica-se que há o fenômeno chamado de "nova moralidade", que envelhece em pouco tempo. Entretanto, na visão de Rudnick, "a 'nova moralidade' que estamos experimentando desde os anos sessentas não é o tipo de atualização natural e necessária dos pontos de vista éticos, com base em nova informação. É, na verdade, uma revolução ética, na qual os princípios da ética cristã têm sido agredidos e repudiados por muitos" (*Ética Cristã para Hoje*, p.18).

Assim, temos de admitir que a ética cristã tem sua própria lógica e consistência, quando baseada na Bíblia, pois esta é infalível, imutável e inerrante.

## VISÃO GERAL DAS ABORDAGENS ÉTICAS

Todas as abordagens éticas partem da necessidade de se responder a questões que envolvem o que é certo e o que é errado. Por exemplo: Mentir é sempre errado? Há situações em que deixar de falar a verdade é

justificável para o cristão? O aborto é certo, se uma jovem crente for vítima de um estupro?

O posicionamento do cristão, neste início de século, não é fácil de ser tomado, face às abordagens e questões éticas contemporâneas. É que, em termos de moral, de conduta, de costumes, que formam as culturas dos povos, o que se vê é um verdadeiro terreno escorregadio e pantanoso, em que não se sabe onde o certo termina, e começa o errado. Os limites da moral estão cada vez mais sendo elastecidos e abolidos. O que era certo há apenas 10 anos, hoje é visto como errado; o que era errado, agora é visto como certo.

Diante disso, a sociedade sem Deus, materialista e hedonista, não tem referenciais seguros, em que se possa confiar. O profeta Isaías bem traduziu esse fenômeno, há quase mil anos antes de Cristo, quando bradou: "Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal! Que fazem da escuridade luz, e da luz, escuridade, e fazem do amargo doce, e do doce, amargo!" (Is 5.20). Isso prova que a humanidade, não obstante o perpassar dos séculos, continua a mesma, em termos de ética e moral, sob o domínio avassalador dos formadores de opinião; principalmente nos tempos pós-modernos, com a influência dos meios de comunicação, notadamente da TV e da Internet, a rede mundial de computadores, que colocam dentro dos lares uma gama imensa de informações, as quais, na maioria dos casos, não permitem ao expectador uma filtragem daquilo que é certo ou é errado.

Admitindo que tudo isso seja verdade, como deve o cristão posicionar-se, face às questões éticas e suas abordagens mais comuns? A resposta não pode ser tão simples, mas o cristão tem a vantagem de possuir um código de ética extraordinário, que é a Bíblia Sagrada, por ele aceita como inspirada e revelada por Deus, através do Espírito Santo. Ele pode dizer com ousadia, como o fez o salmista: "Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e luz, para o meu caminho" (Sl 119.105). Pode confiar no que disse Jesus em relação à sua Palavra: "O céu e a terra passarão, mas as

minhas palavras não hão de passar" (Mt 24.35). Essa afirmação é fundamental, é alicerce inabalável para o crente em Jesus. Ele sabe que tudo pode passar neste mundo, os homens, as idéias, as coisas, a moral, os usos e costumes, mas as palavras de Jesus não passarão.

Desse modo, podemos refletir sobre o posicionamento cristão perante as abordagens éticas a seguir resumidas.

## Antinomismo

É uma abordagem ética, segundo a qual, não existem normas objetivas a serem obedecidas. É a ausência de normas. Tudo depende das pessoas e das circunstâncias. Jean Paul Sartre, um dos filósofos defensores dessa idéia, diz que o homem é plenamente livre. Num dos seus textos, ele escreve: "Eu sou minha liberdade... E não sobrou nada no céu, nenhum certo ou errado, nem alguém para me dar ordens... estou condenado a não ter outra lei senão a minha..." (*Ética Cristã*, pp. 30,31). Esse tipo de visão encontra abrigo na mente de muita gente, principalmente entre os mais jovens, que anseiam por liberdade, sem refletir muito bem sobre as responsabilidades que nossas ações incorrem. Na rebelião da juventude, na década de 1960, os jovens, na França, bradaram: "É proibido proibir". Na onda do movimento hippie, muitos naufragaram, consumindo e consumidos pelas drogas, adotando um estilo de vida paradoxal, que visava, no entender de seus amantes, ir de encontro à sociedade organizada, passando por cima de suas normas e valores.

## Generalismo

Essa doutrina prega que deve haver normas gerais, mas não universais. E o que deve ser levado em conta são *os resultados absolutos.* Nenhum ato ou conduta podem ser considerados certo ou errado, a não ser em função de seus resultados para o indivíduo, ou para a socie-

dade. As regras existem, mas podem ser quebradas, dependendo dos fins. Tal afirmação corresponde ao que pregava o filósofo Maquiavel: "Os fins justificam os meios". Os generalistas são utilitaristas. Só é certo o que produz melhor resultado (mais felicidade ou prazer do que dor). Uma norma pode ser boa hoje, e não servir amanhã. Depende da sociedade. Se, por exemplo, o adultério é errado em certo período, em outro, poderá ser aceito. Dessa forma, pode-se resumir essa abordagem, dizendo que "há um só fim absoluto (o máximo bem) e todos os meios (regras, normas, etc.) são relativos àquele fim... Se, nesta situação, mentir seria mais útil ou vantajoso para a maioria dos homens, então se deve mentir" (ibidem, p. 47).

## Situacionismo

É um meio-termo entre o Antinomismo e o Generalismo. O primeiro não tem regra nenhuma; o segundo admite regras gerais, mas não universais. Joseph Fletcher foi seu principal teórico. Para ele, só há uma lei para tudo: a lei do amor. "Somente o mandamento do amor é categoricamente bom". Geisler cita um exemplo: "Estamos obrigados a contar a verdade, por exemplo, somente se a situação assim exige; se alguém quer ser assassino, pergunta onde está sua vítima; nosso dever pode ser mentir" (ibidem, p. 53); "se uma mentira for contada em amor, é boa e certa" (Ibidem, p. 55). Em resumo, nessa visão, o certo e o errado dependem da situação, em função do amor às pessoas. Baseiam-se inclusive na Bíblia, que resume toda a lei no amor (Mt 22.34-40). "O amor não faz mal ao próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor" (Rm 13.10).

## Exemplos do Situacionismo

Na Segunda Guerra Mundial, na Ucrânia, a lei permitia que uma prisioneira fosse liberta, se ficasse grávida. Uma mãe de dois filhos pediu a um

guarda que a engravidasse. Assim aconteceu, foi recebida em casa, e deu à luz seu filho ("adultério altruísta").

Uma jovem, nos EUA, aceitou atrair um espião inimigo, usando o sexo. Seus superiores lhe disseram que era certo, pois ajudaria à pátria ("prostituição patriótica"). Fletcher defende o "aborto aceitável", no caso de uma jovem que é estuprada (ibidem, pp. 58,59).

## Absolutismo

Essa doutrina sustenta que "há muitas normas absolutas que nunca entram realmente em conflito". Platão ensinava que existem normas ou virtudes universais que nunca precisam variar. Dentre essas virtudes estariam a coragem, a temperança, a sabedoria e a justiça. Emanuel Kant defendia a idéia de um "Imperativo Categórico", que seria a norma para a vida por excelência. Para entender essas idéias, alguns exemplos são úteis. Kant dizia que "nunca se deve tirar a vida inocente, e nunca se deve contar uma mentira". Para ele, não justifica mentir, mesmo para salvar uma vida. Ele afirma que, mesmo havendo desvantagem em falar a verdade, isso deve ser feito, pois, ao mentir, estaremos agindo contra todos os homens. Quanto à verdade, ele afirma: Porque "ser veraz (honesto) em todas as declarações é, portanto, um mandamento incondicional sagrado da razão, e não deve ser limitado de qualquer maneira pela conveniência" (ibidem, p. 76).

No entanto, há absolutistas que admitem a possibilidade da mentira justificável, a que chamam de "falsidade justificável", no caso em que não se diz a verdade para salvar uma pessoa das mãos de um assassino. Uma mãe tem todo o direito de enganar um possível assassino, que procura o filho para tirar-lhe a vida. E citam exemplos da Bíblia, em que as parteiras do Egito enganaram Faraó (Êx 1.19,20); Deus ordenou a Samuel que não dissesse o motivo real de sua viagem a Saul, quando foi ungir Davi (1 Sm 16.1,2).

# POSICIONAMENTO CRISTÃO

## Quanto ao Antinomismo

A abordagem antinomista não serve para o cristão. Primeiro, porque é individualista e subjetivista. Nela, o homem se faz seu próprio deus. A Bíblia diz : "Há caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele são os caminhos da morte" (Pv 14.12). "De tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque este é o dever de todo homem" (Ec 12.13; ver Pv 4.11,12; 6.23). Depois, é filosofia relativista. Cada um faz como melhor entende. É o que ocorria com o povo de Israel, quando estava sem líder: "Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos" (Jz 17.6; 21.25). Aliás, em muitas igrejas já impera o Antinomismo; quando muitos não obedecem a Bíblia, não há respeito a normas, e cada um faz o que acha melhor.

## Quanto ao Generalismo

O Generalismo não se coaduna com a ética cristã, pois para o crente em Jesus, não são os fins, por mais absolutos que sejam, que indicam se uma conduta ou ação é certa ou errada. A Palavra de Deus é que é a regra absoluta que define se um ato é certo ou errado. Ela tem aplicação universal. O dever de todo homem é temer a Deus e guardar seus mandamentos (cf Ec 12.13). A Palavra de Deus não muda de acordo com circunstâncias ou resultados. Deus disse a Jeremias: "eu velo sobre a minha palavra para a cumprir" (Jr 1.12b); Jesus foi mais enfático, afirmando: "Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão" (Mc 13.31).

## Quanto ao Situacionismo

O Situacionismo acaba sendo absolutista, mesmo aparentemente usando o amor cristão como o referencial para tudo. É generalista, visto

que prega uma só norma, que abrangeria a maioria dos atos das pessoas. O problema é que muitos agem em nome do amor, pecando contra Deus. Quando os anarquistas dizem "paz e amor", usam o sexo como meio para tudo. Há seitas que induzem à prática de atos sexuais para ganhar as pessoas para Cristo. Assim, o Situacionismo não deve ser aceito, em sua abrangência, pois não leva em conta outras normas que fazem parte do amor de Deus (ver Gl 5.22,23).

As abordagens éticas contemporâneas podem ser estudadas pelos cristãos, como forma de se avaliar a conduta a ser seguida, na visão dos homens, mas é na Bíblia Sagrada que se encontram os referenciais éticos indispensáveis para um viver santo e digno, em meio a uma sociedade que é vista por Deus como reprovável e corrompida. Diz S. Paulo: "Para que sejais irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio duma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo" (Fp 2.15).

Capítulo 2

# Princípios da Ética Cristã

Um jovem, casado há poucos meses, descobriu que sua esposa houvera adulterado com um amigo de trabalho. Ao sentir-se traído, ficou frustrado e procurou sua sogra para desabafar e dizer que iria buscar a separação. A mãe da jovem adúltera procurou consolar o genro, dizendo que não precisava ficar tão perturbado, uma vez que nos dias atuais isso é coisa muito comum. Bastava perdoar e conviver. No caso, o rapaz procurou o caminho do divórcio. É um exemplo simples e claro de que o modo de ver as coisas muda de geração para geração, mesmo as questões de princípios considerados consistentes. A sogra do jovem era de uma geração bem mais madura, mas sua forma de pensar estava ligada ao que é "comum", "nos dias atuais". O cristão, nesse ambiente, tem dificuldade para encontrar seu lugar.

"Portai-vos de modo que não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus" *(1 Co 10.32)*

O modo de pensar e de agir, com base na ética cristã, tem amplo respaldo na Bíblia Sagrada. E dá lugar à definição de alguns princípios ou parâmetros éticos, que são bem claros e objetivos. Estes são diferentes dos princípios da sociedade sem Deus, os quais são inconsistentes, variáveis, mutáveis, e acima de tudo relativísticos. Até mesmo as leis, que

deveriam servir de fundamento para a conduta do indivíduo, variam conforme o tempo, a época, os costumes, as inovações e tudo o que mudar no meio social.

No Brasil, durante muito tempo, o adultério era visto como comportamento criminoso, de traição ao cônjuge fiel. Em nossos dias já não é mais o caso. É visto pela sociedade e pelos legisladores e magistrados como um comportamento irregular, mas não criminoso. O chamado "jogo do bicho" é capitulado, no Código Penal, como contravenção, mas é tolerado na prática em todos os lugares do país.

Em alguns países, o uso de drogas é considerado crime, até passível de pena de morte, como no meio islâmico. Em outros é apenas uma contravenção, e, dependendo da droga, não é mais crime, e o Estado até ajuda ao dependente de tóxicos.

Assim é a ética não-cristã. Varia conforme o tempo, o lugar, e o que a maioria da sociedade entende quanto ao que é certo e o que é errado. Com o cristão, esse entendimento não tem acolhida, pois seu código de ética, que é a Bíblia Sagrada, aponta princípios firmes e permanentes, os quais podem e devem ser considerados e obedecidos, em todos os tempos, em todas as culturas, e em todos os lugares. Alguns desses princípios são destacados a seguir.

## O Princípio da Fé

S. Paulo, o apóstolo dos gentios, dizia: "Tens tu fé? Tem-na em ti mesmo diante de Deus. Bem-aventurado aquele que não se condena a si mesmo naquilo que aprova. Mas aquele que tem dúvidas, se come, está condenado, porque não come por fé; e tudo o que não é de fé é pecado" (Rm 14.22,23).

Neste texto, vê-se a ênfase na fé ou na convicção do crente diante de Deus, quanto ao que ele faz ou deixa de fazer. Ele não precisa recorrer a paradigmas humanos ou lógicos para posicionar-se quanto a atos ou palavras. Se tem dúvida, não deve fazer, pois "tudo o que não é de fé é

pecado". E se não tem dúvida, pode fazer tudo o que aprova? Depende. Não é só uma questão de aprovar ou não aprovar. Alguém pode aprovar algo, e fazer, por entender que é de fé. Como exemplo, temos o caso de um irmão, membro de uma denominação evangélica tradicional, que gostava de tomar cerveja nos finais de semana. Indagado a respeito, por alguém que zelava pela conduta dos membros da igreja, ele disse que não achava nada de mais, e que isso não abalava sua fé. "Não acho nada demais", dizia. Provocado para dizer se sua atitude tinha fundamento na Bíblia, ele disse que sim, mas não soube citar qualquer referência que respaldasse sua afirmativa. Ele aprovava a bebida alcoólica, mas não fundamentava sua atitude na Palavra; Ele tinha fé, porém era uma fé subjetiva, sem o crivo da Palavra de Deus. E o resultado desse caso real é que aquele irmão enfraqueceu na fé, seus filhos desviaram-se todos, envolvidos no vício da bebida, das drogas, e até da prostituição.

*A pergunta a ser feita é:* "O que pretendo fazer ou dizer é de fé, com base na Palavra de Deus?". Se a resposta for positiva, a atitude será lícita. Se não, deve ser descartada, por ferir a ética cristã. Se algo é de fé ou não na ética cristã, não deve ser uma questão pessoal, mas de fé, com base na Bíblia. Essa é a lógica do Novo Testamento.

## O Princípio da Licitude e da Conveniência

Na primeira Carta aos Coríntios, vemos Paulo ensinar: "Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma" (1 Co 6.12). "Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm" (1 Co 10.23a).

Esse critério orienta o cristão a que não faça as coisas apenas porque são lícitas, mas porque são lícitas e convêm, à luz do referencial ético que é a Palavra de Deus. Há quem entenda esse princípio, argumentando que se podemos fazer algo, é porque isso é lícito. À luz da ética cristã, não é bem assim que se deve argumentar. Primeiro, diante de uma atitude ou

decisão a tomar, é preciso indagar se tal comportamento está de acordo com a Palavra de Deus, se tem apoio nas Escrituras. Segundo, mesmo que seja lícito, se convém. Por exemplo: é lícito o crente tomar conhecimento de uma falta cometida por um irmão, e dizê-la a algumas pessoas? Dependendo do caso, podemos responder que sim. Mas há uma outra indagação: convém dizer? Essa conveniência envolve não só a licitude em si, mas também a oportunidade de se dizer ou não. Conveniência e oportunidade devem juntar-se à licitude na aprovação ou não de uma atitude cristã.

Testemunhei o caso de um irmão que vendeu um automóvel usado a outro, recebendo a devida importância do comprador, membro da mesma igreja local. Uma semana depois, o veículo apresentou grave defeito, "batendo o motor", como se diz na linguagem dos mecânicos. O comprador, diante do prejuízo, procurou o vendedor e reclamou do fato. Este lhe disse que nada tinha a ver com o caso, pois já houvera vendido o veículo, e que o comprador deveria assumir o dano, pois ocorrera em sua mão. Acontece que, o vendedor sabia que o carro estava prestes a apresentar o problema, segundo um mecânico que examinara o carro. Mas silenciou quanto a isso, e passou o carro "para frente", para um irmão seu em Cristo. Com isso, ele não se pautou pela ética da Palavra de Deus, e causou grande mal-estar entre as respectivas famílias.

Fosse o vendedor um verdadeiro cristão, indagaria: "É lícito fazer isso?", e acrescentaria: "convém a mim, como cristão, agir dessa forma?". Decerto, se tais perguntas fossem feitas em oração, diante de Deus, jamais teriam respostas positivas. Interessante é dizer que, tempos depois, o vendedor desonesto sofreu grave acidente em outro veículo, sofrendo danos materiais e humanos. Não terá sido uma cobrança do Juiz de toda a terra? Não se deve brincar de ser crente, pois diz a Bíblia: "Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará" (Gl 6.7).

*Conforme este princípio, o cristão deve indagar*: "O que desejo fazer é lícito? Convém fazer, segundo a Palavra de Deus?". Se a resposta for positiva, diante da Bíblia, pode ser feito. Se não, deve ser rejeitado. O que é lícito e conveniente não fere outros princípios bíblicos.

## O Princípio da Licitude e da Edificação

Diz a Bíblia: "todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas edificam" (1 Co 10.23b).

Com base neste texto, não basta que alguma conduta ou proceder seja lícito, mas é preciso que contribua para a edificação do cristão. É um princípio irmão gêmeo do anterior. A ênfase aqui é na edificação espiritual de quem deve posicionar-se ante o fazer ou não fazer algo.

Um jovem crente, filho de pais cristãos, de uma igreja pentecostal, gostava imensamente de rock, incluindo repertório de música chamada de evangélica, do tipo "gospel" e também de música profana, do chamado "heavy metal", "hard rock", e outros gêneros. Seus pais reclamavam, por causa do estilo de música, do barulho que fazia, ao ouvir aqueles discos. O jovem dizia que não "via" nada demais, pois era apenas um passa-tempo, que em nada influía na sua vida espiritual. Os pais, sem ter muito argumento, conformaram-se e apenas comentavam com outros irmãos, inclusive com o autor destas páginas. Orientamos aos pais sobre como argumentar com seu filho, que dissessem que aquelas músicas não convinham a um jovem cristão, que deseja crescer espiritualmente. E que ouvir tais músicas era lícito, ou permitido, mas não trazia edificação para sua alma. Mostramos que rock não é apenas música, mas um estilo de vida, que distancia seus apreciadores do padrão de santidade e sobriedade cristã. É um ritmo barulhento, geralmente de letras recheadas de rebeldia, violência, no caso da música profana. Quanto à música gospel, apresentamos também nosso parecer, quanto à licitude, contudo alertamos para a falta de edificação que tal estilo traria para sua vida. O jovem não

atendeu aos conselhos. Desviou-se dos caminhos do Senhor. A licitude sem edificação espiritual só pode levar o crente à frieza e ao desvio.

*A questão a ser posta, segundo esse princípio, é:* "O que quero fazer é lícito? Se é lícito, tal coisa contribui para minha edificação e dos que estão a minha volta?". A resposta tem de ser confrontada com o referencial ético, que é a Palavra de Deus. Se for positiva, a ação deve ser realizada. Se não, deve ser deixada de lado.

## O Princípio da Glorificação a Deus

"Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus" (1 Co 10.31).

Aqui temos um princípio ético abrangente, que inclui não só o comer ou o beber, mas "qualquer coisa", que demande um posicionamento cristão. No dia-a-dia, o cristão sempre se depara com situações, às vezes triviais, que exigem uma tomada de posição. Lembro-me de uma experiência que tive, quando exercia um cargo público importante na municipalidade de Natal-RN. Num momento em que me achava despachando com o titular maior daquele órgão, o telefone tocou. Sem querer atender, aquele executivo me pediu para que atendesse, e, se fosse chamada para ele, que eu dissesse que o mesmo não se encontrava. Tal solicitação era coisa muito comum nas repartições públicas. E creio que ainda é assim. No meu caso, pensei rápido. Se satisfizer seu pedido, estarei mentindo. Então, lhe disse que, se quisesse que eu não falasse a verdade, informando que ele não estava no gabinete, que solicitasse a outra pessoa para atender ao telefone. Ele ficou desconfortável, e pediu a outro assessor que o fizesse. Este, sem qualquer constrangimento, atendeu a chamada, e disse: "O Doutor fulano não está. Queira ligar em outro horário".

Em seguida, aquele meu superior hierárquico disse: "Admiro os evangélicos, mas vocês da Assembléia de Deus são um tanto radicais; não vejo nada de mais atender um telefonema, e dizer que a pessoa não está,

em virtude de excesso de ocupação...". Expliquei-lhe que entendia sua maneira de pensar, mas não é lícito a um cristão faltar com a verdade. E que seria mais correto dizer que ele estava muito ocupado, e que o interessado ligasse em outra ocasião. Graças a Deus, em vez de ser malvisto, o Senhor me concedeu graça de ser mais respeitado naquela repartição pública.

O que estava em questão, nesse simples fato? A ética cristã. Se eu respondesse que o titular do cargo não estava, estaria mentindo, e não faria isto para a glória de Deus. Preferi correr o risco da má vontade, da antipatia de alguns, mas o nome do Senhor foi glorificado.

Este princípio da glorificação a Deus é fundamental em momentos cruciais do comportamento cristão. Tenho orientado a juventude quanto ao comportamento a ser seguido pelo jovem cristão, por exemplo, no namoro. É grande a pressão do Diabo e da carne, para a prática do sexo antes do casamento. E há muitas pessoas, inclusive pastores, que preferem fechar os olhos e deixar que os jovens pequem, alegando que os costumes mudaram, que não se pode fazer nada, etc. Ensino que, havendo uma pressão para a fornicação, basta o jovem ou a jovem indagar: "Posso fazer isso para a glória de Deus?". A resposta, obviamente, será não, se o jovem tiver um mínimo de temor a Deus, e respeito à sua Palavra. Assim, qualquer atitude ou decisão a tomar, em termos morais, financeiros, negócios, transações, etc., tudo pode passar pelo crivo do princípio da glorificação a Deus; e o crente fiel, na direção do Espírito Santo, saberá responder sem maiores dificuldades.

*A indagação que o cristão deve fazer, com base nesse princípio, é:* "O que desejo fazer ou dizer contribui para a glorificação de Deus?". Se a resposta for afirmativa, pelo Espírito Santo, a ação ou atitude pode ser executada. Se for negativa, é melhor que seja rejeitada. O que contribui para glória de Deus não fere nenhum princípio bíblico.

## O Princípio da Ação em Nome de Jesus

"E, quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai" (Cl 3.17).

Ao se despedir dos discípulos, nosso Senhor Jesus Cristo incumbiu-lhes da chamada Grande Comissão, segundo a qual deveriam sair por todo o mundo a pregar o Evangelho a toda criatura, asseverando que sua mensagem não seria de neutralidade, mas que seriam salvos os que a aceitassem, e condenados, os que a rejeitassem. Não seria, como não foi, e não é, tarefa fácil. O Evangelho é por natureza contrário ao *modus vivendi* do homem moderno em todos os tempos. Diante disso, o Mestre deu-lhes a garantia de que teriam autoridade para realizar a missão, com sinais e prodígios, em seu nome (cf. Mc 16.17,18).

A condição do crente para realizar ou deixar de realizar algo, decorre da autoridade que lhe foi conferida pelo nome de Jesus. Assim, quando o cristão se vê na contingência de tomar uma decisão, de ordem espiritual, ou humana, pode muito bem concluir pela ação ou não, se puder realizá-la no nome de Jesus, conforme orienta o apóstolo Paulo aos irmãos colossenses.

Suponha que um irmão dirige-se a outro, com o intuito de pedir-lhe um empréstimo em dinheiro, e promete pagar o débito no mês seguinte, mesmo sabendo que não tem condição de cumprir o que for acertado. Tal afirmativa é feita apenas com o sentido de conseguir o apoio do outro. Vê-se, em tal caso, um oportunismo descabido, uma atitude desonesta, imprópria para um servo de Deus. Se o solicitante, antes de dirigir-se ao outro, indagar a si próprio se pode agir daquela forma "em nome do Senhor Jesus", certamente pensaria duas vezes, e não se comportaria daquela forma, em respeito ao santo nome do Senhor. Não pense o leitor que isso é algo raro, pois este autor já foi vítima de tal ação, indigna para quem se diz salvo, nascido de novo.

*O teste a ser feito, diante da decisão a tomar, é:* "Posso fazer isso em nome do Senhor Jesus?". Se a resposta, pelo Espírito Santo, for sim, é

lícito e convém. Se não, não deve ser feito ou dito, pois não é lícito nem convém. Os princípios éticos cristãos não se excluem, mas se somam para fortalecer a decisão a ser tomada.

## O Princípio do Fazer para o Senhor

"E, tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor e não aos homens" (Cl 3.23).

Alguns irmãos, músicos de uma determinada igreja evangélica, foram convidados para tocar numa festividade do município. A princípio, estavam indicados para executar hinos num certo ambiente, de caráter social, em que seria oportuno apresentarem-se, louvando a Deus com hinos evangélicos. De última hora, foi-lhes dito que deveriam tocar dentro do templo de uma igreja católica. Diante do inesperado, eles atenderam ao convite e utilizaram seus dons, e cantaram, e tocaram no meio de uma missa. Depois, ao serem admoestados pelo pastor da igreja em que se congregavam, a princípio acharam que não teriam feito nada demais, e que até o nome do Senhor houvera sido glorificado.

Indagados se era lícito e conveniente para um músico cristão utilizar seus talentos, dados por Deus, para se apresentar num templo, diante do altar dos ídolos, eles pensaram melhor e concluíram que haviam errado. Na verdade, diante da situação, aqueles irmãos sentiram-se constrangidos a agradar aos que os convidaram, não avaliando bem se sua atitude seria para o Senhor ou para os homens.

Na vida cristã, surgem verdadeiras armadilhas, como testes para a fé e a convicção do servo de Deus. Um exemplo marcante do desrespeito aos princípios éticos tem sido anotado, com relação à conduta de certos políticos evangélicos, em câmaras municipais, em assembléias legislativas e até no Congresso Nacional. Em momentos críticos, em que a nação exigia um posicionamento sério, ante as injustiças e a corrupção, houve casos em que certos políticos crentes ficaram ao lado daqueles que não atendiam

aos legítimos interesses do povo, e muito menos do povo evangélico. Em troca de favores, de emissoras de rádio, de verbas públicas, de cargos públicos, houve casos em que cristãos agiram para agradar aos homens e não ao Senhor. Isso é antiético e anticristão.

Esses homens esquecem-se do que fez Daniel, na Babilônia, quando manteve sua fé e conduta, diante de Deus, permanecendo em oração, mesmo sob a ameaça de uma lei injusta, elaborada por homens ímpios e invejosos. Preferiu ir para a cova dos leões, confiando no Deus Todo-poderoso, do que se encurvar à vontade de homens maus. Todos sabemos a história desse homem de Deus, que foi um modelo de integridade moral e espiritual, ao lado dos três jovens Hananias, Misael e Azarias. Estes, preferiram ser lançados na fornalha de fogo ardente, aquecida sete vezes mais, a se encurvarem diante dos ídolos e dos homens.

O apóstolo S. Paulo asseverou: "Porque persuado eu agora a homens ou a Deus? Ou procuro agradar a homens? Se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo" (Gl 1.10).

*Essa é a questão:* Diante de uma atitude, de uma decisão, devemos indagar: "Estamos agradando a Deus ou aos homens? Estamos fazendo, de todo o coração, ao Senhor?". A resposta deve ser honesta, consultando não o coração, mas a Palavra de Deus.

## O Princípio do Respeito ao Irmão mais Fraco

"Mas vede que essa liberdade não seja de alguma maneira escândalo para os fracos. Porque, se alguém te vir a ti, que tens ciência, sentado à mesa no templo dos ídolos, não será a consciência do que é fraco induzida a comer das coisas sacrificadas aos ídolos? E, pela tua ciência, perecerá o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu. Ora, pecando assim contra os irmãos e ferindo a sua fraca consciência, pecais contra Cristo. Pelo que, se o manjar escandalizar a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que meu irmão não se escandalize" (1 Co 8.9-13).

Um pastor, na África, ensinava aos crentes que não deviam ingerir bebida alcoólica, e todos o respeitavam e obedeciam, dando ouvidos à sua palavra. Um dia, no entanto, ele foi convidado para uma festa de aniversário, de pessoas não-evangélicas. Foram servidos alimentos e bebidas, e um dos garçons ofereceu-lhe bebida. Este, a princípio, não aceitou, preferindo refrigerantes, como sempre ensinara. Porém, depois de algumas rodadas de bebidas, quando muitas pessoas já haviam se retirado, não percebendo que houvesse mais alguém conhecido, aceitou tomar um copo de champanha.

Despediu-se da festa e, no outro dia, pela manhã, recebeu um telefonema que muito o perturbou. Era da polícia, um jovem de sua igreja fora preso, e solicitava a presença do seu pastor na delegacia. Chegando ali, o pastor ficou surpreso, ao ver um jovem, novo convertido, atrás das grades. Indagou-lhe o que houve, e o rapaz disse que, infelizmente, estivera na festa de aniversário, e observava bem o que seu pastor fazia. Enquanto ele rejeitava a bebida, o jovem também o fazia. Mas, quando percebeu que o pastor tomara bebida alcoólica, entendeu que também podia fazer o mesmo. E assim, de copo em copo, acabou embriagando-se. Ao sair da festa, foi insultado por outras pessoas, e acabou ferindo mortalmente uma, sendo preso em flagrante.

Ao ouvir o relato do jovem, o pastor sentiu faltar-lhe o chão sob seus pés. Pior ainda, foi quando ao despedir-se para buscar providências, o novo convertido lhe falou: "Pastor, estou aqui por culpa sua...".

No texto bíblico acima, vemos que o apóstolo ensinava sobre os que comiam coisas sacrificadas aos ídolos. S. Paulo diz que os mesmos tinham "fraca consciência" e que os que têm ciência, sentando-se à mesa no templo dos ídolos, podem induzir o que é fraco a pecar. "E, pela tua ciência, perecerá o *irmão fraco,* pelo qual Cristo morreu... ferindo a sua *fraca* consciência, pecais contra Cristo" (ênfases minhas). Desse texto, podemos tirar várias lições para a vida do cristão em relação aos outros irmãos mais novos na fé, ou mesmo antigos, que têm consciência fraca. O apóstolo

chega ao extremo de dizer que se pelo manjar que come, um irmão se escandaliza, nunca mais haveria de comê-lo.

Na mesma linha de pensamento, o apóstolo Paulo, escrevendo aos romanos, enfatiza o cuidado que se deve ter como cristão, para respeitar a consciência do irmão. O texto abaixo bem reforça esse entendimento ético.

> Assim que não nos julguemos mais uns aos outros; antes, seja o vosso propósito não pôr tropeço ou escândalo ao irmão. Eu sei e estou certo, no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesma imunda, a não ser para aquele que a tem por imunda; para esse é imunda. Mas, se por causa da comida se contrista teu irmão, já não andas conforme o amor. Não destruas por causa da tua comida aquele por quem Cristo morreu. Não seja, pois, blasfemado o vosso bem; porque o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo. Porque quem nisto serve a Cristo agradável é a Deus e aceito aos homens. Sigamos, pois, as coisas que servem para a paz e para a edificação de uns para com os outros. Não destruas por causa da comida a obra de Deus. É verdade que tudo é limpo, mas mal vai para o homem que come com escândalo (Rm 14.13-20).

Um irmão, cantor evangélico, foi convidado a apresentar alguns hinos numa festa de caráter cívico, num determinado local da cidade. Entretanto, ao chegar ali, o chamaram para entrar num templo católico, e, surpreendido, ficou em dúvida, mas cantou, agradando muito aos presentes. Quando seu pastor tomou conhecimento, chamou-o à atenção e ele se desculpou, dizendo não saber que era errado cantar numa igreja católica. O pastor, então, explicou-lhe que ele era como um vaso escolhido por Deus para louvar seu santo nome, e que não seria correto render louvores diante de imagens de esculturas. Com essa explicação, o cantor convenceu-se e pediu perdão à igreja.

O apóstolo diz que é "bem-aventurado aquele que não se condena a si mesmo naquilo que aprova". Certamente, é o sentimento desejável a todo o cristão, quando faz algo que sua consciência aprova. Contudo, é necessário que avaliemos bem esse texto, para aplicá-lo com sabedoria ao comportamento cristão. Suponhamos que um irmão resolva aplicar dinheiro no chamado "jogo do bicho", na loteria, na "Sena", ou em outro jogo de azar. Ele entende que, se ganhar, estará agindo bem, inclusive porque pretende entregar o dízimo do "prêmio" à igreja. E também está certo de que isto é uma atitude correta diante de Deus. Qual o referencial que ele estará usando? A lei, a Bíblia, ou sua consciência? Naturalmente, ele estará valendo-se de sua consciência para tomar a decisão.

Mas a consciência será um referencial seguro para a tomada de decisão? Vejamos o que diz o profeta Jeremias: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá? Eu, o Senhor, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isso para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo o fruto das suas ações" (Jr 17.9). O profeta das lágrimas é enfático ao afirmar que "o coração" é enganoso, "mais do que todas as coisas, e perverso". Mas o que é o coração, nesse texto? O músculo cardíaco, que bombeia sangue para todas as partes do corpo? Sem dúvida, não. Na verdade, "o coração", aí, é a consciência da pessoa, é a sua mente, figurada pelo coração. Assim entendido, podemos responder que a consciência, ou o coração do homem, não é referencial seguro para a tomada de decisões, pois é enganoso e perverso, sem dúvida por causa do pecado original, que prejudicou a maneira de pensar de todo o homem. Aliás, na literatura, vemos Shakespeare dizer que "o coração tem razões que a própria razão desconhece".

Assim, no caso do crente que resolve arriscar a sorte em jogos de azar, pode até conformar-se com sua maneira de pensar, com sua consciência, ou seu coração. Entretanto, o referencial seguro, imutável e infalível não é a consciência humana, mas a consciência de Deus, expressa em sua maravilhosa Palavra, a Bíblia Sagrada.

O apóstolo diz que quem tem dúvida, ao fazer algo, como comer, está condenado, porque não o faz por fé, "e o que não é de fé é pecado".

*Desse modo, a questão, segundo o princípio da certeza é*: "O que pretendo fazer, o faço com certeza de fé? E essa certeza é fundamentada na Palavra de Deus? Tem respaldo na Bíblia? Não é apenas fruto de minha consciência falha, ou do meu coração enganoso?" (ver Jr 17.9). Se a resposta for positiva, com base na Bíblia, pode ser realizado. Se não, deve ser evitado.

## O Princípio da Prestação de Contas

"Mas tu, por que julgas teu irmão? Ou tu, também, por que desprezas teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo. Porque está escrito: Pela minha vida, diz o Senhor, todo joelho se dobrará diante de mim, e toda língua confessará a Deus. De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus" (Rm 14.10-12).

Na vida empresarial, na vida administrativa e financeira ou na vida contábil, a prestação de contas é coisa rotineira. Não pode deixar de existir, sob pena de todos os projetos serem levados ao fracasso. Porém, falar em prestação de contas na vida espiritual parece algo estranho e irreal, fora de propósito. Mas só para quem não conhece os princípios elementares dos evangelhos e da Bíblia em geral. O apóstolo S. Paulo, exortando aos irmãos que estavam em Roma, inquiriu deles porque julgavam ou porque desprezavam o seu irmão, lembrando-lhes que todos hão de comparecer perante o "tribunal de Cristo", não somente para confessar a Deus, mas também para dar conta "de si mesmo a Deus". Ou seja, para prestar contas a Deus.

Jesus, em seu ministério terreno, chamou a atenção para a prestação de contas, por ocasião de sua vinda em glória: "Porque o Filho do Homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e, então, dará a cada um segundo as suas obras" (Mt 16.27). Obras falam de atitudes, de comportamento, de ação. Em termos da ética cristã, não há dúvida de que cada pessoa prestará contas a Deus, no seu tribunal divino, do que fizer

ou deixar de fazer. Isso em relação à prestação de contas futura, em termos escatológicos. Entretanto, aqui mesmo, nesta vida, há muitos de quem Deus tem cobrado a prestação de contas antecipadamente por causa de seus atos pecaminosos, e há, também, aqueles a quem o Senhor tem galardoado por suas boas obras ou atitudes.

Diz a Bíblia: "Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia na sua carne da carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito do Espírito ceifará a vida eterna. E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido. Então, enquanto temos tempo, façamos o bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé" (Gl 6.7-10).

Esse texto resume, no versículo 7, a "lei da semeadura e da sega", segundo a qual, aquilo que o homem plantar, isso ele colherá. Na realidade, antes mesmo da prestação de contas futura, é prevista, na Bíblia, uma prestação de contas, com a conseqüente colheita, aqui, na terra. Davi, homem de Deus, cometeu um adultério e um homicídio, no caso de Bate-Seba. Deus o perdoou, mas ele colheu os resultados e sofreu as conseqüências de modo tremendo e doloroso. O princípio da prestação de contas nos lembra que, no trato com as pessoas ou com as coisas, não só devemos observar a Palavra de Deus, mas adverte-nos quanto à inevitável prestação de contas no futuro, e também aqui, no presente.

*A pergunta a ser feita deve ser:* "O que pretendo fazer me trará quais conseqüências, aqui, neste mundo, e o que poderá me reservar o futuro, segundo a palavra de Deus?". Se as conseqüências, segundo a Bíblia, serão boas, não há o que temer. Se, porém, serão más, quaisquer atitudes devem ser rejeitadas.

## O Princípio do Evitar a Aparência do Mal

"Abstende-vos de toda aparência do mal" (1 Ts 5.22).

Ser cristão verdadeiro não é nada fácil num mundo em que os valores

morais estão relativizados. Não basta evitar o mal, é presciso evitar também a aparência do mal.

Um certo irmão foi a um restaurante, pediu um refrigerante, e o colocou num copo; bebeu-o lentamente, enquanto divagava com seus pensamentos. Só que, ao lado do copo, havia um recipiente que conserva a bebida gelada, com o logotipo de uma marca muito conhecida de cerveja. Um outro conhecido passou por lá e observou aquela cena. Sem muito refletir, imaginou logo que o seu companheiro estava tomando bebida alcoólica, e passou a dizer isso a alguém. Dentro de pouco tempo, as pessoas estavam sabendo que o primeiro irmão não era tão correto como parecia. Na verdade, depois que foi informado do que se dizia dele, o mesmo explicou que jamais tocara num copo de cerveja. Fora a um restaurante simplesmente matar a sede, tomando um refrigerante qualquer.

Mas a aparência do mal pode prejudicar a reputação de um servo de Deus. A Bíblia, em sua sublime sabedoria, adverte o cristão para que tome cuidado não só com o mal, mas com sua aparência.

O perigo em desrespeitar esse princípio reside no fato de se correr o risco de que alguém, imprudentemente, possa confundir a atitude de um servo ou serva de Deus, espalhando boatos inverídicos. Quando isso acontece, mesmo que haja um esclarecimento posterior, a pessoa torna-se alvo de críticas e insinuações malévolas que, uma vez espalhadas, são como penas que se soltam ao vento. Fáceis de se espalhar; difíceis de serem recolhidas.

*O que se deve perguntar é:* "O que penso em fazer ou dizer pode dar a aparência do mal?". Se a resposta for positiva, é melhor evitar o que se tem em mente. Se for negativa, pode ser feito, mas levando-se em conta os outros princípios da ética cristã citados.

Capítulo 3

# A Ética Cristã e os Dez Mandamentos

"Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido" *(Mt 5.17,18)*

Num programa de televisão, uma pregadora de uma igreja neo-pentecostal afirmou que Deus mandou que ela guardasse o sábado, e que conscientizasse o povo evangélico para comemorar algumas das festas judaicas. Tal orientação resultou em críticas, as mais diversas, por parte de líderes de outras igrejas. É a velha questão entre o cumprimento da Lei e dos preceitos da graça de Deus, consubstanciados no Novo Testamento. De um lado, há os legalistas, que dizem que devemos cumprir rituais e preceitos do Antigo Testamento, com a afirmação de que foi abolida a lei cerimonial, mas prevalece a lei moral do decálogo. Entretanto, essa distinção não é feita em nenhuma parte dos evangelhos ou das epístolas. O cristão, no período ou dispensação da graça, não está de modo algum sujeito ao cumprimento dos rituais da lei mosaica, mas deve viver pela lei de Cristo. Esta, de modo algum destruiu a lei antiga, mas deu-lhe nova dimensão, de caráter espiritual, valorizando o interior mais do que o exterior. Dessa forma, Jesus não cancelou os dez mandamentos. Em sua doutrina, cumpriu-os, e deu-lhes um catráter espiritual profundo e sublime.

Jesus declarou, enfaticamente, no Sermão do Monte, que não veio descumprir a Lei e, sim, para cumpri-la, e o fez, de forma superior ao que era praticado na antiga aliança. Assim, podemos dizer que a ética cristã tem por base o decálogo, no que concerne ao seu aspecto espiritual e moral, e levada a efeito com base no amor e na graça de Deus. A ética dos dez mandamentos dá suporte à ética cristã, de modo marcante e aperfeiçoado por Cristo.

## Jesus Valorizou os Dez Mandamentos

Um jovem judeu aproximou-se de Jesus e lhe perguntou: "Bom Mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna?" (Mt 19.16). A pergunta do rapaz reflete o desejo consciente ou inconsciente de todas as pessoas. O jovem pensava que podia fazer alguma coisa, alguma boa obra, para ser salvo. E entendia que a salvação dependia do esforço pessoal. Deixando de lado o lisonjeiro tratamento, Jesus respondeu ao jovem: "Por que me chamas bom? Não há bom, senão um só que é Deus. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos" (v. 17). Jesus sabia que estava diante de um jovem educado sob as regras éticas do judaísmo, em que a prática de atos exteriores era mais importante do que o ser e o sentir; o formal era mais valioso que o real; o exterior era mais reconhecido que o interior.

Indagado pelo rapaz sobre quais mandamentos a que se referia, Jesus disse: "Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo" (vv. 18,19). O moço disse que fazia isso desde a mocidade. Jesus, conhecendo seu coração, lhe ordenou que vendesse o que tinha para dar aos pobres. Diante dessa recomendação, ele saiu triste e decepcionado. Não fazia o que era errado, (não farás isso, não farás aquilo...), mas parece que não estava disposto a abrir mão da fortuna para cumprir o "amarás o teu próximo como a ti mesmo". Jesus começou por Êxodo 20.13 e

terminou com Levítico 19.18. Na ética cristã, o que importa não é só o *não fazer*, mas o praticar o que é justo e reto, com base no amor, de acordo com a vontade de Deus. Aqui, vemos uma ponte entre a ética do Antigo Testamento e a ética cristã.

A expressão máxima da Lei era o decálogo. No Sermão da Montanha, Jesus foi categórico, ao afirmar que não veio para revogar a Lei, mas para cumpri-la. De modo incisivo, Ele afirmou que não veio para destruir a Lei, mas para cumpri-la (ver Mt 5.17). Com tal expressão, Ele quis mostrar que, não obstante ter trazido uma nova aliança, o essencial do decálogo não estava abrogado. Tão-somente, Ele trouxe uma nova maneira de cumprir a Lei, valorizando o interior, muito mais do que o exterior. Tal entendimento é fundamental para a consistência e solidez da ética cristã.

## Jesus Aprofundou o Cumprimento do Decálogo

Se alguém pensar que a ética cristã é menos rigorosa que a ética do Antigo Testamento, codificada na Lei de Moisés, está enganado. Cristo, de certa forma, formulou uma obediência mais exigente do decálogo, só que fundamentada numa atitude consciente, que brota do interior do ser, e não do cumprimento legalista de atos exteriores. Foi o que Deus prometeu em Ezequiel: "E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis" (Ez 36.26,27). O ensino de Jesus era tão marcante na mente dos ouvintes que "... maravilharam-se da sua doutrina, porque os ensinava como tendo autoridade e não como os escribas" (Mc 1.22).

No seu sermão, o Mestre repassou alguns dos mais importantes e discutidos mandamentos da Lei de Moisés, levando os seus discípulos e demais ouvintes a refletir de modo diferente sobre o cumprimento da Lei. Enquanto, na antiga aliança, os atos exteriores falavam mais alto, e

eram levados em consideração em termos de julgamento das ações; o Senhor, por sua vez, quis mostrar que para Ele e para Deus, o mais importante é o que se passa dentro do coração dos homens, no íntimo de seu ser, onde se originam tanto as boas como as más ações, tanto o bem como o mal, tanto a santidade quanto o pecado. Certamente, seus ouvintes ficaram admirados e perplexos, diante da doutrina de Jesus sobre o cumprimento dos dez mandamentos.

## Sobre o Sexto Mandamento

### "Não matarás" (Êx 20.13)

O sexto mandamento da Lei de Moisés proibia tirar a vida de uma pessoa. Em Mateus 5.21, Jesus disse: "Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo". Essa era a expressão fria e objetiva da Lei. O juízo aguardava todos os que tirassem a vida do próximo, por quaisquer meios. No entanto, não havia uma sentença clara para quem tivesse ódio do seu irmão, ou aborrecesse alguém.

Jesus, apresentando sua ética, disse: "Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo, e qualquer que chamar a seu irmão de raca será réu do sinédrio; e qualquer que lhe chamar de louco será réu do fogo do inferno" (Mt 5.22). Os discípulos e as outras pessoas nunca haviam ouvido tal afirmação. Nesse ponto, puderam escutar da boca do Mestre que o interior tem grande significado para Deus. Na ética de Cristo, a prevenção é mais importante que a correção. Ele condena não apenas o ato de matar, mas as causas prováveis do crime: a ira ou cólera; a agressão verbal, entre outras. No Antigo Testamento, só era condenado quem matasse. No Novo Testamento, é condenado quem se encoleriza ou maltrata seu irmão. A reconciliação é o remédio para a ira (vv. 23-26).

Sobre o Sétimo Mandamento

## "Não adulterarás" (Êx 20.14; Dt 5.18)

O sétimo mandamento visava valorizar e proteger a família e o casamento, livrando-o dos efeitos funestos da infidelidade conjugal, bem como defender a pureza sexual. Desde que o pecado entrou no mundo, o instinto sexual, provido por Deus para a procriação da espécie humana, foi desvirtuado, sendo utilizado como meio para a realização de atos pecaminosos. Alguém já disse que a prostituição é a "profissão" mais antiga que o homem já conheceu. Na verdade, à luz da Bíblia, a prática pecaminosa do sexo jamais foi legitimada como profissão ou atividade lícita. Desde o Antigo até o Novo Testamento, a infidelidade, a impureza, a lascívia, o homossexualismo e outras práticas dessa natureza, sempre tiveram a mais veemente reprovação de Deus.

Na Lei, estava escrito: "Ouviste o que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério" (Mt 5.27). O adultério só era realmente condenado, se fosse realizado o ato sexual, mediante a conjunção carnal. Não havia uma regra escrita, de modo claro e inconfundível, quanto aos pensamentos lascivos, sensuais, pecaminosos, em relação à prática sexual. Diante disso, Jesus ensinou, afirmando de maneira explícita quanto ao aspecto interior e espiritual em relação à infidelidade, mesmo que esta não se materializasse numa união ilícita, num ato sexual concreto, ao dizer: "Eu, porém, vos digo que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar já em seu coração cometeu adultério com ela" (Mt 5.28). A exigência é muito mais séria, no Novo Testamento. Cristo não apenas condena o ato, mas os pensamentos impuros, as fantasias sexuais, envolvendo uma pessoa que não é o cônjuge do transgressor. É condenado o "adultério mental". O décimo mandamento reforça essa idéia (Êx 20.17; Dt 5.21).

Assim, no período da graça, o viver cristão não é mais fácil que nos tempos do Antigo Testamento. O ritualismo foi abolido, mas a santidade

de Deus continua a reivindicar um comportamento santo em toda a maneira de viver (cf. 1 Pe 1.15). Sendo o corpo templo do Espírito Santo (1 Co 6.19), não pode abrigar, na mente, no cérebro, pensamentos impuros, lascivos, contaminados pelo pecado do sexo. A santidade é no espírito, na alma, e no corpo (1 Ts 5.23).

## Sobre o Divórcio

Segundo o que preceitua a Lei, em Deuteronômio 24.1, o homem podia desquitar-se ou divorciar-se de sua esposa por motivos os mais variados, mesmo que não houvesse infidelidade. Com base nesse texto, Jesus ensinou: "Também foi dito: Qualquer que deixar sua mulher, que lhe dê carta de desquite" (Mt 5.31). No Antigo Testamento, um homem podia deixar sua mulher por "não achar graça em seus olhos, por nela achar coisa feia..." e a mandava embora de casa. Mais adiante, haveremos de refletir sobre o cristão e o divórcio, de modo mais amplo.

O Mestre, em seu sermão, explicou: "Eu, porém, vos digo que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de prostituição, faz que ela cometa adultério; e qualquer que casar com a repudiada comete adultério" (Mt 5.32). Na Lei, o homem podia deixar sua mulher "por qualquer motivo" (Mt 19.3). Na lei de Cristo, só a infidelidade (sob diversas formas) justifica a separação.

## Sobre não Tomar o Nome do Senhor em Vão

O terceiro mandamento (Êx 20.7; Lv 19.12) proibia o homem jurar falsamente em nome do Senhor. Era uma ordenação incisiva, direta, sem qualquer explicação ou justificativa expressa. Jesus baseou-se nesses textos para dizer: "Outrossim, ouvistes que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás teus juramentos ao Senhor" (Mt 5.33). Em seguida, apresentando sua doutrina, Ele ensinou:

> Eu, porém, vos digo que, de maneira nenhuma, jureis nem pelo céu, porque é o trono de Deus, nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés, nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei, nem jurarás pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não, porque o que passa disso é de procedência maligna (Mt 5.34-37).

Assim, vê-se que, para Cristo, a integridade no falar é mais importante que fazer juramentos formais.

## Sobre o "Olho por Olho e Dente por Dente"

"Mas, se houver morte, então, darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe" (Êx 21.23-25). Fazendo uso desse texto, Jesus ensinou: "Ouvistes que foi dito: Olho por olho e dente por dente" (Mt 5.38). Era a "pena de Talião", que funcionava de modo implacável nos tempos do Antigo Testamento. Não havia meio-termo. Quem ferisse, seria ferido. Quem matasse, seria morto. Bastava que fossem ouvidas duas testemunhas (Hb 10.28).

Trazendo nova visão e nova maneira de ver a questão, Jesus ensinou:

> Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quiser pleitear contigo e tirar-te a vestimenta, larga-lhe também a capa; e, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas (Mt 5.39-41).

No Novo Testamento, a conduta cristã é mais difícil que a exigida no Antigo. Dar a outra face a quem lhe bater, mesmo no sentido figurado, não é comportamento comum ou fácil de praticar, mesmo pelo mais santo

dos crentes. Só com a graça de Deus e o poder do Espírito Santo é possível cumprir, mesmo de modo figurado, esse preceito ético. Quando era adolescente, este autor pôde ouvir de um novo convertido, sobre uma situação constrangedora pela qual passara. Um ex-amigo de farras lhe insultou, e o agrediu fisicamente, diante de outras pessoas. Aquele irmão, um jovem militar, não suportou a afronta, e revidou a agressão com maior violência, atingindo o agressor com um soco direto em sua face. Indagado por que fizera aquilo, sabendo que era um crente, ele respondeu: "Eu disse para meu adversário que eu era crente, mas meu braço, não!" Mesmo que pareça anedota, foi um fato real. Aquele irmão usou o braço da carne, para enfrentar seu agressor. Certamente, agiu de modo contrário ao que Jesus ensinou.

## Sobre a Ética do Amor

A Lei mandava amar o próximo (Lv 19.18b). Mas os religiosos acrescentavam: "Odiarás o teu inimigo". Ensinando sobre o amor, Jesus disse: "Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo" (Mt 5.43). O próximo eram só os judeus, suas famílias, suas autoridades. O "inimigo" eram os outros, os gentios. O amor, na visão de Cristo, não é algo apenas romântico, quimérico, fantasioso. É um sentimento que demanda sólido fundamento nos princípios cristãos. Só podem praticar o verdadeiro amor aqueles que são dominados pelo poder de Deus, na direção e unção do Espírito Santo. De outra forma, torna-se impossível amar como Cristo requer.

Dando seguimento ao ensino, em contraposição ao que preceituava a Lei, Jesus doutrinou:

> Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, para que sejais filhos do Pai que

está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos (Mt 5.44,45).

Esta visão eleva o sentido do amor, sendo um verdadeiro teste para o cristão em todos os tempos. Cristo não admite o ódio a ninguém, nem mesmo a um inimigo, um desafeto. Se Deus ama a todos (Jo 3.16), devemos fazê-lo também, para sermos seus filhos. Isso prova que os princípios espirituais e morais do decálogo se encontram com as leis do reino de Cristo, expostas no Sermão do Monte. Os antigos cumpriam os mandamentos e estatutos, em Israel, de modo formal e frio. Alguém deveria ser punido se matasse, mas não havia condenação para quem odiasse. Contudo, Jesus deu aos mandamentos um sentido muito mais elevado, tornando-os instrumentos da justiça e do amor de Deus.

Capítulo 4

# O Cristão e o Aborto

"Pois possuíste o meu interior; entretecesteme no ventre de minha mãe. Eu te louvarei, porque de um modo terrível e tão maravilhoso fui formado; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem"
*(Sl 139.13,14)*

Anos atrás, quando levei minha esposa para dar à luz nossa filha mais nova, fiquei na sala de espera do hospital. Ao lado, pude ouvir o gemido de uma jovem de seus dezoito anos, que estava sob efeitos de remédios que provocam a expulsão de um feto. Ela tentara o aborto, e não fora bem-sucedida. Havia momentos em que a jovem gritava de dor e desespero. São inúmeros casos como este e outros mais em que adolescentes ficam grávidas, e são levadas a provocar o aborto. Umas, em clínicas particulares; outras, em lugares clandestinos, sem as mínimas condições de higiene. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), 5.000.000 (cinco milhões) de abortos são realizados anualmente, em todo o mundo!

Diante desse quadro grave de saúde pública, são muitas as vozes em defesa do aborto legalizado. O movimento feminista acrescenta outros motivos para a liberação dessa mortandade, alegando o direito da mulher em relação a seu próprio corpo. Em menor número, no entanto, há os que são contrários a essa prática criminosa, lembrando que a criança, no ventre da mãe, é uma vítima inocente, e que não merece ser sacrificada, em nome de um discutível "direito ao

uso do corpo" por parte da mulher. E, com razão, se indaga: "E onde fica o direito do embrião ou do feto, que é uma pessoa em potencial?" Os defensores do assassinato em massa, do infanticídio cruel, não se importam com isso. Por outro lado, há um comércio muito próspero, voltado para a realização do aborto. Milhões de dólares ou de reais são apropriados por mercantilistas da medicina, a serviço do aborto criminoso. Alguém, apropriadamente, disse que o "projeto Herodes" tem muitos defensores, dispostos a investir tudo o que podem para seu êxito total.

Porém, onde fica a ética cristã, diante desse problema crucial, que envolve vidas preciosas? Qual o posicionamento a ser tomado pelo cristão? E no caso de estupro, não se deve aceitar como legítima a realização do aborto, para que a vítima não sofra as conseqüências psicológicas traumáticas de uma gravidez indesejada? Ou quando a vida da mãe corre perigo? Naturalmente, as respostas não são tão fáceis. Mas certamente a Palavra de Deus tem a orientação a ser seguida por aqueles que desejam basear-se em seus sagrados princípios, mesmo num mundo em que valores e princípios são totalmente invertidos e deturpados.

Se o século XX foi o século do aborto, o século XXI tende a ser o século da sofisticação tecnológica e legal em defesa do morticínio perpetrado no ventre de muitas mulheres, que se tornam genitoras, mas não sabem ser mães. No Brasil, segundo um conceituado instituto de pesquisa, 58% dos brasileiros são favoráveis ao aborto.

O que vem a ser o aborto? A palavra aborto vem do latim, *abortum*, do verbo *abortare*, com o significado de "pôr-se o sol, desaparecer no horizonte e, daí, morrer, perecer". Segundo o Grande Dicionário de Medicina, aborto "é a expulsão espontânea ou provocada do feto antes do sexto mês de gestação, isto é, antes que o feto possa sobreviver fora do organismo materno...".

E a Bíblia, diz alguma coisa sobre o aborto? No grego, temos a palavra *éktroma*, constante da Septuaginta, com esse sentido, em Jó 3.16; Salmos 58.8 e Eclesiastes 6.3. Não são muitas as referências sobre o tema. No

Pentatêuco, vemos uma referência sucinta sobre o caso de aborto acidental, em que uma mãe fosse ferida por alguém e viesse a morrer (Êx 21.22). Nesse caso, não haveria pena de morte, mas o causador teria de pagar uma indenização. Jó, lamentando o dia de seu nascimento, diz que preferia não houvesse acontecido, pois seria como as crianças abortadas, que nunca viram a luz (Jó 3.16). O fato de haver poucos textos sobre o tema não nos autoriza a ficar livres para aprovar o aborto, pois trata-se de um ato em que a vida de um ser indefeso é ceifada.

## Quando a Vida Começa e o Feto É uma Pessoa?

Essa é uma questão intrigante e desafiadora. Os defensores do aborto dizem que em seus dias iniciais, o embrião não é uma pessoa, mas apenas um protótipo de pessoa, ou ainda um amontoado de células, cuja destruição não deveria envolver qualquer questão ética, moral e muito menos religiosa, que justifique a não interrupção da gravidez. Já houve sérias discussões sobre o momento em que a vida começa no ventre materno. Seria no momento em que a criança nasce, ou recebe o fôlego da vida? Ou seria no momento da concepção, quando do encontro entre o espermatozóide e o óvulo, forma-se o zigoto?

De acordo com o escritor Meilaender em seu livro, *Bioética, um Guia para os Cristãos*, há teorias que distinguem o "feto formado" do "feto informe". O primeiro já teria seu desenvolvimento avançado, após a concepção. O segundo seria o feto ainda sem o desenvolvimento celular mais amplo. Nesse raciocínio, surgiu a idéia da infusão da alma no ser gerado. Uns acreditam que a alma é dada ao novo ser no momento da concepção (feto informe), quando o espermatozóide se une ao óvulo; outros crêem que tal processo ocorre no embrião (feto formado); e há quem creia, como os judeus antigos, que a alma só é dada após o nascimento. Entendemos que a alma e o espírito são colocados dentro do embrião, logo após a concepção. "Cientificamente falando, um ovo

fecundado tem a vida completa de um homem, as únicas coisas que lhe faltam são o tempo e a nutrição" (*Abrindo o Jogo sobre o Aborto*, p. 17).

A Bíblia nos informa sobre a origem da vida. Diz o Gênesis: "E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente" (Gn 2.7). Depois que o homem estava formado, pelo processo especial da combinação das substâncias que há na terra, o Criador lhe soprou o fôlego da vida, dando início, assim, à vida humana. Entendemos, com base nesse fato, que, cada ser que é formado, a partir da fecundação, o sopro de vida lhe é assegurado, não diretamente por Deus, mas por sua lei biológica, a partir daquele sopro inicial.

O patriarca Jó também teve a percepção da origem da vida de cada ser humano, ao exclamar: "O Espírito de Deus me fez; e a inspiração do Todo-Poderoso me deu vida" (Jó 33.4). Jó era filho de um casal, mas Deus o fez, através de sua lei original da reprodução, segundo a qual, sempre que um homem se unir a uma mulher, estando esta no período fértil, poderá haver uma gravidez, que resulte na fecundação de um novo ser. Isto é obra do "Espírito de Deus", que "dá a todos a vida, a respiração..." (At 17.35).

Diante disso, não se pode banalizar a vida, mesmo de um ser em potencial, ainda não plenamente formado, no ventre de uma mulher. É preciso que o sentido sagrado da vida seja respeitado por todos os homens, em todos os tempos, lugares e situações.

## A Incomensurável Beleza da Procriação!

À parte dessa discussão, entendemos que Davi teve a revelação profunda sobre a concepção, quando escreveu uma das mais belas páginas da Bíblia, ao afirmar, em sua oração a Deus: "Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe..." (Sl 139.16). "Cada mês, num dos ovários da mulher, um óvulo se desenvolve e cresce. Ele tem cerca de um milésimo de milímetro de diâmetro. Catorze dias depois, o óvulo é lançado numa das 'trompas de Falópio', que é uma espécie de condutor que vai até o útero.

A viagem dura de dois a sete dias... em direção ao útero. Se, dentro de 12 a 24 horas, o óvulo encontrar um espermatozóide, será fecundado; se não, se degenerará".

"Na relação sexual, o órgão masculino lança os espermatozóides em direção ao útero da mulher. São cerca de 200 milhões! Mas só um vai penetrar no óvulo para fecundá-lo. O espermatozóide vai até à trompa. Ali, pode esperar pelo óvulo até dois dias. Se não o encontrar, morre. Encontrando, penetra no óvulo, formando o ovo. Um só entre milhões! — Por que este, em vez de qualquer outro? — É impossível saber. A ciência ignora também. Quando o espermatozóide penetra no óvulo, o seu núcleo se funde com o núcleo do óvulo. Nasce a primeira célula de um novo ser humano! Três horas depois da fecundação, o ovo começa a se dividir, caminhando para o útero. Era uma célula; depois, são duas, quatro, oito, dezesseis, e assim por diante...

"Chegando ao útero, o ovo se liga à mucosa uterina. Nela penetra, fazendo um verdadeiro 'ninho', onde se desenvolverá durante nove meses, alimentando-se e crescendo. A vida e a estrutura de um homem ou de uma mulher estão definidas no lugar sagrado do útero materno: 'No oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra'" (*A Família Cristã nos Dias Atuais*, pp. 151,152).

"Com menos de dois milímetros, pesando uma grama, ali está uma pessoa, um ser vivo, criado por Deus. A prática do aborto, segundo entendemos pela Bíblia, é um crime, um assassinato, pois, logo cedo, no útero, após a fecundação, surge a primeira célula de uma pessoa, com seus caracteres definidos, desde a estrutura interna, os ossos, os tecidos, até a cor e ondulação dos cabelos, e a cor dos olhos!" (ibidem, p. 152).

## O Exemplo do Nascimento de João Batista e de Jesus

Ainda que não seja um livro de ciência ou de biologia, a Bíblia traz informações preciosas sobre o corpo humano. O relato bíblico sobre o

nascimento de João Batista e de Jesus dão-nos importantes pistas sobre a vida intra-uterina.

Ao que tudo indica, Maria, a mãe de Jesus, já o tinha no ventre há um mês (quatro semanas), quando foi visitar Isabel, sua prima. Esta já estava com seis meses de grávida de João Batista (cf. Lc 1.36), tendo, nela, um feto de vinte e quatro semanas. A Bíblia nos mostra que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, "a criancinha saltou no seu ventre; e Isabel foi cheia do Espírito Santo" (Lc 1.41). No ventre de Maria, não estava "uma coisa", mas o Salvador do mundo; no ventre de Isabel não estava um ser desprovido de alma, mas uma "criancinha", que pulou de alegria ao ouvir a bendita saudação. Se uma delas houvesse cometido o aborto, que seria da história cristã? Que seria da salvação da humanidade, se o menino Jesus tivesse sido assassinado pelo Diabo no ventre materno? Não dá sequer para pensar em tal possibilidade.

## O Embrião, ou Feto, É uma Pessoa

Mesmo sem ser uma pessoa completa, o embrião, ou feto, não é subumano; é uma pessoa em formação, em potencial. Da primeira à oitava semana (2 meses), completa-se a formação de todos os órgãos, apresentando, inclusive, as impressões digitais. Aos três meses, no útero, o bebê já está formado, esperando crescer e sair à luz. Mesmo como ovo, ou feto, desde a concepção, cremos que o bebê não só tem vida, mas tem a alma e o espírito dentro dele. Diz o profeta: "Peso da palavra do Senhor sobre Israel. Fala o Senhor, o que estende o céu, e que funda a terra, e que forma o espírito do homem dentro dele" (Zc 12.1). O homem, nesse texto, não é um ser humano adulto, mas um ser criado, com todas as características genéticas, sem dúvida. Assim, Deus não dá o espírito (e a alma) a um amontoado de células ou uma coisa, como entendem os materialistas, mas Ele o dá a um ser gerado, com potencialidades para nascer.

Uma pessoa não é só aquele indivíduo consciente, e capaz de sobreviver por si. Neste caso, como ficaria uma pessoa que precisa de aparelhos para suportar uma doença prolongada? Não seria uma pessoa? Claro que sim. Uma pessoa é um ser que não é irracional, como um animal, uma planta, uma pedra, etc. Os defensores do aborto alegam que a mulher tem o direito sobre seu corpo, e não tem obrigação de sustentar uma vida, que não é uma pessoa. É argumento falacioso, de quem não tem a visão ética do significado de um ser humano, desejado ou não.

## O Testemunho do Dr. Jérôme Lejeune

A seguir, trazemos para este trabalho a palavra de uma das maiores autoridades em genética e reprodução humana, com o intuito de corroborar a tese de que o embrião já é uma pessoa.

> Meu nome é Jérôme Lejeune. Doutor em Medicina e Doutor em Ciências, sou responsável pela Clínica e pelo Laboratório de Genética do Hospital de Pediatria destinado aos pacientes feridos por debilidade mental. Após ter pesquisado em tempo integral durante dez anos, tornei-me Professor de Genética Fundamental na Universidade René Descartes.

### Quando começa um ser humano?

> Desejo trazer a esta questão a resposta mais exata que a ciência pode atualmente fornecer. A biologia moderna ensina que os ancestrais são unidos aos seus descendentes por um liame material contínuo, pois é da fertilização da célula feminina (o óvulo) pela célula masculina (o espermatozóide) que emerge um novo indivíduo da espécie humana. A vida tem uma longa história, mas cada indivíduo tem o seu início muito preciso, o momento de sua conceição.

O liame material é o filamento molecular do ADN. Em cada célula reprodutora, essa fita, de um metro de comprimento aproximadamente, é cortada em segmentos (23, na nossa espécie). Cada segmento é cuidadosamente enrolado e empacotado (como uma fita magnética em minicassete), tanto que no microscópio aparece como um blastonete: um cromossomo.

Desde que os 23 cromossomos do pai se juntam aos 23 cromossomos da mãe, está coletada toda a informação genética necessária e suficiente para exprimir todas as características inatas do novo indivíduo. Isto se dá à semelhança de uma fita minicassete introduzida num gravador; sabe-se que produz uma sinfonia. Assim também o novo ser começa a se exprimir logo que foi concebido.

As ciências da natureza e as ciências jurídicas falam a mesma linguagem. A respeito de um indivíduo que goza de boa saúde, o biólogo diz que tem boa constituição; a respeito de uma sociedade que se desenvolve harmoniosamente para o bem de todos os seus membros, o legislador afirma que ela tem uma Constituição equilibrada.

Um legislador não consegue entender uma lei particular antes que todos os seus termos tenham sido clara e plenamente definidos. Mas quando toda essa informação lhe é oferecida e a lei foi votada, ele pode ajudar a definir os termos da Constituição.

## Como trabalha a natureza?

Trabalha de modo análogo. Os cromossomos são as tábuas da lei da vida; quando eles são reunidos no novo indivíduo (a votação da lei é figura da fecundação do óvulo pelo esperma),

eles descrevem inteiramente a Constituição dessa nova pessoa.

É surpreendente a miniaturização da escrita. É difícil crer, embora esteja acima de qualquer dúvida, que toda a informação genética, necessária e suficiente para construir nosso corpo e até nosso cérebro (o mais poderoso engenho para resolver problemas, capaz até de analisar as leis do universo), possa ser resumida a tal pondo que seu substrato material possa subsistir na ponta de uma agulha!

Mais impressionante ainda é a complexa soma da informação genética por ocasião do amadurecimento das células reprodutoras, a tal ponto que cada concepto recebe uma combinação inteiramente original, que nunca se produziu antes e que não se reproduzirá tal qual no futuro. Cada concepto é único e, portanto, insubstituível. Os gêmeos idênticos e os hermafroditos verdadeiros são exceções à regra: cada ser humano é uma combinação genética. E no tempo que as exceções devem ocorrer no momento da conceição. Acidentes posteriores não levam a um desenvolvimento harmonioso.

Quando tive a honra de dissertar perante o Senado, tomei a liberdade de evocar o conto de fadas do homem menorzinho que o dedo mindinho.

Com dois meses de idade, o ser humano tem menos de um polegar de comprimento, desde o ápice da cabeça até a ponta do traseiro. Ele estaria muito à vontade numa casca de nozes, mas tudo já se encontra nele: as mãos, os pés, a cabeça, os órgãos, o cérebro, tudo está no seu lugar certo. O coração já bate há um mês. Olhando mais de perto... com uma boa lente de aumento, descobriríamos as marcas digitais nas palmas das mãos dessa

minúscula pessoa. Tudo estaria aí para se fazer a carteira de identidade civil desse indivíduo.

Com a extrema sofisticação da nossa tecnologia, podemos vislumbrar a vida privada dessa criaturinha. Aparelhos especiais gravam a música mais primitiva: o martelar surdo, profundo, regular, de 60/70 batidas por minuto (o coração da mãe) e uma cadência rápida, aguda, de 150/170 batidas por minuto (o coração do feto) se sobrepõem, imitando os compassos de orquestra e realizando os ritmos básicos de toda música primitiva, sem dúvida, porque é a primeira que o ouvido humano consegue ouvir.

Assim, observamos o que o feto sente, ouvimos o que ele ouve, provamos o que ele saboreia e vimo-lo realmente dançar, cheio de graça e de juventude. A ciência transformou o conto de fadas do Pequeno Polegar numa história verídica, história que cada um de nós viveu no seio de sua mãe.

E, para que melhor percebais a exatidão das nossas observações, acrescentamos: Se, logo depois da concepção, vários dias da implantação, uma única célula fosse retirada desse indivíduo semelhante a uma amora minúscula, poderíamos cultivar essa célula e examinar os seus cromossomos. Se um estudante, observando-a ao microscópio, não fosse capaz de reconhecer o número, a forma e o aspecto das fitas de seus cromossomos, se ele não soubesse dizer com certeza se essa célula provém de um símio ou de um ser humano, seria reprovado no exame.

*Aceitar o fato de que, após a fecundação, um novo indivíduo começou a existir, já não é questão de gosto ou de opinião. A natureza humana do ser humano, desde a conceição até à velhice, não é uma hipótese metafísica, mas sim uma evidência experimental* (*Pergunte e Responderemos*, p. 89 — ênfase minha).

## Fala o "Rei do Aborto"

Por trás do clamor em prol do aborto, existem pessoas que estão lucrando com essa prática assassina de seres indefesos. O Dr. Bernard Nathanson foi um defensor entusiasmado da prática abortiva, no Estado de Nova Iorque. Na faculdade de Medicina, passou a interessar-se pelo assunto, quando viu uma amiga sua, solteira, ficar grávida, e ajudou-a a praticar o aborto. Liderou uma campanha, e criou a "Associação Nacional para a Revogação das Leis contra o Aborto".

Com essa campanha, chegou a afirmar que morriam entre 10 a 15 mil mulheres por ano, quando, na prática, os números reais indicavam que as mortes estariam entre 200 e 300 pessoas. Esse exagero tinha o objetivo claro de impressionar a opinião pública, que haveria de forçar o Congresso a aprovar leis em prol do aborto, o que foi conseguido, com o levantamento de fundos para esse fim. Isso lhe valeu o título de "O Rei do Aborto".

O Dr. Nathanson fundou uma clínica chamada "Centro de Saúde Sexual e de Reprodução", que alcançou uma receita anual de 5 milhões de dólares anuais, com a prática do aborto. Esse "matadouro" chegou a realizar 120 abortos por dia! Em poucos anos, conseguiu levar a efeito 60.000 abortos. Ele próprio realizou 5.000, durante o período em que dirigiu a "clínica".

Esse estudioso, após cansar de tanto matar crianças no ventre de suas mães, foi dirigir o Serviço de Embriologia e Perinatologia do Hospital de St. Luke, em Nova Iorque. Estudando "o ciclo da vida", os hábitos, a psicologia, a sensibilidade e a fisiologia do feto", com o auxílio das modernas técnicas de ultra-som, o marcador de coração do feto, entre outras, ele comprovou "com absoluta clareza", "que o feto respira, que dorme em ciclos de sono perfeitamente definidos, que é sensível aos sons — comprovou-se que reage de diferentes maneiras ante diferentes tipos de música —, à dor e a quaisquer outros estímulos que você e eu possamos perceber, ficou comprovado para mim de maneira irrecusável que o feto é um de nós, de nossa comunidade, que é uma vida, uma

vida que deve ser protegida" (*Pergunte e Responderemos*, março-abril de 1985, p. 154).

As palavras dessas autoridades em reprodução humana demonstram o que a Bíblia indica, que a vida começa, sem dúvida, no momento da concepção, como o salmista bem o descreveu:

> Pois possuíste o meu interior; entreteceste-me no ventre de minha mãe. Eu te louvarei, porque de um modo terrível e tão maravilhoso fui formado; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem (Sl 139.13,14).

## TIPOS DE ABORTO E SUAS IMPLICAÇÕES ÉTICAS PARA O CRISTÃO

### Aborto Natural

Ocorre por motivos, ou circunstâncias naturais, implicando na morte do feto. Segundo a Medicina, pode haver aborto por várias causas. Dentre elas, destacam-se as seguintes: "insuficiente vitalidade do espermatozóide"; "afecções da placenta"; "infeções sangüíneas"; "inflamações uterinas"; "grave exaustão, diabetes e algumas desconhecidas" (*A Ética dos Dez Mandamentos*, p. 131). Não há incriminação bíblica quanto a esse caso, pois, não havendo pecado, não há condenação. Em Deuteronômio 24.16b, está esrito que "cada qual morrerá pelo seu pecado".

### Aborto Acidental

É resultado de um problema alheio à vontade da gestante. Uma queda, ou um susto intenso, podem provocar abortamento. Não há implicação ética quanto a isso. A referência de Deuteronômio 24.16b aplica-se a esse caso. No Antigo Testamento, se houvesse uma briga, e uma mulher grávida fosse ferida, vindo a abortar, o causador teria de indenizar o marido pela

morte do feto (ver Êx 21.22). Não previa a pena capital. Por isso, há quem diga que o feto não teria qualidade de vida superior. Entendemos diferente. O fato de ser acidente seria um crime culposo, e não doloso. Mas não justifica a idéia de vida inferior do feto.

Aborto por razões eugênicas. É o aborto por *eugenia*, isto é, para evitar o nascimento de crianças deformadas ou retardadas. Há quem defenda esse tipo de abortamento. Na realidade, há sérias implicações quanto a esse entendimento:

*"Produto descartável".* Segundo os que defendem tal conceito, o embrião, ou o feto, é considerado descartável, por ter "defeito". Ocorre, porém, que pessoas retardadas, ou deformadas, ao nascerem, têm personalidade e características verdadeiramente humanas, como vimos anteriormente. E, por conseguinte, têm direito à vida. Abortá-las é assassinato. A Bíblia diz: "... e não matarás o inocente..." (Êx 23.7). "A vida humana, defeituosa ou não, vale a pena ser vivida, e qualquer pessoa que toma sobre si resolver de antemão, em prol doutrem, quando a vida deste não dever receber a oportunidade de desenvolver-se está ocupada num ato ético sério" (*Ética Cristã*, p. 189).

*Mataram Beethoven!* Já é conhecido o texto que narra um episódio ocorrido numa escola em que um professor, desejando mostrar aos alunos como é falha a lógica humana, propôs o seguinte caso: "Baseados nas circunstâncias que mencionarei a seguir, que conselho dariam a uma certa senhora, grávida do quinto filho? O marido sofre de sífilis; ela, de tuberculose. Seu primeiro filho nasceu cego. O segundo, morreu. O terceiro nasceu surdo, e o quarto é tuberculoso. Ela está pensando seriamente em abortar a quinta gravidez. Que caminho aconselhariam a tomar?". Os alunos pensaram, e diante das circunstâncias, sugeriram que o aborto seria aconselhável para que não nascesse mais um filho defeituoso. O professor, então, lhes respondeu: "Se vocês disseram *sim* à idéia do aborto, acabaram de matar o grande compositor Ludwig van Beethoven".

## Aborto Terapêutico

É o aborto, realizado pelo médico, em caso de risco de vida para a mãe. O Código Penal Brasileiro permite sua realização (Artigo 128, inciso I). Nesse caso, tem-se um dilema muito sério. Se o médico deixar o feto nascer, a mãe poderá morrer. Diante disso, mesmo com um sentimento que envolve uma decisão difícil e dolorosa, aceitamos o argumento da ética hierárquica (vide Capítulo 01), segundo o qual a vida *real*, da mãe, possui maior valor que a vida *em potencial* do bebê não nascido.

## Aborto por Gravidez Forçada

Dá-se, quando há estupro ou incesto. Nesse caso, o Código Penal permite o aborto, (Art. 128, inciso II), desde que haja consentimento da gestante ou de seu representante, quando incapaz. Geisler admite o direito da mãe ao aborto, afirmando que "uma pessoa potencialmente humana não recebe um direito de nascimento, mediante a violação de uma pessoa plenamente humana" (ibidem, 189). Contudo, a vida gerada encontra-se sob um princípio divino. Havendo gravidez, a criança não tem culpa. Terá sido gerada, em meio a um "acidente" traumático. Assim, como defendemos o princípio da vida, mesmo reconhecendo que é tremendamente difícil para a mãe forçada, não se deve matar a criança: "... e não matarás o inocente..." (Êx 23.7).

Concluindo, no fechamento deste capítulo, reconhecemos que é difícil transmitir aos leitores uma sólida orientação quanto à atitude cristã diante do aborto. Com exceção do caso em que a vida não totalmente desenvolvida do bebê constitui-se uma ameaça de morte para a vida plenamente desenvolvida da mãe, não vemos motivo justificável à luz da Bíblia para a realização do abortamento. Deixamos cada um com sua consciência ética diante de Deus, a quem prestaremos contas de todas as nossas obras (ver 2 Co 5.10).

Capítulo 5

# Ter ou não Ter muitos Filhos

"Examinai tudo. Retende o bem"
*(1 Ts 5.21)*

Neste início de milênio, no século XXI, em que a maternidade já é vista como algo sem tanto valor por parte de certos segmentos da sociedade; quando, por outro lado, há quem deseje ardentemente ter um filho, em função da infertilidade; quando a reprodução *in vitro* ou o "bebê de proveta" já é uma realidade; quando já se afirma que a clonagem humana é apenas questão de tempo; o problema do chamado "controle da natalidade" ou do planejamento familiar é sempre atual.

E esse é um tema preocupante em termos da ética cristã. Isso porque para o cristão, ter ou não ter filhos não é apenas uma questão biológica, mas uma decisão que envolve fé, amor e obediência aos princípios de Deus para a família. Para os não-cristãos, a questão é respondida de modo pragmático. Há pessoas que, em função de sua vida individualista e hedonista, ter filhos é um empecilho à liberdade de cada um; há mulheres, dominadas por um sentimento feminista exacerbado, que parecem ver nos filhos algo como uma doença a ser evitada. Com esse pensamento, o aborto é defendido com ardor, como solução para eventuais "acidentes" que resultarem em gravidez não desejada.

Neste capítulo, somos levados a falar sobre um dos temas mais controversos e polêmicos da atualidade, perante o mundo cristão. As igrejas evangélicas não têm posição única sobre o assunto. De um lado, há opiniões radicais, dos que se opõem tenazmente a qualquer método ou tipo de limitação de um casal cristão ter filhos.

Há quem diga que limitar a concepção é tomar o lugar de Deus, sendo, assim, pecado grave. Do outro lado estão os liberais, que não vêem qualquer restrição ética; em meio a ambos estão aqueles de opiniões moderadas e compreensivas sobre o tema. E há, ainda, e em grande parte, os que não sabem ou não desejam pronunciar-se sobre o assunto. Com muito respeito, santo temor e sinceridade, desejamos abordar o assunto, esperando contribuir para o alargamento da visão sobre esse tão discutido e pouco estudado tema da ética cristã.

## CONCEITOS FUNDAMENTAIS

### Controle da Natalidade

"É o conjunto de medidas de emergência, incluindo legislações específicas, que o governo de um determinado país adota, para atingir metas demográficas restritivas, consideradas indispensáveis ao desenvolvimento sócio-econômico. Isso ocorre na China e na Índia, onde a população é excessiva em relação aos recursos econômicos" (*Planejamento Familiar*, p.11).

### Planejamento Familiar

De acordo com a ONU, "é o exercício da paternidade responsável, e a utilização voluntária e consciente por parte do casal, do instrumento necessário à planificação do número de filhos e espaçamento entre uma gestação e outra. Pressupõe o uso de métodos anticoncepcionais

produzidos pela ciência médica" (ibidem, p. 11). Notemos que há uma diferença fundamental entre o "controle da natalidade" e o planejamento familiar, na visão sociológica. O primeiro pressupõe medidas rígidas (controles) impostas por determinado governo, interferindo na liberdade de um casal ter ou não determinado número de filhos. O segundo utiliza métodos persuasivos, buscando a adesão dos casais à limitação do número de filhos, bem como o espaçamento entre gestações, com o concurso de meios científicos à disposição das famílias.

### Paternidade Responsável

"Paternidade responsável é a atitude consciente e voluntária do casal frente ao fenômeno da reprodução humana, refletindo a preocupação de ter, apenas, o número de filhos que possam ser criados e educados com dignidade, obedecendo ao espaçamento considerado ideal pelo casal e pela ciência" (ibidem). Devemos levar em conta que, a par deste conceito, há o desenvolvimento de uma paternidade que não leva em conta alguns fatores sociais, econômicos e mesmo espirituais, no exercício da função paterno-materna.

## UMA VISÃO GERAL À LUZ DA BÍBLIA

### Procriar, uma Determinação Divina (Gn 1.28)

Após criar os céus e a terra, com a luz cósmica, a terra (porção seca), os mares, os animais, e a vegetação, Deus criou o homem, de modo especial, dizendo: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança..." (Gn 1.26). "E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a" (Gn 1.27,28). Este foi o primeiro mandamento dado ao homem pelo Criador,

após criar o ser humano, masculino e feminino. Note-se que este mandamento foi dado antes da Queda. Assim, já estava implícita a sexualidade, tendo o homem os órgãos e o instinto sexual, com plena capacidade reprodutiva. Isso põe por terra a falsa idéia de que o pecado de Adão foi o ato sexual. Deus criou os órgãos sexuais com propósito definido.

### E o Multiplicador?

Os que se opõem a qualquer tipo de limitação de filhos, ou planejamento familiar, argumentam que, se Deus disse "crescei e multiplicai-vos", não é correto limitar filhos, e a mulher deve ter o máximo de filhos que puder gerar. Mas, conforme podemos depreender da Bíblia, Deus não exigiu do homem o tamanho de sua família ou prole. O número de filhos nunca foi especificado na Bíblia, como condição especial para o cumprimento da vontade divina. Ele não disse qual seria o multiplicador, ou seja, até que ponto deveria ser levado esse crescimento, essa multiplicação. Isso é notável. Ele não estabeleceu, de modo rígido e taxativo, o multiplicador. Um casal, ao se unir no matrimônio, são duas pessoas. Quando nasce um filho, são três; quando nascem dois filhos, são quatro pessoas a mais no lar e na terra, e assim por diante. O nascimento do primeiro filho já provoca uma multiplicação.

## A NATALIDADE NO ANTIGO TESTAMENTO

### Filhos, uma Bênção de Deus

No Antigo Testamento, ter filhos era algo sagrado, uma bênção de Deus. Se uma mulher não tivesse muitos filhos, era vista como uma infeliz, indigna diante do Senhor. Sara, esposa do patriarca Abraão, sendo estéril, sentiu-se frustrada e recorreu a um ato precipitado, oferecendo sua serva

ao marido, para que este tivesse um filho com ela. Abraão, sentindo-se infrutífero quanto à sua descendência, disse ao Senhor: "Senhor Jeová, que me hás de dar? Pois ando sem filhos..." (Gn 15.2). Em resposta, o Senhor mandou que ele olhasse para as estrelas do céu e lhe disse: "Assim será a tua semente..." (Gn 15.5, ler Gn 17.15,16).

## Não Ter Filhos Era Sinal de Infelicidade

Ana, mulher de Elcana, também é exemplo do sofrimento e amargura de uma mulher estéril. Ela chorava, não comia (1 Sm 1.7); além disso, sofria a crítica da outra esposa do marido. Seu esposo procurava consolá-la (1 Sm 1.8). Só um filho a poderia fazer feliz. E Ana fez um voto a Deus, dizendo que, se Ele lhe desse um filho homem, o entregaria para a Casa do Senhor (1 Sm 1.10,11). E Deus ouviu sua oração, dando-lhe Samuel (1 Sm 1.20).

## Ter Família Numerosa Era Sinal de Bênção

Os filhos eram considerados presentes ou prêmios da parte do Senhor, como diz o salmista: "Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre, o seu galardão" (Sl 127.3). Sendo Raquel, esposa de Jacó, uma mulher estéril, teve inveja de sua irmã e disse a seu esposo: "Dá-me filhos, senão morro. Então, se acendeu a ira de Jacó contra Raquel e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre?" (Gn 30.1,2).

Diante de sua tristeza, ela recorreu ao concubinato, entregando sua serva, Bila, ao esposo, e esta teve Dã e Naftali com Jacó. Enquanto Léia tinha seis filhos, Raquel continuava amargando a sua infelicidade. Até que um dia alcançou a bênção de Deus, quando exclamou com alegria: "E lembrou-se Deus de Raquel, e Deus a ouviu, e abriu a sua madre. E ela concebeu, e teve um filho, e disse: Tirou-me Deus a minha vergonha. E

chamou o seu nome José, dizendo: O Senhor me acrescente outro filho" (Gn 30.22-24).

Vê-se, assim, o desespero de Raquel, pelo fato de ser estéril. Ela preferia a morte a viver como uma mulher, considerada esquecida ou rejeitada por Deus, e só teve paz em seu coração, quando Deus ouviu o seu clamor para que ela própria gerasse um filho.

Léia, a outra esposa do patriarca, expressou sua felicidade, até mesmo quando entregou sua serva a seu marido, para ter filhos com ele.

> Então, disse Léia: Deus me tem dado o meu galardão, pois tenho dado minha serva ao meu marido. E chamou o seu nome Issacar. E Léia concebeu outra vez e deu a Jacó um sexto filho. E disse Léia: Deus me deu a mim uma boa dádiva; desta vez morará o meu marido comigo, porque lhe tenho dado seis filhos. E chamou o seu nome Zebulom (Gn 30.18-20).

## A NATALIDADE NO NOVO TESTAMENTO

### A Natalidade Exaltada

Deus fez com que seu Filho Unigênito, divino e perfeito, se tornasse "Filho do Homem", nascido no ventre de uma mulher: "Mas vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher..." (Gl 4.4). Maria ouviu do anjo: "Salve, agraciada; o Senhor é contigo: bendita és tu entre as mulheres" (Lc 1.28); "Eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus" (Lc 1.31). Deus envolveu o corpo de Maria, de modo sobrenatural, para que em seu ventre concebesse o Filho de Deus, encarnado. Que mistério tão grande! A concepção, a natalidade, a maternidade, o ter filhos, no Novo Testamento; tudo isso foi exaltado por meio do nascimento de Jesus. O plano da salvação, previsto antes da fundação do mundo, incluía uma mulher, uma mãe, um ventre, um seio materno (*A Família Cristã nos Dias Atuais*, p. 158).

### Ter Filhos, uma Bênção de Deus

Zacarias, o sacerdote, esposo de Isabel, não tinha filhos, pois sua mulher era estéril. Naquela época, na Palestina, prevalecia a idéia formada de que uma mulher que não tivesse filhos não seria abençoada por Deus. Isabel certamente orava ao Senhor, para que Ele tirasse a "sua vergonha". E Deus enviou alguém ao sacerdote, nada menos que o anjo Gabriel, para lhe informar que seria pai, dizendo: "Terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento" (Lc 1.14).

As crianças foram abençoadas por Jesus. Em seu ministério, sempre procurou destacar o valor das crianças. Ele colocou um menino no meio das atenções (Mt 18.2,4); recebeu as crianças, trazidas pelos pais, toucou-lhes, abençoando-as (Lc 18.15-17).

## UMA ABORDAGEM ÉTICA QUANTO À LIMITAÇÃO DE FILHOS

### Quanto ao Controle da Natalidade

Como vimos, o "controle da natalidade" é medida de caráter coercitivo, determinada por governos, com o intuito de diminuir o crescimento populacional. Como o cristão deve posicionar-se ante essa atitude impositiva, por parte dos governos em diversos países no mundo?

Entendemos que o cristão não deve concordar com o "controle da natalidade", visto que, visando fins utilitaristas e econômico-sociais, configura uma intervenção direta na vontade de um casal, quanto a ter ou não ter filhos. Há países em que, se nascer mais de um filho, o pai tem de pagar multa ou imposto por isso; em outros, um cômodo da casa é destruído, como forma de punição ao "crime". Há, ainda, lugares, em que se o bebê for menina, será abortado, ou morto ao nascer. Trata-se de uma das mais cruéis formas de assassínio, acobertado sob o título de controle

da natalidade. Crianças são sufocadas com uma toalha molhada, ou afogadas num balde d'água. O Faraó do Egito, após a morte de José, decretou um controle da natalidade, para que não nascessem filhos homens, entre o povo de Israel (Êx 1.15,16). E Deus não aprovou aquela medida cruel.

### Quanto ao Planejamento Familiar

Como visto, no item I, o "planejamento familiar" não interfere na decisão do casal. Apenas orienta quanto à natalidade. "Pressupõe o uso de métodos anticoncepcionais produzidos pela ciência médica" (*Planejamento Familiar*, p. 11).

## Aspectos a Serem Considerados

### *A Vontade de Deus*

Quanto a ter filhos, já sabemos que é da vontade de Deus. De uma maneira geral, qualquer pessoa, serva de Deus, ou não, pela união sexual, casada ou não, poderá gerar filhos. Até num estupro pode haver geração de filhos. É a *vontade permissiva* do Senhor. Como filhos de Deus, no entanto, devemos estar, acima de tudo, sujeitos à *vontade diretiva* do Senhor. Ele nos guia pelo seu Espírito (cf. Rm 8.14).

Para ter filhos, o cristão deve buscar, por fé, a direção de Deus. "É preciso ter filhos pela fé, e não só pelo instinto sexual"; "Assim, julgamos que, para ter filhos, o casal cristão não deve esperá-los como mero resultado de uma relação sexual qualquer. Deve, sim, pensar em ter filhos de acordo com a vontade de Deus. Ou seja, que a concepção, o nascimento e o crescimento sejam da vontade do Senhor".

"Por outro lado, a decisão de não ter filhos deve ser submetida à soberana vontade de Deus. Não ter filhos só porque a mãe não quer perder

a esbelteza do corpo (por vaidade); só porque a vida está difícil; só porque não quer ter muito trabalho; isso pode ter sérias implicações diante de Deus" (*A Família Cristã nos Dias Atuais*, pp. 162,163). Assim, vejamos outros aspectos a serem considerados.

## *Alimentação e Saúde*

Cremos que, se os pais estiverem na vontade de Deus, o pão de cada dia não faltará, pois a Bíblia diz que "O Senhor é o meu pastor, nada me faltará" (Sl 23.1). Porém, desde a concepção, o novo ser, no ventre da mãe, precisa ser bem alimentado, sob pena de nascer com deficiências orgânicas, que comprometerão toda a sua vida. Para tanto, é indispensável que a mãe seja igualmente bem nutrida. Se um casal não está em condições de se alimentar bem, se gerar um filho, nesta situação, irá fazê-lo sofrer. Cremos que isso não é ético nem da vontade de Deus. Uma mãe saudável, normalmente, tem filhos saudáveis. Se ela é doente, no entanto, poderá passar enfermidades para o filho, no ventre. E Deus, certamente, não quer isso.

## *Educação Digna*

Filhos mal-educados, tanto na vida espiritual, quanto na vida material, tendem a se converter em pessoas prejudiciais à sociedade, em escândalo para a Igreja do Senhor, e vergonha para seus pais. Isso não glorifica a Deus. Em 1 Timóteo 5.8, lemos: "Mas, se alguém não tem cuidado dos seus e principalmente dos da sua família, negou a fé e é pior do que o infiel". Esse cuidado deve começar no ventre. Deve continuar na infância, passando pela adolescência e indo até à juventude, quando estão os filhos sob a tutela dos pais. Uma boa educação não se consegue só na escola. Aliás, com a inversão de valores que predomina na sociedade sem Deus, a escola é um dos lugares menos indicados para um filho receber educação.

Normalmente, o que se vê é apenas instrução ou transmissão de conhecimentos. Em alguns países, como nos Estados Unidos, os pais preferem educar seus filhos em casa, ministrando eles próprios aulas em particular, com o reconhecimento por parte das autoridades educacionais.

Assim, se os pais são tão pobres, que não podem dar um mínimo de educação digna aos filhos, parece-nos que não convém ter uma família numerosa.

## *É Pecado Limitar o Número de Filhos?*

Diante do que foi afirmado nos itens anteriores, a resposta não pode ser um simples "sim" ou um simples "não". O fator preponderante a considerar é a vontade de Deus. Se um casal tem a convicção de que é a vontade de Deus que tenham muitos filhos, é necessário que assim aconteça. Sabemos que tal entendimento é algo muito subjetivo, mas não podemos julgar o relacionamento de alguém com o Senhor. Se de fato essa conscientização for da parte de Deus, não há dúvida de que Ele suprirá todas as necessidades espirituais, emocionais, físicas, nutricionais, etc. Se, porém, houver um engano quanto a essa idéia, os resultados poderão ser desastrosos.

Cremos que Deus permite que um casal tenha poucos filhos, desde que haja razão elevada para isso. Não vemos pecado na limitação, desde que seja por um método lícito e conveniente. Diz S. Paulo: "Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma" (1 Co 6.12; 10.23). Temos aqui o nosso já conhecido "princípio da licitude e da conveniência". É lícito limitar filhos? A resposta pode ser sim, ou não, dependendo de cada caso, da situação social, econômica, educacional, e até espiritual dos pais.

E isso tem a ver com a situação espiritual? Cremos que sim. Tenho visto, no aconselhamento pastoral, o caso de irmãs cujos maridos, não-

evangélicos, são tão depravados e irresponsáveis, que é lícito, mas não convém, que elas tenham filhos com eles. Se o tiverem, será para sofrimento e angústia, delas e dos próprios filhos. Imagine o caso de uma jovem senhora que me procurou, angustiada, pedindo uma orientação bíblica. Seu esposo, um jovem ainda, era um beberrão e mulherengo inveterado. Quando grávida, ele a chutou na barriga, quase provocando aborto. Agrediu-a brutalmente, jogando-a ao chão; depois, em companhia de uma prostituta, passava várias vezes em frente à sua casa. Outras agressões foram relatadas. O problema trazido pela irmã era se deveria recebê-lo para ter relações, pois o mesmo sequer tinha o cuidado de usar preservativo. Pergunto: é lícito uma mulher nesta situação ter filhos ou evitá-los? Penso que a resposta é sim, quanto à licitude. Mas, vem o outro lado da questão: "Convém?". Parece-me que a resposta deve ser um sonoro e consciente "não!".

## OS MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS E A ÉTICA CRISTÃ

Nos dias presentes, a medicina coloca à disposição dos casais uma gama enorme de métodos anticoncepcionais. Como pastor, tenho sido abordado por irmãs sinceras, que pedem orientação quanto a esse assunto, quase sempre perturbadas com relação à licitude de adotar ou não algum método contraceptivo. Tal orientação não é fácil. Ela envolve não só aspectos éticos, morais, espirituais, mas, também, aspectos de ordem econômica, social, psicológica, além da história clínica e familiar da pessoa. O pastor não deve pensar que tem toda a competência para aconselhar quanto a isso. Normalmente, é interessante que se oriente a mulher (ou o homem) a procurar um médico, de preferência um profissional cristão, para completar a necessária abordagem do tema.

Aqui, desejamos resumir alguns métodos anticoncepcionais mais conhecidos, e tentar fornecer alguma orientação, segundo o entendimento que temos sobre o assunto. Antecipamos que não temos a pretensão de

legislar sobre prática tão polêmica e contraditória. Respeitamos a opinião de todos os que, em nome da ética cristã, entendem de modo diferente, ao mesmo tempo em que cremos que não devemos nos omitir de opinar sobre aquilo que é importante, atual, e que demanda respostas sérias sobre questões de comportamento cristão.

## O Método Natural

Baseia-se na fertilidade da mulher. Durante o mês, a mulher tem cerca de três dias, nos quais pode engravidar. São os chamados "dias férteis". Se houver relação sexual nesses dias, é possível haver a gravidez. Os outros dias do mês não são férteis. Nesses, incluem-se os dias da menstruação. De acordo com o ciclo natural, o casal, abstendo-se de manter relações sexuais nos dias férteis, e em alguns dias antes e depois, como medida de segurança, há pouca possibilidade de ocorrer a gravidez. Quem deseja se guiar por esse método, deve consultar um médico ou um especialista. Há livros que orientam com detalhes o assunto. O processo natural de dias férteis e não-férteis foi feito pelo Criador. Se Deus quisesse que a mulher tivesse filhos indefinidamente, Ele a teria feito fértil todos os dias do mês. Mas não a fez. Somente dois ou três dias são férteis. Na verdade, é apenas um dia. Dois ou três, por causa da sobrevivência do espermatozóide. O problema maior em relação a esse método decorre da irregularidade dos ciclos menstruais de certas mulheres.

Quanto a esse método, que pode ser controlado através de uma tabela (método de Ogino-Knaus), não vemos qualquer conflito com a ética cristã. A Bíblia admite a abstenção sexual entre o casal, "por mútuo consentimento", e para que ambos se dediquem melhor à oração, por um período de tempo (1 Co 7.4,5). Nesse período, com inteligência, o casal pode abster-se de ter filhos, de uma forma natural. Com exceções, os evangélicos em geral aceitam esse método como forma de limitar a natalidade.

## Pílula Anticoncepcional

Trata-se de um método que evita a ovulação, lançado na década de 1950. Milhões de mulheres em todo o mundo fazem uso dessa forma de limitação de filhos. A pílula, normalmente, usa os hormônios estrogênio e progesterona, causando efeitos colaterais os mais diversos, tais como náuseas, dor de cabeça, vômitos, sonolência, desconforto, alterações de peso, alteração na pressão arterial e problemas circulatórios, dentre outros, podendo causar tromboses nas pernas, calvície feminina, psicose, neurose, depressão, etc. Por outro lado, segundo os médicos, há a diminuição do fluxo menstrual, que diminui a anemia; também não interfere no ato sexual, protege contra o câncer do endométrio, tumores nas mamas, etc.

Vê-se que o uso da pílula tem sérias implicações quanto à saúde da mulher. Assim, cremos que os casais cristãos devem analisar bem a conveniência ou não no uso desse método. Na prática, ele interfere no funcionamento do organismo, de modo artificial, contrariando a natureza, pois impede que hormônios naturais, que devem ser fabricados pelo corpo, deixem de ser produzidos. As conseqüências são muitas vezes drásticas, haja vista os efeitos colaterais acima listados. Mas muitos remédios também têm sérios efeitos colaterais, e são tomados por necessidade e orientação médica.

Dessa forma, entendemos que o casal cristão só deve adotar o uso da pílula, se houver estrita necessidade, e por orientação médica competente. Orientamos neste sentido os casais que nos pedem um parecer sobre o assunto, desde que se trate de uma terapia que visa evitar certos transtornos, em casos de mulheres que têm sérios problemas de gravidez de alto risco, de enfermidades uterinas constantes. É uma recomendação por necessidade, como um medicamento para problemas de saúde, e não por vaidade. Jesus disse que os sãos não precisam de médico, e sim os doentes (cf. Mc 2.17).

## Dispositivo Intra-Uterino (DIU)

Há países em que esse é o método mais usado para a contracepção, como na China e na ex-União Soviética (atual Comunidade de Estados Independentes). A OMS (Organização Mundial da Saúde) recomenda esse método como um dos mais eficazes, e que menos problemas traz para a saúde da mulher. Segundo os estudiosos do assunto, é indicado para mulheres que não podem fazer uso da pílula, por problemas de saúde, tais como diabetes, varizes, doenças do coração, etc.

O problema no uso do DIU, em termos éticos, é que algumas autoridades médicas o consideram como um método abortivo, pois age nas paredes interiores do útero, não permitindo que este acolha um óvulo, que possa ser fertilizado por um espermatozóide. No jargão médico, seria um "aborto pré-clínico".

Nesse caso, é desejável e interessante que a mulher cristã consulte um médico ou ginecologista que tenha uma visão ética do problema. Se for abortivo, não deve ser usado, pois como vimos no capítulo anterior, o aborto é um crime contra a vida.

## Preservativo de Borracha

Também chamado na linguagem popular de "camisinha", e conhecido, ainda como "condão", ou "camisa-de-vênus". Colocado sobre o órgão masculino, antes do ato sexual, pode impedir que o esperma chegue ao útero, e um espermatozóide se una a um óvulo que o espera. Tem sido comum as indagações de casais que pedem aconselhamento sobre o uso desse método anticonceptivo. O que temos orientado é que, havendo necessidade, pode ser usado sem que contrarie a ética cristã, visto que não se trata de método que violente a natureza, ou o funcionamento do corpo da mulher. Não tem efeitos colaterais como ocorre com outros métodos. Alguém tem questionado pelo fato de impedir uma possível

gravidez. Mas o método natural, com o uso da tabela (Ogino-Knaus) também a impede. Com a mesma finalidade, existe o diafragma vaginal, que também impede o esperma de chegar ao útero.

## Outros Métodos

A laqueadura, ou ligadura de trompas, tem sido muito usada por mulheres cristãs, em nosso país e em todo o mundo. A grande dúvida é se tal procedimento contraria a vontade de Deus e, portanto, a ética cristã. Segundo o nosso entender, este método só deve ser usado em situações em que a saúde da mulher fica seriamente comprometida em caso de gravidez. É um método considerado irreversível, que pode trazer sérios problemas de ordem psicológica (depressão, e até loucura), quando a mulher, depois de algum tempo, deseja ter um filho e se vê impossibilitada pela cirurgia. Há casos, após a terceira gravidez de alto risco, que o médico aconselha este método. Mais uma vez, afirmamos que, em casos de extrema necessidade, com indicação médica séria, vemos que não contraria a ética cristã. É uma medida "terapêutica", e não vaidade.

Vivenciei o caso de uma irmã, do interior do Estado, que me procurou, há alguns anos, pedindo uma orientação a respeito da cirurgia de laqueadura, visto que era casada, já com cinco filhos, todos pequenos, de idades muito próximas, numa verdadeira "escadinha", como se diz popularmente. Seu esposo era um homem doente mental, com fixação em sexo, e ela sofria muito com isso, pois mal acabava de sair de uma gravidez, o mesmo já a forçava a ter relações diárias. Sendo pobre, ela não tinha condições de ter alguém para ajudá-la, nem condições para criar aqueles filhos convenientemente. O problema é que alguns irmãos, na igreja local, lhe disseram que, se ela fizesse tal cirurgia, estaria pecando, e poderia ser castigada por Deus. Foi um dos primeiros casos de aconselhamento neste sentido. Orei a Deus, e senti pelo Espírito Santo que deveria orientar aquela pobre mulher a realizar a operação que a livraria

de ser uma "fábrica de filhos", com um homem desequilibrado, o qual nem sequer trabalhava para manter a família, em função de sua saúde comprometida com a enfermidade mental.

Com a mesma finalidade, já é utilizado o método da vasectomia, que é "a intervenção cirúrgica no homem, em que um canal deferente é ligado em dois pontos de seu trajeto, sendo ressecada parte desse canal, entre as duas ligaduras". É a operação cirúrgica realizada no homem, que o impede de lançar os espermatozóides no útero da mulher. A nosso ver, em termos éticos, equivale à ligadura de trompas na mulher. Se há necessidade clínica para que tal método seja utilizado, entendemos que não contraria a ética cristã.

Resumindo o posicionamento cristão, concordamos com os que têm uma visão moderada e compreensiva do tema da contracepção. Entendemos que o cristão pode aceitar o "planejamento familiar", desde que utilize meios e métodos que não contrariem a ética e a moral, emanadas da Palavra de Deus. Esta pressupõe a "paternidade responsável" (*A Família Cristã nos Dias Atuais*, p. 4). Levando em conta a vontade de Deus, no aspecto espiritual; e os aspectos de alimentação, saúde, educação; cremos que o casal cristão pode recorrer a um método lícito e conveniente de limitação do número de filhos. Tudo isso, pela fé, pois o que não é de fé é pecado (cf. Rm 14.23). Não é justo que uma mulher cristã, muitas vezes cansada, após uma gravidez, não tenha sequer tempo para refazer suas energias e tornar a engravidar. É necessário que haja um espaçamento de tempo após a gravidez para que a mãe cuide melhor do filho, em seus primeiros anos de vida, dando-lhe não apenas alimentação, mas carinho e afeto. Isso fica difícil, se a mãe tem um filho no início do ano, e antes do seu término, já esteja grávida de novo. Isso é falta de amor. Pode ser paixão carnal desenfreada. A Palavra diz que "Tudo tem seu tempo determinado..." (Ec 3.1). A Bíblia diz: "Examinai tudo. Retende o bem" (1 Ts 5.21). Para ter ou não ter filhos, o casal cristão deve orar ao Senhor.

Segundo Geisler, quanto ao controle da natalidade, ou planejamento familiar, "Seria errado se alguém o usasse fora do casamento para a atividade sexual ilícita. Os contraceptivos não devem ser usados para evitar as conseqüências da sua concupiscência... Evitar as responsabilidades do casamento, enquanto se desfruta dos seus prazeres, é moralmente errado" (*Ética Cristã*, p. 184).

O casal cristão por vezes enfrenta o difícil dilema de ter ou não ter muitos filhos. A moral humana, desprovida de valores éticos, e distante dos princípios da Palavra de Deus, entende que tudo é lícito, e que limitar filhos é apenas uma questão pessoal, subjetiva. Contudo, vemos, pela Bíblia, que os filhos são bênçãos de Deus, e que não devem ser evitados por razões egoístas e utilitaristas. Aceitamos, no entanto, que, em algumas circunstâncias, é permissível recorrer ao planejamento familiar, através do método natural, ou do uso de algum anticonceptivo, quando houver uma razão relevante, pela fé, em oração, e sob a orientação de um especialista competente.

Capítulo 6

# O Cristão e a Sexualidade

Sem sombra de dúvidas, vivemos num mundo dominado pelo erotismo, de forma avassaladora e contagiante. Segundo pesquisas sobre o assunto, grande parte dos acessos à Internet refere-se a pessoas interessadas em sexo. Os filmes que são exibidos no cinema e na TV em sua quase totalidade, incluem o tema do sexo. O mesmo se dá com as novelas, especialmente no Brasil. A família está exposta à exploração do sexo de modo grotesco e irresponsável. Em horários considerados nobres, e impróprios para certas apresentações, a mídia encarrega-se de mostrar cenas de sexo explícito para todos os lares, diante dos olhares admirados de adultos, jovens e crianças em tenra idade. É o apelo do sexo em sua forma mais degradante, invadindo os lares, inclusive de cristãos que não vigiam quanto ao que põem diante de seus olhos, e não pratica o que está escrito em Salmos 101.3.

"E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou" *(Gn 1.27)*

O que Deus fez como sendo bom, fruto de seu amor para com o ser criado, no Éden; o Diabo encarregou-se de transformar em algo pecaminoso e vil. Quando Deus fez o primeiro casal, incluiu em sua estrutura emocional e física, os órgãos e o instinto sexual. E o fez com propósitos muito elevados, como

tudo que o Criador realizou. Dessa forma, a sexualidade faz parte da vida de qualquer ser humano. No casamento, a sexualidade exerce papel fundamental, indispensável para o bom relacionamento entre os cônjuges, dentro do plano de Deus para o matrimônio. Fora do matrimônio, no entanto, a Bíblia nos alerta para as práticas indignas, reprovadas de modo incisivo e claro, diante de Deus. Desejamos ressaltar alguns pontos importantes neste capítulo, com base na ética cristã, e na Bíblia Sagrada.

## VISÃO BÍBLICA DO SEXO

### O Sexo Foi Feito por Deus

O Criador fez o homem, incluindo o sexo. E "viu que tudo era bom" (Gn 1.31). As mãos que fizeram os olhos, o cérebro, o coração, os pulmões, o aparelho digestivo, os ossos, as veias, e outros órgãos, também fizeram os órgãos sexuais. AquEle que criou a mente, também criou o instinto sexual. Jesus, mesmo em sua missão divina, era homem normal, incluindo a sexualidade, santificando-a na pureza e santidade de seu corpo. Ele foi circuncidado ao oitavo dia (Lc 2.21-23). "E o Verbo se fez carne..." (Jo 1.1).

Num seminário para a família, em certa igreja, quando afirmei que Jesus era um homem normal, incluindo sua sexualidade, uma senhora muito piedosa discordou, dizendo que tal ensino não deveria ser dado, pois Jesus, sendo o Filho de Deus, não poderia ter tido órgãos sexuais. Um certo suspense ficou no ar, ante os olhares inquiridores dos participantes daquele encontro. Somente após abrir a Bíblia, e mostrar que Jesus fora circuncidado, aquela pessoa pôde conformar-se com a afirmação acima.

### O Homem Participando da Criação

"Se Deus quisesse, Ele, que é onipotente, poderia ter feito o homem de modo diferente. Poderia ter criado uma árvore que produzisse seres

humanos; poderia ter feito aparecer o homem, dizendo apenas: 'Faça-se!' — Mas não foi assim — e por que não foi assim? — Porque, sendo o homem imagem e semelhança de Deus, Ele quis que o ser criado participasse diretamente da procriação de novos seres, dando-lhes, no corpo, instrumentos maravilhosos, que são as glândulas, os órgãos e o instinto sexual".

A procriação, portanto, é a continuação do ato criador de Deus, através do homem. Para tanto, o Senhor dotou o ser humano de capacidade procriadora, e instituiu o matrimônio e a família, objetivando a legitimação desse processo complexo, de significado transcendental. Deus quis, na sua soberania, que o homem desse continuidade à espécie, através da procriação. Ele o fez macho e fêmea, indicando a clara e inequívoca diferenciação entre os sexos (cf. Gn 1.27). Neste plano, observamos que há princípios, dentro da vontade de Deus.

## A Relação Sexual É Privativa dos Casados

A ordem de crescer e multiplicar não foi dada a solteiros, mas a casados: "macho e fêmea os criou" (Gn 1.27). Deus não quis que o homem vivesse só, e lhe deu uma esposa, já formada, preparada para a união conjugal. Deus exorta o homem a desfrutar o sexo com a esposa e não com a namorada ou a noiva. Em Cantares de Salomão, tem-se a exaltação do amor conjugal e não entre solteiros (Ct 4.1-12; Ef 5.22-25). Há pesquisas que indicam que 50% dos jovens evangélicos já praticaram sexo antes do casamento. Isso é moralmente errado, é pecado grave.

A libertinagem, envolvendo o sexo, é tão grande, que no ano de 2000, segundo fontes do Ministério da Saúde, houve mais de um milhão de casos de gravidez entre adolescentes. A cada ano, esse número parece aumentar, mesmo a despeito da chamada "educação sexual nas escolas", patrocinada pelos órgãos governamentais. Através dos meios de comunicação, percebe-se claramente que o assunto do sexo é tratado de

forma puramente informativa, sem o mínimo cuidado de se levar em conta valores éticos e morais. Se as pesquisas que indicam a prática sexual entre jovens evangélicos estiverem corretas, certamente estaremos diante de um sério problema de ordem ética e espiritual, que pode comprometer o futuro da moralidade cristã, que deve pautar-se pelos sagrados princípios das Sagradas Escrituras.

## O SEXO E A VIVÊNCIA CRISTÃ

### Sua Natureza

A natureza do sexo em si não é pecaminosa nem má, como ensinavam certos filósofos. A Bíblia diz que quando acabou de criar todas as coisas, incluindo o homem, "... viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom; e foi a tarde e a manhã: o dia sexto" (Gn 1.31). O sexo fez parte da constituição física e emocional do ser humano, no momento de sua criação. Assim, não é correto ver o sexo como coisa imoral, feia, ou suja. Deus não faria nada ruim. Ele planejou o corpo humano, incluindo o sexo.

O desconhecimento dessa realidade tem levado muitos a formar uma visão distorcida do sexo. Certa jovem procurou-me, quando lecionava na universidade, e me trouxe um sério dilema. Ela estava noiva, com a data de seu casamento já definida, mas sentia-se assaltada por uma grande preocupação. Ao conversar com uma senhora da igreja em que se congregava, aquela irmã lhe advertira que, indo casar-se, deveria ficar sabendo que "uma mulher casada não passa de uma latrina do esperma do seu esposo". A jovem noiva ficou perplexa com a afirmação daquela mulher de mais idade, que deveria ser conselheira das mais jovens. Ao ouvir tal aberração, disse para a aquela moça: "Não sei o nome dessa mulher, não sei de quem se trata, mas posso lhe adiantar que se trata de uma pessoa frustrada com o seu casamento". A jovem, admirada, indagou: "Como o senhor sabe?". Respondi-lhe que a mesma tinha o perfil de uma

mulher frustrada segundo o que ela me contara. Diante dessa explicação, a jovem confirmou, dizendo que a tal "conselheira" era de fato uma mulher que não vivia bem com seu marido.

Orientei aquela jovem, mostrando-lhe que o sexo em si nada tem de feio ou sujo, mas que é uma bênção de Deus para o relacionamento entre o casal, um meio para sua satisfação, além de ser a forma pela qual Deus planejou a procriação da espécie. Ela me agradeceu e ficou satisfeita com as explicações fundamentadas na Palavra de Deus.

## Sua Finalidade

Não há só uma finalidade para a prática da relação sexual. Há quem pregue que só deve ser praticado o sexo com fins reprodutivos. De acordo com a Bíblia, não é bem assim. Há mais de uma finalidade na relação sexual:

### Procriação (Gn 1.27,28)

O salmista teve a revelação de que o ser humano é formado. Em sua meditação sobre esse tema, ele exclamou:

> Pois possuíste o meu interior; entreteceste-me no ventre de minha mãe. Eu te louvarei, porque de um modo terrível e tão maravilhoso fui formado; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem. Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe, e no teu livro todas estas coisas foram escritas, as quais iam sendo dia a dia formadas, quando nem ainda uma delas havia... (Sl 139.13-16).

A procriação "é o ato criador de Deus, através do homem. Para tanto, o Senhor dotou o homem de capacidade reprodutiva, instituiu o

matrimônio e a família, objetivando a legitimação desse processo complexo, de significado transcendental" (*A Família Cristã nos Dias Atuais*, p. 150). "Frutificai e multiplicai-vos" (Gn 1,28), foi a ordem do Criador. Sem dúvida alguma, a finalidade primordial da relação sexual voltava-se para a multiplicação da espécie humana.

## Ajustamento entre o Casal

Em 1 Coríntios 1.1-5, vemos uma orientação muito importante do apóstolo Paulo sobre a ética cristã em relação ao sexo.

> Ora, quanto às coisas que me escrevestes, bom seria que o homem não tocasse em mulher; mas, por causa da prostituição, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido. O marido pague à mulher a devida benevolência, e da mesma sorte a mulher, ao marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no o marido; e também, da mesma maneira, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no a mulher. Não vos defraudeis um ao outro, senão por consentimento mútuo, por algum tempo, para vos aplicardes à oração; e, depois, ajuntai-vos outra vez, para que Satanás vos não tente pela vossa incontinência.

Nesta palavra do apóstolo, percebemos que quatro princípios estão sendo considerados:

### Primeiro, o princípio da prevenção (v.2)

"Mas, por causa da prostituição, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido" (v.2). Com isso, dois aspectos são destacados. Primeiro, que o casamento monogâmico é remédio adequado para que se evite a prostituição, o adultério. Segundo, reforça a

visão de Cristo sobre a monogamia: "cada um... sua própria mulher"; "cada uma... o seu próprio...". Ainda que no Antigo Testamento Deus tenha tolerado a poligamia, na nova aliança tal prática não tem a aprovação neotestamentária.

**Segundo, o princípio do mútuo dever ou direito (v.3)**

"O marido pague à mulher a devida benevolência, e da mesma sorte a mulher, ao marido" (v.3). É o dever do amor conjugal, no que tange ao atendimento da necessidade sexual (o direito) de cada cônjuge. Na ética cristã, a união sexual é tão importante, que é vista como um dever por parte de um, e um direito por parte do outro cônjuge. Não é uma opção, um favor. Por falta de entendimento desse aspecto, há casais que vivem em conflito, separados dentro de casa, ou mesmo separados de fato ou legalmente. Há casos em que a esposa rejeita o marido e vice-versa. Nesse tipo de conflito, o Diabo encontra brecha, e destrói o casamento, o lar, e desagrega a família. É evidente que existem muitas causas para tamanho mau relacionamento, as quais precisam ser analisadas, e postas diante de Deus em oração, buscando sua resolução.

**Terceiro, o princípio da autoridade mútua (v.4)**

"A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no o marido; e também, da mesma maneira, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no a mulher" (v.4). O texto aqui não se refere à autoridade por imposição, mas pelo amor conjugal. Também não quer dizer que o marido pode fazer o que quiser com o corpo da esposa, incluindo relações ilícitas, ou vice-versa. Este princípio é conseqüência do anterior. Não autoriza a prática de atos imorais, como o fazem os ímpios.

### Quarto, o princípio da abstinência consentida (v.5)

Esse é um ponto importante, no relacionamento entre o casal. Os cônjuges podem abster-se da prática sexual, porém mediante algumas condições. Um não pode impor sua vontade ao outro. Podem separar-se, no leito conjugal, sob três condições: por consentimento mútuo, por algum tempo, e para dedicar-se à oração. É também um exercício da disciplina da vontade.

### Satisfação (bem-estar, prazer)

Existem seitas ou religiões, e até evangélicos, que proíbem o prazer do sexo, alegando que sua finalidade é só a procriação. Isso não tem base na ética da Bíblia. Vários textos nos mostram que Deus, no seu amor, incentiva o casal a desfrutar desse prazer, que foi criado por Ele. Em Provérbios 5.18-23, lemos:

> "Seja bendito o teu manancial, e alegra-te com a mulher da tua mocidade, como cerva amorosa e gazela graciosa; saciem-te os seus seios em todo o tempo; e pelo seu amor sê atraído perpetuamente. E por que, filho meu, andarias atraído pela estranha e abraçarias o seio da estrangeira? Porque os caminhos do homem estão perante os olhos do Senhor, e ele aplana todas as suas carreiras. Quanto ao ímpio, as suas iniqüidades o prenderão, e, com as cordas do seu pecado, será detido. Ele morrerá, porque sem correção andou, e, pelo excesso da sua loucura, andará errado".

Aqui, vemos o sábio exortar os cônjuges a desfrutarem o sexo, sem ao menos falar em filhos. O homem é advertido contra "a mulher estranha", a adúltera, e é incentivado a valorizar a união conjugal honesta e santa, exaltando a monogamia, a fidelidade, e incentivando o prazer (ver Ec 9.9; Ct 4.1-12; 7.1-9). No Antigo Testamento, a "lua-de-mel" durava um ano! (Ver Dt 24.5.)

## Como Deve Ser, no Plano de Deus

A união sexual do cristão, numa visão da ética bíblica, deve obedecer a quatro aspectos:

### Deve Ser Exclusiva ou Monogâmica (Gn 2.24; Pv 5.17)

No Antigo Testamento, vê-se que Deus suportou e tolerou a poligamia. E há quem queira justificar tal prática em nossos dias, usando o argumento desse fato nos tempos da antiga aliança. Contudo, no Novo Testamento, não há uma só referência que indique a aprovação de Cristo a tal costume. Jesus ratificou o princípio original da monogamia, quando respondia aos fariseus sobre o divórcio, afirmando: "Portanto, deixará o homem pai e mãe e se unirá à *sua mulher*... Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar *sua mulher*, não sendo por causa de prostituição, e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério" (Mt 19.5,9 — ênfases minhas).

Nos textos grifados, vemos que o Senhor Jesus corroborou a união monogâmica, reafirmando o propósito original do Criador, que decretou a separação do homem em relação ao seu pai e à sua mãe, para unir-se à *sua mulher*, e não "às suas mulheres". O mesmo sentido se observa, no caso de separação e novo casamento, quando o Senhor se refere "à repudiada" e não "às repudiadas". A falta de respeito a esse ensino cristão tem levado muitos homens e mulheres à infelicidade, com a destruição do casamento, do lar e da família.

### Deve Ser Alegre (Pv 5.18)

O casal tem o direito de se alegrar com a prática sexual. Em seminários para casais, temos ouvido casos que chamam a atenção, pelas suas peculiaridades em termos de ignorância em relação à prática sexual entre

os casais cristãos. Temos anotado, por exemplo, o caso de um casal de evangélicos, com trinta anos de matrimônio, em que a mulher afirmou jamais ter sentido o prazer sexual. Analisando o fato, constatamos que o marido é um homem exagerado em seu entendimento sobre a santidade, afirmando que o sexo é só para procriação, e que o prazer não é lícito, ao mesmo tempo em que busca satisfazer-se na relação com a esposa, sem importar-se com a satisfação dela. Essa é uma visão distorcida da ética em relação ao sexo.

O texto de Provérbios, acima referenciado, diz: "Seja bendito o teu manancial, e alegra-te com a mulher da tua mocidade". Se um cristão não desfruta ou impede que seu cônjuge desfrute do prazer sexual, legítimo, lícito e santo, está defraudando o outro (cf. 1 Co 7.5), e adotando uma postura alheia à visão bíblica. Incorre num comportamento que é próprio de pessoas que adotam a visão de radicais de certas religiões orientais.

**Deve Ser Santa**

A santidade deve permear toda a vida do cristão; a relação sexual, ao mesmo tempo cheia de prazer, deve contribuir para o ajustamento espiritual do casal, num clima de santidade, considerando que o corpo é templo do Espírito Santo.

Assim, práticas ilícitas, aberrações, bestialidade e outras formas sujas de práticas sexuais, não devem ser permitidas pelo casal. A Bíblia tem solene e profunda exortação quanto à santidade. Em 1 Pedro 1.15, lemos:

"... como filhos obedientes, não vos conformando com as concupiscências que antes havia em vossa ignorância; mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver, porquanto escrito está: Sede santos, porque eu sou santo".

Este ensino aplica-se a todas as áreas da vida, incluindo de modo especial a vida sexual do cristão.

São Paulo também doutrina a respeito da santidade do corpo:

> Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição, que cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santificação e honra, não na paixão de concupiscência, como os gentios, que não conhecem a Deus. Ninguém oprima ou engane a seu irmão em negócio algum, porque o Senhor é vingador de todas estas coisas, como também, antes, vo-lo dissemos e testificamos. Porque não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação (1 Ts 4.3-7).

O apóstolo dos gentios assevera que cada um dos crentes deve saber possuir seu vaso (o corpo) "em santificação e honra", de modo diferente do que os gentios praticam, por desconhecerem a Deus. Fomos chamados para a santificação. Num tempo em que os gentios vêem o sexo de modo banal, animalesco e até diabólico, não se pode deixar de considerar que a ética cristã deve ter base bíblica e espiritual.

**Deve Ser Natural (Ct 2.6; 8.3)**

Sexo anal e sexo oral não são naturais; doenças sexualmente transmissíveis (DST) estão ceifando vidas, principalmente a AIDS. A literatura atual, em todo o mundo, está abarrotada de livros e revistas que tratam o sexo de maneira banal, como mercadoria a ser adquirida e consumida de modo desenfreado e libertino. A mídia, através da TV, promove verdadeiros cursos de iniciação sexual e de prostituição, incentivando as práticas pecaminosas. O coito anal e oral são decantados como formas normais e prazerosas. O mercado de vídeo tem proliferado em grande parte graças à procura por filmes pornográficos. Mas o cristão não tem o direito de contribuir para esse mercado perverso, em busca de incentivo à prática do sexo com seu cônjuge. A relação sexual, sob a orientação bíblica e a sugestão da natureza é a forma mais simples e desejável para os que preferem manter o corpo como templo do Espírito Santo e propriedade de Deus (cf. 1 Co 6.19,20).

## O SEXO FORA DO CASAMENTO É PECADO

Segundo Geisler: "No que diz respeito à Bíblia, não há papel algum para as relações sexuais antes do casamento... Na realidade, é um pecado que a Bíblia chama de fornicação (cf. Gl 5.19; 1 Co 6.18)" (*Ética Cristã*, p. 170). Diz, ainda o referido autor: "Se a pessoa não está pronta para tomar sobre si as responsabilidades de uma pessoa e família, não deve mexer com o sexo" (ibidem, p. 171). Concordamos com esse entendimento. O sexo, atualmente, tem sido um instrumento do Diabo para a destruição de vidas, ao lado das drogas, do crime e de outros meios destrutivos. A infidelidade conjugal tem assumido proporções alarmantes. Certas pesquisas dão conta de que metade das mulheres, no país, já praticou o adultério. Percentagem maior é observada entre os homens que traem suas esposas. Tal comportamento, reprovado pela ética cristã, tem sido incentivado nas novelas e filmes, exibidos na TV. Infelizmente, há muitos cristãos que "dão ibope" a Satanás. A seguir, temos um resumo das práticas condenadas pela Bíblia, do sexo pré e extramarital.

### Fornicação

É a prática do sexo entre solteiros (*Pequena Enciclopédia Bíblica*). Esta prática está sobremaneira arraigada entre adolescentes, no Brasil, e nos países do chamado primeiro mundo. Dados oficiais indicam que a cada ano, mais de um milhão de meninas engravidam, muitas vezes antes mesmo de chegarem à adolescência, e sem terem o mínimo de preparo para ser mães. E isso, em grande parte, é fruto da chamada "educação sexual nas escolas". Isto porque tal "educação" apenas se vale de ensinamentos técnicos, de forte inspiração materialista e hedonista. Sob o argumento de que o jovem ou o adolescente deve ter conhecimento do seu próprio corpo, e usá-lo para o prazer, os falsos ensinadores apenas transmitem informações. É um tipo de "educação" meramente informativa,

cujo ponto alto é o slogan "use a camisinha", de modo simplista e irresponsável. Não tem nada de valores éticos ou morais. Mas a ética cristã discorda totalmente desse tipo de ensino. Esta é baseada em princípios espirituais, éticos e morais. Tem valores e princípios, e objetiva formar mentes limpas e santas. É uma educação formativa, e não meramente informativa.

A Bíblia, como Palavra de Deus, nos adverte solenemente: "Porque bem sabeis isto: que nenhum fornicador, ou impuro... tem herança no Reino de Cristo e de Deus" (Ef 5.5a); e também que "a lei não foi feita para o justo, mas... para os fornicadores, para os sodomitas, para os roubadores de homens, para os mentirosos, para os perjuros e para o que for contrário à sã doutrina" (1 Tm 1.10). No Apocalipse, lemos: "Mas, quanto aos... incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicadores... a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre, o que é a segunda morte" (Ap 21.8).

## Adultério

É a relação sexual entre pessoas casadas com pessoas que não são seus cônjuges. Um jovem, casado há alguns anos, ficou revoltado, quando descobriu que sua esposa o traíra com um amigo seu, conhecido de muito tempo. Ao demonstrar sua revolta, sua sogra, racionalizando o acontecido, disse: "Mas isso hoje é muito comum...". O adultério não é mais visto, na legislação do país, como sendo crime. A sociedade já o vê como uma opção para o cônjuge que não está satisfeito com seu casamento.

A mídia encarrega-se de apresentar as relações extraconjugais como sendo algo muito normal em nossos dias. Pessoas que são consideradas "ídolos" da juventude apresentam-se com muita desenvoltura, na TV, em novas companhias. Num ano, são vistas como casadas. No outro, já não vivem mais sob o mesmo teto. Uns separam-se pelo divórcio. Outros, simplesmente, mudam de endereço, passando a viver com outros cônjuges ou companheiros.

Entretanto, o cristão não se guia nem se orienta pelos valores invertidos e controvertidos da sociedade sem Deus. Esta, muitas vezes se autodenominando cristã, nada tem de Cristo em seu comportamento. Os que servem a Deus têm a Bíblia como regra de fé e prática, como bem defendia a Reforma. O Livro Sagrado considera o adultério como pecado grave, passível de severo castigo.

Jesus, em sua ética, esposada no Sermão do Monte, doutrinou: "Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. Eu porém, vos digo que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar já em seu coração cometeu adultério com ela" (Mt 5.27). Se alguém imaginava que a "lei do amor", a "lei da graça", trazida por Cristo, seria mais condescendente com os pecados sexuais, deve ter-se enganado totalmente. Enquanto no Antigo Testamento, a lei dizia que seria condenado quem cometesse o ato de adultério, no Novo Testamento, Jesus apresentou uma forma mais restrita em relação a esse tipo de transgressão. Ele não somente condenou o adultério prático, mas até mesmo o adultério imaginado, considerando culpado aquele que apenas cobiça uma mulher em seu coração, ou seja, na sua mente. Na ética de Cristo, não há concessão: "cometeu adultério com ela".

No Antigo Testamento, o ato de adultério já era considerado perigoso e grave pecado. Em Provérbios, lemos:

> Filho meu, atende à minha sabedoria; à minha razão inclina o teu ouvido; para que conserves os meus avisos, e os teus lábios guardem o conhecimento. Porque os lábios da mulher estranha destilam favos de mel, e o seu paladar é mais macio do que o azeite; mas o seu fim é amargoso como o absinto, agudo como a espada de dois fios. Os seus pés descem à morte; os seus passos firmam-se no inferno. Ela não pondera a vereda da vida; as suas carreiras são variáveis, e não as conhece (Pv 5.1-5).

É solene a advertência contra a "mulher estranha", com quem o envolvimento sexual pode parecer agradável, comparado ao degustar de favos de mel, e da macieza do azeite, mas cujo fim é amargoso, e "agudo como espada de dois fios"; o sábio ensina que os pés da adultera "descem à morte" e "os seus passos firmam-se no inferno".

Certamente, nosso Senhor Jesus Cristo, sabendo que o ser humano é falho e tendente ao pecado, quis, em sua ética, prevenir o adultério na fonte, isto é, no coração, ou na mente do homem. Sua ética é preventiva, mais do que corretiva. Ele adverte de modo claro e direto contra o adultério.

Adultério é infidelidade conjugal em seu mais alto nível de pecaminosidade. João, o evangelista, dirigindo sua terceira epístola a Gaio, diz: "Amado, procedes fielmente em tudo o que fazes para com os irmãos, e para com os estranhos" (3 Jo v.5). O oposto disso, ou seja, a infidelidade, como expressa no adultério, é um terrível inimigo, que tem destruído inteiramente muitos lares e famílias. Neste aspecto, avulta com maior gravidade, a conjugal: o esposo, o pai de família, sendo infiel à esposa e vice-versa. O adultério é um mal que não é de hoje, mas que, nos tempos atuais, tem-se tornado muito comum nos lares sem Cristo, e também tem atingido muitos lares cristãos. A infidelidade conjugal não passa de um instrumento diabólico para a destruição e desagregação da família. A Bíblia diz que o marido deve amar a sua esposa da mesma forma que Cristo ama a Igreja. Ora, o Senhor ama a Igreja com sinceridade e, sobretudo, com fidelidade. Esta fidelidade é tão grande, que "se formos infiéis, ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo" (2 Tm 2.13).

Mas Satanás diz ao esposo: "Ora, não é nada demais; procura unir-te a outra mulher; a tua já não te agrada. No fim, tudo dará certo. Os teus amigos não possuem outras mulheres?" Com isso, o inimigo procura desfazer o plano de Deus para a vida conjugal. E muitos homens, mesmo cristãos, têm cedido a essa tentação diabólica, cometendo adultério e prostituição, e desprezando o lar, a esposa, os filhos e seu próprio nome e, o que é pior: desprezando a Deus.

A infidelidade, inimigo cruel, não acontece de repente. É necessário estar alerta para as ciladas do inimigo. Muitas vezes, a causa do adultério, ou melhor, dos fatores que contribuem para a infidelidade, está sendo fomentada dentro do próprio lar: Com o passar dos anos, o esposo e a esposa deixam de cultivar o amor verdadeiro. Aquelas expressões de carinho dos primeiros tempos ficam esquecidas. O afeto vai desaparecendo entre os dois. No entanto, a necessidade de afeto continua a existir em cada um. É a chamada carência afetiva, que leva muitos a se decepcionarem com o casamento. As lutas do dia-a-dia também tendem a desfazer o clima amoroso entre o casal, se não forem adotadas providências para cultivá-lo.

O lar, em muitos casos, passa a ser uma espécie de pensão, na qual o marido é o hóspede número um. Proceder fielmente em tudo é uma característica marcante dos verdadeiros cristãos.

Então Satanás, que não dorme, entra em ação. Começa a falar ao coração que é hora de experimentar um caso de amor, um romance, mesmo passageiro. O cônjuge, mesmo sendo cristão, diante de tal sedução, entra em conflito consigo mesmo. A mente começa a estampar a crise de afeto que existe no lar, a falta de carinho, a indiferença do outro cônjuge. A consciência bate forte, lembrando a condição de cristão, lavado e remido no sangue de Jesus. Nas primeiras investidas, o servo de Deus pensa, recua, vence. Mas, dia após dia, as coisas se agravam. A voz do inimigo soa mais forte e sedutora; a concupiscência se aquece. Vem a queda, o ato, o pecado, a morte espiritual. Depois, entre desespero e reações evidentes, o coração explode. O lar, que antes estava ruim, fica pior. A culpa não dá paz. Os conflitos aumentam. Só há dois caminhos: abandonar o lar, a esposa, os filhos e viver na nova "pensão" ou continuar enganando a todos (mas não a Deus). Em qualquer caso, todos sofrem. O cônjuge infiel, o cônjuge fiel, os filhos, a família, a igreja. Para evitar esse tipo de contribuição à infidelidade, é necessário que o casal se mantenha debaixo da orientação da Palavra de Deus. O esposo, amando sua esposa de todo o coração,

como Cristo à Igreja. A esposa, amando o esposo da mesma forma e lhe sendo submissa pelo amor. Em termos práticos, é necessário cultivar, tratar, regar e cuidar da planta do amor, para que as ervas daninhas da infidelidade, causadora do adultério, não germinem no coração de um dos cônjuges.

É bom que os cristãos casados saibam que a santidade do Cristianismo não faz ninguém deixar de ser humano. Nesta vida, precisamos de amor, de alegria, de paz, de carinho, de afeto. O leito conjugal precisa ser bem aproveitado, e a união sexual, legítima entre os casados, deve continuar sendo fator de integração, não apenas física, afetiva, mas também espiritual. Deus se agrada da união entre os casados, especialmente entre cristãos: "Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula" (Hb 13.4 a), diz a Palavra. Reconhecemos que há muita infidelidade que começa por mera tentação, para o que o outro cônjuge, às vezes, em nada contribui. Mas havemos de reconhecer que o casal bem unido em torno do Senhor Jesus terá condições de vencer o inimigo.

O Senhor Deus, repreendendo a Israel, dizia que não aceitava mais suas ofertas. Por quê? "Porque o Senhor foi testemunha entre ti e a mulher da tua mocidade, com a qual tu *foste desleal*, sendo ela a tua companheira e a mulher do teu concerto" (Ml 2.14 — ênfase minha). Esse trecho nos mostra que Deus rejeita aquele que é infiel à sua esposa, e o rejeita, não aceitando suas ofertas e seus sacrifícios. Até as orações não são recebidas por Deus, quando o marido não coabita com sua mulher com entendimento, e vice-versa.

Desejamos aqui relembrar algumas recomendações da Bíblia quanto à infidelidade. Paulo doutrinou bastante sobre o assunto. Dirigindo-se à igreja em Corinto, disse: "Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo" (1 Co 3.16,17). O homem, ou a mulher cristã, deve tomar em consideração esta advertência solene e grave da Bíblia: Se alguém destruir o seu próprio corpo, pelo pecado, Deus o destruirá. Mais clara, ainda, é a exortação,

quando lemos o trecho de 1 Coríntios 6.18-20: "Fugi da prostituição. Todo pecado que o homem comete é fora do corpo, mas o que se prostitui peca contra o seu próprio corpo. Ou não sabeis que *o nosso corpo é o templo do Espírito Santo*, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no *vosso corpo* e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus" (ênfase minha).

Vemos, então, que a infidelidade conjugal, geralmente tornada em adultério, é considerada o maior pecado contra o corpo. Isto porque o corpo é "templo de Deus", "templo do Espírito Santo". Havendo o verdadeiro amor, não haverá frieza sexual. Haverá interesse, atração mútua; haverá prazer no ato sexual. É necessário evitar a infidelidade sob qualquer forma ou pretexto.

## Prostituição

Num sentido geral, envolve todo o pecado do sexo; num sentido estrito, é a relação com prostitutas, infidelidade. Deus proíbe. No livro de Levítico, a proibição da prática de prostituição era bem clara: "Não contaminarás a tua filha, fazendo-a prostituir-se; para que a terra não se prostitua, nem se encha de maldade" (Lv 19.29). Se uma pessoa se prostituísse, a terra também seria prostituída. O pecado não afetaria somente o transgressor, mas todo o povo.

Nos Provérbios, vemos o escritor alertar ao jovem para que não caísse nas garras da "mulher alheia", que sai de sua casa "com enfeites de prostituta", cheia de sedução e malícia, traindo seu esposo, sendo, assim, ao mesmo tempo prostituta e adúltera. O sábio diz que quem se deixa levar por seu convite, é comparado ao "boi que vai ao matadouro; e, como o louco ao castigo das prisões, até que a flecha lhe atravesse o fígado, como a ave que se apressa para o laço e não sabe que ele está ali contra a sua vida". E que "são muitíssimos os que por ela foram mortos. Caminhos de sepultura é a sua casa, os quais descem às câmaras da morte" (Pv 7.22,23,26,27).

No Novo Testamento, de igual modo, a prostituição é reprovada com extrema clareza. S. Paulo, escrevendo aos coríntios, ensinou:

> Não sabeis vós que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, pois, os membros de Cristo e fá-los-ei membros de uma meretriz? Não, por certo. Ou não sabeis que o que se ajunta com a meretriz faz-se um corpo com ela? Porque serão, disse, dois numa só carne. Mas o que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito. Fugi da prostituição. Todo pecado que o homem comete é fora do corpo; mas o que se prostitui peca contra o seu próprio corpo. Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus (1 Co 6.15-20).

Neste texto, a exortação bíblica expressa o mais claro posicionamento ético contra a prostituição. S. Paulo destaca o sentido espiritual do nosso corpo, considerando-os "membros de Cristo". E indaga com ênfase se é lícito fazê-los membros de uma meretriz ou prostituta, respondendo com um "não, por certo" de forma contundente. Ele evoca o Gênesis, quando Deus disse que pelo ato sexual, um homem e uma mulher se tornariam "uma só carne". Mais séria é a constatação feita pelo escritor aos coríntios de que o pecado de prostituição tem uma singularidade. Enquanto outros pecados são cometidos "fora do corpo", o de prostituição constitui-se num pecado "contra o seu próprio corpo".

Mais forte ainda é a interrogação com caráter conclusivo de que "o nosso corpo é o templo do Espírito Santo..." e que esse corpo foi comprado por Deus, sendo, assim, propriedade dEle. Na ética cristã, portanto, não há espaço para que se justifique qualquer tipo de prostituição sexual, sob pena de se destruir o templo de Deus, "que é santo", e incorrer-se em sua pena, sendo destruído pelo Criador do corpo (cf. 1 Co 3.17).

Nos tempos da realeza, os monarcas e imperadores se acercavam de concubinas, chamadas cortesãs, que estavam nos palácios para prestarem "serviços sexuais" a seus senhores. No Oriente, os pachás e senhores de reinos ou ricos abastados enchiam seus haréns de mulheres, que lhes serviam no leito. Em anos passados, as prostitutas eram mulheres, geralmente pobres, chamadas de "mulheres de vida livre", as quais viviam em lugares pobres, na periferia das cidades.

No mundo pós-moderno, a prostituição sofisticou-se. Primeiro, surgiram os motéis, que oferecem estrutura apropriada para a prostituição. As prostitutas de periferia, normalmente mulheres sem instrução, foram substituídas pelas chamadas "moças de programa", ou *pin-up girls*, ou *call-girls* (como são conhecidas nos EUA), as quais, na verdade, são apenas prostitutas que cobram mais caro pelos seus "serviços" na cama. Tais "serviços", de início realizados de modo reservado, passaram a ser oferecidos nas páginas de classificados dos jornais em todo o país, de modo bem explícito, incluindo as práticas a serem propiciadas aos "clientes", bem como o preço a ser cobrado pelas horas de prostituição.

E não há somente a prostituição feminina, em que a mulher oferece seu corpo como mercadoria a ser vendida no mercado sujo da libertinagem. Desde alguns anos, a prostituição masculina também tem se espalhado pelo mundo, concorrendo com a depravação das mulheres, com os mesmos meios, práticas e recursos. As lojas de sexo estão por aí, disfarçadas ou não, oferecendo os equipamentos, literatura e estímulos sexuais.

Há quem defenda a prostituição moderna, sob argumento de que sua estrutura é mais segura que a de tempos atrás. Entretanto, poucos sabem, ou fingem não saber, que a prostituição, no mundo, tem sido um dos meios mais terríveis e cruéis para a destruição de vidas. Meninas, adolescentes, a partir dos doze ou treze anos, são aliciadas por "cafetinas" ou "cafetões", e são introduzidas no mundo corrupto da prostituição, onde são mantidas como escravas, e exploradas até não terem mais o que

oferecer, quando caem doentes, ou perdem o vigor. Da mesma forma, adolescentes (garotos e jovens) também são levados à prostituição, buscando ganhar o dinheiro "fácil" do mercado da carnalidade desenfreada. Nesse mercado, entram os motéis, certas agências de turismo, revistas pornográficas, filmes, *sites* da Internet, e outros meios a serviço do pecado e do Diabo.

Diante de tudo isso, ainda que em resumo, o cristão não tem outra opção, a não ser condenar de modo claro e veemente a prostituição, usando a Palavra de Deus, que é a "espada do Espírito"; rejeitando todo e qualquer tipo de falácia que defenda esse mercado abominável de pecaminosidade.

## Homossexualismo

É a relação entre pessoas do mesmo sexo. Ao longo do tempo, o homossexualismo tem encontrado acolhida no meio social. É tal o reconhecimento por parte da sociedade, que, em alguns países, como na Holanda, na França, e em outros, já é legalizado o "casamento" ou a "união civil de pessoas do mesmo sexo". Teólogos liberais têm procurado manipular os textos bíblicos, afirmando que o homossexualismo não é reprovado pelas Escrituras.

Há os que defendem a idéia de que os textos bíblicos que condenam o homossexualismo apenas refletiam as circunstâncias e o ambiente de sua época, e que não têm aplicação em todos os lugares e em todos os tempos. Outros entendem que se uma pessoa nasce "invertido", com tendência homossexual, não tem culpa disso, e pode praticar atos homossexuais, pois faz parte de sua natureza. John Stott, em seu livro *Grandes Questões sobre Sexo*, registra esse tipo de idéia: "Sou gay porque Deus me fez assim. Assim, gay deve ser bom. Pretendo aceitar e até celebrar o que sou por criação" (p. 184). Ele diz ainda que "Outros argumentam que o comportamento homossexual é 'natural' (a) porque em muitas

sociedades primitivas ele é bem aceito; (b) em algumas civilizações avançadas (os gregos antigos, por exemplo) era até mesmo idealizado, e (c) porque é muito comum em animais". Outros defendem a prática homossexual, afirmando que "certamente a natureza é a qualidade de um relacionamento que importa", argumentando que o homossexualismo desenvolve até o "verdadeiro amor" entre as pessoas. Esses argumentos são falhos, por razões bem claras fundamentadas nas Escrituras:

## Primeiro, pela origem do ser humano

Deus, no princípio, não uniu dois "machos" ou duas "fêmeas", mas, diz a Bíblia: "E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou" (Gn 1.27). Mais adiante, diz o texto bíblico: "E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele" (Gn 2.18). E, depois, acrescenta: "Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne" (Gn 2.24).

Esses três versículos, que nos mostram a criação do ser humano, indicam com clareza que o Criador planejou e criou, como primeiros ancestrais do ser humano, duas pessoas de sexo absolutamente heterossexual. As palavras "macho" e "fêmea" denotam um forte sentido de diferenciação sexual. Houvesse Deus criado pares de homens, e pares de mulheres, estaria criando a união homossexual. Mas não o fez. Ao concluir que a solidão não seria um estado ideal, o Senhor resolveu fazer uma companheira, uma adjutora, e não um companheiro, ou um adjutor. Ao referir-se à família que adviria na evolução do ser humano, o Criador disse que "o varão" deixaria "o seu pai" e "a sua mãe", e se apegaria "à sua mulher", e ambos (o casal) seriam "uma carne".

Assim, nas origens do ser humano, não se pode ver na Bíblia qualquer vislumbre de uma união homossexual. O homem seria "uma carne" com sua mulher, e não com outro homem. A mulher seria, por conseqüência, "uma carne" com seu marido, e não com outra mulher.

## Segundo, porque no Antigo Testamento, a condenação é expressa

*No episódio da destruição de Sodoma e Gomorra.* Neste caso, vê-se que, dentre tantos pecados, a prática homossexual era bastante difundida. Os homens de Sodoma quiseram que Ló entregasse seus dois visitantes (anjos), que tomaram forma humana, para que os "conhecessem", ou seja, para que mantivessem relações homossexuais com eles. Segundo Stott, Sherwin Bailey, teólogo que procurou fazer uma releitura do texto, afirma que o verbo conhecer (Hb. *yada)*, ali, era apenas travar conhecimento com os visitantes de Ló, e não fazer sexo com eles, e que o pecado dos sodomitas foi tão-somente atentar contra o sagrado dever da hospitalidade oriental (ibidem, p. 166). Esta é uma interpretação tendenciosa a nosso ver, pois a Bíblia esclarece a ela mesma. Vejamos:

> E chamaram Ló e disseram-lhe: Onde estão os varões que a ti vieram nesta noite? *Traze-os fora a nós, para que os conheçamos.* Então, saiu Ló a eles à porta, e fechou a porta atrás de si, e disse: Meus irmãos, rogo-vos que não façais mal. *Eis aqui, duas filhas tenho*, que ainda não conheceram varão; fora vo-las trarei, e *fareis delas como bom for nos vossos olhos*; somente nada façais a estes varões, porque por isso vieram à sombra do meu telhado (Gn 19.5-8 — ênfases minhas).

Indagamos aos leitores: Resta alguma dúvida, quando lemos o texto, de que a intenção dos sodomitas era mesmo ter relações homossexuais com os visitantes? Cremos que existe uma clareza meridiana quanto a isso. Se fosse apenas um desejo de conhecer os homens, encarando sua aparência, suas vestes, etc., não haveria necessidade de Ló oferecer suas

duas filhas, afirmando que elas ainda não haviam "conhecido" (*yada*) varão, e que os perversos invasores fizessem com elas o que bem quisessem a seus olhos. O mesmo texto corrobora o entendimento quanto ao iminente ataque sexual, pois as filhas do Ló certamente conheciam socialmente, de vista, muitos homens, além de seu pai.

A Bíblia mostra que Deus não suportou o pecado de Sodoma e Gomorra, destruindo aquelas cidades e outras em sua vizinhança (Gn 13.13; 18.20,21). A Epístola de Judas registra a razão da destruição total das cidades pecaminosas: "Assim como Sodoma, e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, *havendo-se corrompido como aqueles e ido após outra carne,* foram postas por exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno" (Jd 7 — ênfase minha).

*No livro de Levítico.* O terceiro livro do Pentateuco enfatiza os diversos sacrifícios que o povo de Israel deveria efetuar, para ter seus pecados cobertos diante de Deus; ressalta também as leis que norteavam os procedimentos a serem seguidos para que o povo se mantivesse puro diante do Senhor. Com relação à pureza sexual, são fortes, eloqüentes e incisivas as proibições e condenações de atos pecaminosos. Referindo-se a práticas homossexuais, o livro de Levítico não dá margem a qualquer concessão. A condenação é expressa e muito clara.

O homossexualismo era visto como *abominação ao Senhor*. "Com varão te não deitarás, como se fosse mulher: abominação é" (Lv 18.22). "Quando também um homem se deitar com outro homem como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue é sobre eles" (Lv 20.13). Esses versículos dispensariam comentários quanto à clareza da condenação bíblica à prática homossexual. No entanto, há quem diga que os textos acima se referem a práticas de rituais da idolatria. É como alguém que quer "tapar o sol com uma peneira", como diz o velho ditado popular, muito comum no Brasil. Em Deuteronômio 23,17,18, podemos ver outra referência à condenação desse tipo de ato: "Não haverá

rameira dentre as filhas de Israel; nem haverá sodomita dentre os filhos de Israel. Não trarás salário de rameira nem preço de cão à casa do Senhor, teu Deus, por qualquer voto; porque ambos estes são igualmente abominação ao Senhor, teu Deus". É muito claro que o Pentatêuco jamais deu qualquer respaldo ou permissibilidade a essa prática. Os teólogos que procuram torcer a Palavra, buscando algum tipo de entendimento liberal sobre o assunto, estão certamente incursos nas penalidades de Deus contra aqueles que assim procedem. É querer favorecer aos ímpios em suas práticas abomináveis.

## Terceiro, porque o Novo Testamento condena o homossexualismo

Numa certa ocasião, fui convidado para participar de um debate sobre a sexualidade, em que participaram um médico, um psicólogo, um teólogo, um padre, e um pastor, no caso, a minha pessoa. O médico proferiu sua palestra, mostrando tecnicamente o valor da sexualidade. O padre, dizendo não ser teólogo, não quis aprofundar-se sobre o tema. O psicólogo expressou a visão da Psicologia sobre diversos aspectos da vida sexual. O teólogo, no entanto, limitou-se a enfatizar o homossexualismo, afirmando que seria a forma mais pura de amor no relacionamento entre as pessoas. Disse também, que qualquer Bíblia que contivesse proibição ou condenação à prática homossexual, seriam versões espúrias, traduções erradas e tendenciosas, pois Deus jamais condenou o homossexualismo. Chegou a afirmar que S. Paulo teria sido homossexual.

Na seqüência das palestras, chegou minha vez de falar sobre o tema da sexualidade. Procurei mostrar, tendo em mãos minha Bíblia, que Deus incluíra na constituição humana a sexualidade e o prazer sexual, como demonstração de seu amor e cuidado para com o ser humano. Mostrei o plano de Deus para o sexo, e discorri sobre o que a Bíblia diz acerca do

homossexualismo, discordando totalmente do outro preletor, o teólogo. Este, ao que tudo indicou, não suportando as marteladas da Palavra de Deus, não quis esperar o debate, até o final, e retirou-se visivelmente revoltado.

Graças a Deus, pude mostrar que não só o Antigo Testamento continha a condenação expressa ao homossexualismo. No Novo Testamento, de igual modo, encontramos clara reprovação à prática homossexual, principalmente nos textos paulinos, sendo uma verdadeira afronta ao apóstolo dos gentios considerá-lo um homossexual.

Em 1 Coríntios 6.10, lemos: "Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem *os efeminados*, nem *os sodomitas*, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o Reino de Deus" (ênfases minhas). No grego do Novo Testamento, a palavra efeminado é *malakoi*, que significa "macio ao toque", referindo-se ao homossexual que faz o papel passivo, "como se fosse mulher". A segunda palavra, sodomitas, no grego, é *arsenokoitai*, com o significado de "macho na cama", referindo-se ao homossexual ativo, que faz o papel de homem (ibidem, p. 173).

Teólogos que concordam com o homossexualismo dizem que S. Paulo "certamente" tinha em mente a pederastia entre homens mais velhos e rapazes, mas não entre homossexuais adultos, que tinham consciência e consentimento de seus atos. Mas a Bíblia não é como espuma de náilon que se pode torcer à vontade de quem a manuseia. Na feia lista acima, tanto ladrões, como bêbados, maldizentes e homossexuais ativos e passivos, todos são considerados indignos de entrarem no Reino de Deus, ou seja, de serem salvos. Outra lista de pecados, escrita por S. Paulo, inclui os sodomitas como transgressores da lei (1 Tm 1.9-11).

Em Romanos, 1.26, vemos S. Paulo ressaltar que os pecadores pervertidos são alvo da reprovação divina: "Pelo que Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural,

no contrário à natureza". Que paixões infames seriam essas, através das quais as mulheres mudaram "o uso natural, no contrário à natureza"? O versículo seguinte esclarece duplamente: "E, semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro".

O confronto dos dois versículos nos mostra o seguinte: as mulheres praticaram "paixões infames", contrariando a natureza; isso se refere á prática homossexual, ou seja, ao lesbianismo. E o versículo 27 começa dizendo que os varões deixaram o "uso natural da mulher", e se inflamaram em sua sensualidade, na prática de atos homossexuais, "varão com varão". Esses textos, repudiados pelos defensores e praticantes do homossexualismo, demonstram que, no Novo Testamento, a condenação a tais práticas é clara e veemente. Na seqüência dos versículos, S. Paulo afirma que aqueles pecadores estão cheios de "iniqüidade, prostituição, maldade", sendo homicidas, contendores, enganosos, malignos, "aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes ao pai e à mãe... os quais, conhecendo a justiça de Deus [que são dignos de morte os que tais coisas praticam], não somente as fazem, mas também, consentem aos que as fazem" (Rm 1.29-32).

A ética cristã, portanto, não deixa margem para qualquer tipo de concessão ao homossexualismo, e aos que se dão à sua prática. Contudo, não se deve pensar que o homossexualismo é pecado imperdoável, como se fosse uma blasfêmia contra o Espírito Santo. Se o homossexual se arrepender e deixar (cf. Pv 28.13), certamente alcançará a misericórdia de Deus. Já é grande o número de pessoas que, aceitando a Cristo, tiveram vitória contra esse terrível pecado, e vivem uma vida normal, solteiros, ou casados, pais de família, dando o eloqüente testemunho do poder de Deus para libertação do mais vil pecador.

## Masturbação

Tenho recebido diversos pedidos de aconselhamento por parte principalmente de jovens, rapazes e moças, perturbados com o problema da masturbação. A grande pergunta que fazem é se estão em pecado para morte, se estão excluídos do Corpo de Cristo, se podem ou não tomar a Santa Ceia, além de outras indagações que indicam a complexidade do assunto. O que tenho respondido, entendendo ser coerente com a ética cristã, pode ser resumido nas seguintes considerações.

A masturbação é definida como "ato de masturbar-se, vício solitário; onanismo". Com esse ato, a pessoa obtém o orgasmo mediante a manipulação dos órgãos sexuais ou com o uso de algum instrumento próprio. Há quem ensine que a masturbação não tem nada de errado; enquanto outros ensinam que se trata de pecado; e há quem não saiba dizer nada a respeito. A Bíblia não fala explicitamente sobre o assunto. O caso de Onan (Gn 38.4-10) não se aplica ao assunto. Entendemos que se trata de pecado, pelo fato de contrariar o plano de Deus para o uso dos órgãos sexuais, que deve ser desfrutado por duas pessoas, casadas, de sexo oposto. Quem pratica masturbação pode viciar-se pelas seguintes razões: 1) o predomínio do corpo sobre o espírito; 2) expressão de narcisismo (sexo egoísta); 3) ejaculomania, que pode levar à ejaculação precoce; 4) fixação na parte genital, desprezando a parte emocional e afetiva do sexo; 5) o prazer como fim, não havendo o amor, indispensável para uma relação agradável.

Diante disso, aconselhamos os jovens a não se deixar dominar pela masturbação. Para tanto, precisam: 1) ocupar a mente com coisas elevadas (Fp 4.8); 2) andar em espírito para não serem dominados pela carne (Gl 5.16); 3) ocupar-se na obra do Senhor, como "fuga estratégica" (2 Tm 2.22); 4) não ler revistas pornográficas ou assistir filmes imorais, na TV, vídeos, cinema ou Internet (Sl 101.3); 5) estudar e trabalhar; 6) cuidar do corpo como templo do Espírito Santo (1 Co 6.19,20). O Dr. Hélio Begliomini, do

Hospital do Servidor Público de S. Paulo, diz que "manter-se puro até o casamento não traz qualquer problema psíquico ou orgânico". O jovem pode manter-se puro (Sl 119.9). É evidente que o pecado da masturbação não pode ser visto com a mesma gravidade do ato de matar, roubar, praticar o homossexualismo, etc. É preciso compreensão e aconselhamento para com os que, sentindo-se oprimidos pelo sexo, valem-se da válvula de escape da masturbação.

Capítulo 7

# O Cristão e o Divórcio

"Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa de prostituição, e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério" *(Mt 19.9)*

No gabinete pastoral, tenho recebido diversos irmãos que enfrentam problemas conjugais os mais diferentes. Uma irmã me procurou e disse que não suportava mais viver com seu esposo, pois o mesmo, não sendo cristão, a maltratava muito, chegando, inclusive, a ameaçá-la de morte por várias vezes. Além disso, o marido era infiel, vivendo com outra mulher. No seu desespero, ela me perguntou se podia divorciar-se dele, e continuar a ter comunhão com o Senhor Jesus. Respondi-lhe, que diante das circunstâncias, ela tinha todo o direito de divorciar-se e, consumada a separação legal, poderia até casar com outra pessoa, se assim o quisesse, e fosse da vontade de Deus. Acrescentei, no entanto, que eu, como pastor, não aconselharia o divórcio. Sugeri que, havendo ameaças físicas, ela poderia procurar o recurso legal chamado "separação de corpos", visando evitar algum dano físico à sua pessoa. Mas que a decisão caberia a ela. Se quisesse continuar com a relação conflituosa, esperando que Deus fizesse um milagre, poderia optar por isso. Se quisesse se divorciar, não pecaria. Chorando muito, ela se despediu. Mais adiante o leitor terá o resultado deste aconselhamento.

O tema do divórcio é, sem dúvida alguma, um dos mais polêmicos, na visão dos evangélicos em geral, diante da ética cristã. De um lado, há os que não o aceitam em hipótese alguma, entendendo a indissolubilidade do casamento de modo radical. No outro lado, há os que o aceitam, sob determinadas circunstâncias, buscando base para tal entendimento na Bíblia Sagrada, como regra de fé e prática. Neste capítulo, não queremos ser dogmáticos, mas compartilhar o que temos apreendido, com base na Palavra de Deus, sobre esse difícil assunto, que tem preocupado muitas famílias e a liderança cristã. Vale salientar que já é grande o número de divorciados no meio evangélico. A legalização do divórcio, no Brasil, ensejou a disposição de muitos cristãos que enfrentam turbulências no seu matrimônio a buscar a porta de saída para uma relação problemática. Tais pessoas enfrentam o dilema de entrar num caminho que seja legal, de acordo com a legislação do país e a legitimidade do divórcio diante da Bíblia Sagrada.

## O DIVÓRCIO NO ANTIGO TESTAMENTO

A palavra divórcio é *kerithuth*, no hebraico, equivalente ao vocábulo grego *apoluo*, com o sentido de: "Libertar; soltar; liberar; dissolver radicalmente; desamarrar; desligar, como o caso de um soldado que dá baixa do Exército; desfazer um laço; libertar, como se liberta um cativo, isto é, soltar-lhe as cadeias, que o prendem para que tenha liberdade de sair" (*A Manual Greek-Lexicon of the New Testament*; *The Vocabulary of the Greek New Testament* — citado *em Divórcio e Novo Casamento*, p. 37).

## MOTIVOS PARA O DIVÓRCIO

### Motivo Subjetivo

No Pentateuco, encontramos as informações mais claras sobre a questão do divórcio. No livro de Deuteronômio, lemos que: "Quando um homem

tomar uma mulher e se casar com ela, então, será que, se *não achar graça em seus olhos*, por nela achar *coisa feia*, ele lhe fará *escrito de repúdio*, e lho dará na sua mão, e a despedirá da sua casa" (Dt 24.1 — ênfases minhas). O texto nos demonstra que o homem tinha o direito de repudiar sua mulher por motivos bem subjetivos. Sem explicação clara, o homem, depois de casado, podia "não achar graça" na mulher, e ver nela "coisa feia". Que *coisa feia* seria essa? A resposta está no Talmude (Coletânea de interpretações da Lei pelos rabinos), que explica que "coisa feia" era o homem ver qualquer coisa, na mulher, que não lhe agradava. Por exemplo: "se elas queimavam o pão, ou não temperavam a comida adequadamente, ou se não gostavam de suas maneiras, ou se não era boa dona de casa", "se ela estragava um prato ao prepará-lo", e "até se encontrasse outra mais bela que ela" (Flávio Josefo, citado em *Divórcio e Novo Casamento*, p. 20). Ou, ainda, se usasse cabelos soltos, se andasse pelas ruas sem motivo, se falasse com homens que não fossem seus familiares, se maltratasse os pais do esposo, se gritasse com o marido de maneira que os ouvintes o ouvissem, etc. (*Divórcio à Luz da Bíblia*, p. 28).

Fosse nos dias atuais, as mulheres abarrotariam os tribunais, alegando discriminação, pressão psicológica, abuso no relacionamento, etc. Na realidade, em todo o Oriente, ao tempo do Antigo Testamento, as mulheres, na maioria das nações, não desfrutavam de muitos direitos. Em Israel não foi diferente. Ao homem era dado o direito ao concubinato e a ter mais de uma mulher. O patriarcado colocava o homem no centro das decisões sociais, políticas e administrativas, ficando reservado às mulheres tão-somente o papel de esposas, domésticas, donas de casa, mães cuidadosas, totalmente submissas a seus maridos. A elas não era dado o direito de pedir divórcio. Tal regalia era concedida ao homem apenas.

## Casamento Misto

Era motivo bem objetivo. O próprio Deus determinou o divórcio ou o repúdio às esposas estranhas à linhagem de Israel, quando os judeus

voltaram do exílio babilônico. No livro de Esdras, encontramos dramático relatório sobre a situação espiritual e social de Israel. Os príncipes chegaram-se ao sacerdote Esdras, informando-lhe que os sacerdotes, os levitas, estavam seguindo "as abominações" dos habitantes da terra de Canaã, inclusive casando com mulheres estranhas, e buscando as filhas dos povos daquela terra para seus filhos, dando, assim, um péssimo exemplo para o povo em geral.

O sacerdote, tomando conhecimento de tão grave transgressão, rasgou seus vestidos, e prostrou-se atônito diante de Deus, procurando uma direção sobre a atitude a tomar. Perplexo, decepcionado, e confuso, Esdras exclamou:

> Meu Deus! Estou confuso e envergonhado, para levantar a ti a minha face, meu Deus, porque as nossas iniqüidades se multiplicaram sobre a nossa cabeça, e a nossa culpa tem crescido até aos céus. Desde os dias de nossos pais até ao dia de hoje, estamos em grande culpa e, por causa das nossas iniqüidades, fomos entregues, nós, os nossos reis e os nossos sacerdotes, nas mãos dos reis das terras, à espada, ao cativeiro, ao roubo e à confusão do rosto, como hoje se vê. E, agora, como por um pequeno momento, se nos fez graça da parte do Senhor, nosso Deus, para nos deixar alguns que escapem e para dar-nos uma estabilidade no seu santo lugar; para nos alumiar os olhos; ó Deus nosso, e para nos dar um pouco de vida na nossa servidão... Agora, pois, ó nosso Deus, que diremos depois disso? Pois deixamos os teus mandamentos, os quais mandaste pelo ministério de teus servos, os profetas, dizendo: A terra em que entrais para a possuir terra imunda é pelas imundícias dos seus povos, pelas abominações com que, na sua corrupção, a encheram de uma extremidade à outra. Agora, pois, vossas filhas não dareis a seus filhos, e suas filhas não tomareis para vossos filhos, e nunca procurareis a sua paz e o seu bem; para que vos fortaleçais, e

comais o bem da terra, e a façais possuir a vossos filhos para sempre (Ed 9.6-12).

Transcrevemos o longo texto bíblico para que os leitores entendam bem o caráter da transgressão de Israel, aceitando o casamento misto com filhas de povos estranhos. Era motivo para a tomada de decisões muito sérias e dolorosas. O sacerdote, orando e pedindo a Deus a orientação, chegou à conclusão de que deveria tomar uma medida radical. Convocou uma grande e solene assembléia e propôs que os homens confessassem seu grave pecado e, nada menos que isso, determinou que as mulheres estranhas fossem todas despedidas, bem como dos filhos nascidos da união proibida (Ed 10.3-5). Depois de jejuns, confissões e compromissos, as mulheres foram despedidas, de modo doloroso e irreversível. Pode-se imaginar a tristeza, a decepção e a vergonha daquelas mulheres, que marchavam em direção a seus parentes, acompanhadas de seus filhos, repudiadas sem quaisquer direitos. Mas era a ordem divina, e tinha de ser cumprida à risca. O pecado traz conseqüências muitas vezes tristes, que precisam ser assumidas por seus praticantes.

## No Caso de Infidelidade?

Pessoas contrárias ao divórcio entendem que "coisa feia" ou "coisa indecente", no texto de Deuteronômio 24, seria a prática, pela mulher, de fornicação, antes do casamento, ou o adultério. Mas esse argumento não tem sustentação bíblica, visto que a prática de adultério, bem como de fornicação, era punida com a pena de morte por apedrejamento (cf. Lv 20.10; Dt 22.20-22). Nesses casos, não haveria divórcio, mas sepultamento da mulher infiel.

## A Carta de Divórcio

Era um documento legal, fornecido à mulher repudiada, a qual ficava livre para casar de novo. Chamava-se de "carta de liberdade" — "documento de emancipação" — que lhe dava direito a novo casamento

(*Divórcio e Novo Casamento*, pp. 29,30). Diz o Antigo Testamento: "ele lhe fará escrito de repúdio, e lho dará na sua mão, e a despedirá da sua casa" (Dt 24.1b). A mulher repudiada, "por qualquer motivo", por apresentar "coisa feia", ou "coisa indecente", recebia, humilhada, "o escrito de repúdio", mas tinha o direito de "se casar com outro homem" (Dt 24.2). "O marido obrigava-se a pagar uma espécie de indenização, a *kethubah*, e isto estava ligado ao dote recebido pela esposa..." (Rops, p. 93). Se o segundo marido a aborrecesse, poderia lhe dar "escrito de repúdio" e ela poderia casar novamente (Dt 24.3). O que ela não podia era voltar para o primeiro marido, mesmo que o último morresse (Dt 24.4), pois estaria "contaminada" e seria "abominação perante o Senhor".

A carta de divórcio, ou de repúdio, deveria ser dada em presença de duas testemunhas, e as partes estariam livres para um novo matrimônio. Aliás, o divórcio só tinha sentido se houvesse em vista um novo casamento. Se assim não fosse, para que a mulher receber carta de divórcio? Seria simplesmente abandonada. Note-se, também, que a mulher não tinha direito de pedir divórcio. Era privilégio do homem. Este poderia escolher com quem viver, inclusive possuindo mais de uma mulher, além de ter concubinas a seu dispor.

Guy Duty,em seu livro *Divórcio e Novo Casamento*, transcreve uma cópia de uma carta de divórcio, nos seguintes termos:

> No... dia da semana; no dia... do mês..., no ano..., eu, ..., que também sou chamado filho de..., da cidade de..., junto do rio..., por esse documento, consinto, de vontade própria, não sofrendo coação alguma, eu libero, repudio, e afasto a ti, minha esposa..., que também é chamada de filha de..., que, neste dia, na cidade de..., junto ao rio..., e que foi minha esposa durante algum tempo. E assim eu a libero e a mando embora, e a afasto para que possa estar desobrigada a ter domínio sobre si mesma, para ir e casar-se com o homem que desejar; e nenhum homem pode impedi-

la, deste dia em diante, e não está obrigada a nenhum homem; e isso será para você, de minha parte, um termo de dispensa, um documento de emancipação, uma carta de liberação, de acordo com a Lei de Moisés e Israel.

Testemunha.... filho de...
Testemunha.... filho de...

A cópia da carta de divórcio acima transcrita nos demonstra que o divórcio implicava em total separação, com dissolução do vínculo conjugal. Esse entendimento é básico para o que estudaremos com relação à doutrina de Cristo sobre o divórcio.

## O DIVÓRCIO NO PERÍODO INTERBÍBLICO

Entre os judeus, havia duas escolas importantes, que ditavam as normas de comportamento para a sociedade. Essas normas vigiam no tempo de Jesus.

### A Escola de Shammai

Este rabino tinha uma interpretação radical de Deuteronômio 24.1. Segundo seu entendimento, a carta de divórcio só podia ser dada à mulher em caso de fornicação ou de infidelidade conjugal. De certa forma, era uma evolução do pensamento judaico, pois uma leitura cuidadosa do texto referido dá a entender que a mulher só podia ser despedida se o homem achasse nela "coisa feia", ou "coisa indecente", sem que isso fosse a prática de infidelidade ou prostituição, visto que às mulheres infiéis só restava a pena de morte (cf. Lv 20.10; Dt 22.20-22). Mas a visão de Shammai era bem aceita por grande parte dos intérpretes da Lei. Veremos que Jesus corroborou esse pensamento, quando doutrinou sobre o assunto.

## A Escola de Hillel

Este era um rabino de visão liberal, e favorecia a posição do homem em relação à mulher. Para ele, o homem poderia deixar sua mulher, divorciando-se dela, "por qualquer motivo", por qualquer "coisa feia", ou "coisa indecente". Tais coisas seriam as que já enumeramos antes: andar de cabelos soltos, falar com homens que não fossem seus parentes, maltratar os sogros, falar muito alto, etc. Assim, o homem podia divorciar-se a seu bel-prazer. Com isso, o divórcio, ao invés de proteger a mulher, dando-lhe direito a uma nova oportunidade de constituir um lar, fê-la uma vítima em potencial dos caprichos machistas da época. Segundo o Dr. Alfred Edersheim, a mulher podia, "como exceção, divorciar-se, no caso de ser o marido leproso ou trabalhar em serviço sujo, por exemplo, em curtume ou em caldeira, e também no caso de apostasia religiosa, caso abraçasse uma religião herética" (citado em *Divórcio à Luz da Bíblia*, p. 30). Esse último conceito não tem base veterotestamentária. Era uma evolução da lei judaica.

## O DIVÓRCIO NOS EVANGELHOS

É neste ponto que entramos na apreciação do que podemos concluir em termos da ética cristã, com relação ao divórcio. O Antigo Testamento deveria ser observado integralmente pelos judeus. O Novo Testamento nos dá as diretrizes, normas e princípios a serem seguidos pelos cristãos. Como vimos no Capítulo 3, as bases da ética de Cristo têm relação com os preceitos legais do Antigo Testamento, aos quais o Senhor deu novo sentido e nova dimensão, em termos espirituais e práticos. A base do entendimento sobre o divórcio, na ótica neotestamentária, está assentada no Antigo Testamento. E Jesus partiu dela para estabelecer sua doutrina sobre o assunto. No Sermão do Monte, célebre discurso de Jesus, Ele pregou sobre as verdadeiras leis do seu Reino. A partir da pergunta feita

por um grupo de fariseus, o Mestre ministrou o mais profundo ensino bíblico sobre o posicionamento cristão perante a dura realidade das relações conjugais prejudicadas por motivos que contrariam a vontade de Deus.

## A Pergunta dos Fariseus

Procurando encontrar algo para incriminar Jesus, os fariseus indagaram-lhe: "É lícito ao homem repudiar sua mulher *por qualquer motivo?*" (Mt 19.3b — ênfase minha). Foi a pergunta que deu origem à discussão sobre o divórcio no Novo Testamento. Ao sublinhar "por qualquer motivo", os fariseus estavam imbuídos da idéia esposada pela escola do rabino Hillel, que defendia o direito de o homem dar carta de divórcio à mulher por qualquer "coisa feia", como já vimos.

## A Doutrina Original

Jesus, respondendo aos interlocutores, relembrou o "princípio" de todas as coisas, quando, no Éden, Deus fez o ser humano "macho e fêmea", e disse: "Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne" (cf. Gn 2.24), e que, nessa união (apego), não são dois, "mas uma só carne", e concluiu: "Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem" (Mt 19.6). Esta é a doutrina originária, que reflete o plano de Deus para o casamento, considerando-o uma união indissolúvel, a não ser por causa de morte. Reflete a vontade diretiva do Criador do casamento.

Não satisfeitos, os fariseus insistiram: "Então, porque mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio e repudiá-la?" (Mt 19.7) Nota-se que a pergunta inicial não questionava o divórcio em si, mas se era lícito "por qualquer motivo". Naquele tempo, o divórcio era prática muito comum, pois era mais aceita a doutrina do rabino Hillel. Veja-se o caso da mulher samaritana,

que já tivera cinco maridos, sendo, provavelmente, divorciada cinco vezes (cf. Jo 4.18). E os fariseus queriam jogar Jesus contra a opinião dos que valorizavam o repúdio "por qualquer motivo" (falar demais, queimar o pão, ficar feia, gorda, gritar com o marido, etc.).

### A Doutrina de Jesus

Respondendo à pergunta insistente, Jesus explicou que Moisés *permitiu* dar carta de repúdio às mulheres, "por causa da dureza dos vossos corações". A pergunta estava respondida. Moisés formulou uma doutrina permissiva quanto ao divórcio, visando proteger as mulheres do abandono pelos maridos de corações duros, o que as exporia à prostituição e à miséria. Com a carta, elas podiam casar de novo. Entretanto, Jesus quis externar sua doutrina, *também de caráter permissivo*, porém com uma única restrição, ou exceção. Ao invés de satisfazer o desejo dos fariseus, que admitiam o divórcio "por qualquer motivo", o Mestre disse: "Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, *não sendo por causa de prostituição, e casar* com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério" (Mt 19.9 — ênfase minha). "O verbo repudiar (Gr. *apolyo*), quer dizer 'libertar', 'deixar ir', 'dar carta livre', usado com o sentido de divórcio, em Mateus 19.9, Marcos 10.2 e Lucas 16.18" (ibidem, p. 32).

## EXCEÇÃO PARA O DIVÓRCIO, E NOVO CASAMENTO, SEGUNDO JESUS

### O Divórcio a Pedido do Homem

Jesus definiu que o homem só pode se divorciar de sua mulher "e casar com outra", se houver infidelidade por parte dela. Numa outra versão bíblica se lê: "exceto por causa de infidelidade conjugal" ou "relações sexuais ilícitas". As expressões querem dizer a mesma coisa. A palavra exceto, no grego, é *parektos*, indicando a exceção à regra. Jesus doutrinou,

sem dúvida alguma, que é permitido o divórcio, com a possibilidade de haver novo casamento, mas somente no caso de prostituição, ou infidelidade conjugal. A palavra grega para prostituição é *porneia*, "que aparece 26 vezes no Novo Testamento, significando 'prostituição', 'incastidade', 'fornicação', 'adultério', 'imoralidade', 'qualquer tipo de relação sexual ilícita'" (ibidem, p. 33). Há quem se fixe na primeira resposta de Jesus, dizendo: "O que Deus ajuntou não separe o homem". Com isso, insistem em que Jesus não aprova o divórcio. É verdade, Ele não aprova, *mas permite*, pois o adultério separa o que Deus ajuntou, rompendo o vínculo matrimonial.

Em nosso ministério de aconselhamento, já tivemos oportunidade de lidar com casos muito sérios de infidelidade conjugal. Um jovem evangélico de 22 anos casou-se com uma jovem da mesma igreja. Com três meses de união, a jovem esposa disse para o marido que não queria mais ter relações sexuais com ele, por sentir nojo dele. O jovem esposo nos procurou, pedindo uma orientação sobre o problema. Demos o devido aconselhamento, mas solicitamos que ele procurasse trazer a esposa para receber também os conselhos necessários, visando à restauração do equilíbrio do casamento, realizado há tão pouco tempo. Ficamos esperando que isso acontecesse, porém os meses se passaram e o jovem não mais voltou, muito menos com a esposa.

Tempos depois, ao encontrá-lo, indaguei-lhe sobre o seu casamento. Ele respondeu que a esposa o abandonara, e que passara a se prostituir com outros homens. Aquele jovem queria saber, diante disso, se poderia divorciar-se e casar-se novamente. Como todo aconselhamento cristão deve ter fundamento bíblico, oramos sobre o assunto, e concluímos que Jesus, em seu profundo amor e interesse pelo ser humano, houvera dado, em sua doutrina, a permissibilidade para nova oportunidade de casar, ao homem vítima de uma infidelidade maligna e cruel. Se assim não fosse, aquele jovem, na condição de cônjuge fiel, seria punido duas vezes. Uma, pelo Diabo, que laçou sua esposa, levando-a à prostituição. Outra, pela

Palavra de Deus, que o impediria de normalizar sua vida social, emocional e sexual, aos 22 anos de idade! Seria o celibato forçado, a solidão imposta pela mesma Palavra que diz: "Não é bom que o homem esteja só" (Gn 2.18). Mas graças a Deus que não é assim. O Evangelho de Cristo é sábio, justo e bom. Jesus não incentiva, nem aprova o divórcio, mas o permite um meio de reparar um dano moral de conseqüências drásticas, um direito ao cônjuge que permanece fiel a Deus e ao casamento.

## O Divórcio a Pedido da Mulher

Em Marcos 10.11,12, lemos o seguinte: "E ele lhes disse: Qualquer que deixar a sua mulher e casar com outra adultera contra ela. E, se a mulher deixar a seu marido e casar com outro, adultera". Nesse texto, vemos que Jesus foi além da legislação judaica, demonstrando que a mulher também tem os mesmos direitos do homem, podendo pedir divórcio, caso o marido seja infiel. Não poderia ser diferente. Jesus trouxe um novo modelo de relacionamento entre as pessoas, fundamentado no amor, na equidade, e na justiça. Na lei dos judeus, só o homem poderia pedir divórcio. A mulher, não. Era uma legitimação do costume oriental, que de certa forma considerava a mulher em posição inferior ao homem.

No Novo Testamento, essa visão foi totalmente modificada. S. Paulo ensina: "Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; *não há macho nem fêmea;* porque todos *vós sois um* em Cristo Jesus" (Gl 3.26-28 — ênfases minhas). Esse texto demonstra a igualdade das pessoas que já se revestiram de Cristo, independente de raça, situação social, ou de sexo. Assim, se ao homem é dado o direito de separar-se da esposa, quando esta comete infidelidade, e casar com outra; à mulher, da mesma forma, é conferido o mesmo direito, "porque, para com Deus, não há acepção de pessoas" (Rm 2.11). Se alguém deseja ficar aquém, ou ir além desse entendimento,

parece-nos uma fuga do que ensina a Palavra de Deus, por preconceito, equívoco, ou algum motivo estranho.

## O Divórcio na Visão Paulina

O apóstolo S. Paulo enfrentou alguns dos maiores questionamentos que perturbaram a Igreja cristã nos seus primórdios. Um deles sem sombra de dúvidas foi a questão do divórcio. E ele soube posicionar-se com elevado discernimento espiritual, sob a direção divina. Interpretando a doutrina de Cristo sobre o divórcio, o apóstolo dos gentios apresentou sérias argumentações doutrinárias a respeito do assunto. Meditemos nelas.

### Morte para a lei

> Não sabeis vós, irmãos (pois que falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive? Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; mas, morto o marido, está livre da lei do marido. De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera se for doutro marido; mas, morto o marido, livre está da lei e assim não será adúltera se for doutro marido. Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus (Rm 7.1-4).

Há quem use esta passagem como argumento contrário ao divórcio, principalmente com base nos versículos 2 e 3. Uma análise cuidadosa do texto, no entanto, mostra-nos que o propósito do apóstolo não era propriamente doutrinar sobre o divórcio, mas, sim, sobre a fidelidade a Cristo, visto que a Lei do Antigo Testamento houvera dado lugar ao Evangelho de Cristo. No texto, S. Paulo se dirige aos judeus crentes ("pois falo aos que sabem a lei"), enfatizando a indissolubilidade do casamento,

de acordo com a Lei. Os judeus sabiam que podiam divorciar-se por duas razões: pela morte, ou "por qualquer motivo". Paulo mostra que a mulher só pode ser de outro homem se o esposo morrer, *dentro da regra geral.* Não se refere às exceções (Mt 19.9 e 1 Co 7.15). Não havendo *infidelidade ou morte*, a mulher não poderia ser de outro marido. Com base nessa idéia, o apóstolo enfatiza que o cristão está morto para a Lei, perdendo esta seu efeito sobre sua vida: "Mas, agora, estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra" (v.6).

Se tomarmos esse texto como base para a indissolução absoluta do casamento, teremos que concluir que uma serva de Deus, fiel ao Senhor e a seu marido, terá de ficar presa pelos laços do casamento a um marido descrente, infiel, mulherengo, traficante de drogas, ou a um criminoso sexual, podendo apenas buscar a "separação de corpos e bens". Ou teremos de admitir que um homem de Deus, santo, irrepreensível, fiel a Deus e à sua esposa, terá de permanecer sozinho (embora Deus determinou que não é bom o homem viver só), por causa de uma infidelidade da esposa descrente, que pode até tornar-se uma prostituta (como há casos assim). Mas parece-nos bem razoável que não seja essa a vontade de Deus, na interpretação de S. Paulo. Em sua argumentação, ele se volta para dois casos muito significativos: aos casais crentes, e "aos outros".

## Aos casais crentes

"Todavia, *aos casados*, mando, não eu, mas o Senhor, que a mulher se não aparte do marido. Se, porém, se apartar, que fique sem casar ou que se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher" (1 Co 7.10 — ênfase minha). Esta passagem refere-se aos "casais crentes", os quais não devem divorciar-se. Essa é a "regra geral". Se não houver algum dos motivos permissivos (Mt 19.9 e 1 Co 7.15), não há qualquer justificativa para o casal crente se divorciar. Sabemos que há cristãos que

são, na prática, "discípulos" de Hillel, que querem o divórcio "por qualquer motivo". Se há desentendimentos, incompatibilidade de gênio, ou se a esposa ficou feia (ou o marido), o caminho não é o divórcio, mas a reconciliação com o perdão sincero, ou o celibato, caso sejam esgotados todos os recursos para a vida em comum. Não vemos, na Bíblia, qualquer razão que justifique o divórcio para os casais cristãos, quando não há as exceções previstas na Palavra de Deus.

## Aos casais mistos

"Mas, *aos outros*, digo eu, não o Senhor: se algum irmão tem mulher descrente, e ela consente em habitar com ele, não a deixe. E se alguma mulher tem marido descrente, e ele consente em habitar com ela, não o deixe" (1 Co 7.12,13 — ênfase minha). Valorizando a família, a Palavra de Deus reconhece a união de um cônjuge, que aceita a Cristo, e a esposa (ou o esposo) continua na incredulidade, ou de um fiel, cujo cônjuge se desvia. Entretanto, no caso de o cônjuge descrente (ou desviado) quiser abandonar o crente fiel, pedindo divórcio, este não pode ficar "sujeito à servidão", ou seja, sob o jugo de um casamento insuportável. Há casos em que o descrente vive na prostituição, com risco de levar doenças para a esposa; ou é beberrão contumaz, ou que espanca a esposa, proibindo-a de ser crente, etc. O crente não deve tomar a iniciativa do divórcio. Deve deixar que o descrente o faça: "Mas, se o descrente se apartar, aparte-se; porque neste caso o irmão, ou irmã, não está sujeito à servidão; mas Deus chamou-nos para a paz" (v. 15).

Entendimento semelhante tem o pastor Esequias Soares, considerando este último caso a "exceção paulina", segundo a qual "numa situação como essa nem o irmão nem a irmã está sujeito à servidão. Houve a dissolução do vínculo matrimonial. O cônjuge crente, portanto, está livre para se casar com quem quiser, dede que 'seja no Senhor'" (ibidem, pp. 48-49) (cf. 1 Co 7.39).

Na Bíblia de Estudo Pentecostal, encontramos uma nota sobre o tema, em que os estudiosos do assunto abordam a interpretação permissiva de Jesus:

> A vontade de Deus para o casamento é que ele seja vitalício, i.e., que cada cônjuge seja único até que a morte os separe (vv. 5,6; Mc 10.7-9; Gn 2.24 nota; Ct 2.7 nota; Ml 2.14 nota). Neste particular, Jesus cita uma exceção, a saber, a prostituição (gr. *porneia*), palavra esta que no original inclui o adultério ou qualquer outro tipo de imoralidade sexual (5.32; 19.9). O divórcio, portanto, deve ser permitido em caso de imoralidade sexual, quando o cônjuge ofendido se recusar a perdoar. (1) Quando Jesus censura o divórcio em 19.8,9, não estava referindo-se à separação por causa de adultério, mas ao divórcio como permitido no AT em casos de incontinência pré-nupcial, constatada pelo marido após a cerimônia do casamento (Dt 24.1). A vontade de Deus em tais casos era que os dois permanecessem juntos. Todavia, Ele permitiu o divórcio, por incontinência pré-nupcial, por causa da dureza de coração das pessoas (vv. 7,8). (2) No caso de infidelidade conjugal depois do casamento, o AT determinava a dissolução do casamento com a execução das duas partes culpadas (Lv 20.10; Êx 20.14; Dt 22.22). Isto, evidentemente, deixaria o cônjuge inocente livre para casar-se de novo (Rm 7.2; 1 Co 7.39). (3) Sob a Nova Aliança, os privilégios do crente não são menores. Embora o divórcio seja uma tragédia, a infidelidade conjugal é um pecado tão cruel contra o cônjuge inocente, que este tem o justo direito de pôr termo ao casamento mediante o divórcio. *Neste caso, ele ou ela está livre para casar-se de novo com um crente* (1 Co 7.27,28) [Nota referente a Mt 19.9, p. 1427 — ênfase minha].

Em nenhum momento, neste capítulo, desejamos incentivar o divórcio. O casamento deve ser realizado dentro de uma perspectiva para

toda a vida, até que a morte separe o casal. Entretanto, a vida conjugal é complexa, e podem surgir casos em que a convivência torna-se insuportável. As exceções, na Bíblia, são prova do amor de Deus para com os que permanecem fiéis aos seus princípios para o casamento, não os condenando a uma vida inteira sob o jugo de uma penosa servidão a um infiel, desviado ou incrédulo. No exemplo citado no início deste capítulo, em que uma serva de Deus estava sofrendo, nas mãos de um esposo descrente e violento, não aconselhamos o divórcio, mas dissemos que ela poderia recorrer a essa solução, ou esperar um milagre de Deus. Este último caminho foi o que ela escolheu. Passou a orar ao Senhor, e, um dia, seu esposo aceitou a Cristo, tornando-se um bom esposo e um abençoado servo do Senhor. Que Deus abençoe os casais crentes, que vivam unidos e felizes, sob a direção do Senhor, e nunca precisem recorrer à "cirurgia" do divórcio.

Capítulo 8

# O Cristão e a Pena de Morte

Já é bem do conhecimento do público o caso do "maníaco do parque", um jovem que violentou diversas moças, em São Paulo, estuprando-as, torturando-as e matando-as em seguida, numa demonstração de sadismo e perversidade brutal. A imprensa, ouvindo a opinião da população, concluiu que grande parte das pessoas gostaria de ver a pena capital ser aplicada em casos como este. Por outro lado, há também os que são totalmente contrários a tal solução, alegando o valor absoluto da vida, e até por buscarem razões de ordem econômica e social para a existência de pessoas desajustadas socialmente. Em países, como nos Estados Unidos, onde existe a pena de morte sob o amparo da lei, casos como o acima citado, em certos estados, são tratados com o rigor máximo da pena capital.

"E, ouvindo-o Rúben, livrou-o das suas mãos e disse: Não lhe tiremos a vida" *(Gn 37.21)*

Em certos países do Oriente, pessoas são levadas à condenação com pena de morte por diversos motivos, inclusive por questões de religião e por desrespeito aos costumes adotados pela sociedade. Não é fácil o posicionamento cristão diante de casos em que a vida está em jogo, envolvendo situações de justiça, ou de injustiça. A pena capital é tema de abordagem complexa, polêmica e controversa.

Entretanto, desejamos refletir sobre o mesmo, buscando um embasamento bíblico-teológico à luz da ética cristã.

## A PENA DE MORTE NO ANTIGO TESTAMENTO

Com a entrada do pecado no mundo, a natureza humana foi transtornada. O ser humano passou a conhecer a desarmonia. A morte física, seguiu-se à morte espiritual, com a separação de Deus (Gn 2.17; Ef 2.5). Foi um preço alto demais, resultado do conhecimento do pecado. Além de doenças, dor, separação, lágrimas, tristezas, angústias, o homem conheceu que dentro de si manifestavam-se sentimentos estranhos contra o seu semelhante. Se antes da queda podia olhar para o outro com alegria, satisfação e amor; após a tragédia do pecado, ele passou a experimentar o medo, a inveja e o ódio por seu irmão, quando contrariado em seus interesses pessoais. A guerra entre o homem e seu semelhante teve no pecado as sementes malignas, que não tardariam a brotar.

### A Origem dos Crimes de Sangue: O Primeiro Homicídio

Dá-nos entender a Bíblia, que após a queda, o ser humano multiplicou-se na face da terra. Era permitido o casamento consangüíneo, em que irmãos casavam-se com suas irmãs, propiciando a multiplicação da espécie. Há quem pense que, quando do episódio da morte de Abel, só existissem quatro pessoas na terra. Certamente, não foi bem assim, como veremos na análise a seguir.

A Bíblia diz que Eva teve um filho a quem chamou de Caim, dizendo: "Alcancei do Senhor um varão", e que teve um segundo filho, a quem pôs o nome de Abel. O primeiro foi "lavrador da terra"; o segundo, Abel, "foi pastor de ovelhas" (Gn 4.1,2).

Diz o relato bíblico que:

> ... ao cabo de dias, que Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao Senhor. E Abel também trouxe dos primogênitos das

> suas ovelhas, e da sua gordura: e atentou o Senhor para a Abel e para a sua oferta, mas para Caim e para a sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o seu semblante. E o Senhor disse a Caim: Por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante? Se bem fizeres, não haverá aceitação para ti? E se não fizeres bem, o pecado jaz à porta, e para ti será seu desejo, e sobre ele dominarás (Gn 4.3-7).

No texto transcrito, vemos o que poderia acontecer ao homem após a queda. O sentimento de ira brotou em Caim, de modo muito forte. Deus, em sua bondade, advertiu Caim sobre o que estava se passando em seu ser, indagando-lhe sobre o motivo de sua reação tão negativa. Caim nada respondeu ao Criador. Mesmo assim, o Senhor o alertou para o perigo de deixar-se levar pelo sentimento carnal, dizendo-lhe que o pecado estava à porta, mas que ele poderia dominá-lo.

## O Inocente É Morto

Com a revolta guardada no peito, Caim alimentou um sentimento de inveja e ira contra Abel, que nada tinha a ver com o julgamento de Deus quanto ao valor dos sacrifícios apresentados por ele e por seu irmão. Se Deus aceitou sua oferta e não a de Caim, ele não tinha qualquer culpa por isso. Mas a Bíblia diz que "... falou Caim com o seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caim contra o seu irmão Abel e o matou" (Gn 4.8). Não é revelado como o primeiro homicida tirou a vida de seu irmão. Se o estrangulou, se usou um pedaço de madeira, ou uma pedra, ou qualquer outro objeto para o crime. Assim começou a história de crimes hediondos na face da terra. Um inocente pagou com a vida.

Ao que tudo indica, Caim ouviu de Deus a solene e grave pergunta: "E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra" (Gn 4.10). O clamor do sangue era clamor pela justiça divina. Deus

comutou a pena de morte contra Caim, mas decretou que quem o matasse seria castigado sete vezes: "Eis que hoje me lanças da face da terra, e da tua face me esconderei; e serei fugitivo e errante na terra, e será que todo aquele que me achar me matará. O Senhor, porém, disse-lhe: Portanto, qualquer que matar a Caim sete vezes será castigado" (Gn 4.14,15). Isso nos mostra que Deus não consentiu ao homem tirar a vida de seu semelhante, por iniciativa própria. Veremos que tal penalidade só viria a ser efetivada com a determinação do próprio Deus, que é o criador e doador da vida.

## No Pacto com Noé

Se, no caso de Caim, a pena capital está implícita, no pacto que Deus fez com Noé, ela já aparece de modo claro e direto: "Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado; porque Deus fez o homem conforme a sua imagem" (Gn 9.6). Certamente, o Criador teve em mente dissuadir os que quisessem continuar com a maldade e a violência perpetrada contra seus semelhantes, como na civilização antediluviana, quando "viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente" (Gn 6.5). Nesta passagem, entendemos que o crime de homicídio tinha a mais veemente reprovação do Criador, a ponto de Ele prever que quem matasse seu semelhante deveria ser morto. Se no caso de Caim, Deus o marcou de tal forma que ninguém o matasse, com a multiplicação da maldade humana sobre a terra, Ele resolveu adotar uma forma drástica de dissuasão, que seria a pena de morte para os assassinos de seus irmãos.

## O Caso de Acã

Sucedendo a Moisés, o líder Josué teve de enfrentar situações de enorme gravidade. Na conquista de Jericó, foi determinada uma interdição, sob anátema, segundo a qual ninguém de Israel poderia tocar no despojo

da cidade maldita. Entretanto, a cobiça humana às vezes ignora leis, normas e recomendações até do próprio Deus. Assim, "prevaricaram os filhos de Israel no anátema; porque Acã, filho de Carmi, filho de Zabdi, filho de Zerá, da tribo de Judá, tomou do anátema, e a ira do Senhor acendeu contra os filhos de Israel" (Js 7.1). Em conseqüência, Israel foi derrotado diante de um pequeno exército, da cidade de Ai. E Deus decretou a pena capital, não só contra Acã, mas incluiu no castigo toda a sua família. "E será que aquele que for tomado com o anátema será queimado a fogo, ele e tudo quanto tiver, porquanto transgrediu o concerto do Senhor e fez uma loucura em Israel" (Js 7.15). A sentença foi executada de modo terrível e inapelável, como vemos a seguir:

> Então, Josué e todo o Israel com ele tomaram a Acã, filho de Zerá, e a prata, e a capa, e a cunha de ouro, e a seus filhos, e a suas filhas, e a seus bois, e a seus jumentos, e as suas ovelhas, e a sua tenda, e a tudo quanto tinha e levaram-nos ao vale de Acor. E disse Josué: Por que nos turbaste? O Senhor te turbará a ti este dia. E todo o Israel o apedrejou com pedras, e os queimaram a fogo e os apedrejaram com pedras (Js 7.24,25).

## Na Lei de Moisés

Na época do líder de Israel, não só a pena de morte era praticada, mas foi ampliada de modo radical, em diversos casos: homicídio doloso, premeditado (Êx 21.12-14); adultério (Lv 20.10-21); seqüestro de pessoas (Êx 21.16; Dt 24.7); homossexualismo (Lv 18.22; 20.13); sexo com animais, ou bestialidade (Êx 22.19); profecias falsas (Dt 13.1-10); crime de blasfêmia (Lv 24.11-14); sacrifícios a deuses estranhos (Êx 22.20); profanação do dia de descanso (Êx 35.2; Nm 15.32-36); desobediência contumaz aos pais (Dt 17.12; 21.18-21). O radicalismo na aplicação da pena de morte evoluiu, chegando à "lei de Talião": "Mas, se houver morte, então, darás vida por

vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé" (Êx 21.23,24). O leitor pode perceber que a evolução da pena de morte, no Antigo Testamento, passando de ser prevista para "quem matar Caim...", até à sua aplicação para outros tipos de delitos considerados graves diante de Deus.

No livro de Êxodo, capítulo 20, versículo 13, lemos: "Não matarás". É o sexto mandamento da Lei de Moisés, que lhe foi dada pelo próprio Deus. Como vimos no Capítulo 3 deste livro, a vontade diretiva de Deus, o Criador da vida, é que ninguém seja morto por outro ser semelhante seu. Mas, com o avanço da malignidade humana, no capítulo 21, já se lê diferente: "Quem ferir alguém, que morra, ele também certamente morrerá; porém, se lhe não armou ciladas, mas Deus o fez encontrar nas suas mãos, ordenar-te-ei um lugar para onde ele fugirá. Mas, se alguém se ensoberbecer contra o seu próximo, matando-o com engano, tirá-lo-ás do meu altar para que morra. O que ferir a seu pai ou a sua mãe certamente morrerá. E quem furtar algum homem e o vender, ou for achado na sua mão, certamente morrerá" (vv. 12-16).

## A PENA DE MORTE NO NOVO TESTAMENTO

### Nos Evangelhos

Passa despercebido o fato de que, em todo o decurso do ministério de Cristo, na terra, Ele trouxe uma nova aliança de Deus com o homem, uma nova doutrina, de amor e de graça salvadora, ao mesmo tempo em que cumpria a Lei de Moisés. Assim, Ele deu respaldo à pena imposta pelo sinédrio, quando diz: "Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo. Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo, e qualquer que chamar a seu irmão de raca será réu do Sinédrio; e qualquer que lhe chamar de louco será réu do fogo do inferno" (Mt 5.21,22). Sem dúvida, ser "réu de juízo" (v.21) para o homicida era ser

morto, também (Êx 21.12-14). Na lei de Cristo, para ser "réu de juízo" não é preciso ser um assassino, basta que alguém se encolerize contra seu irmão.

Não será uma contradição, entender-se que Cristo tenha dado respaldo à pena capital, ao mesmo tempo em que manda amar os inimigos (Mt 5.44) e dar uma face a quem bater na outra (Lc 6.29)? Podemos entender que Jesus ministrava ensinos de amor, justiça e paz, como regra geral para seus seguidores. Entretanto, Ele admitia a punibilidade e o castigo através da autoridade legalmente constituída, contra os transgressores da lei. Jesus não doutrinou contra a pena capital. Ele mesmo submeteu-se a ela, cumprindo toda a Lei (cf. Mt 5.17; Gl 13.13).

## O Caso da Mulher Adúltera

Esse episódio, nos ensinos de Cristo (Jo 8.1-11), tem sido usado como argumento contra a pena de morte, mostrando que Cristo, ao invés de apoiar os que queriam apedrejar a mulher adúltera, a perdoou. É necessária uma leitura mais detida no texto. Primeiro, foram os fariseus que trouxeram a mulher. Eram acusadores. Mas, onde estavam as testemunhas exigidas pela Lei (Nm 35.30)? Segundo, a Lei dizia que deveriam ser condenados à morte ambos, o adúltero e a adúltera (Lv 20.10), mas só tiveram coragem de trazer a mulher. Se Jesus houvesse aprovado a condenação da mulher, seria acusado de parcialidade, e descumprimento da Lei. Assim, Ele cumpriu formalmente a Lei, não aceitando a acusação ilegítima, e aplicou soberanamente a lei da graça e do seu sublime amor, não condenando a pecadora, mas exortando-lhe a que não pecasse mais.

## Nos Atos dos Apóstolos

Em Atos 5, vemos o caso de Ananias e Safira, que foram fulminados um após o outro, por terem mentido, usado de falsidade ideológica, e

se conluiarem num ato indigno, usando o dinheiro que seria dado como oferta. Se hoje houvesse isso só Deus sabe quantos seriam destruídos. Note-se que Deus aplicou a pena de morte através dos apóstolos, não se repetindo esse fato em qualquer outra ocasião. Tal fato indica que o Senhor não quer que a pena capital seja uma regra para nenhum povo. A lei de Cristo é a lei do amor, da graça, da bondade, do perdão.

## Nas Epístolas

O apóstolo S. Paulo, autor da maioria das epístolas, era conhecedor profundo das leis de seu tempo. E era homem usado por Deus numa dimensão fora do comum. Doutrinando sobre as relações entre o cristão e o Estado, ele diz que:

> Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus. Por isso, quem resiste à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a autoridade? Faze o bem e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, *pois não traz debalde a espada*; porque é ministro de Deus e vingador para castigar o que faz o mal (Rm 13.1-4 — ênfase minha).

Aqui, vemos que a autoridade humana (o princípio da autoridade) emana de Deus, e que os magistrados, quando agem legitimamente, estão agindo na autoridade de Deus, trazendo a espada (pena de morte) como "ministro de Deus e vingador para castigar o que faz o mal".

## POSICIONAMENTO CRISTÃO

Como se vê, mesmo sob a égide do Novo Testamento, o cristão não pode dizer que a pena de morte não tenha respaldo bíblico, quando aplicada em casos extremos, de crimes hediondos, com requintes de crueldade e perversidade, levada a efeito por autoridade legal, legítima e competente. Observem-se bem as qualificações da autoridade ou do magistrado. Tem respaldo bíblico, certamente. Não tem apoio bíblico, no entanto, a pena de morte ou qualquer outro castigo, imposto por autoridade ilegítima, ou com fins legais, mas ilegítimos. No caso de países em que cristãos ou outras pessoas são condenadas por causa de sua fé, há legalidade, mas não há legitimidade, diante de Deus. Contudo, considerando que as leis humanas são falhas; que há "erros judiciários", em que inocentes têm sido condenados em lugar de culpados; que há perseguições políticas, religiosas, e abusos de autoridade, entendemos que o cristão não dever ser favorável à pena de morte. É preferível que, em casos gravíssimos de crimes hediondos, seja aplicada *a pena de prisão perpétua*, em que o criminoso tem oportunidade de se recuperar, e até de ser um crente em Jesus.

Dessa forma, ninguém tem o direito de tirar a vida de alguém, exceto como ato judicial, legal, legítimo e coerente com os princípios do código divino, que é a Palavra de Deus. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, encontramos a pena capital como recurso punitivo para os criminosos, praticantes de atos violentos ou hediondos contra a pessoa ou contra Deus. Por estranho que pareça, há respaldo bíblico para esse tipo de pena, não como regra, mas como exceção. No entanto, nosso entendimento é que, sendo falha a justiça humana, é preferível que, por pior que seja o criminoso, não se lhe subtraia a vida, mas sua liberdade, como castigo pelos atos infames, praticados contra a sociedade. A vida é um dom de Deus. Só a Ele cabe concedê-la ou suprimi-la, direta ou indiretamente, sem que se configure um crime.

Capítulo 9

# O Cristão, a Eutanásia e o Suicídio

Um certo irmão estava na UTI de um hospital. Os médicos concluíram que não haveria mais solução para a sua doença. Todos os esforços seriam inúteis e custosos. O que a família deveria fazer? Continuar o tratamento custoso? Desligar os aparelhos? Em certas ocasiões, o sofrimento de uma pessoa a induz ao desespero, a ponto de desejar a morte. Muitos têm recorrido ao suicídio, como se fosse uma porta de emergência, para escapar da dor. Outros, em estado terminal, sentem-se desiludidos, sem esperança, e sem solução, desejando o alívio da morte. Por vezes, familiares são levados a pensar no recurso à eutanásia, como meio de aliviar o sofrimento de uma enfermidade cruel. Contudo, o que podemos dizer como cristãos acerca disso? Não temos uma resposta fácil. Mas desejamos refletir sobre os dois temas, da eutanásia e do suicídio, com base na Palavra de Deus.

"O Senhor é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz tornar a subir dela" *(1 Sm 2.6)*

No livro de Jó, capítulo 2, encontramos uma terrível indução ao suicídio, que foi rechaçada pela fidelidade desse homem, considerado em sua época o maior do Oriente, sendo reto, temente a Deus, e que sabia desviar-se do mal:

> Então, saiu Satanás da presença do Senhor e feriu a Jó de uma chaga maligna, desde a planta do pé até ao alto da cabeça. E Jó, tomando um pedaço de telha para raspar com ele as feridas, assentou-se no meio da cinza. Então, sua mulher lhe disse: Ainda reténs a tua sinceridade? Amaldiçoa a Deus e morre. Mas ele lhe disse: Como fala qualquer doida, assim falas tu; receberemos o bem de Deus e não receberíamos o mal? Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios (Jó 2.7-10).

O patriarca Jó sofreu tremendo revés em sua vida, quando foi alvo da sanha do Diabo, com permissão de Deus. Após perder todos os bens materiais, e também seus filhos, numa tragédia sem par, ele foi atingido por uma enfermidade de origem maligna, que acometeu todo o seu corpo, deixando-o numa situação humilhante, a ponto de rapar-se com um pedaço de telha. Sua esposa, que não deveria ser muito sábia, ou não ter um nível espiritual à altura de um homem do quilate de Jó, praticamente o aconselhou a suicidar-se. Mas o homem de Deus, numa demonstração de que a fé fala mais alto do que a descrença, e que se pode encontrar forças sobre-humanas em horas de grande aflição, repeliu aquele conselho maligno de sua própria esposa, e venceu aquela prova tremenda, de caráter espiritual, emocional e físico, não abrindo seus lábios para pecar contra Deus.

Com o exemplo deixado por Jó, podemos concluir que nada justifica o suicídio para o crente em Cristo Jesus, que é salvo e redimido por seu sangue. Todos os ataques do Diabo contra a vida de um cristão podem ser repelidos e derrotados com o poder da fé, da Palavra de Deus, e do sangue de Jesus.

No livro de Provérbios, vemos uma referência ao uso de bebida forte como entorpecente, o que seria uma forma de auxiliar o moribundo a ter uma morte menos dolorosa, um tipo de eutanásia. "Dai bebida forte aos que perecem, e o vinho, aos amargosos de

espírito" (Pv 31.5). Mais adiante, desejamos refletir sobre esse importante tema, que desafia a ética cristã, neste tempo em que o relativismo parece dominar as mentes, até mesmo de alguém que tem o dever de contribuir para a formação de opinião, no meio dos evangélicos e cristãos em geral.

## O VALOR DA VIDA NA PALAVRA DE DEUS

### Deus – O Autor da Vida

Diz o Gênesis: "E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente" (Gn 2.7). Muito longe da Teoria da Evolução, a Bíblia afirma que o Criador foi quem formou o homem, utilizando "o pó da terra", ou seja, as substâncias químicas que há na argila. E Ele lhe deu o "fôlego da vida", fazendo-lhe "alma vivente", um ser vivo, animado, com raciocínio e consciência, distinto dos animais, a quem o Criador deu instinto, mas não a capacidade intelectiva. Numa percepção acurada, em meio à revelação que o Senhor lhe deu, em sua experiência terrível, Jó exclamou: "O Espírito de Deus me fez; e a inspiração do Todo-Poderoso me deu vida" (Jó 33.4).

Deus é o Autor da vida! Falando aos atenienses, S. Paulo disse com muita propriedade, acerca do Deus verdadeiro: "... pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas" (At 17.25). Aqui, vemos que a vida biológica é dada por Deus a todos os seres animados. Quando Deus falou a Noé, depois do dilúvio, deu-lhe o direito de comer de todo o animal vivente, bem como a erva verde, mas proibiu comer a carne com o sangue, dizendo: "E certamente requererei o vosso sangue, o sangue da vossa vida; da mão de todo animal o requererei, como também da mão do homem e da mão do irmão de cada um requererei a vida do homem" (Gn 9.5). Deus requer a vida do homem, pois Ele é o seu autor e preservador.

## O Significado da Vida

O que é a vida? Parece uma pergunta muito elementar, mas muitas pessoas não sabem responder a essa questão. Para uns, é apenas o elemento que anima os seres vivos. Para outros, a vida é tão-somente uma conjugação de elementos químicos que se agregam, movimentando e provocando reações nos corpos dos animais, dos vegetais e dos seres humanos. A palavra "vida" vem do termo latino *vita*, que pode referir-se tanto à vida animal, vegetal, humana ou espiritual. Figuradamente, pode referir-se a um modo de viver, a um estado vivencial de alguém. No grego, o termo para vida é *bios*, referindo-se à vida biológica, tanto de vegetais como de animais, e do ser humano.

Em termos físicos, a vida "também pode ser encarada do ângulo de uma existência consciente e inteligente, o que sugere que as entidades orgânicas inferiores não possuem vida verdadeira" (*Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, p. 786).

Em termos espirituais, a vida só tem significado quando a pessoa está em comunhão com Deus, num relacionamento pleno, que só se realiza através de Cristo. A vida espiritual emana dEle: "Nele, estava a vida e a vida era a luz dos homens" (Jo 1.4); Ele é a própria vida: "Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, *e a vida*. Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6 — ênfase minha). O homem só tem a vida eterna em Cristo: "Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida" (Jo 5.24 ).

Neste capítulo, estamos buscando analisar as implicações quanto ao tirar a vida física de uma pessoa enferma, para quem, segundo as limitações médicas, não existe mais esperança de cura; e também quanto ao suicídio como solução para situações consideradas sem saída, e as conseqüências deste ato. Terá o homem o direito de tirar a própria vida, ou de tirar a vida de um semelhante que sofre dores atrozes para as quais não há mais

qualquer remédio? Não esqueçamos de que Deus "dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas".

As páginas da Bíblia nos mostram de modo cristalino que há um caráter sagrado na vida, mesmo na vida biológica. Deus entregou ao homem o direito de tirar a vida dos animais, como meio de propiciar-lhe as substâncias nutrientes necessárias para o seu desenvolvimento biológico, após a Queda. Antes, certamente, poderia ter sido apenas vegetariano. Mas jamais lhe deu o direito de tirar a vida de seu semelhante. Ao primeiro homicida, o Criador impingiu-lhe severa condenação. Partindo dessa idéia, de que Deus é o Autor da vida, à qual lhe imprimiu um caráter sagrado, é que estamos procedendo ao presente estudo.

## O CRISTÃO E A EUTANÁSIA

### O Significado da Eutanásia

A palavra vem do grego *eu*, com significado de "boa" e *thánatos*, que significa "morte". Da junção desses termos resulta eutanásia, dando a idéia de "boa morte". Tal conceito é aplicado aos casos em que o médico, usando meios a seu dispor, leva o paciente à "morte misericordiosa", aliviando-lhe o sofrimento. É o caso do doente acometido de um câncer generalizado, padecendo dores intensas, ou de outro tipo de enfermidade dolorosa, que provoca grande sofrimento. Há quem defenda a prática da eutanásia em casos dessa natureza.

Elio Sgreccia adota a definição formulada por Marcozzi, para a eutanásia, como sendo "a eliminação indolor ou por piedade de quem sofre ou presume-se estar sofrendo e possa sofrer no futuro de modo insuportável" (*Manual de Bioética*, p. 604). É definição que se harmoniza com o entendimento da Igreja Católica, através da "Declaração sobre a Eutanásia" (*Iura et bona*), da Sagrada

Congregação para a Doutrina da Fé, de 5 de maio de 1980, onde se lê que: "Entende-se por eutanásia uma ação ou uma omissão que, por sua natureza, ou nas intenções, busca a morte, como objetivo de eliminar toda a dor" (ibidem).

## TIPOS DE EUTANÁSIA

### Eutanásia Passiva

Segundo Champlin: "Na opinião da maioria, é uma medida moralmente aceitável. Essa forma de eutanásia consiste no desligamento de máquinas e aparelhos, capazes de manter artificialmente a vida do paciente sem os quais este morreria. A aplicação de drogas que aliviem as dores é uma prática universalmente aceita. Porém, há casos em que nenhuma droga surte efeitos, além de outras que vão gradualmente perdendo o seu efeito aliviador" (ibidem, p. 598). O referido autor defende a eutanásia passiva, afirmando: "Nada vejo de errado na forma passiva de eutanásia. De fato, muitos pacientes parecem ansiar que seus sofrimentos desnecessários terminem. O prolongamento desnecessário da vida, por parte de muitas autoridades médicas e outras, parece alicerçar-se na filosofia que diz, antes de tudo, que a vida física é a única vida que existe; e, em segundo lugar, que qualquer vida é melhor do que vida nenhuma. Ambas as idéias, porém, são absurdas" (ibidem, vol. 6, p. 791).

Dentro dessa visão, há a idéia de que a vida pertence ao indivíduo, e ele pode fazer dela o quem bem entender. Um outro argumento é o de que se o indivíduo está sofrendo grandemente, é moralmente correto dar-lhe meios para o alívio de suas dores. Os defensores da eutanásia passiva adotam um termo, talvez eufêmico, para justificar sua posição. Chamam-na de "morte assistida", advogando em prol da "dignidade da morte". Por outro lado, os que são contra essa prática, chamam-na de "suicídio assistido", merecendo o repúdio dos que defendem a ética cristã.

Deve-se salientar que a defesa da eutanásia é feita não apenas em relação a pacientes terminais, que sofrem de modo penoso, mas, também, em relação aos bebês, recém-nascidos, que são portadores de defeitos genéticos graves, os quais, segundo os defensores dessa idéia, devem ser eliminados, para não sofrerem e não serem um peso para a sociedade. Seria uma espécie de "eutanásia social". É ainda significativo lembrar que os nazistas utilizaram-se bastante da eutanásia, de modo oficial e programado, para eliminar os deficientes físicos e mentais.

## Eutanásia Ativa

Também chamada *eutanásia direta*. "É a interrupção deliberada da vida biológica de alguma maneira e não o mero desligamento de aparelhos médicos". Já há países em que o médico é autorizado, legalmente, a aplicar uma injeção letal, que leva o paciente terminal à morte em poucos minutos, sem que o mesmo sinta efeitos dolorosos.

Quanto a este tipo de eutanásia, Champlin diz: "Pessoalmente, não creio que possuímos conhecimento suficiente, sobre as questões morais, para nos manifestarmos, com toda segurança, acerca da *eutanásia ativa*" (ibidem, vol 6, p. 71). Vê-se, assim, que o aspecto moral é muito relevante, na hora de uma decisão crucial, quando o doente sofre de modo cruel, e o médico aconselha o desligamento dos aparelhos, ou a suspensão dos medicamentos; ou quando a família assim resolve. É que, em se tratando da vida, que ainda é, e continuará a ser um mistério para a consciência humana, as decisões não podem ser definidas em termos de sim e de não. Se as implicações morais podem deixar os médicos ou a família em situação crucial, imagine o quê decidir, levando em conta os aspectos espirituais da questão.

## Distanásia

É o uso da aparelhagem hospitalar, que mantém vivo um paciente que não tem mais esperança de recuperação. Em muitas ocasiões, como

cristãos, somos chamados a dar opinião sobre o tema da eutanásia, e precisamos nos posicionar, usando a Bíblia como fonte de nossa argumentação. Infelizmente, não dispomos, na bibliografia evangélica, de fontes suficientes para um embasamento maior de nossas idéias.

## POSICIONAMENTO CRISTÃO

Como se trata de um tema pouco estudado, mesmo em escolas teológicas, e menos ainda nas igrejas, não é fácil sintetizar o pensamento dos evangélicos a respeito do assunto. Assim, sugerimos o seguinte posicionamento, entendendo ter o mesmo o necessário respaldo bíblico, para aqueles que param para pensar em momentos tão cruciais, quanto o da decisão de antecipar ou não a morte de um ente querido, de um parente, de um amigo, ou irmão de fé.

### Quanto à Eutanásia Ativa

Há quem defenda esse tipo de eutanásia, sob o argumento de que "não se deve manter artificialmente a vida subumana ou pós-humana vegetativa", e que se deve evitar o sofrimento dos pacientes desenganados, com moléstias prolongadas (câncer, AIDS, etc.). Somos de parecer que o cristão não deve apoiar essa prática, pois consiste em uma ação deliberada e consciente, normalmente por parte do médico, a pedido do paciente, ou de familiares (ou sem seu consentimento), através da aplicação de algum tipo de agente (substância, medicamento, etc.) que leve o doente à morte, evitando o seu sofrimento. A Bíblia diz: "Não matarás..." (Êx 20.13). O verbo matar, aí, é *rasah*, que tem o sentido de assassinar intencionalmente (Não se aplica ao caso de matar na guerra, em defesa própria, etc.). A ação do médico, tirando a vida do paciente, é vista como um assassinato, segundo a maioria dos estudiosos da ética cristã.

"Tradicionalmente, se reconhece que a eutanásia é um crime contra a vontade de Deus, expressa no decálogo, e contra o direito de vida de todos os seres humanos" (*A Ética dos Dez Mandamentos*, p. 125). Lemos em 1 Samuel 2.6: "O Senhor é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz tornar a subir dela". Ora, se Deus é quem "tira a vida e a dá", que direito temos nós de eliminá-la, mesmo a pedido de um enfermo? E se Deus quiser realizar um milagre? A fé passa por cima de todas as impossibilidades (cf. Hb 11.1). Certamente, o Juramento de Hipócrates, proclamado pelos médicos, deve ser considerado, prescrevendo que os mesmos *não devem* "dar remédio letal a quem quer que o peça, tampouco... fazer alguma alusão a respeito".

## Quanto à Eutanásia Passiva

Consiste em "medidas passivas adotadas por terceiros (privação de remédios, calorias, alimentação, respiração artificial), que aceleram a morte do paciente terminal" (ibidem, p. 126). Retirados os aparelhos ou os medicamentos, o paciente vai a óbito em pouco tempo. A posição da Igreja Católica a respeito da eutanásia merece ser examinada. O papa João Paulo II pronunciou-se a respeito, afirmando que: "A eutanásia é um crime com o qual ninguém pode compactuar". Entretanto, "apelou para que médicos e parentes assegurem aos doentes incuráveis o direito de morrer com dignidade". Com isso, o líder católico corroborou a posição oficial da igreja romana, que dá apoio à *eutanásia passiva*, quando "os meios de sobrevivência extraordinários ou, melhor, desproporcionais... meios complexos cujos resultados são nulos, pois é irreversível o estado patológico do enfermo terminal" (P e R, p. 313). É o procedimento também chamado de *humanização da morte*. E qual o posicionamento cristão, por parte das igrejas evangélicas?

Ficamos com a posição de Gilbert Meilaender, que diz: "O cristão, penso eu, sente-se mais inclinado a acatar o argumento de que eutanásia

é um meio compassivo para aliviar a dor dos que sofrem... O princípio, porém, que governa a compaixão cristã não consiste em 'minimizar o sofrimento' e sim em 'maximizar o cuidado'" (*Bioética, um Guia para os Cristãos*, p. 90). O referido autor diz que, se é para somente "minimizar o sofrimento", o mais simples seria eliminar os sofredores, o que não é compatível com a ética cristã. E aconselha: "Os médicos cristãos terão seus motivos pessoais como médicos para se negarem a praticar a eutanásia" (ibidem, p. 91). Por outro lado, deve-se dar ao doente, em sã consciência, o direito de rejeitar um tratamento que ele julgue desnecessário. Certamente, ele poderá morrer, mas sua decisão não ferirá a moral cristã, pois ocorrerá a morte natural.

Importante, também, nesta reflexão, é a conclusão da Sagrada Congregação para a Defesa da Doutrina da Fé, afirmando que:

> É preciso insistir com toda firmeza que nada e ninguém pode autorizar a morte de um ser humano inocente, seja ele feto ou embrião, criança ou adulto, velho, doente incurável ou agonizante. Ninguém, além disso pode exigir esse gesto homicida, por si mesmo ou por outrem confiado à sua responsabilidade, nem pode nisso consentir explícita ou implicitamente. Nenhuma autoridade pode, legitimamente, impor ou permitir isso. Trata-se, de fato, de uma violação da lei divina, de uma ofensa à dignidade da pessoa humana, de um crime contra a vida, de um atentado contra a humanidade (citado em *Manual de Bioética*, p. 616).

## O CRISTÃO E O SUICÍDIO

### O Significado do Termo

A palavra suicídio vem do latim, *sui* (a si mesmo) e *caedere* (matar, cortar), ou seja matar a si mesmo. A Bíblia diz: "Não matarás..." (Êx 20.13).

O verbo matar, como vimos anteriormente, é *rasah*, que tem o sentido básico de assassinar. Se uma pessoa tira sua própria vida, está cometendo um assassinato.

### A Opinião dos Teólogos

De um modo geral, todos os teólogos condenam o suicídio. "Crisóstomo, Eusébio, Ambrósio e Jerônimo apoiaram as mulheres cristãs que cometeram suicídio para escapar das mãos sujas de perseguidores que queriam colocá-las em bordéis". "Agostinho, por sua vez, apesar de louvar-lhes a fé, condenou o suicídio dessas mulheres, ensinando que a pureza reside no coração e não no corpo físico". "Tomás de Aquino... classificou o suicídio como o pior de todos os pecados e ensinou que a pessoa que se suicida mata o próprio corpo e a alma". Os católicos são contra o gesto de desespero. Os espíritas não o aceitam. "As igrejas evangélicas tradicionalmente condenam o suicídio, mas não o suicida..." (*A Ética dos Dez Mandamentos*, p. 123). Segundo Gilbert Meilaender: "Não cabe a nós fazer qualquer tipo de julgamento definitivo sobre as pessoas, e é possível condenar o suicídio sem, contudo, condenar o suicida" (*Bioética, um Guia para os Cristãos*, p. 84).

## PRETENSOS MOTIVOS PARA O SUICÍDIO

### O suicídio "por si mesmo"

Tal ato pode ocorrer, segundo se entende, quando alguém, sentindo que não vale mais a pena viver, seja por motivo moral, seja por motivo de grave enfermidade sem cura, justifica-se tirar a própria vida. Mas, filosoficamente, não há justificativa para tal. Segundo Norman Geisler, "é uma afirmação do ser mediante a qual a pessoa finalmente nega seu ser... ou um ato do vivente que destrói a sua vida" (*Ética Cristã*, p. 202).

### O suicídio em prol dos outros

Chamado também de suicídio sacrificial. S. Paulo chegou a dizer que, mesmo que desse o seu próprio corpo para ser queimado, e não tivesse amor, isso de nada adiantaria (1 Co 13.3). O suicídio é um assassinato de si mesmo. Não vemos base bíblica para isso. É diferente, no entanto, o caso de um bombeiro que entra no fogo, salva uma vida, e morre em conseqüência do seu ato. Não se trata de suicídio. Jesus entregou sua vida para nos salvar. Não foi suicídio, foi sacrifício sublime em favor dos pecadores.

## O SUICÍDIO NA BÍBLIA

Nas Escrituras, encontramos cinco casos de suicídio. Em todos eles, vemos que seus protagonistas foram pessoas que deixaram de lado a voz do Senhor, e desobedeceram à sua Palavra.

### O Caso de Sansão

Este personagem singular nasceu por um milagre, quando Deus curou sua mãe da esterilidade. Quando homem feito, apaixonou-se por uma filistéia, e acabou nos braços de uma prostituta, chamada Dalila (Jz 14.3; 16.11). Traído por ela, foi levado ao cárcere. Numa festa ao deus Dagon, foi apresentado como troféu, e fez o templo desmoronar sobre si e seus inimigos. Nesse caso, parece-nos que Deus considerou seu gesto um ato de guerra, e não propriamente um suicídio. Note-se que ele entrou para a galeria dos heróis da fé, ao lado de Gideão e de Baraque (cf. Hb 11.32).

### O Caso de Saul

Foi um rei fracassado, que deixou o Senhor, e foi buscar uma médium espírita (cf. 1 Sm 28.1-19; 31.1-4).

### O Caso de Aitofel

Foi um conselheiro de Absalão, orgulhoso, que se matou por ver que sua palavra fora suplantada por outro (2 Sm 17.23).

### O Caso de Zinri

Um rei apavorado, que se matou, quando viu-se derrotado pelo exército inimigo (1 Rs 16.18,19).

### O Caso de Judas

Após trair Jesus, foi dominado por um profundo remorso, e, ao invés de pedir perdão ao Senhor, foi-se enforcar.

## POSICIONAMENTO CRISTÃO

A idéia de fugir ao sofrimento cruel não é de hoje, nem de ontem. Desde tempos remotos, a mente humana tem sido induzida a buscar o suicídio como uma "porta de saída" para a dor sem solução. Quando o patriarca Jó perdeu tudo em questão de horas, e depois a própria saúde, sua esposa sugeriu-lhe que morresse, ou tirasse a própria vida. Diz o texto:

> Então, sua mulher lhe disse: Ainda reténs a tua sinceridade? Amaldiçoa a Deus e morre. Mas ele lhe disse: Como fala qualquer doida, assim falas tu; receberemos o bem de Deus e não receberíamos o mal? Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios (Jó 2.7-10).

O servo de Deus, homem íntegro, reto, e que se desviava do mal (Jó 1.1) demonstrou toda a sua força espiritual e moral contra um gesto tresloucado, sugerido por sua própria esposa, repudiando a idéia maligna

do suicídio, de forma categórica e incisiva. O Diabo foi vencido em sua tentativa de levar o homem de Deus a pecar, blasfemando, ou dando cabo de sua vida.

Enquanto isso, em anos recentes, Gilbert Meilaender cita um caso, publicado num jornal, de um homem que ajudou sua esposa a dar cabo da vida. Esta sofria de esclerose múltipla, uma enfermidade insidiosa, que não permitia à mulher fazer as mínimas coisas, exceto levar as mãos ao rosto, alimentar-se com dificuldade, ainda assim com a ajuda de alguém. Este homem agiu de modo inverso ao de Jó, ajudando sua esposa a tirar a própria vida, ministrando-lhe uma dose excessiva de um dos medicamentos que o médico lhe prescrevera (*Bioética, um Guia para os Cristãos*, p. 81).

Com base nas reflexões acima, entende-se, à luz da ética cristã, que o suicídio é moralmente errado, pois tal idéia leva o homem a querer tomar o lugar de Deus, que é o único ser que tem o direito de dar a vida e tirá-la.

Desse modo, em resumo, o suicídio é errado, pelos seguintes motivos, com base na Bíblia:

1. É o assassinato de um ser, feito à imagem de Deus (Gn 1.17; Êx 20.13; Jo 10.10). Deus é o autor da vida e do ser humano. Em nenhuma parte de sua Revelação, deu Ele ao ser criado o direito de tirar a própria vida.

2. A Palavra de Deus manda que amemos a nós mesmos (Mt 22.39; Ef 5.29). Matar a si mesmo é um gesto que denota fraqueza espiritual diante da dor e do sofrimento. É acima de tudo falta de amor, que é o segundo mandamento em grandeza diante de Cristo e de Deus. Não amando a si mesmo, o homem pode tornar-se seu próprio destruidor.

3. É falta de confiança no Deus Todo-poderoso, que pode nos ajudar (Rm 8.38,39). O salmista Davi diz, no Salmo 23: "Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás

comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam". Quem tem a presença de Deus, mesmo no paroxismo da dor, consegue forças para vencer a própria morte.

4. A Bíblia manda lançar todas as ansiedades sobre o Senhor e não na morte (1 Jo 1.7; 1 Pe 5.7). A Palavra de Deus nos incentiva a exercitar a fé, colocando sobre Deus os nossos cuidados, ansiedades e sofrimentos. Diz a Palavra: "Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades *e as nossas dores levou sobre si*..." (Is 53.4 a — ênfase minha). Cristo levou nossas dores sobre si. Isso nos dá o conforto e a segurança de que, pela fé, nossas dores foram lançadas sobre Ele, e que, hoje, em meio ao sofrimento, podemos rogar ao Senhor que essa vitória nos seja assegurada, principalmente nos momentos de dor.

Concluindo, vemos que os temas abordados são polêmicos, e de difícil argumentação. Esperamos que os subsídios contribuam para a reflexão mais aprofundada dos assuntos estudados, na busca por respostas mais consistentes em relação aos problemas éticos que são verdadeiros desafios à Igreja do Senhor, principalmente no início de um novo milênio, quando questionamentos os mais diversos põem à prova a liderança diante de um rebanho cada vez mais exigente em termos de respostas às suas inquietações.

Capítulo 10

# O Cristão, os Transplantes e a Doação de Órgãos

"Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber" *(At 20.35)*

Há uma fila enorme de pessoas enfermas, aguardando um transplante de coração, de fígado, de córnea, de um rim, e de outros órgãos, como única e última esperança de serem salvas da morte prematura, provocada pela falência de algum dos seus respectivos órgãos. Em 1998, havia cerca de 5.000 pessoas, esperando por um novo rim; 10.000, esperando por uma córnea. Nos Estados Unidos, há cerca de 40.000 pessoas à espera da doação de um órgão, principalmente de coração ou fígado.

A Medicina evoluiu muito, nos últimos anos, havendo, inclusive, a possibilidade de transplante múltiplo de coração, fígado e pulmão, o que é considerado um verdadeiro "milagre" da ciência. Já se fala em transplante de cabeça humana. A partir de experiências com animais, a ciência vem procurando buscar sua aplicabilidade em organismos humanos. Os estudos sobre a imunologia também têm contribuído para que os organismos receptores de órgãos tenham atenuados os efeitos da rejeição orgânica. O problema de ordem técnica tem soluções já alcançadas e outras, em estudo aprofundado. Permanece, no entanto, o problema de ordem moral, ética, e também, espiritual.

O homem comum, mesmo sendo evangélico, fica muitas vezes perplexo, diante dos debates que se realizam através da mídia, nos quais se discute a legalidade e a legitimidade da doação de órgãos. Até que ponto é correto, à luz da ética, a doação de órgãos? A questão torna-se mais complexa quando da morte de um ente querido, sem que tenha havido o consentimento do doador, em vida.

Do lado de muitos crentes mais fervorosos, que se pautam pela Bíblia Sagrada, há os que têm certas reservas quanto à licitude da doação de um órgão de seus corpos, em vida, e muito mais após a morte, quando não terão mais controle sobre eles. Há quem aceite sem ressalvas a doação de partes de seu corpo, após a morte; outros são contra, alegando, inclusive, as implicações quanto à ressurreição do corpo, indagando: A Bíblia aprova, ou não, tal atitude? E, na ressurreição dos mortos, como ficará o corpo daquele que fez a doação de algum de seus órgãos? São perguntas que têm sua razão de ser, às quais desejamos, de modo simples e despretensioso, dar a contribuição à luz da ética cristã.

No Brasil, a lei que definiu a doação presumida (sem autorização expressa) de órgãos parece ter causado mais prejuízos que vantagens em termos de motivação para a doação, segundo os órgãos que se encarregam do problema. Cerca de 70% das pessoas aprova a doação de órgãos, mas o número de não-doadores tem aumentado. Neste capítulo, meditaremos neste importante assunto de caráter ético, filosófico e social.

## Transplantes de Órgãos

Numa linguagem médica, transplante é extração de um órgão do corpo de uma pessoa, doadora, mediante uma cirurgia, enxertando-se o mesmo no organismo de uma outra pessoa, receptora, com a finalidade de promover a normalização das funções de sua saúde. Esse procedimento pode ser a partir de um indivíduo vivo, ou de um indivíduo morto. Neste último caso, é necessário que seja declarada a "confirmação da morte" do doador.

A prática médica para a realização de transplantes de órgãos envolve aspectos não somente técnicos, mas jurídicos, legais, sociais e morais. Segundo Elio Sgreccia, na Europa, existe a "Carta Social Européia", e o "Código Europeu de Seguridade Social", que regulam a salvaguarda e proteção da saúde, bem como os tratamentos médicos, a fim de que se evitem práticas ilegais com os procedimentos médicos, incluindo os transplantes de órgãos. Há recomendações que definem os cuidados com relação à "constatação de morte clínica", proibindo-se "a retirada de órgão se o doador não tiver perdido de maneira irreversível e total as suas funções cerebrais: explica-se, porém, que isso não exclui que algumas funções de certos órgãos possam ser mantidas artificialmente com vida" (*Manual de Bioética*, pp. 570, 571).

Na legislação brasileira, há o ordenamento jurídico necessário para o problema dos transplantes de órgãos. A Lei 8.480, de 19 de novembro de 1992, dispõe sobre o assunto, regulamentando "a retirada e transplante de tecidos, órgãos e partes do corpo humano, com fins terapêuticos e científicos". Nessa lei, prevê-se que a retirada de órgãos de um corpo morto deveria ter o consentimento, em vida, do falecido, ou, na inexistência desse consentimento, seriam ouvidos o cônjuge, seu ascendente ou descendente. Em 1997, foi aprovada a lei 9.434, que trata da "doação presumida" de órgãos, quando as pessoas não manifestam seu desejo em documento próprio. Sobre a doação de órgãos, veremos a análise no item seguinte. Nos EUA, existe legislação análoga há quase quarenta anos.

Um sério problema, de ordem ética e moral, é a constatação da "morte" do doador. Quando, de fato, uma pessoa pode ser considerada morta, de modo que dela se possa extrair algum órgão, para transplante? A chamada "morte clínica" ocorre, mesmo antes da *morte real* do indivíduo. Num acidente de trânsito, nas estradas; numa queda fatal, ou de outro tipo, a pessoa pode estar com o "coração batendo", mas tendo seu cérebro sem mais funcionar, ocorrendo a chamada "morte cerebral". A "morte clínica" ocorre, segundo Sgreccia, quando se constata o "término da atividade

circulatória, respiratória e nervosa de modo não temporário, mas irreversível" (ibidem, p. 581). Segundo o autor acima citado, "definido o estado de 'morte clínica', e 'morte encefálica', considera-se lícita a retirada dos órgãos que continuam sendo vitais somente porque irrorados por força de aparelhos" (ibidem).

Alguns médicos cristãos entendem que, havendo a morte cerebral, nada há que impeça a retirada do coração para transplante. Outros acham que a alma não sai de imediato do corpo, e , por isso, não se deve retirar nenhum órgão.

## Transplantes Comuns

As pessoas, evangélicas ou não, já se acostumaram a ouvir falar em transplante de rins. Não há grande questionamento a respeito dessa prática médica, quando um doente renal crônico tem sua vida normalizada, ao receber o transplante de um rim de uma pessoa viva, às vezes, um parente ou um amigo. O rim é um *órgão par*, que permite ao doador viver bem com um só órgão. Outra doação que também não causa espécie é a doação de sangue, que é considerado "um órgão" de grande importância para o funcionamento do corpo. Há quem diga que a transfusão de sangue não é um transplante, no sentido estrito.

## Doação de Sangue

Certo movimento religioso não aceita a doação de sangue, alegando que a Bíblia proíbe tal prática, baseando-se no texto, que diz: "Somente esforça-te para que não comas o sangue, *pois o sangue é a vida*; pelo que não comerás a vida com a carne" (Dt 12.23 — ênfase minha).

A idéia é a de que a transfusão de sangue seria uma forma de "comer" sangue, o que é proibido pela Palavra de Deus. Nesse último caso, não vemos consistência na argumentação contrária à doação de sangue, visto

que o processo de absorção do sangue, diretamente nas veias do receptor, não é o mesmo que ocorre, quando da ingestão de algo através do aparelho digestivo. O transplante de parte do fígado, de igual modo, tem sido realizado com relativo sucesso, pois é um órgão que se regenera completamente. Quanto ao transplante de órgãos, que se constitui uma doação entre pessoas vivas, não vemos qualquer implicação ética, à luz da Bíblia. Muitos servos de Deus têm sido salvos da morte prematura, beneficiados por um transplante bem-sucedido.

É bem verdade que a transfusão de sangue mais segura é a auto-transfusão, quando é coletado o sangue da própria pessoa, retornando-o a seu organismo. A transfusão de sangue de terceiros tem salvado vidas, mas envolve certos riscos, pois, segundo a ciência médica, cada pessoa tem seu um tipo de sangue com o seu DNA próprio.

## A DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E SUAS IMPLICAÇÕES QUANTO À ÉTICA CRISTÃ

### Definição

A doação de órgãos é a concordância expressa (ou presumida) por parte de uma pessoa, para que seus órgãos sejam retirados após sua morte, para serem aproveitados por pessoas portadoras de doenças crônicas, visando aumentar-lhes sua sobrevida.

### Autorização para a Extração de Órgãos após a Morte

A doação de órgãos, extraídos de cadáveres, até 1997, ocorria sempre, com autorização expressa da pessoa doadora, enquanto viva, ou por autorização igualmente expressa da família do morto. Contudo, com a demanda de órgãos cada vez mais crescente, por parte de pessoas com doenças crônicas, que necessitam de um órgão humano para ter

uma vida normal; as repartições públicas resolveram agir, na busca de uma lei que tornasse mais rápida a disponibilidade de órgãos para transplantes, extraídos de pessoas mortas. Em 4 de fevereiro de 1997, após muitas discussões, com argumentos pró e contra, foi publicada a Lei 9.434, referente à "doação presumida" de órgãos humanos. De acordo com essa norma, todo brasileiro que não registre em sua carteira de identidade ou de motorista, a observação *não doador*, é considerado doador presumido. Com ou sem a autorização da família, o médico, tendo sido declarada a "morte cerebral" do paciente, pode retirar os órgãos do mesmo, para serem transplantados no corpo de algum doente crônico, restituindo-lhe a saúde. Essa legislação tem passado por modificações, visando ganhar a confiança da população.

A doação de órgãos após a morte tem sido valorizada, tendo em vista a carência de doadores vivos. Do cadáver, podem ser extraídos não apenas os órgãos pares, mas órgãos ímpares, como o coração e o fígado. Nesse caso, mesmo que haja a "doação presumida", ou a autorização por parte do doador, em vida, deve-se levar em conta os sentimentos da família enlutada. Meilaender, afirma que

> Se... as famílias muitas vezes relutam em autorizar a doação de órgãos após a morte de um ente querido, tal relutância deve ser honrada — ou então vamos esquecer coletivamente o medo. Na verdade, também não creio ser sábio agir baseado num desejo de ser doador, previamente declarado pelo enfermo, diante da relutância ou objeção da família. Seu próprio cadáver, do qual os órgãos seriam retirados, é a melhor prova de que há limites em sua liberdade de determinar o curso da vida ou o paradeiro de seus restos (*Bioética, um Guia para os Cristãos*, p. 124).

Essa preocupação certamente deve ser considerada, pois um corpo, mesmo sem vida, tem seu valor perante a ética da família.

## ARGUMENTOS CONTRÁRIOS

Existem argumentos contrários à doação de órgãos, mesmo entre evangélicos, por vários motivos, os quais destacamos a seguir:

### Receio de que Haja Comercialização de Órgãos Humanos

É o medo de se tornar uma cobaia. Infelizmente, a imprensa já chegou a noticiar casos em que sangue e outros órgãos foram objeto de venda, causando desconfiança entre muitas pessoas. Tal fato é lamentável, pois evidencia a ação inescrupulosa de pessoas que querem fazer de órgãos humanos objetos de comercialização. É fruto da visão materialista, limitada e egoísta, de que tudo deve ser visto em função do dinheiro.

### Receio de que Haja Discriminação

É a preocupação com o uso de órgãos de modo diferenciado para pobres ou ricos. Essa preocupação pode ser amenizada, visto que o Governo dispõe de órgãos que centralizam o cadastro de pessoas à espera de um transplante, ainda que tal assertiva não convença muitas pessoas, que descrêem na sinceridade e honestidade dos sistemas de saúde pública.

### A Integridade do Corpo

Na cultura judaico-cristã, o corpo é considerado sagrado, e não pode ser visto como "uma coleção de partes alienáveis" (ibidem, p. 123). Certo estudioso chegou a considerar o transplante de órgãos como "apenas uma forma nobre de canibalismo" (ibidem). O corpo é visto como um tabernáculo do espírito e da alma. Em 1 Coríntios 6.19,20, lemos que o corpo é o "templo do Espírito Santo", que habita no crente, proveniente

de Deus, e deve ser respeitado. Dentro dessa visão, há a preocupação com a mutilação do corpo.

Nessa cultura, entende-se, sem maiores problemas, que a doação de um órgão pode ser feita, sem maiores questionamentos éticos, desde que tal medida não venha causar grave prejuízo ao doador, no caso da doação em vida. Tal ocorre quando o órgão doado pode se regenerar, como o rim, que é um órgão par. É a harmonização entre a caridade cristã e a liberdade de fazer ou não algo, segundo sua conveniência e licitude.

O assunto merece consideração. Meilaender diz que:

> Sempre devemos estar dispostos a sofrer danos pelo bem dos outros. Mas uma coisa é almejar o bem do próximo, sabendo que, ao fazê-lo, posso sofrer danos; outra, é almejar meu próprio dano para fazer o bem ao meu próximo. Não precisamos nos opor a todas as doações, feitas por doadores vivos, mas tampouco podemos considerá-las moralmente simples (ibidem, p. 122).

A preocupação com a integridade da vida no corpo é assunto da maior relevância. Meilaender destaca que não se deve levar em conta apenas a permissão para que se efetive a doação, e que não devemos ver "nosso corpo apenas como uma coleção de órgãos potencialmente úteis para os outros", correndo-se o risco de "se perder toda ligação entre a pessoa e o corpo", ligação esta valorizada pelo pensamento cristão.

## A Esperança de um Milagre

Há pessoas que são contrárias à retirada de órgãos, argumentando que Deus pode realizar um milagre ou até mesmo ressuscitar o morto. Esse é um argumento, que se baseia no poderoso recurso da fé, que, segundo a Bíblia, "... é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem" (Hb 11.1). De fato, como "para Deus não há nada impossível", um milagre é sempre uma possibilidade a ser

considerada. Temos conhecimento de casos em que um servo, ou uma serva de Deus, já estava no caixão, sendo preparado para o sepultamento, e o Senhor ouviu a oração do cônjuge, dos filhos, e de seus irmãos de fé, ressuscitando-o dentre os mortos. Essa preocupação quanto à realização de um milagre procede, e situa-se exclusivamente no âmbito sublime da fé, que é um fator profundamente subjetivo.

## Preocupação com a Ressurreição

Há, até, crentes que se preocupam com o fato da ressurreição, alegando que faltaria uma parte do corpo, em caso de doação de um órgão. De todas as preocupações, esta, certamente, é uma que não deveria haver, pois, na ressurreição, os corpos que tornarão a viver não precisarão de órgãos humanos — coração, fígado, pulmões, etc. Vejamos o que diz o "Doutor dos gentios", acerca da ressurreição:

> Mas alguém dirá: Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão? Insensato! O que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer. E, quando semeias, *não semeias o corpo que há de nascer*, mas o simples grão, como de trigo ou doutra qualquer semente... Assim também a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo em corrupção, *ressuscitará em incorrupção*. Semeia-se em ignomínia, *ressuscitará em glória*. Semeia-se em fraqueza, *ressuscitará com vigor*. Semeia-se corpo animal, *ressuscitará corpo espiritual*... porque a trombeta soará, e *os mortos ressuscitarão incorruptíveis*, e nós seremos transformados. Porque convém que *isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade*. E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então, cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória (1 Co 15.36,37,43,44,53,54 — ênfases minhas).

Examinando um pouco detidamente o texto acima destacado, vemos que a Bíblia nos informa que a preocupação com a ressurreição do corpo, sua forma, seu estado e sua estrutura, já tomava conta do pensamento dos primeiros cristãos. Em resposta à indagação sobre a maneira pela qual os mortos ressuscitam, o apóstolo respondeu que, quando se semeia um grão, este não é o corpo que vai nascer, mas um corpo novo, transformado numa nova estrutura; com base nesta analogia, é-nos esclarecido com muita propriedade que o corpo do fiel, crente em Jesus, que está sepultado, cheio de corrupção, decomposto, ressurgirá redivivo, "em incorrupção"; o que é enterrado "em ignomínia", ressuscitará em corpo glorioso, sem defeito algum; o que é sepultado "em fraqueza", dominado pelas enfermidades, pela velhice, "ressuscitará com vigor"; "isto", ou seja, o corpo, "que é corruptível", *será revestido de incorruptibilidade*, e "isto", o corpo, "que é mortal", será revestido de modo sobrenatural, "da imortalidade". A seguir, daremos uma idéia do posicionamento cristão possível, a nosso ver, coerente com os princípios sagrados da ética cristã, emanada da Bíblia Sagrada.

## ARGUMENTOS FAVORÁVEIS

A partir das considerações acima, em relação às oposições de muitos cristãos contra a doação de órgãos, alinhamos a seguir algumas razões fundamentais, extraídas da Palavra de Deus, para tomarmos uma posição ética.

### Fazer aos Outros Aquilo que Deseja para Si mesmo

Se um pai tem um filho querido, que sofre de problema cardíaco crônico, irreversível, a quem os médicos dão poucas chances de sobrevida, certamente deseja ansiosamente que os médicos encontrem um coração de alguém, que dê esperanças ao doente. É o que a Bíblia diz: "Portanto,

tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas" (Mt 7.12). Não adianta argumentar contra a doação de órgãos, se alguém admite essa possibilidade para si ou para um ente querido seu.

## A Doação de Órgãos É um Ato de Amor

Salvar a vida de alguém é sem dúvida uma demonstração de elevado sentido espiritual e moral. É acima de tudo uma demonstração de caridade, ou do amor em ação. Nosso Senhor Jesus Cristo não apenas doou algum órgão por nós, mas deu sua vida em nosso lugar, na cruz do Calvário; Ele se doou, de corpo e alma, para que não morrêssemos. S. João nos exorta: "Conhecemos a caridade nisto: que ele deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos. Quem, pois, tiver bens do mundo e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar o seu coração, como estará nele a caridade de Deus?" (1 Jo 3.16,17). Neste texto, vemos o apóstolo do amor ensinar que devemos "dar a vida pelos irmãos" e que aquele que possui "bens" no mundo e fecha o coração para o irmão necessitado, não tem a caridade de Deus. Podemos entender que um órgão a ser doado é um "bem" do mais alto valor para a salvação da vida orgânica de um doente, desde que, evidentemente, não haja dano irreparável para o doador.

## A Falta de Órgãos não Tem Implicação na Ressurreição do Corpo

Na ressurreição, não haverá qualquer problema quanto a ter ou não ter um determinado órgão. Há pessoas mutiladas, sem pernas e sem braços, sem olhos, mas que, ao ressuscitarem, terão um corpo espiritual perfeito. O corpo será "corpo glorioso" (Fp 3.21) e "corpo espiritual" (1 Co 15.44), que não precisará de órgãos físicos. O corpo que ressuscitará, será o mesmo que foi sepultado, porém transformado em corpo espiritual. Se assim não fosse, não teria sentido falar-se em ressurreição. Ressuscitar é trazer à vida aquilo que morreu. Diz o apóstolo Paulo, no texto a seguir:

> Assim também a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo em corrupção, ressuscitará em incorrupção. Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor. Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual (1 Co 15.42-44).

Concluindo, afirmamos que a doação de órgãos, em vida, como no caso da transfusão de sangue, ou do transplante de rins, não causa maiores discussões, e não deve ser objeto de reprovação entre os cristãos. Quanto à doação de órgãos, a serem extraídos de cadáveres, é preciso que se respeite a vontade expressa (e não apenas presumida) do possível doador, bem como de sua família. Com isso, evita-se a idéia de que o corpo é apenas uma coleção de órgãos disponíveis para eventuais transplantes. Por outro lado, devemos, como cristãos, demonstrar que a doação de órgãos é um ato de amor, do mais alto sentido, visto que, além de salvar vidas preciosas, em nada contraria os princípios éticos, emanados da Palavra de Deus.

Capítulo 11

# O Cristão e as Finanças

Um irmão procurou-me, pedindo-me que fosse à sua casa, pois estava enfrentando um grave problema. Não obstante ganhar um bom salário, no órgão em que trabalhava, estava em dificuldade financeira, pois sua esposa não se continha em gastar com coisas supérfluas. Chegando àquela casa, pude sentar-me e conversar com o casal, ouvindo de ambos os problemas que enfrentavam.

A esposa daquele homem fora atingida por um desejo maligno de gastar e gastar, principalmente com jóias, bijuterias, e outras coisas, utilizando, inclusive, o cartão de crédito para fazer compras desnecessárias. Fora dominada por um sentimento carnal que a levava a comprar coisas escusadas, para diante dos outros aparentar estar bem, e que era rica. Oramos por eles, depois de termos aconselhado, com base na Bíblia, como o casal cristão deve comportar-se em matéria de dinheiro, de gastos, para não ficar em situação difícil perante os homens, e perante a igreja, evitando levar a família à bancarrota.

Tempos depois, fui novamente chamado por aquele irmão para que fosse à sua casa. Ali, fui tomado de uma enorme surpresa! A casa estava quase vazia. Ouvindo-o, tive a tristeza de saber que

"Porque o amor ao dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com muitas dores" *(1 Tm 6.10)*

> Assim também a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo em corrupção, ressuscitará em incorrupção. Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor. Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual (1 Co 15.42-44).

Concluindo, afirmamos que a doação de órgãos, em vida, como no caso da transfusão de sangue, ou do transplante de rins, não causa maiores discussões, e não deve ser objeto de reprovação entre os cristãos. Quanto à doação de órgãos, a serem extraídos de cadáveres, é preciso que se respeite a vontade expressa (e não apenas presumida) do possível doador, bem como de sua família. Com isso, evita-se a idéia de que o corpo é apenas uma coleção de órgãos disponíveis para eventuais transplantes. Por outro lado, devemos, como cristãos, demonstrar que a doação de órgãos é um ato de amor, do mais alto sentido, visto que, além de salvar vidas preciosas, em nada contraria os princípios éticos, emanados da Palavra de Deus.

Capítulo 11

# O Cristão e as Finanças

Um irmão procurou-me, pedindo-me que fosse à sua casa, pois estava enfrentando um grave problema. Não obstante ganhar um bom salário, no órgão em que trabalhava, estava em dificuldade financeira, pois sua esposa não se continha em gastar com coisas supérfluas. Chegando àquela casa, pude sentar-me e conversar com o casal, ouvindo de ambos os problemas que enfrentavam.

A esposa daquele homem fora atingida por um desejo maligno de gastar e gastar, principalmente com jóias, bijuterias, e outras coisas, utilizando, inclusive, o cartão de crédito para fazer compras desnecessárias. Fora dominada por um sentimento carnal que a levava a comprar coisas escusadas, para diante dos outros aparentar estar bem, e que era rica. Oramos por eles, depois de termos aconselhado, com base na Bíblia, como o casal cristão deve comportar-se em matéria de dinheiro, de gastos, para não ficar em situação difícil perante os homens, e perante a igreja, evitando levar a família à bancarrota.

Tempos depois, fui novamente chamado por aquele irmão para que fosse à sua casa. Ali, fui tomado de uma enorme surpresa! A casa estava quase vazia. Ouvindo-o, tive a tristeza de saber que

"Porque o amor ao dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com muitas dores" *(1 Tm 6.10)*

todo aquele aconselhamento houvera sido em vão, pois os problemas continuaram, as dívidas aumentaram, e os credores bateram à porta, exigindo o pagamento dos débitos. Para que não houvesse maiores escândalos, o irmão permitira que levassem todos os seus móveis e objetos de valor, causando tremenda vergonha à família. Orei por eles e saí decepcionado. Infelizmente, passados alguns poucos anos, aquele casamento chegou ao fim.

O fato acima, por mim anotado, em minha experiência ministerial, não foi o único, nem o último, em que um lar é atingido pelo mau uso do dinheiro. Graças a Deus, sua Palavra tem a orientação segura sobre como lidar com as finanças, sem cair no fosso das dívidas, da tristeza e da decepção por causa dos recursos financeiros. Uma administração financeira, baseada na ética bíblica, livra muitos de enfrentarem situações constrangedoras.

## TUDO O QUE SOMOS E TUDO O QUE TEMOS VEM DE DEUS

### Somos seus Filhos

Todas as pessoas pertencem a Deus, por direito de criação: "Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam" (Sl 24.1). Todos os habitantes do planeta pertencem a Deus, uns, como criaturas; outros, como seus filhos. Nós, cristãos, temos algo a mais, pois somos filhos de Deus por criação, e também por direito de filiação, através da nossa fé em Jesus: "Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que crêem no seu nome" (Jo 1.12). Este é um privilégio, concedido pelo Senhor, aos que crêem no nome de Jesus Cristo, e o aceitam como seu Salvador. Ser filho de Deus é ser participante da melhor e mais importante família que existe na face da terra, ainda que os cristãos, em muitos lugares, sejam vistos como pessoas

de classe inferior. Pouco importa a opinião dos ímpios a respeito dessa família maravilhosa, que é formada por cidadãos dos céus, vivendo aqui, na terra, por um pouco de tempo, como peregrinos e forasteiros.

Mas é exatamente por sermos filhos de Deus que devemos ter consciência não só dos nossos direitos, mas, também, dos nossos deveres sociais, morais, familiares e espirituais. O trato com o dinheiro merece um cuidado especial, pois o chamado "vil metal" tem feito muitos se tornarem ricos materialmente, mas miseráveis espiritualmente. Há um corinho antigo e simples, que diz: "Quem tem Jesus, tem tudo; quem não tem Jesus, não tem nada. Quem tem Jesus tem tudo, no céu já tem morada".

Assim, o dinheiro deve ser visto sob o ângulo das coisas passageiras, útil, necessário, mas que deve ser utilizado com sabedoria, prudência e bom senso. Disse alguém, com muita propriedade: "O dinheiro é um bom servo, mas um péssimo senhor". Que Deus nos conceda a graça de sabermos lidar com esse meio de troca, que tanto facilitou o intercâmbio entre os países, as instituições e as pessoas.

## Deus nos Dá Todas as Coisas

Na condição de filhos, Deus nos concede todas as bênçãos espirituais de que necessitamos. Diz a Bíblia: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo" (Ef 1.3); "O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus" (Fp 4.19); "Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação" (Tg 1.17).

Além de nos propiciar todas as bênçãos espirituais, por sermos seus filhos, Deus também nos dá as bênçãos materiais. No Pai Nosso, lemos: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje" (Mt 6.11). Nos Salmos, está escrito: "Quem enche a tua boca de bens, de sorte que a tua mocidade se renova

como a águia" (Sl 103.5). Os não-crentes têm as coisas por *permissão* de Deus, sejam ricos ou pobres, na condição de suas criaturas. Nós, seus filhos, temos as coisas, incluindo o dinheiro, como dádivas de sua mão. Davi tinha essa visão, quando disse: "Porque tudo vem de ti, e da tua mão to damos" (1 Cr 29.14). Assim, devemos entender que aquilo que chamamos de "nosso", na verdade, não é bem nosso. É linguagem comum, que não expressa a realidade das coisas, pois tudo é de Deus (cf. Sl 24.1). A falsa idéia de que somos efetivamente donos de alguma coisa tem levado muitos a cometer erros e fraquezas, que resultam em grandes prejuízos morais, financeiros e espirituais.

O velho dilema entre "o ter" e "o ser" tem sido causa de muitos debates sociológicos, filosóficos e teológicos. A natureza carnal, contaminada e influenciada pelo pecado, leva o homem a deixar-se dominar pelo desejo de ter mais e mais, ainda que o ser seja prejudicado. A busca do dinheiro e das riquezas materiais tem levado muitos a cometer maldades, violência e crimes inomináveis. Quantas mortes por causa do dinheiro! Quantos crimes por causa de bens materiais, de terras, de carros, de ouro, de prata, de pedras preciosas! Quantos lares são destruídos porque seus líderes não sabem administrar as finanças da casa, envolvendo-se em despesas desnecessárias, como o que ocorreu com o casal reportado no início deste capítulo.

## COMO DEVEMOS GANHAR O "NOSSO" DINHEIRO?

Há livros, inclusive *best-sellers*, que têm como objetivo ensinar as pessoas a ganhar dinheiro. São compêndios que visam o desenvolvimento pessoal, com base no sucesso financeiro. Conhecemos casos em que certas empresas já dominaram muitas pessoas, induzindo-as a ficar ricas dentro de pouco tempo. Sua filosofia é a do "pensamento positivo", segundo o qual as pessoas devem "sonhar" com grandes coisas, desejar negócios elevados, inclusive utilizando as chamadas técnicas de visualização, ou de

controle da mente (*mind control*). Já tivemos em mãos mais de um tipo de material que apresenta essas técnicas.

Há alguns anos, um irmão, casado e membro de uma igreja evangélica, nos procurou, preocupado, pois estava fazendo parte de uma rede de pessoas, que trabalhavam para uma determinada empresa multinacional, procedente da América do Norte.Esta recrutara muitas pessoas para trabalhar com uma técnica especial de vendas de determinados produtos, cuja meta era alcançar um certo número de pontos, após o que as pessoas iam sendo classificadas em categorias elevadas, tais como "prata", "ouro", "diamante", etc., segundo a quantidade de produtos vendidos ou de pessoas recrutadas. Aquele irmão já era líder no tal processo, mas estava enfrentando um problema sério. Sua esposa estava angustiada, pois o marido, desde que se ligara à empresa famosa, não tinha mais tempo para a família. Era obrigado a ficar em casa, aos domingos de manhã, e à tarde, pois tinha a obrigação de fazer os relatórios cobrados pela multinacional. Além disso, estava deixando de ir aos trabalhos, na igreja local, visto que se tornara importante no meio dos participantes do empreendimento, e não tinha como voltar atrás.

Ouvindo atentamente o que o casal me dizia, orava a Deus em espírito, buscando uma resposta sábia e segura. Quando me deram oportunidade para falar, disse ao esposo: "Pelo que entendo, você não vai bem em sua vida familiar, e também espiritual, por causa desse empreendimento. Se quer meu conselho, é melhor deixar isso para lá, ganhar menos, mas ter paz com Deus, viver bem com a esposa e filhos, e confiar que o Senhor vai lhes abençoar grandemente". Graças a Deus, aquele irmão atendeu ao conselho, e foi livre dos tentáculos de uma organização cuja filosofia é somente ganhar dinheiro em curto prazo, independente dos prejuízos que se venha causar à família. Interessante é que os líderes da tal empresa fazem questão de dizer que são cristãos, que incentivam a leitura da Bíblia, e até cantam hinos evangélicos em suas reuniões de avaliação!

Afinal, como devemos ganhar o "nosso dinheiro"? Com base na Bíblia, anotamos as seguintes orientações:

## Com Trabalho Honesto

A ética bíblica nos orienta que devemos trabalhar com afinco. Desde o Gênesis, após a Queda, vemos que o homem deve empregar esforço para obter os bens de que necessita. Disse Deus: "No suor do teu rosto, comerás o teu pão..." (Gn 3.19a). S. Paulo escreveu, dizendo: "Porque bem vos lembrais, irmãos, do nosso trabalho e fadiga; pois, trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós, vos pregamos o evangelho de Deus" (1 Ts 2.9); "E procureis viver quietos, e tratar dos vossos próprios negócios, e trabalhar com vossas próprias mãos, como já vo-lo temos mandado" (1 Ts 4.11). Este texto, tomando o exemplo do apóstolo, nos orienta que devemos trabalhar de modo diuturno, "para não sermos pesados" a ninguém. É lamentável que existam pessoas que se dizem cristãs, que se comportam como parasitas da sociedade, e vivem de igreja em igreja, pedindo a um e a outro, sem querer trabalhar. Tal atitude não tem apoio na Palavra de Deus. Com exceção dos que são inválidos realmente, das que são viúvas desamparadas, a quem a Bíblia dá o respaldo, todos devem trabalhar honestamente. Trabalho honesto, portanto, é trabalhar com denodo e dedicação; é procurar viver quieto, tratando dos próprios negócios, trabalhando com as próprias mãos.

Por trabalho honesto devemos entender, também, o tipo de atividade que nos seja oferecido. Um irmão perguntou se podia trabalhar numa fábrica de bebidas alcoólicas. Respondi que poder podia, mas não era um trabalho honesto para um cristão. Levei-o a examinar o assunto sob o prisma do princípio da licitude e da conveniência (ver Capítulo 2). Perguntei-lhe se ele levaria bebida alcoólica para oferecer à sua esposa e aos filhos. Ele respondeu que jamais faria isso. Então, lhe disse que, se não queria algo para si e para sua família, não deveria contribuir para que

aquilo fosse vendido para outras pessoas. Já sabemos que a bebida alcoólica tem sido meio usado por Satanás para destruir muitas vidas preciosas. Assim, não devemos procurar ganhar dinheiro com a produção desse agente do mal.

Outro irmão foi convidado para trabalhar num motel, e me procurou, indagando se era lícito para ele, como crente em Jesus. Indaguei-lhe sobre a finalidade daquele estabelecimento, e ele me disse que era facilitar a prostituição (utilizei o princípio do fazer para a glória de Deus, visto no Capítulo 2). Então, lhe indaguei se ele achava honesto trabalhar num lugar com tal finalidade, e se tal trabalho serviria para a glória de Deus. Ele ficou sem jeito, e o ajudei a decidir, dizendo-lhe que confiasse um pouco mais e esperasse no Senhor, a fim de que lhe fosse concedido trabalhar num lugar honesto, e não num ambiente que tem por objetivo facilitar a prática ilícita de atividades sexuais. Precisamos ganhar dinheiro, sim, mas, como cristãos, devemos fazê-lo de modo honesto, tanto pelo trabalho diuturno, constante, diário, como também, em função de uma atividade lícita e conveniente para o cristão (cf. 1 Co 6.10).

## Fugindo das Práticas Ilícitas

O cristão não deve recorrer a meios ou práticas ilícitas para ganhar dinheiro, como o jogo, o bingo, a rifa, as loterias, e outras formas "fáceis" de buscar riquezas. Em Provérbios, lemos: "O homem fiel abundará em bênçãos, mas o que se apressa a enriquecer não ficará sem castigo" (Pv 28.20). Nem deve freqüentar casas de jogos, como cassinos e assemelhados. Esses ambientes estão sempre associados a outros tipos de práticas desonestas, como prostituição e drogas.

Uma irmã me procurou, e me disse que estava passando por grandes dificuldades financeiras, pois seu esposo estava desempregado e ela, grávida, precisava comprar medicamentos prescritos pelo médico. Em meio àquela situação, ela tivera a idéia de fazer uma rifa de alguns objetos

que alguns irmãos lhe deram, para poder conseguir mais dinheiro para amenizar suas dificuldades. Ao me perguntar se eu, como pastor, concordava com aquela prática, respondi-lhe que não, pois não deveria ser esta a maneira de se ajudar uma irmã necessitada, na igreja local. Autorizei o Centro Social da Igreja a lhe dar uma cesta básica, e providenciei uma certa importância em dinheiro para que comprasse os medicamentos de que necessitava. E lhe autorizei a falar com o dirigente da congregação para que buscasse entre os irmãos a ajuda necessária àquela pessoa, que era membro da igreja, e não poderia ficar mendigando, ou recorrendo a um meio que não tem aprovação na Palavra de Deus, que ensina que devemos trazer todos os dízimos à "casa do tesouro", para que haja manutenção na casa do Senhor (Ml 3.10).

Certo irmão resolveu "jogar no bingo", e o fez, sendo, inclusive, sorteado com um caminhão de dez pneus, um "trucado", na linguagem dos motoristas. Para ele, foi uma "sorte" ser contemplado entre milhares de pessoas. Com isso, procurou trabalhar com o veículo, para ganhar mais dinheiro. Durante alguns meses, as coisas iam bem, mas, um dia, quando procurou o veículo, ele havia sido roubado. Foi à polícia, registrou o roubo, e aguardou as conseqüências. Um certo dia, a polícia o informou que o veículo fora localizado num determinado local, e ele conseguiu reavê-lo. Pouco tempo depois, tendo vendido o caminhão, procurou aplicar o dinheiro em negócios que realizava. Porém, não foi bem-sucedido. Não demorou muito e, tudo o que ganhara com o produto daquele "bingo" se perdeu, em prejuízos e perdas irreparáveis. Ao que tudo indica, Deus não aprovou a renda obtida por meio do jogo.

## Fugindo da Avareza

Avareza é o amor ao dinheiro. É uma escravidão ao vil metal. Diz a Bíblia: "Porque o amor ao dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com

muitas dores" (1 Tm 6.10). Deus não condena a riqueza em si, mas a ambição, a cobiça e a avareza. Abraão era homem muito rico; Jó era riquíssimo, antes e depois de sua provação (Jó 1.3,10); Davi, Salomão e outros reis acumularam muitas riquezas, e nenhum deles foi condenado por isso. O que Deus condena é a ganância, a ambição desenfreada por riquezas (cf. Pv 28.20).

## Fugindo da Preguiça

O trabalho diuturno deve ser realizado pelo cristão. A preguiça não condiz com a condição de quem é nascido de novo. Jesus deu o exemplo, dizendo: "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também" (Jo 5.17). O livro de Provérbios é rico em diversas exortações contra a preguiça:

> Vai ter com a formiga, ó preguiçoso; olha para os seus caminhos e sê sábio. A qual, não tendo superior, nem oficial, nem dominador, prepara no verão o seu pão; na sega ajunta o seu mantimento. Ó preguiçoso, até quando ficarás deitado? Quando te levantarás do teu sono? Um pouco de sono, um pouco tosquenejando, um pouco encruzando as mãos, para estar deitado, assim te sobrevirá a tua pobreza como um ladrão, e a tua necessidade, como um homem armado (Pv 6.9-11).

Anos atrás, observei alguns rapazes, na igreja em que congregava. Eram quase novos convertidos, e cada um passara a usar uma pasta do tipo 007. Entravam no templo de paletó e gravata, com ares de pregadores itinerantes. Depois, soube que os mesmos haviam deixado de estudar, e estavam somente "no trabalho do Senhor". Sendo eu o dirigente do trabalho da mocidade local, procurei-os para saber deles a razão daquela atitude. Eles me responderam que haviam tido revelação de Deus para se dedicarem somente à sua obra. Argumentei com eles que não haviam feito muito bem, pois Deus, quando chama alguém, este sempre deve

estar ocupado, como foi com José, com Gideão, com Davi, com Amós, com os apóstolos de Jesus, etc. Eles não me deram ouvidos, pois a "revelação" falava mais forte.

Na realidade, aqueles jovens estavam com uma visão distorcida da chamada de Deus. Queriam a todo o custo envolver-se no ministério, em tempo integral, sem terem o respaldo da igreja local. Eles se lançaram na aventura de serem obreiros sem o apoio da igreja, que é a única agência legítima para enviar alguém para o campo de trabalho na evangelização. Pude perceber que, ao deixarem de estudar, de trabalhar na vida secular, estavam buscando um caminho que consideravam mais rápido e mais fácil para se tornarem pastores. Creio que Deus tem sua maneira de chamar as pessoas, mas há muitos casos de preguiçosos que se aproveitam do ministério. Certo pastor, de muitos anos de lida, dizia: "Há pessoas que pegam numa Bíblia, e querem ser obreiros, porque uma Bíblia pesa menos que uma enxada...!".

## COMO O CRISTÃO DEVE UTILIZAR O DINHEIRO

### Na Igreja do Senhor

Um velho pastor dizia: "O dinheiro de Deus está no bolso dos crentes". De fato, Deus mantém sua igreja, no que tange à parte material, através dos recursos que Ele mesmo concede a seus servos. Na igreja, há várias maneiras pelas quais o cristão pode e deve contribuir de modo positivo e abençoado, contribuindo para o engrandecimento e manutenção da Obra do Senhor.

### Pagando os dízimos do Senhor

Em primeiro lugar, os crentes devem pagar os dízimos para a manutenção da obra do Senhor, conforme lemos em Malaquias 3.8-12.

Alguém, numa visão mesquinha com relação ao dízimo do Senhor, argumenta contra seu pagamento, alegando que o dízimo era exigência do Antigo Testamento, do tempo da Lei. Mas sabemos que a instituição do dízimo foi anterior à Lei, quando Abraão deu o dízimo de tudo a Melquisedeque, depois de ter sido vitorioso numa guerra em que estava em desvantagem numérica.

> E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e este era sacerdote do Deus Altíssimo. E abençoou-o e disse: Bendito seja Abrão do Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos nas tuas mãos. E deu-lhe o dízimo de tudo (Gn 14.18-20; Hb 7.4).

No livro de Malaquias, já nos tempos da Lei, vemos Deus corroborando o dever de se pagar o dízimo, levando-o à "casa do tesouro", que, nos dias presentes, nada mais é do que a tesouraria da igreja local. Vejamos o que diz o texto bíblico:

> *Roubará o homem a Deus?* Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas alçadas. Com maldição sois amaldiçoados, *porque me roubais a mim*, vós, toda a nação. Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança. E, por causa de vós, repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; e a vide no campo não vos será estéril, diz o Senhor dos Exércitos. E todas as nações vos chamarão bem-aventurados; porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos" (Ml 3.8-12 — ênfases minhas).

Foi dura a cobrança de Deus sobre o povo que não pagava o dízimo. Sem meias palavras, o Senhor os qualificou como roubadores, ladrões. Hoje, os pastores não dizem isso com todas as letras, para não ferir as suscetibilidades. Mas, na realidade, é desonesto o cristão deixar de pagar o dízimo, pois deveria ser ele a principal fonte de recursos para a manutenção da casa do Senhor.

No Novo Testamento, vemos também a confirmação da obrigação de se entregar o dízimo na casa do Senhor. Em Mateus 23.23, Jesus disse aos fariseus que eles deveriam cumprir o "mais importante da lei", que eram "o juízo, a misericórdia e a fé", sem deixar de pagar "o dízimo da hortelã, do endro e do cominho". Com isso, o Senhor quis ensinar que não adiantava ser dizimista sem levar em conta os valores espirituais da Lei. Hoje, da mesma forma, o cristão deve pagar o dízimo, não como quem está fazendo um favor à igreja, nem mostrando que ganha bem, mas como forma de gratidão a Deus pelas bênçãos recebidas, como o fez Abraão diante de Melquisedeque.

A obediência a essa determinação bíblica redunda em bênçãos abundantes da parte de Deus (Ml 3.10,11). É bom lembrar-nos de que o dízimo deve ser dado do bruto da renda, e não do líquido; deve ser das "primícias da renda" (ler Pv 3.9,10). Os dízimos devem ser levados "à casa do tesouro", ou seja, à tesouraria, por meio da entrega na igreja local. É errado o crente administrar o dízimo, repartindo com hospitais, creches ou pessoas carentes. Deus disse: "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa..." (Ml 3.10a). Cabe à igreja sua administração. Essa não deve recorrer a subvenções dos órgãos públicos para sua manutenção, ainda que isso seja lícito, quando se trata do recebimento de recursos para as obras sociais, que é dever dos governos. A evangelização, o envio de missionários e o exercício do ministério do culto não devem ser objeto de ajuda externa, mas exclusivamente com base nas ofertas e dízimos entregues

à igreja local. Isso evita que os crentes recorram à práticas ilícitas de jogos, rifas, bingos, etc.

## Contribuindo com ofertas

Em segundo lugar, o crente fiel deve contribuir com ofertas alçadas (levantadas), de modo voluntário, como prova de sua gratidão a Deus pelas bênçãos recebidas. Com esses recursos (dízimos e ofertas), a igreja mantém a evangelização, as missões, o sustento de obreiros, o socorro aos necessitados (viúvas, órfãos, carentes, etc.), bem como o patrimônio físico da obra do Senhor, e outras necessidades que podem surgir.

## Os recursos da igreja local

Não provêm de governos ou de organismos financeiros. Toda vez que algum obreiro resolveu conseguir dinheiro para a igreja, em fontes estranhas ao que a Bíblia recomenda, acarretou problemas para seu ministério e para os irmãos. Deus nos guarde de vermos igrejas envolvidas com "lavagem" de dinheiro, tráfico de drogas, ou quaisquer outras práticas corruptas, abomináveis aos olhos de Deus. É de todo detestável que algum obreiro, usando o dinheiro dos dízimos e ofertas, se locuplete, adquirindo bens em seu próprio nome, exceto com aquilo que a igreja lhe gratifica. Não é errado a igreja local receber recursos que lhe sejam oferecidos pelo Poder Público para obras sociais, ou mesmo para a melhoria do patrimônio, desde que isso não implique compromisso político ou de outra ordem. Afinal, se há subvenções para centros espíritas, terreiros de macumba, creches, hospitais, e outras instituições; os cristãos são, de igual modo, cidadãos, e pagam seus impostos e tributos, que devem servir para o bem comum. É preciso saber separar "o joio do trigo" nesse aspecto. O que não se deve aceitar é a concessão de recursos públicos para as atividades-fim da igreja: evangelização, ensino, adoração, louvor, etc.

No Lar e no Trabalho

## Evitando dívidas fora do seu alcance

Muitos têm ficado em situação difícil, por causa do uso irracional do cartão de crédito (na verdade, cartão de débito). As dívidas podem provocar muitos males, tais como falta de tranqüilidade (causando doenças); desavenças no lar; perda de autoridade e independência. Devemos lembrar: "O rico domina sobre os pobres, e o que toma emprestado é servo do que empresta" (Pv 22.7). Outro problema é o mau testemunho perante os ímpios, quando o crente compra e não paga. Os casos citados no início deste capítulo ilustram bem o que é tornar-se escravo de dívidas fora do alcance dos rendimentos da família.

## Evitando os extremos

De um lado, há os avarentos, que se apegam demasiadamente à poupança, em detrimento do bem-estar dos familiares. São os "pães-duros". Estes preferem ver os filhos sob um padrão baixo de conforto, não adquirindo os bens necessário, somente com o desejo de "poupar", de entesourar para o futuro. Sabemos do caso de um certo crente cuja esposa lamentava o sofrimento da família. Sendo ele um homem rico, limitava-se a entregar à esposa uma nota de dez reais por semana para que a mesma fizesse "a feira". Quando não dava para nada, ele estendia uma nota de valor menor, exigindo que tivesse cuidado com as despesas. Exemplo típico de uma pessoa avarenta, que ama o dinheiro acima da família.

De outro lado, há os que gastam tudo o que ganham, e compram o que não podem, às vezes para satisfazer o exibicionismo, a inveja de outros, ou por mera vaidade. Isso é obra do Diabo. Como vimos no exemplo da mulher gastadeira, há muitas pessoas que não se contêm diante do desejo carnal de comprar o que não podem. Se a vizinha compra uma nova mobília, há esposas que oprimem o esposo para que

façam o mesmo, ainda que não haja necessidade de substituição imediata dos móveis. Há homens que prejudicam a família, quando resolvem trocar de carro todo ano, buscando aparentar serem ricos e abastados, com inveja de outros que esbanjam dinheiro. Isso não é atitude coerente com a ética cristã.

## Se possível, comprar à vista

Faz bem quem só compra à vista. Se comprar a prazo, é necessário que o crente avalie sua renda, e quanto vai comprometer com a prestação assumida, incluindo os juros. É importante que se faça um orçamento familiar, em que se observe quanto ganha, o que vai gastar (após pagar o dízimo do Senhor), e se possível, ficar com alguma reserva para imprevistos. Em nosso país, a renda média do povo é baixa, grande parte recebe apenas o chamado "salário mínimo", que não dá sequer para o mínimo previsto por lei. Mas o crente em Jesus deve conter-se dentro dos limites de sua renda, seja ela grande ou pequena.

## Não ficar por fiador

Outro cuidado importante é não ficar por fiador. A Bíblia não aconselha (ler Pv 11.15; 17.18; 20.16; 22.26; 27.13). Outro perigo é fornecer cheque para alguém utilizar em seu nome. Conheço casos de irmãos que ficaram em aperto por isso. Este autor já teve de ir ao banco pagar dívida contraída por alguém que o procurou, pedindo apenas a assinatura, e que não se preocupasse, pois pagaria tudo em dia.

## Fugir do agiota

É importante fugir do agiota. É verdadeira maldição quem cai na mão dessas pessoas, que cobram "usura" ou juros extorsivos (cf. Êx 22.25; Lv 25.36). Esse tipo de atividade é ilícita e ilegal. Um cristão não deve

praticar a agiotagem, que é o empréstimo de dinheiro, de modo clandestino, geralmente a juros exorbitantes. Quem assim procede aproveita-se da situação financeira de certas pessoas, visando obter vantagem pessoal. Conheci casos em que o agiota cobrava 20% de juros de uma pessoa que estava necessitando de dinheiro, e não tinha condições de recorrer ao banco. Com uma taxa dessas, em menos de cinco meses, o devedor já terá pago o que pediu emprestado e continua devendo o mesmo. O que é mais triste é saber que há crentes que praticam esse tipo de coisa, explorando a necessidade alheia. A Bíblia condena tal prática.

## Pagar os impostos

Em Romanos 13.7, lemos: "Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra". A sonegação de impostos acarreta prejuízo para toda a nação. O cristão não deve ser sonegador, pois isso não glorifica a Deus. Ainda que muitos aleguem que os governos não aplicam bem o dinheiro arrecadado, desviando para finalidades menos necessárias, etc., o cristão precisa comportar-se como cidadão dos céus no trato com o dinheiro. É mandamento bíblico que paguemos os impostos.

## Pagar o salário do trabalhador

Se o cristão tem pessoas a seu serviço, crentes ou não, tem o dever de pagar corretamente o salário que lhe é devido. A Bíblia diz:

> Eia, pois, agora vós, ricos, chorai e pranteai por vossas misérias, que sobre vós hão de vir. As vossas riquezas estão apodrecidas, e as vossas vestes estão comidas da traça. O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram; e a sua ferrugem dará testemunho contra vós e comerá como fogo a vossa carne. Entesourastes para os últimos dias. Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram as

> vossas terras e que por vós foi diminuído clama; e os clamores dos que ceifaram entraram nos ouvidos do Senhor dos Exércitos. Deliciosamente, vivestes sobre a terra, e vos deleitastes, e cevastes o vosso coração, como num dia de matança (Tg 5.1-5). Ai daquele que edifica a sua casa com injustiça e os seus aposentos sem direito; que se serve do serviço do seu próximo, sem paga, e não lhe dá o salário do seu trabalho (Jr 22.13).

Há quem argumente que não dá para pagar o salário corretamente, pois o governo cobra encargos sociais elevados, evitando, inclusive, assinar a carteira de trabalho. É um raciocínio equivocado. De fato, em nosso país, os encargos e tributos são elevados, mas a experiência mostra que é melhor ter o trabalhador legalizado, com seu salário em dia, do que mantê-lo de modo irregular, pensando em ter menos despesas. Numa eventualidade de conflito entre patrão e empregado, a Justiça do Trabalho sempre está ao lado do trabalhador, e a legislação é muito rigorosa, cobrando pesados tributos de quem sonega os direitos trabalhistas. No fim, o empregado ilegal sai mais caro. O cristão deve estar ao lado da legalidade. A ética bíblica assim o determina.

O dinheiro é um meio de troca importante para as transações entre pessoas e empresas. O que a Bíblia condena não é o dinheiro em si, mas o amor ao dinheiro (avareza), que é "a raiz de toda espécie de males". A riqueza também não é condenada por Deus, desde que obtida por meios lícitos e trabalho honesto.

Concluindo, dizemos que o dinheiro pode ser bênção ou maldição, dependendo do uso que dele fazemos. Se o fizermos para a glória de Deus, com gratidão pelos bens adquiridos, seremos recompensados pelo Senhor. Que possamos utilizar os recursos financeiros de modo honesto, como verdadeiros mordomos de nosso Senhor Jesus Cristo. Que o Senhor nos ensine a usar da melhor maneira possível os recursos financeiros ao nosso dispor, como bênçãos de sua parte.

Capítulo 12

# O Cristão, os Vícios e os Jogos

Não é comum vermos um crente em Jesus Cristo na jogatina, viciado em bebida, drogas, ou em outro tipo de agente destruidor da moral, dos bons costumes ou da saúde. Mas há muitas pessoas que são tentadas a buscar o ganho fácil, atendendo a sugestões de pessoas incrédulas, que não se pautam pela ética cristã, baseada na Bíblia Sagrada.

Um certo irmão, numa igreja, foi visto por diversas vezes, num local de "jogo do bicho". Indagado a respeito, respondeu que não havia nada demais, alegando que gastava apenas uma pequena importância de sua renda, tentando "fazer uma fezinha", com o intento de aumentar sua renda de uma hora para outra. Mas essa não é a vontade de Deus para seus filhos.

"Como a perdiz que ajunta ovos que não choca, assim é aquele que ajunta riquezas, mas não retamente; no meio de seus dias as deixará e no seu fim se fará um insensato" *(Jr 17.11)*

Além dos jogos, os vícios são inimigos corriqueiros que atacam lares em todo o mundo, destruindo vidas e famílias. Eles também prejudicam lares cristãos. Muitos pais choram, pedindo oração por filhos dominados pelos jogos de azar, e pelos vícios. Na época em que vivemos, há uma onda de liberalismo, que não vê pecado em quase nada, e favorece práticas perigosas, que podem levar à destruição espiritual, disfarçadas de "coisas que não têm nada a ver".

Meditemos neste tema, buscando o entendimento com base na Palavra de Deus.

## O ALCOOLISMO À LUZ DA BÍBLIA

A primeira embriaguez registrada na Bíblia ocorreu quando Noé, junto com sua família, reiniciou a vida sobre a face da terra, depois de sobreviver ao dilúvio, tendo passado mais de um ano a bordo da arca. Diz o Livro Sagrado:

> E começou Noé a ser lavrador da terra e plantou uma vinha. E bebeu vinho e embebedou-se; e descobriu-se no meio da tenda, e viu Caim, o pai de Canaã, a nudez de seu pai e fê-lo saber a ambos seus irmãos, fora. Então, tomaram Sem e Jafé uma capa, puseram-na sobre ambos os seus ombros e, indo virados para trás, cobriram a nudez do seu pai; e os seus rostos eram virados, de maneira que não viram a nudez do seu pai. E despertou Noé do seu vinho e soube o que seu filho menor lhe fizera. E disse: Maldito seja Canaã; servo dos servos seja aos seus irmãos (Gn 9.20-25).

Com o texto em destaque, podemos ver que a embriaguez teve origem numa atitude impensada do patriarca Noé, após o dilúvio, quando colhia o fruto de sua vinha. Talvez tenha tido a idéia de preparar com os frutos uma bebida, a qual, fermentando, provocou-lhe a embriaguez. Como resultado, vemos que houve pecado, tristeza, vergonha, e maldição. Esta é a origem nefanda do vício do alcoolismo.

### A Bebida Alcoólica no Antigo Testamento

Conforme estudo contido na Bíblia de Estudo Pentecostal, há algumas palavras hebraicas para "vinho" (p. 241). A primeira delas é *yayn*, termo

usado cerca de 141 vezes, indicando "vários tipos de vinhos fermentado ou não fermentado (cf. Gn 9.20,21; 19.32,33). Por outro lado, *yayn* também se aplica ao "suco doce, não fermentado, da uva". Pode referir-se ao suco fresco da uva espremida. Na Bíblia, vê-se que o uso do vinho fermentado sempre teve resultados prejudiciais. Além do episódio envolvendo Noé e seu filho mais novo, que foi amaldiçoado, vemos que o uso de bebida alcoólica levou as filhas de Ló a coabitarem com o próprio pai, fazendo surgir uma geração igualmente maldita (cf. Gn 19.31-38). Tendo em vista os resultados danosos da bebida alcoólica, o sacerdote era proibido de fazer uso dela (Lv 10.9-11).

A segunda palavra traduzida por vinho, no Antigo Testamento, era *tirosh*, com o significado de "vinho novo", referindo-se à bebida extraída da vide, não-fermentada, ou o suco doce da uva (cf. Dt 11.14; Pv 3.10; Jl 2.24). Ocorre 38 vezes no Antigo Testamento, sempre, referindo-se ao vinho não fermentado. O *yayn* fermentado é sempre ligado à embriaguez, "é escarnecedor" (Pv 20.1; 23.31). O *tirosh* "tem bênção nele" (cf. Is 65.8).

Outra palavra, que se refere a vinho é *shekar,* que ocorre 23 vezes no Antigo Testamento. Também se traduz por "bebida forte" (cf. 1 Sm 1.15; Nm 6.3). Segundo eruditos, *shekar* refere-se a bebida fermentada, extraída do suco de outras plantas, que não a videira, tais como de romã, de palmeira ou de tâmara. Essa palavra vem do verbo *shakar*, que quer dizer "beber à vontade", "embriagar-se".

O sábio Salomão teve a visão plena do que significa o vício da embriaguez, quando afirmou: "O vinho é escarnecedor, e a bebida forte, alvoroçadora; e todo aquele que neles errar nunca será sábio" (Pv 20.1).

Solene e grave constatação está registrada nas páginas da Bíblia, quanto ao uso do vinho pelos sacerdotes; "O sacerdote e o profeta erram por causa da bebida forte... andam errados na visão e tropeçam no juízo. Porque todas as suas mesas estão cheias de vômitos e imundícia; não há nenhum lugar limpo" (Is 28.7,8).

## O Vinho no Novo Testamento

No Novo Testamento, a palavra grega mais usada para "vinho" é *oinos*, podendo referir-se tanto ao vinho fermentado, como ao não fermentado (suco da uva). Há um questionamento sobre o vinho que Jesus tomou na Santa Ceia. Uns, querendo justificar o uso da bebida alcoólica, afirmam que o Senhor fez uso do vinho fermentado. Entretanto, uma análise mais cuidadosa dos textos bíblicos indica que o vinho utilizado por Jesus foi o suco da uva, não fermentado.

Segundo a Bíblia de Estudo Pentecostal (p. 1518), "Jesus e seus discípulos beberam no dito ato, suco de uva não fermentado". Esse entendimento, segundo o comentário citado, baseia-se no fato de nenhum dos escritores dos evangelhos terem usado a palavra *oinos*, quando se referiram à Ceia do Senhor. O termo usado foi "fruto da vide" (Gr. *guenematos tês ampèlou*), indicando tratar-se do suco fresco da uva (cf. Mt 26.29; Mc 14.25; Lc 22.18). A BEP afirma que: "O vinho não fermentado é o único 'fruto da vide' verdadeiramente natural, contendo aproximadamente 20% de açúcar e nenhum álcool. A fermentação destrói boa parte do açúcar e altera aquilo que a videira produz. O vinho fermentado não é produzido pela videira" (ibidem).

Com esses dados, resumidos, sobre o vinho ou a bebida alcoólica, na Bíblia, vemos que não há respaldo para justificar o hábito de beber ou de fazer-se uso da bebida embriagante pelos cristãos.

## Alcoolismo — Doença ou Pecado?

A Organização Mundial da Saúde (OMS), órgão pertencente à ONU, considera o alcoolismo uma "síndrome de causas múltiplas"; grande parte dos médicos, no mundo, o considera como doença. Há pesquisas que concluem que se trata de enfermidade de origem genética, visto que há pessoas que são mais suscetíveis de embriagar-se e outras não. Esta é uma

explicação científica. A Bíblia, no entanto, tem outra explicação. Nela, verificamos que o alcoolismo, a bebedeira e outros vícios, têm origem no pecado, e são vistos como atos pecaminosos, e meios que levam o homem a cometer outros erros mais graves.

Em Isaías 28.1, vemos a condenação de Efraim (Israel) pela soberba de seus embriagados. No mesmo capítulo, vemos que "... até o sacerdote e o profeta erram por causa da bebida forte; são absorvidos do vinho". A primeira embriaguez foi experimentada por Noé, logo após o dilúvio, e causou um grande mal à sua família, resultando em maldição para seu filho Canaã (Gn 9.21-25).

## Condenação à Bebedice

A Bíblia não faz concessão à bebedice. O Senhor condenou os que se dão à bebida. Se fosse visto como doença, certamente teria outra forma de tratamento. Diz a Palavra: "Ai dos que se levantam pela manhã e seguem a bebedice! E se demoram até à noite, até que o vinho os esquenta! Harpas, e alaúdes, e tamboris e pífanos, e vinho há nos seus banquetes; e não olham para a obra do Senhor, nem consideram as obras das suas mãos" (Is 5.11,12). Aqui, vemos um tipo de festa, no Antigo Testamento, que muito se parece com o que se passa nos bares, nos clubes e shows mundanos, em que a bebida alcoólica é fator indispensável para sua motivação.

Na maioria dos países, o problema do alcoolismo causa grandes transtornos morais, econômicos e sociais, principalmente no Ocidente, onde a permissividade é marca constante, sob a complacência das autoridades, das leis e da própria sociedade. Nos países do Oriente, as religiões têm maior peso no comportamento das pessoas, e há uma condenação clara e terrível contra os viciados, sendo estes considerados transgressores da lei, que os pune com severidade. Há países muçulmanos em que os viciados são detidos, presos, ou sentenciados a duras penas.

## O Sofrimento dos Viciados

Milhões e milhões de miseráveis espirituais, morais e físicos, estão à mercê do vício da bebedeira. Na realidade, o álcool tem sido um agente usado pelo Diabo para destruir vidas preciosas. E não é um problema novo. Desde que o pecado entrou no mundo, em sua retaguarda, passou a existir um desfile de males que têm por finalidade prejudicar a existência do homem na face da terra. A Palavra de Deus registra as conseqüências da embriaguez. O escritor dos Provérbios anotou:

> Para quem são os ais? Para quem, os pesares? Para quem, as pelejas? Para quem, as queixas? Para quem, as feridas sem causa? E para quem, os olhos vermelhos? Para os que se demoram perto do vinho, para os que andam buscando bebida misturada... Os teus olhos olharão para as mulheres estranhas, e o teu coração falará perversidades. E serás como o que dorme no meio do mar e como o que dorme no topo do mastro e dirás: Espancaram-me, e não me doeu; bateram-me, e não o senti; quando virei a despertar? (Pv 23.29,30,33-35).

Sofrimento, pesares, violência, queixas, adultério, prostituição, linguagem perversa, desequilíbrio mental (*delirium tremens*), câimbras, vômito, derrame, hipertensão, são apenas algumas das danosas conseqüências do alcoolismo.

## O Alcoolismo no Novo Testamento

Advertindo sobre sua vinda, Jesus proferiu uma parábola sobre a vigilância, e condenou o servo infiel, comedor, espancador, e *beberrão,* dizendo que sua parte seria com os infiéis (Lc 12.45,46). S. Paulo colocou no mesmo nível de condenação os bêbados, os devassos, os idólatras, os homossexuais e os ladrões, os quais não herdarão o Reino de Deus:

> Não sabeis que os injustos não hão de herdar o Reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, *nem os bêbados*, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o Reino de Deus (1 Co 6.9,10 — ênfase minha).

É do apóstolo dos gentios exortação igualmente incisiva com relação aos que se dão à bebedeira:

> Andemos honestamente, como de dia, não em glutonarias, *nem em bebedices*, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não tenhas cuidado da carne em suas concupiscências (Rm 13.13,14 — ênfase minha).

Não é só S. Paulo que condena a bebedice. S. Pedro, apóstolo de Jesus, em sua primeira epístola, também faz severa advertência, incluindo, de igual modo, a bebedice ao lado de atitudes e práticas abomináveis a Deus:

> Porque é bastante que, no tempo passado da vida, fizéssemos a vontade dos gentios, andando em dissoluções, concupiscências, borracheiras, glutonarias, *bebedices* e abomináveis idolatrias; e acham estranho não correrdes com eles no mesmo desenfreamento de dissolução, blasfemando de vós, os quais hão de dar conta ao que está preparado para julgar os vivos e os mortos (1 Pe 4.3-5).

Estes textos, tanto de Paulo como de Pedro, nos mostram que os que se dão à bebedice quase sempre andam na companhia dos glutões, em dissoluções e concupiscências diversas. De fato, geralmente, um viciado não anda só. Ele sempre procura a cumplicidade de um colega de farra,

um amigo ébrio, andando no caminho escorregadio do maldito vício, que tantas vidas tem ceifado, destruindo famílias, separando pais de filhos, esposos de esposas, desmoronando lares.

### Uma Fábula Espanhola

Conta-se que um velho ia caminhando pelas montanhas, quando encontrou-se com Satanás. O Diabo ficou diante dele, não o deixando passar. O velho pediu-lhe que o deixasse ir embora para o seio da família. O Diabo, então, propôs-lhe uma sinistra empreitada: "Só lhe deixarei passar se você matar seu pai, sua mãe, sua mulher e seus filhos". "Não", respondeu o velho, "jamais farei isso". Então, fez-lhe outra proposta. Nesse caso, você terá de tomar cachaça. O velho disse: "Ah, isso eu posso fazer!". Nessa ocasião deixou-o ir embora. Chegando em casa, bebeu, e embriagou-se demasiadamente. Fora de si, matou o pai, a mãe, a mulher e os filhos. Estava feita a vontade de Satanás. A bebida alcoólica foi o meio mais eficaz, usado pelo Inimigo das almas para a desgraça da família.

## POSICIONAMENTO CRISTÃO

Diante do que esboçamos acima, não vemos qualquer situação em que o cristão justifique o vício da embriaguez, a prática da bebedice. Não podemos compactuar nem mesmo com o que se convencionou chamar "beber socialmente". Este procedimento, segundo o qual alguém apenas ingere bebida alcoólica nas festas, nos banquetes, nos encontros sociais, é o que tem sido a porta de entrada para o tenebroso caminho do vício do alcoolismo. Assim, entendemos que o posicionamento a seguir deve ser seguido, pois o mesmo encontra respaldo na Palavra de Deus, fonte de fé e prática do cristão:

### Condenação ao Vício

Diante de tal visão sobre o alcoolismo, expressa na Palavra de Deus, o cristão não tem outra alternativa a não ser reprovar de modo

claro e direto o uso de bebidas alcoólicas. Para tanto, não precisamos condenar as vítimas da bebida. Nos tempos bíblicos, no Antigo e no Novo Testamento, houve ocasiões em que o vinho era utilizado como bebida familiar, sem o caráter nocivo de vício ou motivador de comportamentos desregrados. Hoje, porém, verifica-se que são enormes os prejuízos à sociedade; grande parte dos acidentes de trânsito são provocados por motoristas alcoolizados; cerca de 80% das agressões têm na bebida sua motivação; a ausência do trabalho por causa do vício provoca enormes prejuízos. O cristão verdadeiro está livre de todos esses males.

## O Vinho que Jesus Tomou

Jesus transformou água em vinho, em seu primeiro milagre, numa respeitável festa de casamento (Jo 2.1-11). Há quem use este texto para dizer que Jesus bebia vinho. Mas, naquela ocasião, o vinho tomado por Jesus certamente não foi fermentado. Na Santa Ceia, Jesus não tomou vinho alcoolizado. No texto original, Ele tomou "do fruto da vide" (Gr. *guenematos tês ampèlou*), indicando tratar-se do suco fresco da uva. Se fosse vinho fermentado a palavra seria *oinos*.

## Nenhuma Concessão

Entendemos que o cristão não deve tomar cerveja, champanhe ou outra bebida, considerada leve, tendo em vista o perigo que envolve tal prática. Crentes jovens, ou novos convertidos, poderão seguir o exemplo de um irmão mais antigo — e o Diabo, da mesma forma, usar isso como argumento — para envolver-se no hábito ou vício da bebida alcoólica. Lembremo-nos de que "o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo" (Rm 14.17).

## A Serpente na Geladeira

Um certo pai, cristão, guardava uma garrafa de vinho em sua geladeira. Era daqueles crentes que dizem que não há nada de mais em beber um copo de cerveja ou de vinho, nas horas de refeição, antes de tomar banho, ou quando o tempo está frio, ou, ainda, quando está quente.

Certo dia, seu filho pediu o carro emprestado, para dar um passeio com a noiva. Horas depois, o pai recebeu um telefonema de um hospital, chamando-o com urgência. O filho sofrera um acidente, e estava entre a vida e a morte, e a noiva deste também estava sendo atendida no pronto-socorro.

O pai, angustiado, sem saber o que de certo houvera ocorrido, deslocou-se até o hospital, em busca do filho. Lá, foi informado pelos médicos de plantão, que o filho fora vítima de um acidente automobilístico, sofrendo graves ferimentos. Aflito, o pai aguardava o resultado da delicada cirurgia de urgência, a que o filho estava sendo submetido. Infelizmente, porém, teve de ouvir que o caso de seu filho fora grave, e que o mesmo não resistira à intervenção cirúrgica, vindo a falecer.

Desolado, o pai foi para casa, a fim de tomar as medidas necessárias. Depois, foi ao local do acidente, e verificou que seu carro colidira com outro, causando os ferimentos e a morte do filho. Ao examinar melhor, dentro dos destroços do veículo, aquele pai verificou que, no banco de trás, estava uma garrafa de vinho, vazia...

## O Cristão e o Fumo

O fumo é uma droga. Com milhares de substâncias prejudiciais ao organismo humano, o cigarro mata mais do que muitas guerras sangrentas. Segundo pesquisas, a cada 10 minutos, morre um brasileiro de câncer no pulmão, de enfisema pulmonar, ou de doença cardiovascular, por causa do fumo; e a cada ano estima-se que morrem mais de 100.000 pessoas, no

Brasil, em conseqüência desse vício, um suicídio lento. Metais tóxicos, como cádmio, manganês, cromo, zinco, ao lado do alcatrão e da nicotina, acabam matando os viciados. Mais de 2.500.000 pessoas morrem por ano, no mundo, vitimadas pela epidemia do cigarro.

Segundo o jornal *Folha de São Paulo* (18/9/97, p. 2), de cada dólar arrecadado em impostos, pelo cigarro, um e meio é gasto com o tratamento de doenças ligadas ao fumo. Só nos países da Comunidade Econômica Européia, quase 400 bilhões de dólares são gastos para tratar doentes do fumo, em 25 anos. O Diabo é enganador, e, através da propaganda falsa, passa para os jovens a idéia de que fumar é algo fascinante, é "chique". A Bíblia tem razão, quando afirma: "Mas os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados" (2 Tm 3.13).

Diante de tal tragédia, o cristão não deve fumar, e contribuir para que o tabagismo seja erradicado. O fumo destrói o corpo, que é templo do Espírito Santo (1 Co 3.17). Graças a Deus, são inúmeros os casos de pessoas que aceitam a Cristo, e ficam libertas do vício do fumo. É que as causas do vício, na opinião de estudiosos, são a insegurança, problemas emocionais, e má influência. Tudo isso é parte da velha vida, que fica para trás (cf. 2 Co 5.17).

## O Cristão e as Drogas

Ao lado do fumo, da bebida alcoólica e de outras substâncias, as drogas são agentes utilizados pelo Diabo para a destruição de vidas, principalmente de vidas de adolescentes e jovens. Há, no país, uma pressão para que as chamadas "drogas leves", como a maconha, sejam descriminalizadas, com o argumento de que se diminuiria o tráfico, e se saberia quem eram as vítimas desse mal. Entretanto, médicos abalizados afirmam que o uso da maconha é a porta para as drogas mais pesadas, como a cocaína, a heroína, o LSD, o *crack*, e outras.

O cristão não deve concordar com o uso de drogas, nem contribuir direta ou indiretamente para seu tráfico. É importante que se saiba que

os motivos que levam um jovem a drogar-se são vários, tais como curiosidade, influência do grupo, aventura, mas, principalmente, o desajuste familiar. O melhor preventivo contra o vício da droga é o amor cristão entre pais e filhos, o diálogo, o bom relacionamento, o culto doméstico, desde cedo. Diz a bíblia: "Instrui o menino no caminho em que deve andar, e, até quando envelhecer, não se desviará dele" (Pv 22.6).

## O Cristão e os Jogos de Azar

No capítulo anterior, vimos que o crente em Jesus não deve gastar seu dinheiro com "o jogo, o bingo, a rifa, a loteria, e outras formas 'fáceis' de buscar riquezas". A propaganda das loterias, dos bingos e de outros meios da jogatina, iludem os incautos, prometendo-lhes riqueza fácil, ou seja, ficar milionário do dia para a noite, apelando para a sorte. Contudo, nenhum desses jogos é de sorte, mas de azar. Milhares de pessoas jogam, mas só uma, ou poucas, ganham "a bolada". E o restante? Ficou no azar. Perdeu dinheiro e energias, esperando o ganho fantástico! Muitos não sabem, mas quanto mais pessoas jogam, menos chances cada uma tem de ser sorteada.

## Dez Questões Envolvendo o Jogo de Azar

De acordo com o pastor Tony Evans, em seu livro *Loteria e Jogos de Azar*, há dez problemas a se considerar:

*O primeiro problema é o da cobiça, ou ambição* (1 Tm 6.1). Em Provérbios 28.22, lemos: "Aquele que tem um olho mau corre atrás das riquezas, mas não sabe que há de vir sobre ele a pobreza".

*O segundo problema é o da confiança*. Se a pessoa recorre a jogos, ou à "sorte", é porque não confia na providência divina.

*O terceiro problema é o da "produtividade", ou seja, do trabalho eficaz.* Se o crente resolve jogar, pensando em deixar de trabalhar, isso não é correto. Em Efésios 4.28, lemos: "Aquele que furtava não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade".

*O quarto problema é o da sabedoria.* Sabendo que a jogatina baseia-se no fato de quanto mais pessoas jogam, menos delas têm condições de ganhar, os barões da loteria é que lucram. A maioria perde. O crente deve edificar sua casa com sabedoria, e não com o jogo de azar (ler Pv 24.3).

*O quinto problema é o do vício.* O vício do jogo leva a pessoa a uma compulsão, que a obriga a jogar mais e mais, na esperança de superar as perdas. O indivíduo torna-se um escravo do jogo. Começa com dinheiro, depois entrega a roupa, os sapatos, o relógio, os bens, e por fim, a honra, a dignidade.

*O sexto problema é o da exploração.* Através do jogo, muitas pessoas são exploradas. "E isso é pior quando se considera o fato de que a loteria tem por alvo o pobre e é financiada pelo pobre". Há quem gaste um quinto do salário ou mais, por ano, com a loteria, e não recebe nada em troca. O argumento de que parte do dinheiro vai para as obras sociais não justifica a jogatina. O correto seria o governo proporcionar oportunidade de emprego honesto, e não de incentivo ao jogo, ao azar.

*O sétimo problema é o da sociedade.* O jogo não contribui para a melhoria da sociedade. Impostos arrecadados não justificam os males sociais decorrentes da jogatina, que se associa a bebidas, drogas, prostituição e a outros vícios. Diz Evans:

> É isso que acontece também quando igrejas promovem bingos ou rifas para levantar fundos ou melhorar sua receita. As igrejas não são imunes ao problema. Para sacramentar o bingo ou a rifa, a igreja faz uma oração e faz de conta que tudo está certo — Por que a igreja faz isso? — É que a igreja não consegue fazer com

que o povo contribua, e assim precisa recorrer a esse tipo de jogo (*Loteria e Jogos de Azar*, pp. 44,45).

*Em oitavo lugar, vem o problema espiritual.* Através do jogo, o cristão escandaliza irmãos mais fracos, contrariando a Palavra de Deus. Quando fazemos algo aparentemente sem maldade, em termos de atitudes e práticas, podemos prejudicar o "irmão mais fraco". Diz a Bíblia: "Ora, pecando assim contra os irmãos e ferindo a sua fraca consciência, pecais contra Cristo. Pelo que, se o manjar escandalizar a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que meu irmão não se escandalize" (ver 1 Co 8.12,13). Vemos, assim, que, mesmo através da comida, que é uma necessidade para o organismo, se escandalizamos o nosso irmão, devemos nos abster dela, quanto mais do jogo, do vício, ou de outro tipo de prática.

*Em nono lugar, o problema do divertimento.* É quando alguém joga, alegando que é apenas um divertimento. Mas Deus não aprova qualquer prazer ou divertimento ilegal, baseado no azar, na ambição de ganhar dinheiro. Muitos têm perdido a vida, em conseqüência desse tipo de divertimento. O jogo pede a bebida. A bebida entorpece a mente, levando seus usuários ao descontrole emocional, e, não raro, a envolver-se com brigas, espancamentos, e até à morte. Esse é o tipo de divertimento que o cristão deve rejeitar, fugindo dele para seu próprio bem.

*Em décimo lugar, vem a questão da mordomia.* Segundo Evans: "A décima questão pode ser a mais importante de todas. É a seguinte: O jogo de azar é boa mordomia?" (ibidem, p. 60). De fato, o mordomo é alguém de muita confiança, que cuida dos bens, do patrimônio de seu patrão, ou do seu senhor, aqui, na terra. É preciso que seja uma pessoa de caráter ilibado, de bom comportamento, alguém em que se possa confiar, realmente, para entregar a seus cuidados os bens materiais, e até mesmo o cuidado da administração da casa. A pergunta de Evans faz muito sentido. Diante de Deus, um viciado em jogo de azar é um bom mordomo das coisas que o Senhor lhe confia?

Numa visão espiritual, em relação aos bens terrenos, podemos dizer que nada é nosso. Deus nos confia riquezas da sua graça, para nos cumular de bens lá no céu. Aqui, na terra, Ele nos concede possuirmos bens, para nossa vida material, para o nosso conforto, mas, na realidade, tudo é dEle. Diz o salmista: "Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam" (Sl 24.1).

Na parábola dos Talentos, Jesus ensinou uma lição espiritual, de tremendo significado moral, igualmente. Ali, Ele conta que um homem partiu para uma terra distante, e entregou seus bens a três dos seus servos. Ao primeiro, entregou cinco talentos (aproximadamente 150 quilos); ao segundo, entregou dois talentos; e ao terceiro, um talento. Retornando, o rico proprietário pediu a prestação de contas a seus servos, que eram seus mordomos.

Os servos que receberam cinco e dois talentos, respectivamente, foram elogiados pelo seu senhor, pois negociaram os talentos recebidos e obtiveram o dobro. O que recebera um talento, no entanto, não fora bom mordomo. Limitou-se a esconder o que recebera, e na prestação de contas, saiu-se com a desculpa de que não ganhou nada, mas também não perdeu, pois escondera o talento de seu senhor, alegando que o mesmo era um "homem duro", que colhia onde não semeava, etc. Em resposta, aquele servo ouviu uma dura sentença, sendo condenado a ser lançado "nas trevas exteriores", onde "haverá pranto e ranger de dentes" (Mt 25.14-17).

Assim, um cristão que se deixa envolver pelo jogo, torna-se um mau e negligente servo, que poderá receber, se não se arrepender a tempo, uma dura sentença da parte de Deus, por utilizar os bens que lhe foram confiados de forma irresponsável e prejudicial a si, à sua família, à sociedade, e à igreja do Senhor. Com a lassidão dos costumes, os jogos e os vícios estão sendo legalizados. Mas o cristão verdadeiro não se deixará levar pela tentação de ganhar dinheiro facilmente, nem pela atração dos vícios carnais.

Capítulo 13

# O Cristão e a Política

Suponhamos o seguinte cenário: Um projeto de lei, oficializando a "união civil de pessoas do mesmo sexo", ou seja, o "casamento entre homossexuais", é aprovado no Congresso Nacional. A partir daquele momento, as pessoas que vivem a prática homossexual passam a ter o respaldo total da Constituição, com direito a reivindicar o mesmo tratamento dado às pessoas heterossexuais. Um "casal" de gays ou de lésbicas adentra uma igreja, indo à frente do púlpito por ocasião do apelo. Mesmo que o pastor perceba quem eles são, os receberá; seus nomes serão anotados, pois a Bíblia diz, e nós pregamos, que as pessoas devem vir a Cristo como estão. Até aí, como sempre aconteceu, os novos convertidos são bem recebidos na igreja local.

"Quando os justos triunfam, há grande alegria; mas, quando os ímpios sobem, os homens escondem-se" *(Pv 28.12)*

Continuando nosso raciocínio, suponhamos que o "casal" passe a freqüentar a igreja, digamos, dois homens. Entram e saem, sentam-se juntos, freqüentam os cultos, oram, dão ofertas, etc., numa vida normal de quem aceita a Cristo. Percebendo a relação entre eles, muitos irmãos começam a questionar, e a indagar se a igreja concorda que dois homens entrem de mãos dadas na igreja, e o que é que se deve fazer. Jovens e adolescentes começam a

falar a respeito do assunto, muitos rindo e criticando os novos crentes de comportamento esquisito. Eles mesmos sentem-se um tanto incomodados, mas entendem a reação das pessoas, pois a entrada de homossexuais nas igrejas é fato legal, mas muito recente, e há necessidade de tempo para uma assimilação melhor.

Quando chegar a época do batismo em águas, o "casal" procura o pastor, e ambos, de mãos dadas, dizem que querem ser batizados, pois decidiram que aquela seria a igreja ideal para eles. O pastor da igreja, um homem de Deus, sincero; mesmo aberto às mudanças, fica um tanto constrangido. Sem saber o que dizer, convida o "casal" ao gabinete pastoral, e diz para eles que reconhece tratar-se de uma relação legal, mas que a igreja não está preparada para isso; aproveita para ler a Bíblia, mostrando diversos textos que proíbem a união entre pessoas do mesmo sexo, considerando mesmo um pecado grave diante de Deus. O "casal" homossexual argumenta que aceitaram a Cristo, e que não gostariam de ser discriminados, lembrando ao pastor que tal fato constitui crime, e que não gostariam de ter de recorrer à Justiça para que seus direitos sejam respeitados. O pastor responde que infelizmente não poderá aceitá-los para batismo, pois a liderança da igreja, bem como os crentes em geral não concordam com isso, sendo o assunto já apresentado em reuniões ministeriais, inclusive da Convenção de Ministros da denominação. O "casal" se despede, dizendo que irão tomar as medidas que o caso requer, pois sentem-se injuriados e desrespeitados em seus direitos, sofrendo constrangimento ilegal.

Sem querer alongar-nos muito no raciocínio proposto, podemos imaginar o que acontecerá às igrejas, e sobretudo a seus pastores, se o cenário acima descrito tornar-se real, com a possível aprovação do projeto de lei que propõe a legalização da união entre homossexuais, como já ocorre em alguns países. Certamente, processos serão levados aos tribunais, propondo a condenação de pastores e de igrejas por discriminação sexual. Haverá transtornos sérios, constrangimentos

diversos, e conflitos constantes, se as igrejas evangélicas resolverem colocar a Bíblia acima da lei do país, como é de se esperar, quando a lei aprovar atos que contrariem os sagrados princípios da Palavra de Deus. Certamente, terá chegado o momento de agir como os apóstolos, diante das autoridades: "Respondendo, porém, Pedro e João, lhes disseram: Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus; porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido" (At 4.19,20).

Este e outros cenários poderão tornar-se realidade. E quando surgirem leis, legalizando o aborto, a eutanásia, a clonagem de seres humanos? Isso é possível. E quem faz as leis? Os pastores, os evangelistas, os presbíteros, as irmãs do Círculo de Oração ou da Comissão de Visitas? E quando surgirem leis, incluindo no currículo das escolas públicas a chamada "meditação transcendental", que é um meio da Nova Era para o controle da mente? Aliás, tal prática já está sendo levada a efeito em muitas escolas, particulares e públicas, e filhos de cristãos estão sendo obrigados a aceitar essa prática. Uma das formas de se amortecer a reação da mente, segundo tal prática, é através da busca do chamado "estado alfa", no qual a pessoa torna-se mais propensa a aceitar tudo o que lhe for ensinado. Isso é terrível, mas, mesmo sem o respaldo da lei, está sendo transmitido nas salas de aula por professores adeptos da Nova Era, esotéricos, budistas e seguidores de outras seitas orientais. E se isso for legalizado?

Se tais assuntos merecem ser estudados, à luz da ética cristã, temos de nos posicionar, com base na Palavra de Deus. Quem faz as leis são os políticos, nas Câmaras Municipais, nas Assembléias Legislativas, na Câmara dos Deputados e no Senado Federal. Quem os elege? Somente os não evangélicos? Certamente, não. Todos os cidadãos, inclusive os evangélicos, são os responsáveis pela eleição de pessoas para os diversos cargos públicos, e como representantes legais do povo.

Lamentavelmente, de todas as áreas da vida do cidadão, a política tem sido uma em que muitos cristãos não têm sido bem-sucedidos, por não saberem comportar-se de modo digno, como o fizeram Daniel e seus

companheiros no reino babilônico. Na realidade, porém, a política é atividade necessária ao bom ordenamento e desenvolvimento da vida de uma nação, em que a Igreja está inserida. Estamos vivendo um tempo difícil, em que a sociedade passa por mudanças as mais diversas, que têm inexoravelmente influência sobre todas as pessoas, em todos os lugares. A Igreja do Senhor Jesus, aqui na terra, não está imune a essas mudanças e influências.

## CONCEITOS IMPORTANTES

### Política

"O vocábulo "política" vem do grego, *polis,* 'cidade'. A política, pois, procura determinar a conduta ideal do Estado, pelo que seria uma ética social. Ela procura definir quais são o caráter, a natureza e os alvos do governo. Trata-se do estudo do governo ideal" (*Enciclopédia de Bíblia, Filosofia e Teologia*, p. 769). "Política significava, originalmente, o conhecimento, a participação, a defesa e a gestão dos negócios da *polis*" (*Cidade-Estado, na Grécia* — citado em *Cristianismo e Política*, p. 19).

Segundo Champlin e Bentes: "A política é um dos seis ramos tradicionais da filosofia. Platão pode ser caracterizado como o pai da política, porquanto em sua filosofia, sobretudo em seu diálogo intitulado *República,* ele desenvolveu uma extensa teoria política. A filosofia política ocupa-se com a conduta ideal do Estado, como a ética das sociedades organizadas" (*Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, p. 788). Além de Platão, outros grandes filósofos idealizaram a filosofia política, enfatizando certos aspectos considerados preponderantes sobre os outros na sociedade. Enquanto Platão enfatizava o predomínio do indivíduo, sobretudo dos filósofos, e defendia um Estado comunista; Aristóteles destacava o valor da família como "unidade central do Estado e não o

indivíduo..."; propugnava um sistema misto de governo, com destaque para um tipo de democracia (não popular) criticando o Estado comunista defendido por Platão (ibidem, p. 789). Agostinho via a política como a reguladora dos conflitos entre a Igreja e o Estado; o filósofo italiano Maquiavel defendeu a supremacia do Estado, advogando que todos os meios seriam lícitos, desde que os fins fossem bons. É a famosa máxima, segundo a qual "os fins justificam os meios".

## Política Partidária

É a que se desenvolve através de partidos políticos, das Câmaras de Vereadores, das Assembléias Legislativas, da Câmara dos Deputados e do Senado Federal. A ação dos políticos, nos partidos, lamentavelmente, tem sofrido desvios, e é confundida com a "politicagem", que nada mais é que a prática distorcida e corrupta da atividade política. Josué Sylvestre acentua que: "Muitos pastores e líderes confundem Política com P maiúsculo com politiquice, politicalha. Política, numa definição simples e sem rebuscamentos científicos, é a 'Arte de governar os Estados — as relações entre a política, a moral e a religião" (*Irmão Vota em Irmão*, p. 36).

A mídia tem sido pródiga em divulgar o comportamento de muitos políticos, que se utilizam dos partidos para desenvolver ações em seu próprio interesse, desvalorizando o mandato que o povo lhes confia. O cristão, como político, precisa estar filiado a um partido. Entretanto, necessário se faz que avalie muito bem de que lado o partido está: se do lado dos objetivos elevados da nação ou se do lado de grupos comprometidos com causas duvidosas; é importante que o cristão observe o programa do partido. Há exemplos de partidos que utilizam a denominação de cristão, mas defende, na verdade, ideologias materialistas e anticristãs. Há partidos que incluem em seu programa o apoio aos homossexuais, ao aborto, e a outras práticas contrárias aos sagrados princípios da Palavra de Deus.

# O CRISTÃO COMO CIDADÃO DOS CÉUS

## Nascidos de Novo

Quando nos convertemos a Cristo, imediatamente, somos registrados no "Cartório do Céu". Nos registros divinos, o nosso nome passa a fazer parte do Livro da Vida: "E peço-te também a ti, meu verdadeiro companheiro, que ajudes essas mulheres que trabalharam comigo no evangelho, e com Clemente, e com os outros cooperadores, cujos nomes estão no livro da vida" (Fp 4.3); "O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos" (Ap 3.5). Tornamo-nos seus filhos (cf. Jo 1.12), e cidadãos do céu. Já somos eleitos, e temos um representante divino, que é o Espírito Santo (Ef 1.4).

## Nossa Pátria Está nos Céus

A filiação divina nos dá o direito de sermos herdeiros de Deus, como diz a Bíblia: "E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados" (Rm 8.17). Por isso, nossa pátria (ou cidade), é celestial: "Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo" (Fp 3.20). Ainda que o cristão esteja vivendo neste mundo, em seu bairro, em sua cidade, no seu estado ou país, não deve perder jamais a visão da pátria celestial, que o espera, na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, não deve perder a noção de que é cidadão de uma pátria terrestre, para a qual deve contribuir com o melhor que tem da parte de Deus.

É fundamental que a Igreja do Senhor Jesus, formada por cidadãos dos céus, tenha uma influência marcante no meio social em que se insere. Não pode alienar-se dentro das quatro paredes dos templos, só pensando na parte espiritual. Esta é indispensável. Mas a participação na vida da

comunidade é importante para o cumprimento da missão profética e salvífica que lhe está confiada. Assim, o cristão, desempenhando sua função política, precisa demonstrar com a mensagem e com a vida, que tem o melhor programa para o mundo, para a sociedade, para a família e para o indivíduo, baseado nos ditames da Palavra de Deus. A cidadania do céu, portanto, deve prevalecer em todas as decisões e envolvimento que o crente possa ter neste mundo.

### Não Temos Permanência aqui

Por mais que o cristão esteja bem situado social, política e economicamente, neste mundo, deve lembrar-se de que seu destino não é ficar aqui. Isto seria uma tragédia, em termos espirituais. Diz a Bíblia: "Porque não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura" (Hb 13.14). Essa é uma realidade da qual muitos crentes não têm consciência. Vivem neste mundo, tão arraigados com ele, que perdem a visão da cidadania celestial. Na verdade, nem somos deste mundo! (cf. Jo 15.18,19). Somos peregrinos e forasteiros (Hb 11.13). Aqui, a corrupção "destrói grandemente" (Mq 2.10). Em todas as áreas de vida social, a corrupção tem feito chegar seus efeitos deletérios. Infelizmente, a política tem sido muito alcançada pela ação dos homens corruptos. Como não temos aqui cidade permanente, devemos analisar a política a partir da condição de cidadãos dos céus, antes de tudo. Podemos participar, mas sem perder a consciência de que representamos interesses sublimes do Reino de Deus, como Igreja e como indivíduos nascidos de novo, aqui, na terra.

## O CRISTÃO COMO CIDADÃO DA TERRA

### Os Direitos Políticos

A Constituição do Brasil, promulgada em 1988, assegura direitos políticos ao cidadão, no seu Capítulo IV, Artigo 14. Ali, são explicitados os

direitos e as condições dos eleitores e dos que aspiram a cargos políticos. Votar e ser votado, é direito assegurado pela constituição a todos os que atenderem aos requisitos da lei. Assim, o cristão, como cidadão terreno, tanto pode votar, como candidatar-se a cargos eletivos. Não devemos fazer coro com os adeptos de certas seitas, que condenam a atividade política, considerando-a diabólica. Como "sal da terra" só cumprimos nosso papel, se estivermos fora do saleiro, envolvidos e disseminados no meio em que vivemos.

## O Cristão como Eleitor

É de grande importância que o servo ou serva de Deus saiba exercer o seu direito, quando do momento das eleições municipais, estaduais ou federais. É hora de mostrar que é cidadão do céu, exercendo um direito de cidadão da terra. Como tal, lembrar-se de que é "sal da terra" e "luz do mundo" (Mt 5.13,14). A omissão do exercício do voto por parte do servo de Deus pode redundar em graves prejuízos para a própria igreja local, regional ou nacional. No início deste capítulo, imaginamos um cenário em que uma legislação carnal e diabólica pode ser aprovada, confrontando direto a Palavra de Deus, com reflexos perigosos sobre as igrejas locais. O "casamento" entre homossexuais é condenado de modo veemente na Bíblia, tanto no Antigo Testamento (cf. Dt 23.17,18; Lv 18.22; 20.13), como no Novo Testamento (cf. Rm 1.24-32). Mas, nas casas legislativas, os parlamentares não se baseiam na Bíblia, e sim, nos interesses partidários, e na opinião pública, talvez entendendo, erroneamente, que "a voz do povo é a voz de Deus". Assim, somente através dos representantes do povo é que uma lei pode ou não ser aprovada. E esses são eleitos pelas pessoas em geral, as quais, na hora da votação, são niveladas pelo direito legítimo do voto popular. Alguns cuidados de natureza ética devem ser observadas pelo eleitor cristão.

## Antes de votar

Antes de qualquer decisão sobre em quem votar, o crente em Jesus deve orar a Deus, pedindo sua direção, pois um voto errado pode ser motivo de tristeza, frustração e arrependimento tardio. É votar por fé, pois "tudo o que não é de fé é pecado" (Rm 14.23). Conheço casos de crentes que votaram em alguém, e depois choraram de amargura pelos prejuízos que sofreram. Há lobos travestidos de ovelhas. Há oportunistas, que jamais entram num templo evangélico para ouvir a Palavra de Deus, ou mesmo por uma questão de cortesia a um segmento da sociedade. Mas, em tempos de eleição, vê-se um verdadeiro desfile de candidatos, crentes ou descrentes, em busca do voto evangélico, mormente nos tempos presentes, quando a população evangélica tem aumentado a índices elevados. Agora, que ser evangélico chega a ser até "chique", há muitos candidatos interessados em ganhar o apoio dos fiéis. É hora de ser simples como as pombas, e prudentes como as serpentes (cf. Mt 10.16). O cristão não deve votar por votar. Deve fazê-lo de modo consciente, sabendo que estará contribuindo para o bem da comunidade em que se insere, ou para o mal de todos, vindo a sofrer também as conseqüências de uma escolha errada.

## Jamais vender seu voto

Ele é arma de grande valor. Diante dos candidatos, evangélicos ou não, o cristão jamais deve vender seu voto. Isso é antiético para um cidadão do céu, e revela um profundo subdesenvolvimento cultural, como cidadão na terra. Sei de casos em que irmãos receberam dinheiro de um candidato, comprometendo-se a votar nele; no dia da eleição, receberam mais dinheiro de outro candidato, e mudaram seu voto. Temos aqui dois erros. Primeiro, vender o voto, que não deveria ser objeto de compra e venda; segundo, assumir um compromisso, e não cumprir. A Bíblia diz que o

nosso falar deve ser "sim, sim", pois o que "disso passa é de procedência maligna"; é engano, traição. Certo candidato evangélico comprou o voto de muitas pessoas. Depois de eleito, ele dizia arrogantemente, em seu ciclo de amizades: "Não tenho compromisso com ninguém. Paguei o voto a cada um dos eleitores". Tal comportamento fere a ética cristã, e revela um profundo descaso para com a dignidade da cidadania cristã. Se para um cidadão da terra, tal fato é vergonhoso, quanto mais para uma pessoa que se considera cidadã do céu!

## Preferência por candidato cristão

Havendo um cristão que tenha um perfil sério, comprometido com o Reino de Deus, de bom testemunho na igreja, que seja honesto, cumpridor de seus deveres como pai e esposo, que tenha vocação para a vida pública, o eleitor crente deve dar preferência à sua candidatura, em lugar de eleger um descrente, que não tem qualquer compromisso com a Igreja do Senhor. A Palavra de Deus recomenda: "Então, enquanto temos tempo, façamos o bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé" (Gl 6.10). Aqui, porém, cabe um cuidado a ser observado. As qualificações acima indicadas, para o perfil do candidato, devem ser observadas com cuidado.

Não se deve votar num candidato só pelo fato de o mesmo ser membro da uma igreja evangélica. Sabemos que, no meio cristão, há "o trigo" e "o joio". O primeiro, representa os crentes verdadeiros, fiéis, honestos, que servem a Deus. O segundo, representa aqueles que estão no meio dos crentes, mas não são íntegros; parecem, mas não o são. Jesus disse que o joio "são os filhos do maligno" (Mt 13.38); que causam "escândalo, e os que cometem iniqüidade" (Mt 13.41). O candidato cristão deve ser, a nosso ver, um membro em comunhão, que tenha vocação para essa importante atividade. Quanto ao envolvimento de pastores, que têm chamada ministerial, entendemos que é lícito, mas não convém (1 Co 6.12; 10.23), pois a política por si divide opiniões, e quase sempre divide as pessoas.

Um pastor deve ser um elo de ligação entre o rebanho, e não um elemento divisor.

## Exemplos de Políticos Sábios

É bom lembrar o que diz a Bíblia: "Não havendo sábia direção, o povo cai, mas, na multidão de conselheiros, há segurança" (Pv 11.38). Ninguém melhor que um servo de Deus, para ter "sábia direção" na condução de cargos públicos, administrativos ou políticos. Exemplo disso, temos na Bíblia, com José, que foi governador do Egito (Gn 41.38-44). No reinado de Artaxerxes, rei da Pérsia, Esdras destacou-se como líder sobre seu povo (Ed 7 a 10); Neemias, um copeiro de confiança do rei, foi designado para reconstruir Jerusalém, tornando-se governador exemplar; Daniel, na Babilônia, foi o principal dos príncipes, nomeado pelo rei Dario, e trabalhou tão bem que estava cotado para ser o governante sobre todo o reino (Dn 6.1-3).

## Quando os Justos São Eleitos

Diz a Bíblia: "Quando os justos triunfam, há grande alegria; mas, quando os ímpios sobem, os homens escondem-se" (Pv 28.12). Os cidadãos cristãos precisam orar a Deus, para que levante candidatos que honrem seu nome, ao serem eleitos, pois "quando os justos triunfam, há grande alegria". É lamentável que alguns crentes, quando vêem um irmão em Cristo eleger-se, ao invés de se congratularem, dão os pêsames, como se o mesmo houvesse morrido. Conhecemos alguém que diz que jamais dará seu voto a um crente, para que o mesmo não se corrompa. Este é um raciocínio muito simplista. E traz no seu bojo a idéia de que os crentes em Jesus são incapazes de exercer cargos públicos ou políticos; que não têm caráter ou personalidade para assumir importantes funções nos escalões políticos e administrativos da nação.

É o mesmo que dizer que o Evangelho não prepara o cidadão moralmente para determinadas funções. É declarar a falência do Evangelho na vida social. Contraria o sábio dos Provérbios, que diz que "quando os justos triunfam, há grande alegria...". É verdade que, em muitos momentos da história política do Brasil, a presença de evangélicos não foi das mais marcantes e proveitosas para a igreja cristã. Muitos se corromperam, se venderam, foram fisiologistas, trocando votos, no parlamento, por Rádios, estações de TV, etc. Mas tais exemplos não devem ser motivo para a omissão em dar um voto de confiança a um irmão na fé, orando por ele, e ajudando-o a exercer o seu papel como "sal da terra e luz do mundo".

## Quando os Ímpios São Eleitos

A Bíblia é realista: "Quando os ímpios sobem, os homens se escondem, mas, quando eles perecem, os justos se multiplicam" (Pv 28.28). É verdade. Quando são eleitos ímpios, homens carnais, materialistas, muitos ateus, macumbeiros, adoradores de demônios; os verdadeiros homens de bem desaparecem de cena. Não há vez para os cidadãos honestos, e muito menos para os homens de Deus. É bom que os crentes pensem bem, em oração, para não usar seu voto para eleger ímpios. Aqui, cabe um esclarecimento. Nem todo descrente é ímpio. Há não-evangélicos que são homens de bem. E há evangélicos que não são honestos. Se não houver um candidato com perfil cristão, o crente pode sufragar o nome de um cidadão de boa reputação. A Bíblia diz que devemos examinar tudo e ficar com o bem (1 Ts 5.21).

## O que a Igreja Pode Sofrer com os Maus Políticos

No novo milênio, a Igreja poderá sofrer grandemente com a ação de homens ímpios. Já há, no Congresso, projeto de lei propondo a "união civil entre pessoas do mesmo sexo", que nada mais é que a legalização

pura e simples do homossexualismo, considerado, na Bíblia, um pecado gravíssimo, "uma abominação ao Senhor" (cf. Lv 18.22,23; Rm 2.24-28). Recentemente, outro projeto, legalizando o aborto, já foi apresentado. Em breve, poderão vir projetos, legalizando a eutanásia, a clonagem de seres vivos (inclusive humanos), o jogo do bicho, os cassinos, e a maconha, além de outros, que destroem a dignidade da raça humana, conforme os princípios do Criador. Quem faz as leis? Os pastores? Os evangelistas? Os missionários? Não! São aqueles que são eleitos, inclusive com o voto dos cristãos. Portanto, é tempo de despertar. De agir com santidade, mas sem ingenuidade.

Há políticos que são instrumentos a serviço do Diabo contra os interesses da Igreja de Cristo na terra. Tais pessoas utilizam-se de artifícios legais para prejudicar a expansão do Evangelho. Sabe-se que há projetos de lei que visam dificultar o progresso das igrejas evangélicas. Para tanto, invocam-se as leis que defendem o meio-ambiente, com o nítido propósito de dificultar-se a realização dos cultos. Por exemplo, a legislação que regula os níveis de ruído, em muitas cidades, tem sido utilizada para fechar templos cristãos, enquanto bares, lugares de prostituição e de jogatina são incentivados. É lógico que devemos respeitar os níveis de ruído previsto na legislação, desde que isto vise a preservação da saúde das pessoas. Mas há exemplos notórios de perseguição e discriminação religiosa, utilizando-se a lei que regula o som emitido pelos equipamentos em diversos lugares. Basta um vizinho que reside ao lado de um templo evangélico, e que não simpatize com os crentes, para denunciar o barulho emitido pelos aparelhos de som, e todo o peso da lei é utilizado para fechar o local de culto.

Temos o exemplo de uma capital brasileira, cuja lei que regula o nível do som, prevê que, à noite, o ruído emitido por aparelhos de som não pode ultrapassar 55 decibéis, invocando parâmetros técnicos. Ora, ao examinar tais padrões, verifica-se que tal nível de intensidade equivale a uma conversa normal entre duas pessoas, sem uso de qualquer

equipamento amplificador. Tal legislação foi utilizada para fechar templos evangélicos, após denúncias de alguns vizinhos. Verifica-se, assim, como a lei pode ser utilizada para prejudicar uma instituição ou uma comunidade. Em reuniões com as autoridades, os pastores argumentaram, solicitando mais compreensão. Em resposta, obtiveram de representantes do poder público, que os evangélicos são minoria, e não podem prejudicar a maioria! Ao indagarem por que os espetáculos de carnaval, de festivais, e de shows não eram impedidos pela legislação, os representantes municipais disseram que "aqueles espetáculos são de interesse da maioria do povo", enquanto os cultos evangélicos só interessam a poucas pessoas!

O absurdo de tal legislação manifesta-se, quando confrontada com a Constituição do país, que autoriza e garante o exercício do culto de quaisquer religiões ou crenças. Enquanto a Carta Magna dá liberdade de culto, uma lei municipal, abusiva e incoerente, inviabiliza a realização de atividades religiosas, pois prevê que um pastor deve falar para uma multidão de pessoas como se estivesse em diálogo aproximado com um indivíduo apenas. Os técnicos do município argumentam que a igreja tem de providenciar "isolamento acústico" para poder cumprir a lei.

Graças a Deus que, no caso acima referenciado, um deputado estadual cristão, fazendo o bom uso de seu mandato, apresentou projeto de lei, o qual foi aprovado, ampliando o limite de decibéis permitido para a emissão de ruídos, não só de igrejas, mas de outras entidades e instituições, evitando o abuso de uma legislação inadequada, que só trazia prejuízos aos cultos evangélicos.

Diante disso, a ética cristã não nos autoriza a abusarmos da lei para prejudicar o meio-ambiente. De modo algum. A igreja cristã deve ser o exemplo no cumprimento da lei, em benefício da comunidade como um todo. Mas, o que queremos enfatizar é a importância de se ter um representante evangélico nas diversas casas legislativas, para que vigiem constantemente as leis que são apresentadas ou possam ser aprovadas, de modo que a Igreja do Senhor não venha a ser prejudicada. É bom

lembrar que o projeto de união civil de pessoas do mesmo sexo, até hoje, não foi aprovado, graças à ação da Igreja Católica, por meio de seus políticos, com o apoio também decidido e corajoso dos políticos evangélicos de diversas denominações.

Dissertando sobre as lições que o Antigo Testamento nos passa, sobre o exercício da atividade política, Robson Cavalcanti diz que:

> Deus chama para a ação política pessoas de distintas origens, situação social e nível de instrução. A ação política é uma ação solidária, que implica participação de todos. Sem esforço conjunto, nada se consegue. As decisões que atingem a todos são aquelas tomadas pelo poder político (detentor de coercibilidade). Sendo o homem pecador, nem sempre ele se comporta corretamente mediante mera persuasão, mas mediante o constrangimento da Lei emanada do poder político. O homem de Deus deve procurar ocupar a função pública, pois é o lugar estratégico onde as decisões mais importantes são tomadas, para o bem ou para o mal (*Cristianismo e Política*, p. 46).

O autor citado considera que Deus chama pessoas de classes sociais e origens diferentes para o exercício da atividade política. Será isso uma heresia? Vejamos o que diz a Bíblia:

> Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus. Por isso, quem resiste à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a autoridade? Faze o bem e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus e vingador para

> castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos, porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra (Rm 13.1-7).

No texto em destaque, vemos que a Bíblia considera legítimo o exercício da autoridade humana, acentuando o papel das "autoridades superiores". Aqui, não se tratam de anjos ou arcanjos, mas de autoridades constituídas legalmente. Entre essas, sem dúvida alguma, inserem-se as autoridades políticas, detentoras de mandato representativo. São elas que fazem as leis que têm influência sobre toda a sociedade, na qual está incluída a igreja cristã. Acentua o apóstolo Paulo que a autoridade é "ministro de Deus" para o bem das pessoas, e que elas são ordenadas por Deus. O texto apresenta a doutrina da obrigatoriedade de se pagar tributos, e honrar às autoridades. Não se podem excluir daí as autoridades políticas. Assim, tem razão o teólogo Robson Cavalcanti, quando diz que Deus se vale de pessoas de origens diversas, chamando-as para o exercício da atividade política.

É por demais eloqüente a afirmação de Jesus, perante Pilatos, quando o governador diz que tinha poder para mandar prendê-lo ou saltá-lo: "Respondeu Jesus: Nenhum poder terias contra mim, se de cima te não fosse dado; mas aquele que me entregou a ti maior pecado tem" (Jo 19.11). De modo claro, o Senhor afirmou que o poder político que o governador tinha, ele o recebera "de cima", ou seja, dos céus.

## O Perigo do Envolvimento da Igreja Local

Os crentes, como cidadãos, podem votar e ser votados. Mas a Igreja, como instituição de Cristo, não deve ser envolvida com a política, mediante

a troca de favores de quaisquer espécies. O prejuízo pode ser irreparável. É de bom alvitre que os pastores não declarem sua preferência. Se o fizerem, que não cerceiem a liberdade dos membros da igreja local de exercerem o seu voto, de modo consciente. A igreja local jamais deve ser confundida com os famigerados "currais eleitorais", em que as pessoas são tratadas como propriedades de determinados grupos políticos. Os pastores foram chamados para unir o rebanho. A política divide as pessoas, pela própria natureza partidária (ler 1 Co 1.10).

O púlpito, de igual modo, não é lugar para os políticos. A eles, deve ser dada honra, mas o uso do púlpito é para os homens santos, consagrados a Deus. Devemos seguir o exemplo da Igreja Católica, neste aspecto. No altar, nem mesmo o Presidente da República tem acesso. Quando o mesmo comparece a uma reunião religiosa, num templo, a ele e à sua comitiva é dado um lugar de honra, nos primeiros bancos, mas nenhum político é chamado para fazer parte do ofício da missa. Assim, nas igrejas evangélicas, o político deve ter seu lugar reservado, mas não deve ser colocado no lugar que pertence aos ministros do Evangelho.

É importante que os líderes das igrejas locais não caiam nessa confusão, abrindo espaço para a politicagem, no seio das igrejas. Lamentavelmente, constata-se que esse tipo de política tem encontrado apoio dos ministérios eclesiásticos, quando da ocasião de eleição de um novo pastor, principalmente de grandes igrejas. Josué Sylvestre adverte para o perigo do envolvimento com os "amigos do evangelho", os quais, não sendo evangélicos, apresentam-se aos pastores, oferecendo algum tipo de vantagem para a igreja, em troca de apoio político. Já vimos anteriormente que tal procedimento é perigoso. Diz o autor citado que:

> Em troca da consciência dos membros da igreja, o pastor ou o líder aceita a nomeação de um filho (às vezes só a promessa), alguns bancos para o templo, e fica na situação descrita em Provérbios 25.28. Não verifica a formação moral daquele político,

> geralmente péssima, pois quem usa desses expedientes de corrupção, de troca de vantagens, de compra de votos, não tem boa conduta moral nem boas intenções, não indaga também sobre a origem daquele dinheiro, geralmente saído dos cofres públicos de forma desonesta e criminosa (*Irmão Vota em Irmão*, p. 56).

O mesmo autor, dá um grave e solene alerta aos pastores, dizendo:

Cuidado, pastores, os lobos travestidos de ovelhas, estão se aproximando, cada vez mais e em maior número de seus gabinetes e dos templos. Fazem as ofertas, oferecem os tijolos e as telhas, contratam dois ou três crentes e, depois, se dirigem a um centro espírita ou a um terreiro de macumba, para pedir proteção aos 'pais de santo', fazer suas oferendas e oferecer as mesmas vantagens (ibidem, p. 58).

Esse envolvimento, evidenciado como troca de favores políticos, não condiz com a ética cristã, e deve ser evitado a todo o custo. Como dissemos anteriormente, se o poder público oferece ajuda à igreja local, de modo legal e legítimo, sem que isso implique barganha, não se pode objetar; pois existem expedientes em que o governante destaca verbas ou subvenções, através de parlamentares, para obras sociais ou de outra ordem. Ora, se tais recursos, que na verdade são oriundos das contribuições dos cidadãos, podem ser destinados para centros espíritas, centros sociais católicos, ou a outras entidades; os evangélicos, que também são contribuintes, podem beneficiar-se, desde que não se configure a troca de favores.

Robson Cavalcanti faz uma observação interessante quanto à separação entre o poder político e o religioso:

> O poder político deve estar separado do religioso. Este, por sua vez, se subdivide em uma dimensão *institucional* (sacerdócio) e *informal* ou *carismática* (ministério profético). Esta separação,

> contudo, não deve ser estanque, mas em inter-relacionamento para um propósito comum, para o mesmo povo, sob o mesmo Deus. Ao líder religioso não cabe executar a tarefa política, mas exortar e orientar com autoridade os governantes, quando estes pecam em sua vida pessoal ou quando atuam em prejuízo do povo. Para que isso ocorra, é necessário que os líderes religiosos se mantenham informados imparcialmente do que ocorre na esfera política, que sejam independentes em seu comportamento. O Antigo Testamento mostra o fracasso dos sacerdotes e profetas 'puxa-sacos' (*Cristianismo e Política*, p. 47).

Além desse papel profético de denunciar os erros de governantes, dentro dos limites de seu ministério, e se isso for oportuno, a nosso ver, o pastor tem o dever de orientar o rebanho sob seus cuidados quanto aos direitos e deveres políticos. É necessário que em períodos de eleição, o homem de Deus mostre aos crentes, à luz da Bíblia, qual o papel a desempenhar como cidadãos dos céus aqui na terra, se possível, orientando quanto ao perfil que deve ter um candidato que mereça o voto cristão. Esse papel não deve jamais se confundir com o de um "cabo eleitoral". A missão do pastor é muito mais elevada.

Concluindo, cremos que o cristão não pode ser contrário a uma atividade que busca a "conduta ideal do Estado". Como cidadãos da terra, precisamos viver numa cidade, que faz parte de um estado, que faz parte de um país. Estes precisam ser administrados por homens de bem. Melhor seria que fossem cristãos. Que Deus nos dê sabedoria e visão, para sabermos exercer o direito de sufragar o nome de pessoas de bem, que assumam os altos postos políticos e administrativos da nação. Se forem verdadeiros cristãos, comprometidos com o Reino de Deus, tanto melhor. Se forem pessoas não evangélicas (que não sejam ímpias), podem ter o nosso apoio, desde que, em seu programa legislativo ou de governo, não preveja qualquer tipo de ação que venha prejudicar os interesses da Igreja do Senhor Jesus Cristo.

Capítulo 14

# O Cristão e a Clonagem de Seres Humanos

Em fevereiro de 1998, o mundo foi surpreendido com o anúncio, pela imprensa, do nascimento de uma ovelha, ocorrido em 1996, à qual foi dado o nome de Dolly, graças às experiências de dois cientistas escoceses, Ian Wilmut e K. H. S. Campbell, no renomado Roslin Institute, de Edimburgo. O referido processo constituiu-se na clonagem, ou na réplica de um animal, a partir de experiências genéticas, sem o concurso dos gametas masculino e feminino, de forma assexuada. Nos anos seguintes, já foram clonados, pelo mesmo processo, bezerros, sapos, macacos, porcos, e outros animais.

"Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus..." *(Gn 3.4,5)*

Não só no meio científico, mas entre as autoridades governamentais, religiosas, filosóficas e teológicas, de todo o mundo, o fato provocou grandes apreensões, gerando a seguir muita controvérsia e debates, que perduram até hoje. Certamente, ainda vão continuar, por tratar-se de um fato inusitado, que sinalizou a possibilidade de aplicar-se a tecnologia usada na clonagem de seres humanos.

Passados, já, mais de quatro anos, parece que a clonagem de animais já se tornou algo que não chama a atenção até mesmo do homem comum. Mas, agora, as atenções e as expectativas se voltam

para o possível aparecimento do primeiro clone humano, a ser anunciado pela mídia. Em agosto de 2001, o médico ginecologista italiano, Severino Antinori, de 55 anos, informou, na Academia Americana de Ciências, que testaria a clonagem em seres humanos, utilizando a mesma técnica usada na ovelha Dolly. Segundo a imprensa, o cientista já tem 200 mulheres voluntárias, para serem doadoras de seus óvulos, quase mil pessoas interessadas em pagar para obter um clone de um parente, ou de si mesmas, e há até quem deseje clonar animais de estimação. Em certos meios científicos, Antinori é chamado de "o cientista louco", "Frankstein moderno", o qual já previu que o primeiro bebê clonado nascerá em 2003, a partir de uma célula a ser retirada da pele de uma voluntária.

De acordo com reportagem da revista *Isto É* (15/08/01), cientistas norte-americanos, com apoio do empresário Panayotis Zavos, tornaram público que não só é viável, tecnicamente, a clonagem de um ser humano, como avisaram que dentro de poucos meses haveriam de anunciar a tão temida e aguardada notícia. O Sr. Zavos dirige um laboratório de pesquisa genética, em Kentucky, e está disposto a investir grandes somas para obter a clonagem humana.

Se não bastasse o sonho ou o desvario da ciência, há até pessoas, que fazem parte de uma seita da Nova Era, que prega que a clonagem será a solução para todos os problemas da humanidade. São os "raelianos", que acreditam que os seres humanos são oriundos de uma experiência científica, levada a efeito por seres extraterrestres, que vivem a três bilhões de quilômetros do nosso planeta. O fundador do movimento é um francês, Claude Vorilhon, que resolveu autodenominar-se Raël, o qual afirma que já se encontrou com os deuses que o inspiraram diversas vezes para que tal projeto seja concretizado. Esta seita tem o apoio acadêmico da química francesa Brigitte Boisselier, que pretende clonar um ser humano por 200 mil dólares. Percebe-se logo que o interesse comercial está por trás dessa fantástica idéia.

Na mesma linha da insensatez humana, potencializada por inspiração satânica, foram divulgadas pela Internet páginas produzidas por pessoas que deram lugar em suas mentes à idéia absurda de clonar Jesus! Trata-se de um tal *The Second Coming Project* (O Projeto da Segunda Vinda), cujos elaboradores julgavam-se interessados em ver cumpridas as profecias bíblicas sobre a Segunda Vinda de Cristo, no ano de 2000, aniversário de seu nascimento. No site www.clonejesus.com seus inventores pediam a todo o mundo que enviasse dinheiro para que pudessem tornar viável o tal projeto. Explicitando seus objetivos, os pretensos clonadores de Jesus escreveram:

> Nossa intenção é clonar Jesus, utilizando as técnicas pioneiras levadas a efeito pelo Roslin Institute, na Escócia, tomando uma célula incorrupta de uma das muitas Relíquias Santas do sangue e do corpo de Jesus, preservados em igrejas em diversas partes do mundo, mediante a extração do seu DNA, inserindo-o num ovo humano (zigoto), por meio de um processo chamado transferência nuclear. O ovo fertilizado, agora o zigoto de Jesus, será implantado no ventre de uma virgem (voluntária), que dará à luz o bebê Jesus, dando origem a um segundo nascimento virginal (traduzido do *site Urban Mithe*).

Os falsos profetas da Segunda Vinda, via laboratório, desejavam ter o "zigoto de Jesus" até abril de 2001, se possível por meio da extração de uma célula, encontrada no famoso sudário de Turim, que é considerado por muitos como o tecido que teria envolvido o corpo de Jesus, no qual se encontram marcas de sangue de uma pessoa morta séculos atrás. Mas o tempo passou e, mais uma vez, a bigorna da Palavra de Deus quebrou os martelos das heresias e das pretensões pseudocientíficas que pretendem manipular os eventos preditos nas profecias bíblicas.

Será que os cientistas conseguirão fazer "cópias" idênticas de seres humanos? Esta indagação é acompanhada de outras mais preocupantes,

principalmente sob o ponto de vista ético e espiritual. E se aparecer um clone, como será ele? Terá alma, espírito, personalidade? Psicologicamente, como se sentiria um ser clonado, ao tomar conhecimento de que não teria identidade própria, mas seria uma "cópia" de outro?

Já existem pessoas que desejam encomendar a clonagem de entes queridos já mortos, a partir de um fio de cabelo, deixado como lembrança. Pessoas que possuem animais de estimação, querem que os mesmos possam ser clonados, como "cópias idênticas", para os substituírem, quando de sua morte, por velhice, doença ou acidente.

Os cristãos vão mais além, e em suas indagações, perguntam se Deus aprova tais experiências, se elas são eticamente corretas, à luz da sua Palavra. Neste capítulo, não pretendemos ter a última palavra sobre o tema, pois trata-se de um assunto ainda em análise, envolvendo inúmeros aspectos de ordem moral, ética, psicológica e, sobretudo, espiritual. Devemos nos debruçar não só sobre as informações técnicas, mas, principalmente, sobre os princípios sagrados emanados da Palavra de Deus, que é nossa única e maior "regra de fé e prática". Ao que tudo indica, o Diabo, a antiga serpente, está levando às últimas conseqüências a sua terrível mentira de que seria possível o homem ser igual a Deus. Muitas pessoas não sabem o que vem a ser a clonagem de seres vivos, e muito menos, de seres humanos. Desejamos compartilhar algumas informações, obtidas em algumas fontes bibliográficas escassas, visando contribuir para a formação da opinião em termos de posicionamento cristão possível diante do inquietante tema.

## O que É a Clonagem?

Segundo se sabe por informações científicas, divulgadas pela imprensa, a clonagem consiste num processo de reprodução de um ser, ou de seres, de forma assexuada e agâmica. Explicando: o ser gerado na clonagem não envolve o relacionamento sexual entre o macho e a fêmea;

também não estão presentes os gametas masculino e feminino (no ser humano, é o espermatozóide, produzido pelo homem, e o óvulo, produzido pela mulher). A palavra "clone" tem origem na língua grega, advinda do termo *klon*, que tem o significado de broto, de gérmen. Os seres clonados têm o mesmo patrimônio genético do indivíduo ou dos indivíduos que lhe derem origem.

## Como isso É Possível?

Em termos técnicos e científicos, o processo ocorre da seguinte maneira, tomando como exemplo o caso da ovelha Dolly:

1. Os cientistas Wilmutt e Campbel levaram ao laboratório uma ovelha adulta, à qual chamaremos de ovelha A, extraindo da mesma uma *célula de sua glândula mamária*. Poderia ter sido uma outra célula, de outro órgão. Da célula da glândula mamária da ovelha A, os cientistas retiraram *o seu núcleo*, que contém todo o seu código ou informação genética. Aliás, nas células de todos os seres vivos existe o núcleo genético.

2. De uma ovelha B, os cientistas retiraram vários óvulos que não haviam sido ainda fecundados.

3. O núcleo de um óvulo não fecundado da ovelha B foi retirado.

4. Os cientistas, então, tomaram *o núcleo da célula* da glândula mamária da ovelha A (doadora), e *o fundiram com o óvulo* da ovelha B (que estava sem o núcleo).

5. Após a fusão do *núcleo da célula* da ovelha A com o *óvulo* da ovelha B, os cientistas provocaram o processo de divisão celular, por meio

de um estímulo elétrico, dando início à formação de um embrião, que recebeu um tratamento químico.

6. O embrião, iniciado em laboratório, foi introduzido no ventre de uma terceira ovelha, a ovelha C, onde se desenvolveu durante o período normal de gestação, e essa deu à luz a Dolly, que é uma ovelha (*clone*) geneticamente idêntica à ovelha A.

Há cientistas que se referem ao processo, considerando-o tecnicamente simples, diante dos recursos de manipulação genética de que dispõe a ciência e os laboratórios modernos. No entanto, se há algo que não pode ser considerado simples, é o processo de clonagem de animais. E muito menos, o da provável (e inevitável?) clonagem de um ser humano. Foi noticiado que os cientistas que clonaram a ovelha Dolly necessitaram repetir os experimentos 277 vezes para conseguir que um embrião fosse bem-sucedido a fim de ser implantado no útero da ovelha C. Só oito embriões foram aproveitados, e destes, só um foi bem-sucedido. E os outros embriões? O que aconteceu com eles? Simplesmente foram descartados, jogados no lixo. E se fossem embriões humanos? Seria eticamente correto, moralmente aceitável que assim ocorresse? As questões já nos dão o que pensar em termos de posicionamento ético cristão. Mas desejamos enveredar um pouco mais nas informações sobre o tema da clonagem.

## O Processo da Clonagem de um Ser Humano

No caso da clonagem humana, o processo deverá seguir as seguintes etapas, havendo em cada uma diversos obstáculos, conforme artigo publicado na revista *Veja*, de 15 de agosto de 2001:

1. "Os médicos vão retirar óvulos de 180 mulheres. Estimuladas por drogas, cada uma doará, em média, dez óvulos. Um quinto dos 1.800 óvulos é jogado fora depois da primeira fase.

2. O núcleo dos óvulos será removido. Eles estarão prontos para ser fundidos com as células retiradas da pele das pessoas candidatas à clonagem. A retirada do núcleo e a fusão com a célula têm índice de falha de quase 60%.

3. Os óvulos reconstruídos e fecundados passarão por um processo de ativação química. Apenas 600 chegarão ao estágio de embrião. Suspeita-se que a cultura dos embriões, além de provocar perdas, cause futuros defeitos genéticos nos clones.

4. Cada uma das voluntárias terá, em média, três embriões implantados no útero. Já foram selecionadas 200 mulheres para essa etapa. Apenas 30 delas passarão da metade da gravidez. O processo de fixação dos clones no útero é uma loteria. Quase metade dos embriões não se fixa. Dos que passam por essa etapa, 50% morrem nos primeiros meses.

5. Ao final, terão nascido apenas oito bebês. Desses, só três deverão sair sadios do berçário. Alguns dos clones morrerão de problemas respiratórios e cardíacos ao nascer ou nas primeiras horas de vida. Outros viverão com falhas imunológicas graves".

## TIPOS DE CLONAGEM

### Clonagem de Espécies Semelhantes

Foi o que ocorreu com a ovelha Dolly. Apenas a ovelha fêmea foi utilizada para a experiência, sem a presença do macho. Três ovelhas foram usadas para que a clonagem pudesse ser levada a efeito, conforme o processo acima explicado, de forma sucinta.

Antes da clonagem de Dolly, outras experiências já haviam sido levadas a efeito. Em 1993, os cientistas Jerry Hall e Robert Stillman, da Universidade

George Washington, conseguiram clonar embriões humanos, mas tiveram de destruí-los por apresentarem defeito e pela repercussão negativa em todo o mundo. Em 1997, uma empresa americana trouxe ao mundo um bezerro clonado. Um sapo sem cabeça foi criado de modo transgênico na Universidade inglesa de Bath, pelo pesquisador Jonathan Slack. Em 1998, na Universidade de Wisconsin, cientistas utilizaram óvulos de vaca, nos quais introduziram embriões clonados de porcos, ratos, bezerros, ovelhas e macacos. A experiência foi frustrada. No Japão, em 1998, oito vacas foram clonadas, a partir de uma única célula; em 2000, uma porca foi clonada, depois da fertilização de 110 embriões. Em outubro de 2000, o macaco Andi, nasceu através da clonagem, com a introdução do gene de uma água-viva, que brilha ao ser exposta à luz, tendo sido necessários 225 óvulos, 40 embriões e cinco gestações para que o mesmo nascesse. No Brasil, nasceu a bezerra Vitória, no DF, mediante a utilização de 15 embriões, por clonagem. (Revista *Isto É*, 15/08/01).

Esses dados mostram que, na clonagem de animais, dezenas ou centenas de embriões são perdidos, literalmente jogados no lixo. E, no caso de clonagem de seres humanos, certamente as dificuldades são ainda maiores. A ética pergunta: é lícito que seres humanos, ainda que extremamente jovens, como os embriões, sejam assassinados?

## Clonagem Transgênica

Foi o caso da ovelha Polly, também apresentado pela imprensa, embora sem o mesmo alarde da ovelha Dolly. Nessa experiência, semelhante à da ovelha Dolly, os cientistas tiveram a ousadia de introduzir um gene humano no material genético, do que resultou uma ovelha "que produz leite com proteína humana, de valor terapêutico. Esta experiência é muito mais ousada do que a anterior e, como dizem os pesquisadores, tem mais importância porque suas aplicações terapêuticas serão de grande alcance" (*Pergunte e Responderemos*, janeiro de 1998, p. 30).

## Clonagem por Cisão Gemelar

De acordo com a revista *Pergunte e Responderemos* (junho de 1998, p. 243), "desde os anos trinta se efetuam experiências de produção de seres idênticos, obtidos por cisão gemelar artificial, modalidade esta que se pode impropriamente definir como clonagem". Isso porque, nesse experimento, há os elementos masculino e feminino envolvidos. Um óvulo é fecundado por um espermatozóide de modo artificial, em laboratório, dando origem a um embrião; este começa a subdividir-se, e quando alcança de oito a dezesseis células, o pesquisador o divide em duas ou três partes, as quais são introduzidas num útero, onde se formam indivíduos bigêmeos ou trigêmeos.

Estas experiências têm sido aplicadas em animais selecionados, dos quais são produzidos outros, com finalidades várias, inclusive comerciais. Nesse campo, a inseminação artificial de animais também é bastante realizada, buscando-se raças mais fortes, ou que produzam mais leite, carnes, etc. Até aí, não tem havido maiores questionamentos, visto que a clonagem é utilizada em seres infra-humanos. Mas, quando se trata de clonagem, envolvendo seres humanos, há motivo de preocupação com aspectos éticos e espirituais.

## Clonagem com Fins Terapêuticos

A revista *Veja* (16/01/02) publicou artigo sob o título "A Célula que Pode Salvar a sua Vida", destacando o que ocorre com o desenvolvimento do embrião em seus primeiros dias, através das "células geneticamente idênticas", chamadas também de "células-tronco". Tais células se iniciam iguais, mas, depois, dão origem a "220 diferentes grupos celulares responsáveis cada qual pela formação de uma parte do corpo humano". Os cientistas concluíram que essas células podem ser extraídas de embriões clonados, permitindo a reprodução de tecidos ou de órgãos humanos,

com a finalidade de serem usados no tratamento de doenças degenerativas, até hoje incuráveis, como o mal de Alzheimer, o mal de Parkinson, doenças do coração, derrame cerebral, e outras enfermidades que desafiam a capacidade da medicina. As células-tronco são cultivadas e injetadas no órgão ou no tecido danificado, o qual pode regenerar-se.

Segundo a revista *Veja*, experiências com ratos demonstraram que células-tronco transplantadas de um roedor sadio para um outro doente, fez com que surgissem novos neurônios "no lugar das células nervosas danificadas". A experiência com animais não tem causado maior preocupação de ordem ética. Entretanto, os cientistas estão envidando esforços, realizando pesquisas, no sentido de conseguir a realização da clonagem humana, para se valer dos embriões humanos, e aproveitando suas células-tronco para fins de tratamento de enfermidades graves, que não são tratadas com meios médicos tradicionais.

Sem dúvida, é o homem, no alvorecer do século XXI, tentando encontrar o que os alquimistas da Idade Média não conseguiram, ou seja, o "elixir da longa vida", através do qual o ser humano conseguiria prolongar por séculos a vida na terra, ou mesmo a imortalidade.

Tecnicamente, como se percebe, tal procedimento é viável, mas ao custo de centenas ou milhares de embriões sacrificados. Como o cristão deve posicionar-se diante disso? À luz da Bíblia, há alguma reprovação em termos éticos para que se obtenha recursos para o tratamento de enfermidades degenerativas? Tem o homem direito a utilizar-se de embriões, manipulá-los, selecionar alguns aproveitáveis, e depois, descartar outros, jogando-os na lixeira? Será que os fins justificam os meios? É o que estamos procurando examinar com base na Palavra de Deus.

## POSICIONAMENTO ÉTICO CRISTÃO

Em diversos países, entre os quais o Brasil, líderes cristãos, evangélicos, e também de outras religiões, formadores de opinião; têm-se posicionado

a respeito da possível clonagem de seres humanos, reprovando a idéia de replicação de seres humanos, por interferência da tecnologia no processo da reprodução humana. Entendemos que têm razão, e apresentamos alguns argumentos, a nosso ver pertinentes, contrários à idéia de se "copiar" seres humanos:

1. O embrião humano não deve ser manipulado como se manipulam embriões de animais. Isto porque o ser gerado, mesmo em seus primeiros dias, é um ser humano genuíno, originário da união do espermatozóide e do óvulo, cuja geração deve ser fruto da união de um homem e de uma mulher, num ato de amor, *conforme o plano de Deus*; e não como fruto de experiências como às que se fazem com seres infra-humanos. No Gênesis, que é a base da bioética cristã, Deus criou um homem e uma mulher para, a partir deles, encher a terra (Gn 1.27,28).

2. Informações publicadas na imprensa dão conta de que, mesmo que nasçam bebês vivos, falhas genéticas poderão ocorrer em seus organismos, como ocorreu com a ovelha Dolly. Nascida há cinco anos, a ovelha apresenta um envelhecimento precoce, com células de uma ovelha, de modo idêntico ao animal que lhe deu origem, que tem doze anos. As experiências com animais mostram que alguns nasceram com problemas renais, cardíacos, aleijados, peso anormal, e muitos morreram no ventre, ou logo após o nascimento. O mesmo ou falhas piores poderão ocorrer em embriões ou clones humanos, o que é, sem dúvida, moralmente inaceitável. Se um embrião for sacrificado, isso se constitui num assassinato de uma vida que tem todas as potencialidades para vir à luz. É a eutanásia ativa em procedimento, como meio para evitar o sofrimento do nascituro. Porém, como vimos em capítulo anterior, a ética cristã rejeita esse tipo de ação.

3. Ainda que a tecnologia genética tenha condições de clonar seres humanos, seja para fins reprodutivos, ou terapêuticos, tal manipulação

das leis da biogênese contraria a vontade de Deus. Primeiro, porque a reprodução de seres deve envolver um pai e uma mãe, e não somente um ventre materno (chamado "barriga de aluguel"), e embriões replicados em laboratório. Segundo, porque a replicação de seres humanos para fins de obtenção de tecidos ou órgãos atenta contra a dignidade do ser, de modo iníquo. Uma pessoa não deve nascer para servir de banco de reserva para outras. Não se deve esquecer o que diz a Bíblia:

> Eu te louvarei, porque de um modo terrível e tão maravilhoso fui formado; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem. Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe, e no teu livro todas estas coisas foram escritas, as quais iam sendo dia a dia formadas, quando nem ainda uma delas havia (Sl 139.14-16).

No livro *A Família Cristã nos Dias Atuais*, referindo-se ao texto bíblico acima, afirma o autor: "Que grande revelação! O homem recebeu o entendimento de coisa tão profunda, muito antes de haver a ciência penetrado nos arcanos do corpo humano. Ele compreendeu que foi 'entretecido no ventre' de sua mãe. Viu que isso não era comum nem simples, mas que a formação do ser humano, no ventre, é 'de um modo terrível, e tão maravilhoso'". Com isso, vemos que o ser humano, desde a concepção, não é apenas um amontoado de "células-tronco", que podem ser extraídas de um embrião, selecionado, enquanto outros são lançados na lixeira ou no incinerador. Esse indivíduo, extremamente jovem, tem todas as potencialidades para se tornar um ser humano completo. Como, então, instrumentalizá-lo para ser cobaia em prol da cura de outras pessoas? É desejável que se busque a solução das doenças degenerativas, incuráveis, e insidiosas. Mas, para tanto, não se deve utilizar os meios nazistas do Dr. Mengele, que matava pessoas adultas, crianças de mama, e outros, com o propósito de buscar a cura de doenças.

1. No processo de clonagem humana verifica-se que se pretende usar a mulher como mero objeto para fins científicos. Tudo o que ela tem de fazer é emprestar óvulos e o útero ("barriga de aluguel") para que se consiga replicar um ser humano, que deveria ser fruto da união amorosa entre um homem e uma mulher, conforme o que Deus planejou (cf. Gn 2.24).

2. O ser humano clonado estará privado de sua identidade única, como deve acontecer com todos os indivíduos que vêm ao mundo. Ao descobrir que é uma "cópia" biológica de outro, que não tem pai nem parentesco definido, o clonado certamente sentir-se-á desorientado e psicologicamente frustrado. E não se pode prever os danos mentais que tal processo poderá acarretar ao ser clonado.

3. Se a clonagem humana for bem-sucedida, tecnicamente, ainda que moralmente reprovável, estará aberta a porta para experiências mais ousadas e contrárias ao plano de Deus. Por exemplo, a criação de um útero artificial, quando a reprodução humana poderá ser transformada numa "fábrica" de seres, obtidos e programados ao sabor dos interesses escusos de pessoas materialistas, incluindo-se, aí, a produção de seres para determinados fins, como foi previsto na ficção científica.

## Opinião de Líderes Cristãos

Alguns líderes cristãos têm-se posicionado a respeito da clonagem humana, uns, reprovando de modo claro e incisivo. Outros, reprovando, em princípio, a idéia, mas admitindo que o assunto merece cuidado para que não se feche a porta para o estudo do problema. A seguir, resumimos o parecer de renomados estudiosos da Palavra de Deus.

O pastor Elienai Cabral, da Assembléia de Deus em Sobradinho (DF), diz:

> Entendo que essa ciência ainda não está plenamente definida, por isso nós não temos como nos definir plenamente. Há muitos problemas éticos e religiosos a serem observados... No ponto de vista teológico, não existe aceitação para se clonar com fins reprodutivos. A clonagem reprodutiva é inaceitável, embora inevitável. Quando um homem tenta fazer seres humanos em série, aí está claro o pecado. Já para fins medicinais, é algo ainda questionável, pois trata-se de uma ciência em processo. Devemos apreciar o assunto com cuidado (Jornal *Mensageiro da Paz*, janeiro de 2002, p. 5).

O pastor Esequias Soares, que preside a Comissão de Apologia da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (CGADB), respondendo ao jornal *Mensageiro da Paz* (janeiro de 2002), afirmou:

> Somente Deus é o autor da vida. O que eles estão fazendo é uma atitude de rebelião. O objetivo de tudo isso é o homem querendo provar que não precisa de Deus, mas o Senhor tem o controle de tudo isso... Nenhuma forma de clonagem humana é aceitável, porque não se pode ter o controle absoluto... O clone é apenas um detalhe no esquema da Nova Era, que defende a tese e quer provar que o homem é Deus. É um sinal dos tempos (ibidem).

No mesmo periódico, o pastor Sebastião Rodrigues, da Assembléia de Deus em Cuiabá-MT, assevera que "... a clonagem humana é uma afronta a Deus, haja vista que só Ele tem o direito de fazer nascer o homem, e estabeleceu a forma biológica para isso... A clonagem é uma manipulação da vida... esses cientistas, sem saber, estão fazendo um mal contra si mesmos". Sobre a clonagem para fins medicinais, o pastor Sebastião afirma que: "Poderia ser um bem para a sociedade, mas eles não pararão por aí, por isso devemos nos manter resistentes. Ela seria uma abertura para a reprodutiva. Um abismo chama outro abismo. É bom cortar o mal pela raiz" (ibidem).

A revista *Defesa da Fé*, órgão do Instituto Cristão de Pesquisa, (ed. especial 2000, p. 79), em artigo sobre a clonagem, emitiu opinião menos contundente sobre o assunto, admitindo que o tema merece análise mais cuidadosa. Diz o artigo:

> Este tema é demasiadamente importante para ser tratado à sombra de idéias preconcebidas ou de falsos conceitos. Mente aberta e uma compreensão acurada dos fatos são elementos indispensáveis para que se proceda a uma análise dos clones com a devida isenção... A inseminação artificial e a fertilização *in vitro* nos mostraram que as relações sexuais não são absolutamente necessárias para a concepção de um novo ser. Os clones vieram nos mostrar que espermatozóide e óvulo são meros coadjuvantes no processo de reprodução, porque o astro é o bebê que vai nascer, e são também dispensáveis, pelo menos com as funções que antes desempenhavam. Na verdade, o material genético utilizado foi, em algum tempo e lugar do passado, gerado a partir de um encontro entre um espermatozóide e um óvulo. Além disso, o processo de clonagem faz uso de um óvulo, introduzindo aí a figura de uma 'mãe hospedeira'.

Essa opinião aponta em direção diferente dos que são totalmente contra a clonagem.

## Opinião de Cientistas e Líderes Mundiais

Após o anúncio da intenção de cientistas de clonar em breve um ser humano, diversos governos adiantaram-se em tomar posição contrária às experiências científicas. Os governantes da França, Alemanha e dos Estados Unidos já se manifestaram contra a clonagem humana, solicitando à ONU que inicie um debate sobre o assunto, visando banir do mundo a clonagem de seres humanos.

O Vaticano, Estado que abriga o líder espiritual da Igreja Católica, comparou os cientistas que pretendem realizar a clonagem humana a Hitler e seus asseclas, que realizaram experiências nazistas em prisioneiros, nos campos de concentração, durante a Segunda Guerra Mundial, quando emergiu das valas de cadáveres massacrados, a figura sinistra do Dr. Mengele, chamado de "o anjo da morte".

Vale salientar, no entanto, que há alguns governos, em diversos lugares, no mundo, que estão dispostos a contribuir com financiamento para a pesquisa e experiência da clonagem humana. Os cientistas que pretendem levar a efeito tal experiência alegam que, se não lhes for dado apoio, poderão levar os experimentos para as águas internacionais, onde ocuparão o espaço de navios transatlânticos para que possam concretizar seu intento. O Congresso Americano votou uma lei que proíbe a clonagem de seres humanos nos Estados Unidos da América.

Na Itália, o jornal *Corriere Della Sera* publicou artigo, com o título: "Parem este Médico", referindo-se ao Dr. Severino Antinori, que pretende clonar um ser humano até 2003.

O Dr. Lawrence Smith, que trabalhou com o "criador" da ovelha Dolly, em entrevista a um professor da Universidade de Montreal, publicada pela revista *Veja* (15/08/01), declarou que as pessoas, hoje, não estão preparadas para ver nascerem "crianças que sobrevivam e venham a ter problemas graves no futuro... os resultados em animais são ainda muito incipientes. Há menos de cinqüenta animais clonados no mundo... Ainda é uma técnica cheia de falhas, quase uma loteria, na qual se obtêm acertos às vezes por sorte". Indagado sobre o que os cientistas fazem com os animais defeituosos, que sobrevivem, o Dr. Lawrence respondeu que: "No caso de problemas cardíacos, renais e imunológicos, a situação é diferente. As chances de sobrevivência são muito pequenas, e partimos para a eutanásia nos primeiros dias de vida. Damos uma injeção letal para que o animal sofra o mínimo".

O Dr. Ronald M. Green, diretor do Ethics Institute, na Dartmouth College, de Worcester, Massachusets, afirma: "A necessidade de obter-se o

suprimento de ovos humanos, conduz a um dos mais sensíveis aspectos éticos, em relação à pesquisa relativa à clonagem". Ele acrescenta que: "Em cada um dos ciclos menstruais, uma mulher produz apenas um ou dois ovos maduros. Para incrementar o número de óvulos, a serem usados na pesquisa, deve-se ser ministrado à mulher uma medicação... Em alguns casos, tais drogas podem provocar uma chamada síndrome da hiperestimulação que pode causar sérios danos. De acordo com alguns estudos, as drogas que estimulam a ovulação têm sido também associadas a elevados riscos de câncer de ovário". O referido médico levanta a questão ética, indagando se é correto uma mulher ser paga para sofrer tamanhos riscos, e indaga: "Nós não permitimos a venda de órgãos humanos, ou de bebês. Com os ovos, seria diferente?" (traduzido do *site* www.sciam.com)

Na opinião do pesquisador australiano Alan Trounson, diretor do Instituto de Reprodução Assistida da Universidade de Monash, em Melbourne, "as justificativas para a clonagem humana não se sustentam". Segundo ele, clonar seres humanos, agora, "equivale a prescrever uma nova droga para mulheres, sabendo que essa droga pode trazer problemas e efeitos reversos para a prole", não sendo "apropriado nem correto... Trata-se ainda de um processo extremamente perigoso. Precisamos aprender a reprogramar direito o núcleo de uma célula adulta" (revista *Super Interessante*, julho de 2001). Segundo esse cientista, diversos problemas podem ocorrer com o feto, quando da reprogramação dos genes.

O Monsenhor Elio Sgreccia, vice-presidente da Pontifícia Academia pela Vida, do Vaticano afirma que: "Não se pode impor a alguém uma estrutura física, fabricar uma pessoa a partir da vontade e dar-lhe características semelhantes às de outro ser por simples arbítrio. Isso é uma instrumentalização, uma maneira de escravizar". Com relação à clonagem para fins terapêuticos, o Monsenhor Sgreccia é incisivo, afirmando que: "Trata-se de um ato de canibalismo criar um embrião, que já é uma vida, somente para utilizar suas células, mesmo que seja com o propósito de curar um indivíduo adulto" (ibidem).

Certamente, em torno do tema, haverá sempre opiniões diversas. Umas, totalmente contrárias; outras, a favor e outras, num meio-termo, aceitando pelo menos que haja a clonagem para fins medicinais.

Este autor compartilha da opinião dos que são contrários à clonagem, seja para fins reprodutivos, seja para fins de reprodução humana, por entender que se trata de uma manipulação dos elementos fundamentais da vida, criada por Deus, e previsto para se desenvolver a partir da união entre um homem e uma mulher, sob a motivação do amor, da paternidade plena (pai e mãe) e não somente mãe. A geração de um novo ser deve garantir sua individualidade e dignidade, o que não ocorrerá na hipótese da clonagem de um ser humano. O ser replicado, ainda que não venha a ser uma cópia autêntica do ser original, sê-lo-á pelo menos em termos biológicos. Isto porque o espírito nunca será igual.

É verdade que a reprodução *in vitro*, ou o bebê de proveta, permite que uma criança nasça sem o concurso das relações sexuais, mas envolve o gameta masculino (espermatozóide) e o gameta feminino (o óvulo). Nessa técnica, entendemos que a "inseminação artificial homóloga", que utiliza o espermatozóide do marido e o óvulo da esposa, pode ser aceita como moralmente lícita, pois mantém o vínculo da paternidade e o concurso do amor entre o homem e uma mulher. Entretanto, a técnica da "inseminação artificial heteróloga", que se utiliza de um espermatozóide de um homem que não é o legítimo esposo, vemos que é moralmente errada, pois equivale a um adultério indireto, pois o ovo (ou zigoto) conseguido no laboratório, é introduzido no útero de uma mulher que não é esposa do doador.

Quanto à clonagem, já vimos que tecnicamente é viável, e terrivelmente arriscada, segundo a metodologia científica apresentada. Mas nem tudo que é viável e útil é eticamente correto. Principalmente quando princípios espirituais e morais estão em análise.

## E o Ser Clonado Terá Alma ou Espírito?

Sem dúvida, essa é uma questão para a qual as respostas são um tanto inquietantes, sob o ponto de vista da Palavra de Deus.

Segundo a revista *Pergunte e Responderemos* (janeiro de 1998, p. 32), "deve-se responder que, se o ser clonado tiver todas as características físicas do ser humano, terá alma humana imortal, com as suas potencialidades normais. Não existe verdadeiro homem sem alma humana. Esta será criada por Deus e infundida no ser resultante da combinação do núcleo com o óvulo; desde que haja autêntico embrião humano, há alma humana. O Criador se dignará dar alma a tal ser, como o dá aos fetos produzidos artificialmente em proveta".

A revista *Defesa da Fé* (ed. especial 2002, p. 85), em artigo sobre a clonagem, não vê maiores problemas quanto à existência do espírito no clone. Diz o artigo: "Para examinar essa questão do ponto de vista bíblico, temos de recorrer aos capítulos iniciais das Escrituras, onde encontramos os detalhes referentes à criação do gênero humano: 'Formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida, e o homem tornou-se alma vivente' (Gn 2.7). O passo seguinte foi a ordem para que nos reproduzíssemos, obviamente através de relações sexuais entre homens e mulheres. Hoje, porém, sabemos que, de um ponto de vista puramente reprodutivo, o papel das relações sexuais é o de proporcionar condições para que óvulo e espermatozóide se encontrem e assim ocorra a concepção de um novo ser" ... "Esse conhecimento nos possibilitou, há algumas décadas, a experiência da fertilização *in vitro*... Quando isso começou a ser feito, alguns segmentos da sociedade pretenderam discutir a questão espiritual, mas hoje vemos que as pessoas geradas através desse tipo de procedimento são tão humanas quanto as outras geradas por um processo natural. Quando observamos as técnicas de clonagem, vemos que elas são apenas um avanço nessa direção... Assim, a expectativa em relação à clonagem de seres humanos, se isto algum dia

se tornar uma realidade, é a de que teremos seres tão humanos quanto todos nós que hoje expressamos nossas preocupações a esse respeito".

Na realidade, o que o artigo acima citado quer dizer, é que os seres possivelmente clonados serão tão humanos quanto os gerados de modo natural, e que terão espírito de igual forma como estes.

Concluindo, entendemos que a ética cristã não haverá de concordar com a clonagem humana, sob nenhuma de suas formas, pois contraria o plano de Deus para a geração dos seres humanos. No Gênesis, o Criador decretou: "Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne" (Gn 2.24). O homem, no plano de Deus, é um ser único, com intelecto, vontade e emoções; é pessoa, é indivíduo, e não uma cópia ou réplica de outro. Certamente, a clonagem humana é viável, mas contrariando o plano de Deus, e a um custo moral elevado e arriscadíssimo, sob os pontos de vista ético e espiritual. Os milhares de embriões que serão sacrificados, será algo que, sem dúvida, não terá a aprovação de Deus. Que o Senhor, o Criador de todas as coisas, que fez o homem à sua imagem e semelhança, confira o senso de responsabilidade àqueles que por Ele foram dotados de inteligência e conhecimentos que poderão ser muito mais úteis à humanidade, se voltados para experiências que não contrariem seu projeto para o habitante da terra.

Capítulo 15

# O Cristão e o Cuidado com os Outros

"E, se o irmão ou a irmã estiverem nus e tiverem falta de mantimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquentai-vos e fartai-vos; e lhes não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí?" *(Tg 2.15,16)*

Neste início do século XXI, quando a tecnologia tem levado o homem à lua; quando sondas espaciais têm perscrutado Marte, Saturno, o Sol e outros planetas; quando transplantes múltiplos de órgãos têm sido realizados com sucesso; quando as informações têm "voado" com espantosa velocidade, através da rede mundial de computadores, a Internet; e tantos outros "milagres" da ciência têm sido levados a efeito, o homem ainda não descobriu como levar o pão de cada dia à mesa de todos os habitantes do planeta. A fome e a miséria têm levado muitos milhões de pessoas ao desespero e à morte. Países inteiros, na África, na Ásia, e grande parte da América Latina, os chamados países do "Terceiro Mundo", sofrem escassez das coisas essenciais à sobrevivência. Nem sequer as 1.200 calorias diárias, o mínimo necessário para a nutrição, muitas pessoas não têm acesso.

Há quem diga que tudo isso é fruto das injustiças sociais, e má distribuição de renda entre os povos. Realmente, isso contribui grandemente para o quadro desolador das desigualdades entre populações no globo. Mas, numa visão espiritual, com base na Bíblia, sabemos que a causa está mais atrás e mais abaixo do que se vê. Mais atrás, referimo-nos ao pecado, que

entrou no mundo, pelos primeiros habitantes, e trouxe consigo todo um cortejo de miséria e degradação. Mais abaixo, porque nas profundezas espirituais, vemos que o homem não quer saber de Deus, o Criador, e por isso, tem de arcar com as conseqüências de uma vida longe da fonte suprema do bem, que é o Senhor de toda a terra.

Como cristãos, temos de encarar os problemas de ordem social de frente, à luz da Palavra de Deus. E o que temos a ver com isso? Perguntam alguns crentes. Isso não é problema dos governos? Indagam outros. A princípio, parece que a resposta deveria ser sim. Mas não é tão simples assim, quando adentramos as páginas luminosas da Bíblia Sagrada. Neste capítulo, desejamos refletir um pouco sobre a responsabilidade social do cristão, sobre o seu cuidado para com os outros, sejam eles cristãos, irmãos de fé, ou não.

Se não tivermos a coragem de nos posicionar sobre os problemas dos outros, com visão cristã, consciência de servos de Cristo; poderemos percorrer o caminho de Caim, que, quando inquirido por Deus, acerca do seu irmão Abel, cinicamente, respondeu: "Não sei; sou eu guardador do meu irmão?" (Gn 4.9b). Era a voz da irresponsabilidade, do escapismo, diante da tragédia do irmão.

Certamente, hoje, muitos cristãos estão respondendo às angustiosas situações de muitas pessoas, inclusive cristãs, com a mesma mentalidade de Caim, achando que nada têm a ver com o irmão que morre, com o faminto, com o que não tem roupa, com o sem-teto, o doente, o desamparado da família, o irmão que sofre as agruras da vida, por culpa sua, ou não.

Mas a observação severa de Deus não demorou. "E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra. E agora maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue do teu irmão. Quando lavrares a terra, não te dará mais a sua força; fugitivo e errante serás na terra" (Gn 4.10-12). As desculpas esfarrapadas têm êxito entre os homens, mas para Deus, elas não têm

efeito, não o impressionam. O Senhor perguntou ao homicida porque queria que ele próprio se manifestasse, diante de seu terrível e tresloucado ato. Ele, que é onisciente, sabe de tudo; como onipresente, está em todo o lugar; como onipotente, Ele tudo pode. Ninguém escapa à sua vista, ou dEle pode esconder-se.

Com esse entendimento, devemos posicionar-nos ante às necessidades humanas, encarando as responsabilidades sociais como algo que faz parte da missão da Igreja de Cristo, seja no aspecto universal, seja, e muito mais, no aspecto de igreja local, na condição de comunidade de salvos, em todos os lugares e regiões do planeta.

## O QUE É A IGREJA?

### No Sentido Etimológico

A palavra "igreja" vem do grego, *eklesia*, com o significado de "uma assembléia de chamados para fora". Remonta à antiga Grécia, quando o rei, através dos arautos, convocava todos os súditos para saírem de suas casas, de seus ambientes, para tomar parte em importantes decisões, em plena praça. Não havendo meios de comunicações, como os que existem hoje, os decretos reais tinham de ser informados diretamente às pessoas.

### No sentido teológico

Em termos teológicos ou doutrinários, a Igreja pode ser entendida em dois grandes aspectos. Primeiro, no sentido espiritual, universal, segundo o qual a Igreja se compõe de todos os que foram chamados "para fora" do mundo, dentre as nações, para formarem o Corpo de Cristo. Em Efésios 5.23, lemos que Cristo é a cabeça da Igreja, que é o seu corpo. Em Colossenses 1.18, lemos que "ele é a cabeça do corpo da igreja". Em 1 Timóteo 3.15b, vemos que a igreja, no sentido espiritual, é chamada de

"casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade". O escritor aos hebreus traduziu bem o sentido espiritual da igreja, quando afirma que a igreja é a "universal assembléia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus" (Hb 12.23). Nesse aspecto, a igreja é espiritual, é um organismo vivo, comparado a um corpo (cf. 1 Co 12.12; Ef 1.22,23), do qual Cristo é a cabeça (Cl 1.18). Ela é a Noiva do Cordeiro (Ef 5.25,27) e é amada por Ele (Cl 1.24). Só Deus pode contemplar a Igreja no seu todo, no seu aspecto espiritual, transcendente, pois é formada pelos vivos e pelos mortos, desde que o homem foi posto na terra.

## No Sentido Local

Neste sentido é que focalizaremos a análise sobre a responsabilidade social dos cristãos. A igreja local é formada de pessoas salvas, unidas em torno de Cristo, num determinado local, cidade ou região, com o propósito de proclamar a Palavra de Deus, em obediência ao Evangelho de Jesus. Se, no sentido espiritual, universal, a igreja é uma, indivisível; no sentido local, ela é múltipla. Em Atos 16.5, lemos: "De sorte que *as igrejas* eram confirmadas na fé e cada dia cresciam em número". Em Atos 15.41, vemos que Paulo "passou pela Síria e Cilícia, confirmando *as igrejas*" (ênfase minha).

Enquanto a Igreja, no sentido universal, é um organismo, um corpo, a igreja local pode ser vista como uma organização. Cristo, ao retornar aos céus, na verdade, não deixou nenhuma organização eclesiástica, ou denominação. Ele deixou tão-somente a sua Igreja, contra a qual as portas do inferno jamais poderiam prevalecer. Porém, com o crescimento acentuado das "igrejas" locais, problemas e distorções surgiram, de forma que os apóstolos e demais líderes sentiram a necessidade de desenvolver um ordenamento da vida eclesiástica na igreja local. Certamente, eles entenderam que Deus não é Deus de desordem, de confusão (cf. 1 Co 14.33). As epístolas pastorais às igrejas são confirmação de que a vida dos

cristãos precisava de orientação, tanto os líderes quanto os membros e congregados.

Nos Atos dos Apóstolos, vemos que um sério problema social surgiu, nos primórdios da Igreja. As viúvas dos gregos reclamaram dos apóstolos, por se sentirem discriminadas, não tendo a mesma assistência que as viúvas dos judeus, conforme consta em Atos 6.1-5. Por isso, foram escolhidos sete homens de testemunho cristão ilibado, que passaram a ter a função de *diáconos*. A expansão da obra demandou a consagração e o estabelecimeneto de presbíteros ou anciãos em cada cidade, como se lê em Tito 1.5.

Desse modo, com o passar dos tempos, a igreja local percebeu que não tinha condições de atender apenas às necessidades espirituais daqueles que deixavam o mundo, as falsas religiões, e se uniam a Cristo. Eles tinham outras necessidades, de ordem material, humana, as quais precisavam ser atendidas com dedicação, zelo e amor.

## Finalidades da Igreja Local

A igreja local, como parte integrante da Igreja como Corpo de Cristo, tem várias finalidades. Dentre elas, destacamos as seguintes:

- Proclamar o Evangelho (Mt 28.19,20), no poder do Espírito Santo (At 1.8);
- Ensinar a Palavra de Deus aos crentes, edificando-os em Cristo (Mt 28.20; At 2.42a);
- Desenvolver a comunhão entre os crentes (At 2.42b);
- Ser ambiente de adoração a Deus (culto, louvor, oração — 1 Co 14.26; Ef 5.19; Cl 3.16);
- Ser uma comunidade de serviço a Deus, através dos dons de Deus (1 Co 12.28); dons de Cristo (Ef 4.11-13) e dons do Espírito Santo (1 Co 12.7-11);

• Promover a congregação, reunindo os crentes para adoração e serviço a Deus (At 2.44; Hb 10.25; Rm 1.12);

• Propiciar cooperação e ajuda mútua entre os irmãos (At 2.45; Tg 2.14-17).

Com todas essas finalidades relevantes, a igreja local tem o objetivo de atender às necessidades integrais do ser humano, nos aspectos espiritual, emocional e físico. Essas necessidades são evidenciadas no quadro abaixo.

## Necessidades do Homem

| **Constituição do homem (1 Ts 5.23)** | **O que é** | **Necessidades** | **Quem satisfaz** |
|---|---|---|---|
| **I – Espírito**<br><br>(Hb. *ruach*)<br><br>(Gr. *pmeuma*) | ***Sede ou centro das relações com Deus*** | **Espirituais**<br><br>- Salvação<br>- Adoração<br>- Graça<br>- Conhecimento<br>- Amor de Deus<br>- Paz com Deus (Rm 5.1)<br>- Alegria espiritual (Lc 1.47) | Deus<br>Cristo<br>O Espírito Santo<br><br>A Igreja:<br><br>- Evangelizando<br>- Cultuando<br>- Ensinando<br>- Discipulando<br>- Congregando |
| **II – Alma**<br><br>(Hb. *nephesh*)<br><br>(Gr. *psique*) | ***Sede ou centro das emoções, dos sentimentos, da inteligência*** | **Espirituais**<br><br>- Sede de Deus<br>- Adoração (Lc 1.46; Mt 12.30)<br>- Culto racional | Deus<br>Cristo<br>O Espírito Santo<br>(Sl 23.3a; 42.1; 103.1,2) |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | Está intimamente ligada ao espírito, formando o "homem interior" (Rm 7.22; 2 Co 4.16; Ef 3.16).<br><br>A alma comunica-se:<br><br>a)Com o exterior, através do corpo<br>b)Com Deus, através do espírito | (inteligente - Rm 12.1,2)<br><br>**Emocionais**<br><br>- Alegria<br>- Amor<br>- Paz interior<br>- Saúde<br>- Motivação<br>- Afeto<br>- Reconhecimento<br>- Companheirismo<br>- Lazer | A Igreja:<br><br>- Adoração<br>- Comunhão<br>- Bom relacionamento humano<br>- Confraternização<br>- Aconselhamento |
| **III – Corpo**<br><br>(Hb. *Basar*)<br><br>(Gr. *Soma*) | ***Sede dos sentidos: visão, audição, olfato, paladar, tato***<br>Órgãos físicos;<br>Visão bíblica:<br>Templo do Espírito Santo (1 Co 6.19,20). | **Físicas**<br><br>- Alimentação<br>- Repouso<br>- Sexo<br>- Habitação<br>- Vestuário<br>- Saúde | A igreja:<br><br>- Na ação social<br>- Na ajuda mútua<br>- A escola<br>- O emprego<br>- Renda<br>- Órgãos públicos |

No quadro acima, procuramos resumir, de modo didático, o que podem ser consideradas as necessidades do ser humano.

## Necessidades do Espírito

No item I, vemos as necessidades espirituais, de salvação, da graça, do amor, da paz de Deus, de adoração, de alegria espiritual. O indivíduo pode obter a satisfação desses anseios, pessoalmente, nos seus momentos

de devoção, bem como, coletivamente, através da igreja local. Nesse aspecto, as igrejas têm procurado atender de uma forma ou de outra, propiciando cultos, reuniões, encontros, os quais visam dar ao crente o bem-estar espiritual. Ocorre que, em muitos lugares, a igreja local só vê, no homem, o lado espiritual, esquecendo as outras partes que completam o seu ser. Esta visão distorcida tem levado muitos grupos ao terreno perigoso do fanatismo, e do misticismo.

## Necessidades da Alma

No item II, destacamos as necessidades da alma, em dois aspectos: em primeiro lugar, ainda no âmbito do espiritual. O salmista disse: "A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo..." (Sl 42.2); "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim, bendiga o seu santo nome" (Sl 103.1). Em segundo lugar, alinhamos outras necessidades, de ordem emocional, psicológica, que precisam ser satisfeitas, sob pena de as pessoas passarem a sofrer de sérios distúrbios mentais, que podem prejudicar seu relacionamento com Deus, consigo mesmas, e com os outros; tais como alegria, amor, paz interior, equilíbrio emocional, motivação, afeto e lazer. Aqui, temos um sério problema, em grande parte das igrejas locais. Há exemplos de obreiros ou líderes, que não atentam para esse aspecto, a parte emocional das pessoas; e entendem que a oração, a leitura da Bíblia, e os louvores, nas reuniões, resolvem todos os problemas.

Na prática, não é bem assim. Há crentes que precisam de um apoio psicológico maior do que outros; há pessoas com sérios traumas, originados na infância, aumentados na juventude, e agravados na idade adulta. Exemplo disso são pessoas que sofreram abuso sexual, na infância ou na adolescência; pessoas, mesmo crentes, que têm complexos psíquicos, de rejeição, de abandono pela família, de discriminação social, dentre outros. Tudo isso são necessidades da alma, as quais demandam seu atendimento, com sabedoria,

amor e atenção, com o apoio da Palavra de Deus, que é um verdadeiro manual de orientação para a saúde emocional.

Essas necessidades são satisfeitas por Deus, sem dúvida. Mas, como as pessoas vivem na comunidade, relacionando-se umas com as outras, espera-se que a igreja local seja uma comunidade terapêutica, que tenha condições de ajudar as pessoas a vencerem suas frustrações; não só com oração e jejum, mas também companheirismo, amizade, interesse de uns pelos outros, bem como aconselhamento bíblico apropriado, ministrado com amor sincero. Atualmente, já há igrejas cujos pastores adotam as chamadas "clínicas pastorais", que dão atendimento espiritual e psicológico, mediante o aconselhamento bíblico.

Também se percebe que reuniões de confraternização, em que os crentes podem se alegrar uns com os outros, num ambiente social sadio, têm tido grande e benéfico efeito sobre a parte emocional das pessoas. Coisa que, antigamente, era considerado pecado, festa profana. Houve casos em que alguns obreiros proibiam festas de aniversário, de quinze anos, e outras confraternizações, por considerarem algo inconveniente para a vida espiritual dos membros. Era uma visão distorcida, sem o menor respaldo nas Escrituras. Aliás, na Bíblia, vemos exemplos de festas de aniversário, de confraternização. A ética cristã não condena esse tipo de relacionamento humano, que muito pode contribuir para o equilíbrio emocional da coletividade local.

Com relação ao lazer, há ainda muitas restrições. E até podemos compreender, pois durante longos anos, houve quem proibisse até mesmo as crianças de brincarem com bonecas, bola, carrinhos, etc., sob a alegação de que tais coisas eram carnais. Sem dúvida, havia uma visão muito extremada do que devia ser a santidade cristã. Temos o exemplo de uma serva de Deus, de certa idade, que, chegando em uma casa, e observando uma criança brincar com uma boneca, disse que o brinquedo estava cheio de demônios. Um outro caso, anotado em nosso ministério, é o de uma irmã que mandou seus filhos queimarem todos os bonecos e ursinhos de

pelúcia, pois os mesmos estariam cheios de maldição, segundo uma "profecia" que ouvira. Há, de fato, casos de brinquedos, que são até oferecidos ao Diabo, em pactos perigosos, com o objetivo de obterem lucros. Mas nem tudo é assim.

Um segmento da igreja local, que tem sofrido bastante com relação à realização de algum tipo de lazer, é o dos adolescentes e jovens. Eles vivem no meio estudantil, vendo seus colegas não crentes, envolvidos com todo o tipo de jogos, reuniões sociais e diversão, quase sempre de natureza carnal e diabólica, tais como certos vídeo-games, que incentivam a violência gratuita, o satanismo, a prostituição, etc. E, como cristãos, não têm, em muitos lugares, oportunidade sequer de se reunir para se confraternizarem, num lazer sadio, baseado nos valores e princípios cristãos, tais como retiros e encontros festivos. O resultado disso é que muitos jovens e adolescentes têm deixado a igreja local, para buscar a satisfação do seu desejo de se integrar, de se confraternizar com pessoas da mesma idade, no mundo, em ambientes poluídos, cheios de pecado e depravação. Com menos prejuízo, porém, há os que, mesmo sendo filhos de obreiros, deixam a igreja que é dirigida pelo pai, e se mudam para outras igrejas ou denominações, mais liberais, às vezes, levando enormes frustrações. Temos conhecimento de famílias de pastores, cujos filhos assim o fizeram.

## Necessidades do Corpo

No item III, vemos as necessidades físicas, próprias das carências do corpo, as quais precisam ser atendidas de modo conveniente, tais como alimentação, repouso, habitação, vestuário, saúde, sexo. Antigamente, havia líderes, que entendiam que o corpo não prestava para nada, tomando por base um texto bíblico que diz que "a carne para nada aproveita" (Jo 6.63). Estive num culto, de uma pequena igreja, há muito tempo, quando, em meio à pregação, o obreiro muito entusiasmado, num rasgo de espiritualidade profunda, afirmou, pegando na pele do braço, que aquela

"porcaria" não prestava para nada, e, para completar sua ilustração, meteu a mão num vaso de flores, tomou um pouco da areia que ali havia, e deixou cair no chão, dizendo que a carne era só aquilo, e que o que valia era buscar a Deus, orar, etc. Não tive vontade de rir, mas fiquei pensando como havia, e talvez ainda haja, alguém com uma visão tão ruim do que vem a ser o corpo.

Na realidade, no entanto, de acordo com a Palavra de Deus, o corpo tem um valor extraordinário. Em 1 Coríntios 6.19,20, lemos que o corpo é nada mais, nada menos, que o "templo do Espírito Santo"! E, como algo que tem um significado tão elevado, pode ser visto como uma coisa sem valor? É a confusão entre carne, no sentido de músculos e nervos, e "carne", no sentido da natureza carnal, herdada de Adão, a natureza pecaminosa, que nada tem a ver com os tecidos que cobrem o esqueleto, como imaginava o pregador daquela noite, na pequena igreja.

Assim, esse corpo, que é um verdadeiro tesouro, concedido por Deus, para ser tabernáculo do homem interior (alma e espírito), enquanto estiver aqui, na jornada terrena, deve ser valorizado de modo constante e cuidadoso. As necessidades do corpo precisam ser satisfeitas de modo conveniente. O cristão, como indivíduo, precisa cuidar de seu corpo, zelando pela alimentação, pelo vestido, pelo repouso e sono indispensáveis a uma vida saudável. A igreja local também pode ajudar nesse sentido, orientando os crentes a cuidarem do seu corpo, como templo do Espírito, como um bem, dado por Deus a cada um, constituído de órgãos e membros, que são usados pela alma, para se comunicar com o mundo exterior. Lembremo-nos de que o corpo é tão importante, que será ressuscitado, quando da vinda do Senhor. E não será outro corpo, mas o mesmo que tiver sido sepultado, que ressuscitará, transformado em um corpo glorioso, semelhante ao de Jesus, quando venceu a morte (cf. Fp 3.21).

Com relação a isso, as igrejas locais têm uma tarefa enorme de cuidar dos que precisam alimentar o corpo, e não o podem fazer

convenientemente, por falta de recursos, de meios para adquirir alimentação, roupas, sapatos, etc. Quantos cristãos não conseguem ir à igreja local, por falta de roupa, por não terem o mínimo para se alimentar. E o que tem a igreja a ver com isso? Tudo. A seguir, faremos algumas exposições rápidas sobre a assistência aos necessitados com base na Bíblia, para que vejamos o que a ética cristã pode e deve fazer.

## ASSISTÊNCIA SOCIAL NO ANTIGO TESTAMENTO

### Nos Salmos

Davi, homem de Deus, analisando a situação do próximo, afirmou: "Fui moço e agora sou velho; mas nunca vi desamparado o justo, nem a sua descendência a mendigar o pão" (Sl 37.25). Certamente, já com idade avançada, o salmista podia concluir que o Jeová Jiré não desamparava nunca aqueles que o serviam. Asafe, músico e salmista, exortava: "Defendei o pobre e o órfão; fazei justiça ao aflito e necessitado. Livrai o pobre e o necessitado; tirai-os das mãos dos ímpios" (Sl 82.3,4). Esta exortação é mais séria do que se possa imaginar. Trata-se de uma conclamação à uma atitude de coragem, de esforço, em prol da justiça social. Se a igreja local levar isso a sério, poderá ser confundida como ativista de movimentos sociais e políticos de esquerda, ou de orientação comunista. Mas não é preciso o engajamento em partidos, em militância política, em favor dos pobres e necessitados. A igreja tem condições de cuidar dos necessitados a ela agregados. Basta que o coração dos crentes se abra para isso, sob a orientação segura da liderança, constituída por Deus.

### Nos Provérbios

O sábio dos Provérbios pregava: "O que dá ao pobre não terá necessidade, mas o que esconde os seus olhos terá muitas maldições" (Pv

28.27); "Informa-se o justo da causa dos pobres, mas o ímpio não compreende isso" (Pv 29.7). Os versículos dizem que quem não se interessa pelos pobres terá muitas maldições, enquanto o que os ajuda não terá necessidades. São promessas de Deus, na Bíblia, que, certamente, têm o mesmo valor do que encontramos no Salmo 23, ou em qualquer outro texto bíblico. A inspiração é da mesma fonte. Conhecemos casos em que algumas igrejas locais gastam somas enormes com patrimônio, construções, mas nada fazem pelos necessitados, sob a alegação de que tal incumbência é dos prefeitos, dos governadores, etc. Sem dúvida, os poderes públicos têm a obrigação de cuidar da assistência social, pois recebem impostos para isso. Mas a igreja local é comunidade de apoio mútuo, de acordo com a Palavra de Deus.

## Nos Profetas

Os profetas do Antigo Testamento não eram apenas vaticinadores, videntes, e mensageiros de predições quanto ao futuro. Suas profecias também tinham um alcance para os seus dias. Elas denunciavam os erros dos reis e sacerdotes, e proclamavam, muitas vezes, o dever de atender aos pobres e necessitados. Isaías, o profeta messiânico, numa visão em favor dos necessitados, bradava: "Aprendei a fazer o bem; praticai o que é reto; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas" (Is 1.17); Jeremias, o profeta das lamentações, assim conclamava o povo a praticar a justiça em favor dos oprimidos: "Assim diz o Senhor: Exercei o juízo e a justiça e livrai o espoliado da mão do opressor; e não oprimais ao estrangeiro, nem ao órfão, nem à viúva; não façais violência, nem derrameis sangue inocente neste lugar" (Jr 22.3). Miquéias também proferiu mensagem sobre a beneficência: "Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?" (Mq 6.8). O profeta Ezequiel não ficou sem dar sua contribuição, protestando contra Jerusalém,

pela sua omissão, em atender aos pobres, dizendo: "Eis que esta foi a maldade de Sodoma, tua irmã: soberba, fartura de pão e abundância de ociosidade teve ela e suas filhas; mas nunca esforçou a mão do pobre e do necessitado" (Ez 16.49). Zacarias foi usado por Deus, de igual modo, para exortar sobre o cuidado com os necessitados: "Assim falou o Senhor dos Exércitos, dizendo: Executai juízo verdadeiro, mostrai piedade e misericórdia cada um a seu irmão; e não oprimais a viúva, nem o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre, nem intente o mal cada um contra o seu irmão, no seu coração" (Zc 7.9,10).

Se é verdade que uma doutrina fundamenta-se em diversos textos bíblicos, acima, então, temos uma farta referência sobre o tema da justiça e responsabilidade social no Antigo Testamento. O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, não era só um Deus de guerras e juízos. Acima de tudo, Ele era (e é) o Deus da providência, do amor e do cuidado pelos que sofrem; é o Deus que exige a prática da justiça social, no cuidado com os pobres, os oprimidos, os órfãos e as viúvas. Não adianta querer olhar de lado para essa verdade. O Antigo Testamento é fonte de abundantes ensinamentos sobre o tema.

## ASSISTÊNCIA SOCIAL NO NOVO TESTAMENTO

### Nos Ensinos e Exemplo de Jesus

Jesus, quando de sua missão, aqui na terra, valorizou o homem de modo integral. Não se preocupou apenas com o espírito e a alma. Interessou-se, também, pela satisfação das necessidades do corpo. O Evangelho que Ele pregava era o Evangelho completo, integral. E o desenvolveu de modo tríplice: ensinando, pregando e curando (Mt 9.35). Os cristãos, hoje, devem seguir o exemplo do Mestre. A igreja local precisa proclamar o Evangelho, edificar os crentes através do ensino, e atender às necessidades humanas, seja através da cura do corpo, seja por meio de uma asistência social pautada na verdadeira ética cristã, como meio para o engrandecimento do Reino de Deus.

Quando Jesus chamou os discípulos, nomeou-os para exercer uma missão tríplice. Diz a Bíblia: "E subiu ao monte e chamou para si os que ele quis; e vieram a ele. E nomeou doze para que estivessem com ele e os mandasse a pregar e para que tivessem o poder de curar as enfermidades e expulsar os demônios" (Mc 3.13-15). Assim como Jesus não apenas pregou, mas curou o corpo, os discípulos deveriam atuar da mesma forma, cuidando das necessidades espirituais, ao mesmo tempo que deveriam dar atenção às necessidades do corpo, aqui tipificadas através da cura das enfermidades, que podem ser emocionais e físicas. Bem clara foi essa orientação, pois o Senhor disse aos seus seguidores: "Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós" (Jo 20.21).

## O Interesse de Jesus pelos Necessitados

Jesus demonstrou interesse real pelo bem-estar dos indivíduos. Em sua caminhada evangelizadora, Ele encontrou um leproso, que era das pessoas mais infelizes de seu tempo, portador de uma enfermidade que causava não só nojo, mas rejeição e discriminação por parte da sociedade. O fato é assim relatado por Marcos: "E aproximou-se dele um leproso, que, rogando-lhe e pondo-se de joelhos diante dele, lhe dizia: Se queres, bem podes limpar-me. E Jesus, movido de grande compaixão, estendeu a mão, e tocou-o, e disse-lhe: Quero, sê limpo! E, tendo ele dito isso, logo a lepra desapareceu, e ficou limpo" (Mc 1.40-42). A cura foi sobrenatural. Algo extraordinário, numa época em que a lepra era considerada uma maldição, e não havia qualquer remédio que pudesse ao menos aliviar os sintomas.

## O Interesse em Saciar a Fome

Em suas jornadas, no seu ministério terreno, Jesus protagonizou situações e exemplos, que se tornaram marca registrada de seu trabalho. Num lugar deserto, quando Ele pregava, havia uma multidão de mais de cinco mil pessoas

— a contagem refere-se aos homens, pois mulheres e crianças não eram contadas —, que se deslocaram de longe para ouvir suas maravilhosas mensagens. Tendo compaixão de todos, o Mestre operou milagres de cura entre eles. Após três dias de trabalho, as pessoas estavam sem ter o que comer. Os discípulos, valendo-se da percepção humana, aconselharam a Jesus que despedisse a multidão, para que buscasse alimento para si. Mas o Senhor, antevendo o que ia acontecer, disse aos discípulos que não seria necessário, mas que eles mesmos dessem de comer aos famintos que o ouviam. Mais uma vez, a lógica falou através de um dos seguidores do Senhor, que argumentou não ter comida suficiente, senão cinco pães e dois peixinhos, encontrados com um prevenido rapaz ou adolescente.

Um outro foi mais enfático, dizendo que mesmo que tivessem duzentos denários de pão, ainda assim não teriam condições de atender a tanta gente. Jesus, então, mandou buscar os cinco pães e os dois peixes, e fez uma oração a Deus. Em seguida, tomou os pães e os peixes, e os entregou aos discípulos, que os repartiram entre a multidão, acomodada de modo ordenado sobre a relva. O milagre aconteceu, quando os discípulos receberam o pão da mão do Senhor, e, em obediência, começaram a distribuí-lo. Foram alimentadas mais de cinco mil pessoas! Tudo isso foi registrado (14.13-21). Outro milagre, semelhante a esse, foi anotado por Mateus (15.29-39), quando foram alimentadas mais de quatro mil pessoas, com apenas sete pães e "uns poucos peixinhos".

O milagre da multiplicação dos pães, operado duas vezes, indica, a nosso ver, que Jesus deu muita importância à necessidade de alimentar as pessoas com fome. Os discípulos, simplesmente, queriam que Jesus se valesse do menor esforço, tão-somente mandando a multidão ir procurar comida nas aldeias circunvizinhas. Mas o Mestre, de modo incisivo, lhes ordenou: "Dai-lhes vós de comer". Assim, na igreja local, os cristãos têm o dever de prover o alimento necessário àqueles irmãos que se encontrem em situação de necessidade do pão cotidiano. Como veremos mais adiante, não basta, apenas, dar-lhes a "Paz do Senhor", ou lhes dizer "Graça e Paz",

e despedi-los vazios, e famintos. Cristã não pode compactuar com a miséria entre os irmãos.

## O Amor Abrangente de Jesus

Respondendo a um escriba sobre qual seria o primeiro de todos os mandamentos, Jesus lhe disse que o primeiro mandamento é *amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento; e* que o segundo, semelhante àquele, é *amar o próximo como a si mesmo.* E acrescentou: "Não há outro mandamento maior do que estes" (Mc 12.29-31). Esse amor ao próximo, demonstrado por Jesus, é muito abrangente. Na parábola do Bom Samaritano, o próximo é representado por um estrangeiro, de raça diferente da dos judeus, e atendeu ao aflito, espancado e abandonado. Em Mateus 5.44, Jesus mandou amar os inimigos, bendizer os maldizentes. Para Ele, o próximo é aquele a quem devemos assistir, em suas necessidades, não só espirituais, mas também humanas ou materiais. É todo aquele que de nós precisa, na igreja, antes de tudo, como "doméstico na fé", e também fora dela.

Vemos, assim, que Jesus se interessava não só pelo espírito e pela alma, mas pelo homem integral. Curava e alimentava os famintos, atraindo suas almas com seu amor verdadeiro e concreto. Era uma estratégia perfeita, que, infelizmente, tem sido desprezada por muitas igrejas locais, que só se voltam para a parte espiritual.

## Nos Atos dos Apóstolos

Quando o número dos crentes aumentou, surgiram problemas sociais sérios. Já nos referimos ao problema das viúvas dos gregos, que se sentiam discriminadas pelo ministério do socorro. Por esse motivo, os líderes da nova igreja, ouvindo a assembléia, instituíram o serviço dos diáconos, para cuidarem do problema, considerando-o "importante negócio" (At 6.1-6).

Dentre as características da Igreja Primitiva, vemos que os crentes "tinham tudo em comum" (At 2.44,45). A visão deles era comunitária e social, com base nos valores espirituais de amor e ação. Diz a Bíblia:

> E era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns. E os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. *Não havia, pois, entre eles necessitado algum*; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido e o depositavam aos pés dos apóstolos. E repartia-se a cada um, segundo a necessidade que cada um tinha (At 4.32-35 — ênfase minha).

Os cristãos dos primórdios da Igreja não se preocupavam apenas com os que estavam bem perto deles. A igreja local de Antioquia, sabedora de que os irmãos da Judéia estavam passando necessidade, concordaram em levantar uma ajuda para os mesmos, por meio de Barnabé e Paulo (At 11.27-30).

## Nas Epístolas

O apóstolo S. Paulo, em suas epístolas, não se descuidou do cuidado para com os necessitados, nas igrejas locais. Ensinando sobre os dons, ele dá ênfase ao ministério do socorro aos pobres e carentes diversos. Quando doutrina sobre os chamados "dons de Deus", em Romanos 12.8, ele inclui os dons de repartir e usar de misericórdia. Quando ensina acerca dos "dons de Cristo", ele sublinha que a verdade deve ser pregada "em caridade", que é o amor em ação (Ef 11.5). Doutrinando sobre "os dons do Espírito", lá encontramos os "dons de curar", que atendem às necessidades do corpo e da mente. Em outra ocasião, vemos o apóstolo

solicitando a orfeta para os irmãos necessitados de Jerusalém e da Judéia (1 Co 16.1,2).

É de S. Paulo, ainda, a solene recomendação, segundo a qual, "enquanto temos tempo, façamos o bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé" (Gl 6.10). Isso quer dizer que a ação social não deve ser exclusivista, visando, apenas, os crentes de determinada igreja, mas, havendo condições, deve ser extensiva até mesmo aos descrentes. O que ele destaca é a prioridade para os "domésticos da fé", que devem ser atendidos com mais atenção.

O apóstolo Tiago talvez seja o mais contundente, quando exorta os crentes quanto à atenção que deve ser dada aos irmãos necessitados. De início, em seu livro, ele já começa a afirmar que a verdadeira religião é a que atende ao espírito, levando o fiel a guardar-se da corrupção, bem como às necessidades do corpo e da mente, por meio da visita aos órfãos e viúvas (Tg 1.27). Depois, ele apresenta sua argumentação de modo mais forte, quando diz:

> Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé e não tiver as obras? Porventura, a fé pode salvá-lo? E, se o irmão ou a irmã estiverem nus e tiverem falta de mantimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquentai-vos e fartai-vos; e lhes não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí? Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma (Tg 2.14-17).

O interesse do Mestre não se restringia ao indivíduo, mas, também, às multidões. Hoje, a igreja local tanto pode utilizar o poder da oração da fé, curando os enfermos em nome de Jesus, conforme o mandato da grande comissão (Mc 16.18), como pode, e se houver necessidade, oferecer atendimento médico aos doentes, conseguir medicamentos e outros meios necessários para o alívio das dores e enfermidades dos membros e congregados.

# O ATENDIMENTO ÀS NECESSIDADES HUMANAS NA IGREJA LOCAL

## O Cuidado com os Pobres e Necessitados em Geral

As igrejas locais, com raras exceções, têm tido uma ação pouco expressiva em termos de ação e justiça social. Nem mesmo com relação aos "domésticos da fé" evidencia-se um cuidado real e efetivo, que demonstre o cumprimento da Palavra de Deus, no que tange à assistência às necessidades humanas mais elementares. Até mesmo com os novos convertidos há uma grande falha. Esses, quando aceitam a Cristo, em geral, ficam entregues a si mesmos.

Algumas questões podem ser levantadas. Que estrutura têm as igrejas locais em geral, para dar assistência social a certas pessoas que sempre estão aceitando a Cristo, tais como prostitutas, mendigos, inválidos, famintos, menores abandonados, cegos, aleijados e outros infelicitados na vida? Se uma prostituta aceita a Jesus, há casos em que sua família não mais a recebe de volta; ela precisa sair do prostíbulo; para onde vai? Se não tiver quem a acolha, poderá voltar ao antigo poço de perdição. Quando um cego, um aleijado, ou um aidético, aceita a Cristo, para onde irão de imediato, se não tiverem para onde ir? Para a casa dos membros da igreja? Nem sempre isso é possível. Conhecemos um caso, dentre outros, de uma irmã, que morreu de câncer. Deixou vários filhos menores. Era viúva. Um irmão procurou alguém, na igreja local, para acolher as crianças, mas não encontrou. Ninguém se dispôs a tal caridade. Entretanto, um espírita, tomando conhecimento do caso, ofereceu-se para dar a assistência necessária aos órfãos. Naturalmente, eles foram mais motivados a ir para o centro espírita.

Há irmãos que aceitam a Cristo na penitenciária. Lá, na prisão, ficam aliviados espiritualmente, pois recebem visitas, ouvem e cantam hinos, escutam a Palavra de Deus, alimentam a fé e a esperança em dias melhores,

como novas criaturas. Quando saem da cadeia, procuram a igreja que lhes levou a mensagem do Evangelho. Via de regra, sofrem grande e dolorosa decepção. Seus irmãos em Cristo não crêem em sua recuperação. Não lhes indicam para qualquer emprego; não lhes ajudam, a não ser com alguma esmola forçada, para se verem livres de sua presença incômoda. Por isso, muitos voltam a roubar para ter o que comer.

Em certa igreja, um cego aceitou a Jesus com o seu guia. Após o culto, pediu um lugar para dormir, a fim de não voltar aos bancos da praça, onde passava as noites. A resposta que obtiveram foi que, ali, na igreja, não havia lugar para hospedá-los (nem mesmo por uma noite!). O cego e seu guia voltaram à praça. Ele voltou a tocar seu acordeom para o Diabo, e não mais retornou à igreja. Mais uma alma perdida, sem o amparo necessário.

## O Cuidado com os Obreiros

Um missionário foi enviado a certo país da América do Sul. Lá, sem condições financeiras, passou necessidades com sua família. Um filho seu, não suportando as agruras da família, fugiu de casa. Após ser encontrado pela polícia, disse: "Meu pai foi chamado para isso, para passar fome; eu, não; não quero voltar para casa".

Em muitos lugares, nos interiores dos estados, há pastores cujas famílias sofrem a falta de assistência, de alimentação, de casa, do mínimo conforto para uma vida condigna. Quando se jubilam, após darem sua vida pelo trabalho do Senhor, ganhando almas, ficam entregues ao esquecimento. Há casos em que tiveram de pedir esmolas para sobreviver, ou para construir uma pequena casa para a família.

Certamente, isso não condiz com a ética cristã, que manda cuidar bem dos obreiros, dos que trabalham no Evangelho.

## A Necessidade de uma Estrutura de Assistência Social

As igrejas locais precisam estruturar-se para oferecer uma assistência social complementar aos membros e congregados em geral, que delas

necessitem. A construção de centros sociais, de creches, de abrigos para idosos desamparados, de albergues, ambulatórios, e outras instalações, é de grande valor, não só para a assistência em si, mas para a própria pregação do Evangelho. Os órgãos públicos de promoção social possuem verbas que podem ser aproveitadas pelas igrejas locais, desde que tenham bons projetos a apresentar. Para tanto, é necessário levantar as necessidades básicas da comunidade cristã (ou não), entrar em contado com as lideranças e autoridades, buscando recursos, e, ao mesmo tempo, oferecendo a estrutura de que dispõem. Além disso, há agências cristãs, de assistência social, como a Visão Mundial, a Diaconia, o Fundo Cristão para Crianças, e outras, que dão assessoria, e orientam na consecução de meios para o atendimento aos necessitados.

## Conclusão

Com base na Bíblia, vemos que o Evangelho de Cristo não consiste apenas em palavras, em pregação, mas na ação concreta em favor dos que ouvem a mensagem. Cristo não apenas falou, mas demonstrou, com obras, com sinais e prodígios, que o Evangelho era relevante para os que o aceitavam. Assim, a ética cristã, em relação aos necessitados, deve ser profundamente verdadeira e prática. Tiago diz que, se virmos um irmão sem alimento e sem roupa, e apenas o saudarmos, isso de nada adiantará, pois "a fé sem as obras, é morta em si mesma".

Na vinda de Jesus, muitos ouvirão: "... tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; sendo estrangeiro, não me recolhestes; estando nu, não me vestistes; e estando enfermo e na prisão, não me visitastes"; "... quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim" (Mt 25.42,43,45,46). Deixar de fazer o bem, quando se pode, é pecado (Tg 4.17).

# Bibliografia


"A CLONAGEM e suas Implicações". *Pergunte e Responderemos.* Rio de Janeiro, n. 428, pp. 29-34, janeiro de 1998.

CIBELLI, Jose e outros. "The First Cloned Embryo". Out. 13, 2002. Disponível em http://www.sciam.com. Acesso em 5 de março de 2002.

"CLONAGEM Humana: Sinal dos Tempos". Jornal *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, CPAD, pp. 4, 5, janeiro de 2002.

CLONAGEM Humana? *Pergunte e Responderemos.* Rio de Janeiro, n. 433, pp. 243-250, junho de 1998.

CPAD. *Bíblia de Estudo Pentecostal.* Rio de Janeiro, 1995.

CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil. Cap. IV, Art. 14, 1988.

DIÁRIO Oficial da República Federativa do Brasil. Lei n. 9434. Brasília, de 4 de fevereiro de 1997. Dispõe sobre a doação de órgãos.

BUCHLLA, Ana; PASTORE, Karina. "A Célula que Pode Salvar sua Vida". Revista *Veja*, São Paulo, 16 de janeiro de 2002.

CAVALCANTI, Robson. *Cristianismo e Política.* Brasília, Editora Vinde, 1988.

CHAMPLIN, Russell; BENTES, João. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* São Paulo, Candeia, 1995. v. 2.

_____. *Enciclopédia de Bíblia e Teologia.* São Paulo, Candeia, 1995. vol. 2, pp. 598, 788.

_____. *Enciclopédia da Bíblia e Teologia.* São Paulo, Candeia, 1995. vol. 6, pp. 71, 791.

SOARES, Esequias. *Divórcio – à Luz da Bíblia.* Rio de Janeiro, 1996.

D'ARAÚJO, Caio Fábio. *Abrindo o Jogo sobre o Aborto.* Belo Horizonte, Editora Betânia, 1985.

"CLONAGEM – Discussão Ética e Religiosa". *Defesa da Fé.* São Paulo, ICP, ed. especial 2000, pp. 79-86.

SOUSA, J.C.F. *Planejamento Familiar*. Rio de Janeiro, JUERP, 1986.

DUTY, Guy. *Divórcio e Novo Casamento*. Belo Horizonte, Editora Betânia, 1978.

GARDNER, F.C.G. *Fé Bíblica e Ética Social*. Rio de Janeiro, JUERP, 1982.

GEISLER, Norman. *Ética Cristã*. São Paulo, Vida Nova, 1988.

JENKINS, Simon. "Cloning Jesus". Disponível em http://www.ship-of-fools.com. Acesso em março de 2002.

JÚNIOR, Osmar; PROPATO, Valéria. "No Limiar da Eternidade". Revista *Isto É*. São Paulo, 15 de agosto de 2001.

RENOVATO, Elinaldo. *A Família Cristã nos Dias Atuais*. Rio de Janeiro, CPAD, 1996.

MEILAENDER, Gilbert. *Bioética, um Guia para os Cristãos*. São Paulo, Vida Nova, 1997.

REIFLER, Hans Ulrich. *A Ética dos Dez Mandamentos*. São Paulo, Vida Nova, 1992.

RUDNICK, Milton. *Ética Cristã para Hoje*. Rio de Janeiro, JUERP.

SGRECCIA, Elio, *Manual de Bioética*. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

STOTT, John. *Grandes Questões sobre Sexo*. Niterói, Vinde Comunicações, 1993.

SYLVESTRE, Josué, *Irmão Vota em Irmão*. Brasília, Editora Pergaminho S. A., 1986.

TEICH, Daniel; CRUZ, Ana. "O Próximo". Revista *Veja*. São Paulo, 15 de agosto de 2002.

# Ética Cristã

## Confrontando as questões morais do nosso tempo

O cristão, muitas vezes, vê-se diante de questões conflitantes, num mundo em que os valores morais estão invertidos. O autor examina abordagens éticas — antinomismo, generalismo, situacionismo e absolutismo — influenciadoras nas decisões da nossa sociedade, e apresenta o posicionamento cristão segundo os princípios bíblicos da ética cristã para questões em áreas como aborto, planejamento familiar, sexualidade, divórcio, eutanásia, doação de órgãos, clonagem de seres humanos, finanças, política e outras.

Os referenciais do mundo são movediços, instáveis e mutantes, ao sabor do tempo e dos costumes, porém a Palavra de Deus, que permanece para sempre, dá a direção clara e inerrante ao cristão.

## O Autor

Elinaldo Renovato de Lima é Ministro do Evangelho, comentador das *Lições Bíblicas*, professor universitário e bacharel em Ciências Econômicas. É também autor do livro *A Família Cristã nos Dias Atuais*, editado pela CPAD.



ISBN 85-263-0432-1